

Esnoques

JULIAN FELLOWES

Do mesmo criador de *Downton Abbey*, uma nova história que irá agradar os fãs da série de sucesso.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Julian Fellowes

ESNOBES

Tradução de Beatriz Horta

FÁBRICA231

Para Emma e Peregrine, claro,
mas também para o querido Micky,
sem o qual este livro não existiria.

SUMÁRIO



Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Primeira parte: Impetuoso-Fiero

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Segunda parte: Forte-Piano

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Terceira parte: Dolente-Energico

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Epílogo

Créditos

O Autor

PRIMEIRA PARTE

Impetuoso-Fiero



NÃO SEI BEM COMO ISABEL EASTON FICOU conhecendo Edith Lavery.

Decerto tinham uma amiga em comum, sentaram perto numa reunião ou, simplesmente, iam ao mesmo cabeleireiro. Mas lembro que desde o começo, por algum motivo, Isabel concluiu que Edith valia a pena, tinha aquele toque especial que poderia ser servido em pequenas porções aos vizinhos da casa de campo.

Naturalmente, os fatos vieram provar que ela estava certa, embora isso não fosse muito garantido quando a conheci. Edith era, sem dúvida, muito bonita, mas não tanto quanto ficaria depois de, como dizem os costureiros, encontrar seu estilo. Fazia um tipo, era um perfeito exemplo da loura inglesa de grandes olhos e muito educada.

Eu conhecia Isabel Easton desde a infância, que passamos juntos em Hampshire, onde tivemos uma daquelas agradáveis e descompromissadas amizades firmadas totalmente em sua longa duração. Não tínhamos muita afinidade, mas algumas pessoas lembravam de nós em nossos pôneis, aos 9 anos de idade, e sentíamos um certo bem-estar em nossos encontros eventuais. Depois que saí da universidade, fui fazer teatro; Isabel tinha se casado com um corretor da Bolsa e mudado para Sussex; assim, nossos mundos não se cruzavam muito, porém era divertido para ela sair de vez em quando com um ator que aparecia na televisão (embora os amigos dela jamais assistissem aos programas). Quanto a mim, era bom passar um fim de semana com minha velha companheira de brincadeiras.

Eu estava em Sussex na primeira vez em que Edith foi lá e pude comprovar o entusiasmo de Isabel pela nova amiga, o que seu colega menos generoso (eu) questionou depois. Isabel foi bem sincera:

– Ela vai acontecer. Ela tem algo mais.

Isabel gostava de usar frases que pareciam conter uma noção secreta do funcionamento das coisas no mundo. Meia hora após, quando Edith saltou do carro, podia-se dizer que ela era apenas atraente, não tinha nada mais que boa aparência e um charme encantador, lânguido, mas fiquei propenso a concordar com a opinião de nossa anfitriã. Pensando agora, Edith tinha uma boca que dava indícios, uma daquelas que parecem esculpidas, de lábios traçados quase a cinzel, e que costumam ser associadas a

divas de cinema dos anos 1940. E havia também a pele. Para os ingleses, a pele é, digamos, o derradeiro recurso, o elogio que só se faz quando não dá para fazer nenhum outro. Comenta-se uma boa pele quando se trata de integrantes de escalões inferiores da família real. Seja como for, Edith Lavery tinha a pele mais linda que eu já havia visto: tons pastéis, perfeitos, sob camadas de cera impecável. Sempre tive um fraco por gente bonita e, pensando agora, acho que virei aliado de Edith naquele primeiro instante em que admirei seu rosto. De todo jeito, Isabel foi uma grande profetisa, pois foi quem levou Edith para Broughton.

A mansão Broughton, o próprio ramo familiar de Broughton, era um veio sinuoso no mármore que unia todas as facetas da vida dos Easton em Sussex. Primeiro, como barões Broughton, depois como condes e, mais tarde, a partir de 1879, como marqueses de Uckfield, os Broughton tiveram uma influência muito maior e mais duradoura nessa área a leste de Sussex do que a maioria dos poderosos dos condados ao redor de Londres. Por pouco mais de um século, seus vizinhos e vassalos eram sobretudo camponeses humildes que sobreviviam do que conseguiam tirar do parado e úmido pântano ao pé das colinas. Mas as estradas, as ferrovias e a invenção do fim de semana fizeram a *haute bourgeoisie* invadir a região em busca de bem-viver e, como Byron, os Broughton acabaram ficando famosos. Dali a pouco, ser *in* ou *out* naquela região dependia de estar ou não na lista de convidados deles. Posso garantir que, pelo menos no começo, a família não se esforçou para virar celebridade porém, como maiores representantes dos *anciens riches*, foram pressionados a isso numa região ascendente e mutante.

Eles tiveram sorte em outros setores. Dois casamentos (um, com a filha de um banqueiro, e outro, com a herdeira de uma enorme parte de São Francisco) mantiveram firme a nau da família em meio aos mares turbulentos da depressão agrária e da Grande Guerra. Ao contrário de muitas dinastias, eles conseguiram conservar um pouco, senão todos, os bens em Londres; várias manobras financeiras na década de 1960 fizeram com que aportassem nas praias relativamente seguras da Inglaterra da *sra. Thatcher*. Assim, quando os socialistas começaram a se reagrupar (felizmente, para a classe alta), eles renasceram como *Novo Partido Trabalhista* e ficaram bem mais adaptáveis do que seus ambiciosos antepassados políticos. No final das contas, os Broughton eram o protótipo da família inglesa “sobrevivente”. Chegaram à década de 1990 com o prestígio praticamente intacto e, melhor ainda, com as propriedades.

Não que isso fosse problema para os Easton, que não condenavam os privilégios

que tinham; pelo contrário, eles os adoravam. O problema era que, apesar de morarem a uns cinco quilômetros da mansão Broughton e apesar de Isabel dizer às amigas nos almoços em Walton Street que era uma sorte a mansão ser “praticamente ao lado”, eles não iam até lá, nem conseguiam encontrar um único Broughton há três anos e meio.

Claro que David Easton não foi o primeiro inglês de classe média alta a descobrir que era mais fácil exibir um hipotético passado aristocrata em Londres do que no campo. O problema era que, após anos almoçando no Brooks's, indo às corridas de sábado e se divertindo nas noites do Annabel's, sempre exibindo seus preconceitos contra a sociedade moderna e *mutante*, ele tinha esquecido completamente que era um produto dela. Parecia não lembrar que o pai tinha sido administrador de uma pequena fábrica de móveis nas Midlands e que seus pais o matricularam em Ardingly com certo sacrifício. Na época em que o conheci, acho que ele se surpreenderia muito se não visse seu nome no guia Debrett da aristocracia. Lembro de uma vez estar lendo um artigo em que Roddy Llewellyn reclamava não ter sido aluno de Eton (como foi seu irmão mais velho), pois era lá que se conseguiam amigos para o resto da vida. Por acaso, David passou pela poltrona onde eu estava e concordou com o artigo:

– Isso mesmo. Sou exatamente da mesma opinião – ele disse.

Olhei para Isabel na sala, mas vi logo que o aceno solidário que deu mostrava que não estava do meu lado, mas do marido.

Quem está de fora de um casamento tem a impressão de que, em muitas uniões, é fundamental apoiar as ilusões do parceiro. David tinha sido protegido pela soma da delicadeza de Isabel com a indiferença de quase todas as anfitriãs londrinas, preocupadas apenas com a capacidade do convidado falar e comer o que fosse servido. Assim, foi ficando muito desagradável para ele estar numa elegante mesinha de jantar e alguém perguntar como foi a viagem de Charles Broughton à Itália, ou comentar como o novo marido de Caroline estava bem e ele ser obrigado a dizer que não os conhecia direito.

– Que estranho – comentaria o interlocutor. – Pensei que vocês fossem vizinhos. – Se David dissesse que não os conhecia *bem*, seria meio desonesto. Pois simplesmente não os conhecia.

Uma vez, num coquetel em Eaton Square, ele fez um comentário a respeito da família e alguém perguntou:

– Aquele ali não é Charles? Você tem de me apresentar, vamos ver se ele se lembra de onde nos conhecemos.

David foi obrigado a dizer que não estava se sentindo bem (o que era verdade, em parte), precisava ir para casa e faltar ao jantar ao qual iam. Com o tempo, ele passou a fazer uma cara meio reticente quando os Broughton eram mencionados. Ficava de fora da conversa, assumidamente calado como se ele, David Easton, preferisse não conhecer os Broughton. Como se tivesse tido um contato e concluído que não lhe apeteciam. Era uma grande mentira. A favor de David eu diria que essas ambições sociais frustradas deviam ser tão secretas na cabeça dele como nas nossas. Ou era essa a impressão que eu tinha quando ele, fechando o zíper da jaqueta Barbour, assoviava para chamar os cachorros.

Talvez tenha sido bem conveniente que a sugestão da visita fosse feita por Edith. Sábado, no café da manhã, Isabel nos perguntou se queríamos fazer alguma coisa; Edith então quis saber se havia alguma mansão “imponente” por ali e sugeriu que fôssemos lá. Olhou para mim.

– Acho uma ideia interessante – concordei.

Isabel olhou para David, que estava imerso no *Telegraph*, sentado na outra ponta da mesa. Eu conhecia e compreendia a situação dos Broughton e Isabel também mas, como éramos ingleses, é evidente que nunca tocamos no assunto. O fato é que encontrei o obtuso herdeiro Charles Broughton algumas vezes em Londres, naquelas noites estranhas que juntavam artistas e gente da sociedade que, como na confluência de dois rios, raramente se misturavam. Eu não comentava essas reuniões com Isabel por medo de passar sal na ferida.

– David – ela chamou.

Ele abaixou o jornal, num gesto largo e despreocupado.

– Vá você, se quiser. Tenho de ir de carro a Lewes. Sutton destruiu mais uma tampa do tanque do cortador de grama. Acho que gosta de mordê-las.

– Posso fazer isso na segunda-feira.

– Não, não. Também preciso comprar alguns cartuchos. Vocês podem ir, sem problema – ele acrescentou.

David deu um olhar contrariado e Isabel fez cara de quem estava sendo obrigada a ir. Na verdade, os dois tinham um acordo tácito de não ir à mansão como “público”. A princípio, David evitou ir para lá porque esperava conhecer logo a família e não queria se arriscar a fazer isso da maneira errada. Depois de meses e anos de frustração, não ir à casa passou a ser uma espécie de princípio para ele, como se não quisesse dar aos Broughton o prazer de vê-lo pagar caro para ir a um lugar onde, por direito, podia

entrar de graça. Mas Isabel era, como as mulheres costumam ser, mais prática do que o marido e tinha se acostumado à ideia de que sua situação no “condado” seria adiada por um tempo. No momento, Isabel tinha apenas curiosidade de conhecer o lugar que passou a símbolo da falta de traquejo social deles. Portanto, o marido não precisou insistir muito. Nós três nos apertamos no velho Renault dela e partimos.

Perguntei a Edith se ela conhecia Sussex.

– Não. Uma época, tive um amigo em Chichester.

– A parte elegante da região.

– É? Eu não sabia que os condados tinham partes elegantes. Isso parece mais coisa de americanos. Como as mesas boas e as ruínas num restaurante.

– Conhece os Estados Unidos?

– Passei uns meses em Los Angeles depois que terminei o secundário.

– Por quê?

Edith riu.

– Por que não? Por que alguém vai para tudo quanto é canto quando tem 17 anos?

– Não entendo por que alguém vai a Los Angeles. A não ser que seja para virar estrela de cinema.

– Vai ver que eu queria ser estrela de cinema.

Ela sorriu para mim do jeito que passei a identificar como uma expressão habitual de leve tristeza e vi que seus olhos não eram azuis como pensei no começo, mas de um cinza indefinido.

Chegamos a duas monumentais pilastras de pedra encimadas por cabeças de veado de ferro, com gálhada e tudo, e seguimos pela larga entrada de cascalho. Isabel parou o carro.

– Que lindo! – exclamou.

A imensa mansão Broughton se espalhava à nossa frente. Edith sorriu animada e seguimos no carro. Ela não achou a casa maravilhosa, eu também não, embora fosse uma construção marcante. Sem dúvida, enorme. Constava que tinha sido projetada no século XVIII, por um antepassado de Albert Speer. O bloco principal, um imenso cubo de granito, ligava-se a dois cubos menores por pesadas e grossas colunatas. Pena que um Broughton do século XIX tinha retirado os pilaretes das janelas e substituído por vidro grosso, por isso elas agora se abriam, vazias e escuras, para o jardim. As quatro pontas da casa tinham cúpulas que pareciam torres de vigia num campo de concentração. Elas tanto não completavam a vista como a atrapalhavam.

O carro gemeu e parou, confortável.

– Visitamos primeiro a casa ou o jardim? – quis saber Isabel, como um inspetor militar soviético dos anos 1960 na Otan. Ela não queria perder nada.

Edith deu de ombros e perguntou:

– Tem muito o que ver lá dentro?

– Ah, creio que sim – respondeu Isabel, segura, indo para a porta onde estava escrito Entrada. Ficava no meio da estranha e pesada escada em forma de ferradura que levava ao *piano nobile*. Isabel foi engolida pelo granito rústico da escada e nós fomos atrás.

Uma das histórias preferidas de Edith depois seria que, na primeira vez em que esteve em Broughton, pagou para entrar e uma corda vermelha não deixou que passasse para a parte privativa da mansão.

“Não que a casa tivesse muita vida privada” ela diria, com seu meio riso engraçado.

Algumas casas são tão impregnadas pela personalidade de quem as construiu, têm uma tal onipresença das pessoas que viveram lá, que o visitante se sente meio ladrão, meio fantasma, espionando segredos ocultos do lugar. Broughton não era dessas casas. Tinha sido projetada até os menores detalhes com uma única intenção: impressionar os estranhos. Com isso, no final do século XX, sua função não tinha mudado muito. A única diferença era que os estranhos agora pagavam ingresso, em vez de dar gorjeta para a governanta.

Mas o esplendor dos aposentos não estava aberto ao visitante moderno e o cômodo frio e abafado onde entramos (depois saberíamos que era o salão de baixo) era tão acolhedor quanto um estádio deserto. As paredes tinham horríveis cadeiras de lacaios encostadas, dando uma ideia das infinitas horas de tédio que foram passadas nelas. No centro da sala de piso de pedra incolor, havia uma mesa escura e comprida. A não ser por quatro quadros sujos mostrando paisagens de Veneza, nada a ver com Canaletto, as paredes eram vazias. Como tudo em Broughton, o corredor era absolutamente imenso, fazendo com que nós três nos sentíssemos personagens de *Os pequeninos Borrowers*.

– Bom, eles não acreditam em propaganda subliminar – concluiu Edith.

Depois do salão de baixo, tendo em mãos nossos guias de visitantes, subimos a grande escadaria de carvalho que contornava uma enorme e deprimente estátua de bronze de um escravo moribundo. No alto dela, após percorrermos o vasto patamar, entramos no salão de mármore, um espaço enorme, de pé-direito alto, com

balaustradas por toda a volta. Se tivéssemos entrado na mansão pela escada em forma de ferradura, essa seria a nossa apresentação à casa (projetada para ser desinteressante mesmo). De lá passamos ao salão, outro cômodo imenso, com pesados enfeites de mogno dourado e papel de parede estampado de pássaros vermelhos.

– Para mim, isso parece frango tikka masala – informou Edith.

Achei graça. Ela estava com toda a razão. O salão parecia um gigantesco restaurante indiano.

Isabel abriu o guia e começou a ler com voz de professora de geografia:

– O salão conserva seu papel de parede original, que é um dos pontos altos do interior de Broughton. As mesas laterais douradas foram especialmente desenhadas por William Kent, em 1739. Os espelhos dourados, entalhados em madeira, que estão entre as janelas, têm temas marítimos por indicação do terceiro conde à embaixada em Portugal, em 1737. O conde é lembrado nesse aposento, que era o seu preferido, no retrato em tamanho natural pintado por Jarvis, que faz par com o retrato da condessa, feito por Hudson. Os retratos ladeiam a lareira italiana.

Edith e eu olhamos os retratos. O de lady Broughton tinha um toque divertido por colocar a corpulenta jovem no meio de um canteiro de flores, com um chapéu de sol na mãozorra.

– Na minha academia de ginástica tem uma mulher igualzinha a essa – disse Edith. – Está sempre querendo me vender rifas dos Conservadores.

Isabel prosseguiu no cantochão:

– O armário ao centro da parede sul foi feito por Boulle e dado de presente de casamento por Marie-Josèphe de Saxe, Delfina da França, à noiva do quinto conde. Entre as compridas janelas...

Fui até as tais compridas janelas e olhei o jardim. Era um desses dias quentes e tediosos de final de agosto, quando as árvores parecem sobrecarregadas de folhas e o verde sobre verde do campo fica abafado e sufocante. Quando olhei, apareceu um homem na esquina da casa. Apesar do calor, ele usava paletó de tweed, calça cotelê e um daqueles eternos chapéus-coco de feltro marrom que os ingleses do campo acham o máximo. Ele olhou para cima e vi que era Charles Broughton. Ele me viu e desviou o olhar, depois parou e olhou de novo. Achei que tinha me reconhecido e acenei, ele respondeu com um pequeno gesto e foi em frente.

– Quem era? – perguntou Edith, atrás de mim. Também tinha largado Isabel com seus cantochões.

- Charles Broughton.
- Um herdeiro da casa?
- Acho que o único herdeiro da casa.
- Será que vai nos convidar para um chá?
- Acho que não. Eu o encontrei exatamente duas vezes.

Charles não nos convidou para um chá e tenho certeza de que nunca mais pensaria em mim se não tivéssemos dado de cara quando voltávamos para o carro. Ele estava falando com um dos muitos jardineiros por ali e terminou exatamente quando nós ficamos na frente da mansão.

– Olá – cumprimentou, bem amistoso. – O que está fazendo aqui? – Era evidente que ele tinha esquecido o meu nome e de onde nos conhecíamos, mas foi simpático e ficou esperando ser apresentados às duas.

Isabel, surpresa com aquele súbito e inesperado empurrão para a Terra dos Sonhos, procurou dizer algo que penetrasse na cabeça de Charles como um som encantador e resultasse numa grande amizade que fosse no mínimo instantânea. Mas não conseguiu achar nada.

– Ele está hospedado na nossa casa, a uns cinco quilômetros – explicou Isabel, desajeitada.

- Ah, sim? Vêm muito aqui?
- Estamos sempre aqui.
- Ah – fez Charles. Virou-se para Edith e perguntou:
- Você também é daqui?

Ela sorriu. – Não se preocupe, vivo bem. Moro em Londres.

Ele achou graça e seu corpo forte pareceu, por um instante, muito atraente. Tirou o chapéu e mostrou aquela linda cabeleira à Rupert Brooke, com cachos enroscados na nuca, tão característicos dos aristocratas ingleses.

- Espero que tenham gostado da casa.

Edith sorriu e ficou calada, deixando Isabel desenrolar seus bobos saberes fornecidos pelo guia.

Interrompi com uma desculpa:

- Temos de ir, senão David vai achar que aconteceu alguma coisa conosco.

Sorrimos, nos despedimos, cumprimentamos e poucos minutos após estávamos de novo na estrada.

- Você jamais disse que conhecia Charles Broughton – reclamou Isabel, num tom

desapontado.

- Não conheço.
- Bom, você nunca disse que sabia quem era ele.
- Nunca?

Claro, eu sabia que nunca tinha dito. Isabel passou o resto do tempo dirigindo em silêncio. Edith virou-se para o banco de trás e fez uma careta. Era evidente que eu tinha cometido um erro e Isabel ficou o resto do fim de semana sem disfarçar a frieza comigo.



EDITH LAVERY ERA FILHA DE UM BEM-SUCEDIDO contador juramentado que, por sua vez, era neto de um imigrante judeu que chegou à Inglaterra em 1905 fugindo dos violentos *pogroms* do falecido czar Nicolau II, a quem o pai de Edith jamais perdoou. Eu nunca soube direito se o nome original da família era Levy ou Levin. De qualquer forma, o retratista eduardiano Sir John Lavery inspirou a mudança do nome, o que na época pareceu uma boa ideia e devia ser mesmo. Quando perguntavam aos Lavery se tinham parentesco com o pintor, eles respondiam “por alto, creio”, e assim se conectavam com o *establishment* sem fazer qualquer reivindicação que pudesse ser contestada. Quando alguém pergunta a um inglês se ele conhece fulano e sicrano, costuma dizer “sim, conheço-os, mas eles não vão se lembrar de mim”, ou então “bom, conheço-os, mas não pessoalmente”. Na verdade, não conhecem.

Isso se deve à grande necessidade que tinham de dar a boa impressão de que a Inglaterra (ou melhor, a Inglaterra das classes alta e média alta) é tecida por um milhão de fios de seda invisíveis que formam uma brilhante comunidade de distinção e graça que exclui as demais. Não foge muito à verdade, pois, no geral, eles se entendem. Para um inglês ou inglesa de certo nível social, responder “bom, eu os conheço, mas eles não se lembram” significa “não os conheço”.

Por mais que a sra. Lavery, mãe de Edith, gostasse do marido, ela se considerava um pássaro de plumagem diferente da dele. Era filha de um coronel do exército indiano, mas o detalhe importante era que a avó paterna tinha sido sobrinha-neta de um baronete das finanças. Embora fosse simpática, a sra. Lavery era de um esnobismo que beirava a loucura e portanto sua leve ligação com o nível mais baixo da escala hereditária dava-lhe a confortadora impressão de pertencer ao círculo mais fechado da distinção e dos privilégios onde seu pobre marido seria sempre um estranho. Nem por isso o sr. Lavery tinha mágoa da esposa. Nenhuma. Pelo contrário, se orgulhava dela. Afinal, ela era uma mulher alta e bonita, que sabia se vestir, e ele gostava do fato de que a expressão *noblesse oblige* (uma das preferidas da sra. Lavery) pudesse fazer alguma referência à casa dele.

Eles moravam num grande apartamento em Elm Park Gardens, quase na parte

ruim de Chelsea, o que não agradava muito à sra. Lavery. Mas não era Fulham nem, muito menos, Battersea, bairros que só há pouco tempo tinham começado a aparecer no mapa mental da sra. Lavery. Ela ainda sentia a emoção pelo novo, como uma intrépida exploradora se afastando cada vez mais da civilização, por isso sempre aceitava convites para jantar na casa dos genros ou noras das amigas. Ouvia atenta quando esses casais comentavam que valia a pena comprar um suporte para colocar as torradas quentes; que as crianças estavam gostando de morar em Tooting depois daquele apertado apartamento na Marloes Road. Para a sra. Lavery, tudo isso era grego. Ela se sentia no inferno até atravessar para o outro lado do rio, seu Estige pessoal, que separava para sempre o submundo da vida real.

Os Lavery não eram ricos, mas também não eram pobres e, como só tiveram uma filha, nunca precisaram economizar. Edith frequentou uma creche elegante, depois foi para Benenden (“Não, não foi por causa da princesa real. Nós simplesmente demos uma olhada e achamos que era o colégio mais interessante.”) A sra. Lavery gostaria de que a filha tivesse chegado à universidade mas, quando os resultados das provas de Edith não foram bons (ao menos para os lugares onde gostariam de matriculá-la), a sra. Lavery não se desapontou. A grande meta dela sempre foi fazer a filha debutar na sociedade.

Stella Lavery não teve festa de debutante, o que a deixava bastante constrangida. Procurava esconder o fato rindo muito ao contar como se divertiu quando jovem e, se fosse preciso detalhar, suspirava que o pai tinha sofrido um baque financeiro na década de 1930 (assim, fazia uma ligação entre ela e a queda de Wall Street, com ecos de Scott Fitzgerald e Gatsby). Ou então, misturando épocas, ela culpava a guerra. Na verdade, nos seus piores momentos era obrigada a admitir para si mesma que na década de 1950, quando o mundo era socialmente mais fechado, eram mais definidas as linhas que separavam quem era da sociedade e quem não era. A família de Stella Lavery não era. Por isso, sentia uma profunda e secreta inveja das amigas que conheceu quando elas eram debutantes. Uma inveja de roer as entranhas. Chegava a detestar até quando a incluíam nas lembranças que envolviam Henrietta Tiarks ou Miranda Smiley, como se ela, Stella Lavery, tivesse “debutado” embora soubessem (e ela sabia que sabiam) que não tinha. Por tudo isso, ela decidiu desde sempre que tais sombras não iriam toldar a vida de sua amada Edith. (Nome, aliás, escolhido por dar uma leve toque de uma Inglaterra mais tranquila e melhor. A escolha talvez tenha sido um tanto proposital, dando a entender que Edith foi alguma linda integrante da família que viveu nos

tempos eduardianos. Não foi.) De todo jeito, Edith devia ser apresentada logo às rodas elegantes. Na década de 1980, a cerimônia de apresentação à corte — o que poderia ter causado um problema — tinha ficado no passado distante; portanto, só o que a sra. Lavery precisava era convencer o marido e a filha de que frequentar a sociedade seria tempo e dinheiro bem gastos.

Ela não precisou insistir muito com os dois. Edith não tinha planos concretos para a vida adulta e parecia uma boa ideia atrasar por um ano a decisão, indo a uma festa atrás da outra. Já o sr. Lavery gostava de imaginar a esposa e a filha frequentando o *beau monde* e ficou muito satisfeito de pagar por isso. As ligações muito bem urdidas pela sra. Lavery fizeram Edith entrar na lista de Peter Townend para os chás de abertura da temporada e a boa aparência da moça granjeou-lhe um lugar na passarela do Berkeley Dress Show. Depois, tudo seguiu em mar calmo. A sra. Lavery compareceu aos almoços das mães, fez as malas com os vestidos para a filha usar nos bailes nas casas de campo e se divertiu bastante, no geral. Edith também gostou muito.

A única ressalva feita pela sra. Lavery foi que, quando a temporada terminou, quando acabou o último baile de caridade de inverno e as notas da revista *Tatler* estavam coladas num caderno de recortes ao lado dos convites, as coisas pareceram continuar as mesmas. Claro, Edith tinha se divertido com muitas filhas de diversos nobres (inclusive um duque, o que era muito emocionante); aliás, todas as moças compareceram ao coquetel oferecido por Edith no salão do Claridge's (que foi uma das noites mais felizes da sra. Lavery), mas as amigas que manteve depois dos bailes eram muito parecidas com as moças que ela trazia para casa depois da escola, filhas de prósperos homens de negócio da classe média alta. Exatamente do mesmo nível de Edith, na verdade. A sra. Lavery não gostou. Pois atribuía o próprio fracasso em atingir os escalões superiores da sociedade londrina (que preferia chamar de “a corte”) por não ter tido uma apresentação adequada. A sra. Lavery achava que a filha se sairia melhor. Talvez o entusiasmo a impedisse de ver uma verdade simples: a temporada tinha recebido a filha dela de braços abertos, o que mostrava que, na década de 1980, a instituição não era mais tão exclusiva quanto na juventude dela.

Edith notou o desapontamento da mãe mas, embora também apreciasse dinheiro e posição social (como veríamos), não sabia direito como comentar esses detalhes com as herdeiras das grandes famílias. Para começar, todas pareciam se conhecer desde o berço e ela achava que era difícil conseguir agradá-las morando num apartamento em Elm Park Gardens. Acabou apenas cumprimentando a maioria das moças de sua idade e

voltou para um canto muito parecido com aquele onde estava quando saiu do colégio.

Eu soube de tudo isso assim que conheci Edith na casa dos Easton, pois constava que ela era secretária numa imobiliária em Milner Street, perto do apartamento onde eu morava. Passei então a vê-la na loja de departamentos Peter Jones, comendo um sanduíche num dos bares das redondezas; comprando uma garrafinha de leite no Partridges; aos poucos, quase sem perceber, fomos nos aproximando. Um dia, eu a vi saindo da General Trading Company mais ou menos à uma da tarde e convidei-a para almoçar.

– Tem visto Isabel? – perguntei, enquanto nos apertávamos numa banqueta daqueles pequenos restaurantes italianos onde os garçons berram.

– Jantei com eles na semana passada.

– Está tudo bem?

Sim. Eles estavam enfrentando um problema da filha na escola. Isabel tinha descoberto que a filha era disléxica. Tive pena do diretor.

– Ela perguntou por você. Eu disse que o tinha visto – acrescentou Edith.

Comentei que Isabel ainda não tinha me perdoado por não contar que conhecia Charles Broughton. Edith riu. Foi então que fiquei sabendo da existência da mãe de Edith. Perguntei se a mãe soubera da nossa visita a Broughton. Eu estava com Charles na cabeça porque naquela manhã o tinha visto numa dessas reportagens idiotas sobre solteiros que são bons partidos e Charles encabeçava a lista. Fiquei impressionado com os diversos trunfos dele.

– Nem pensar. Não quero que mamãe fique imaginando coisas.

– Ela deve ser bem sensível.

– É, sim. Percebe as coisas no ar.

– E você não quer se casar?

Edith me olhou como se eu estivesse louco.

– Claro que quero.

– Não quer fazer carreira? Pensei que todas as mulheres hoje quisessem se profissionalizar.

Não sei por que escorreguei nesse pomposo antifeminismo que não tem nada a ver com o que penso.

– Bom, não quero passar o resto da vida atendendo telefone numa imobiliária, se é o que você quis dizer.

Fui duramente criticado.

– Não foi isso que quis dizer – avisei.

Edith me olhou com paciência como se tivesse de me ensinar a tabuada.

– Estou com 27 anos. Não tenho qualificações e, pior, nenhum talento especial. E as coisas de que gosto exigem uma renda mínima de 80 mil libras anuais. Quando meu pai morrer, vai deixar todo o dinheiro para minha mãe e não creio que nenhum dos dois saia de cena antes de 2030. O que você sugere que eu faça?

Não sei por que emudeci frente a essa praticidade tipo Anita Loos que parecia exalar da rosinha na minha frente, com sua tiara de Alice no País das Maravilhas prendendo os cabelos e seu comportado conjunto azul-marinho.

– Portanto, quer se casar com um homem rico? – insisti.

Edith me olhou intrigada. Talvez tivesse achado que falou muito, talvez conferisse se a estava julgando e, portanto, se ela devia prosseguir ou não. A conclusão deve ter sido positiva, pois sempre achei que quem sabe logo o que quer da vida, tem mais chance de não sofrer da inevitável doença moderna da crise de meia-idade.

– Não necessariamente – ela respondeu, com certo tom defensivo na voz. – Só não consigo me ver muito feliz casada com um homem pobre.

– Entendo – concordei.

Após esse almoço, ficamos sem nos ver por algum tempo. Fui escalado no elenco de uma daquelas minisséries americanas que ninguém vê e tive de passar alguns meses em Paris e até em Varsóvia. O trabalho incluiu a experiência deprimente de passar o Natal e Ano-Novo num hotel fora da Inglaterra, onde servem queijo no café da manhã e todos os pães são dormidos. Quando voltei para Londres, em maio, não achava que tivesse aprimorado muito a minha arte. Mas me sentia um pouco melhor do que quando fui. Assim que cheguei em casa, recebi um cartão de Isabel convidando para participar de um grupo que ia ao segundo dia das corridas de Ascot. Ela decerto tinha me perdoado enquanto estive fora. Pensei em recusar, já que não tinha reservado lugar na Tribuna Real, mas minha mãe fez isso por mim (e assim confirmou que era contra o trabalho e a vida que escolhi). Hoje, nesses tempos bem menos encantadores, ela não poderia reservar lugar por outra pessoa, mesmo sendo filho; mas na época, podia. Na verdade, desde a minha juventude ela havia assumido essa tarefa todos os anos e não queria abrir mão disso.

– Você vai se arrepender de não ir a um evento tão divertido – dizia ela, sempre que eu avisava que não pretendia ir. Dessa vez, ela estava com razão. Aceitei o convite de Isabel abrindo o meio sorriso que meus lábios sempre dão frente à perspectiva de

passar um dia em Ascot.

– Como tantas instituições conhecidas, a fama da Tribuna Real de Ascot tem pouca ou nenhuma relação com a realidade. O próprio nome Tribuna Real (para não falar na abjeta cobertura que a imprensa de segunda classe faz) supõe príncipes e duquesas, mulheres lindas e famosas, milionários das finanças circulando pelos gramados impecáveis em trajes da *haute couture*. De tudo isso, só posso garantir a qualidade do gramado. A grande maioria dos presentes à tribuna parece homens de negócio de meia-idade, moradores dos subúrbios mais abonados de Londres. Vêm acompanhados das esposas, que usam roupas inadequadas, geralmente, de chiffon. Mas o que torna diferente e divertida essa disparidade entre sonho e realidade é o apoio incondicional que os participantes dão à imaginação. Mesmo aqueles que são da sociedade, ou melhor, que pertencem à classe alta ou média alta têm um prazer comovedor de se arrumar e se comportar como se estivessem no evento elegante e exclusivo que os jornais comentam. As esposas também usam roupas inadequadas, embora mais elegantes, e ficam se pavoneando para todo lado cumprimentando-se como se estivessem numa festa nos jardins do palácio Ranelagh em 1770. Esses trabalhadores se dão ao luxo de, por um ou dois dias por ano, fingir que fazem parte de uma extinta classe ociosa daquele mundo que eles veneram e admiram e do qual fariam parte (o que, por regra, não fariam) se ele ainda existisse. E mais: que esse mundo está vivo e muito bem, nos arredores de Windsor. As pretensões deles são claras e evidentes, daí serem também muito interessantes – para mim, pelo menos. Aprecio muito passar um dia em Ascot.

David veio me buscar em seu Volvo, entrei no carro e lá estavam, como tínhamos combinado, Edith e mais um casal, os Rattray. Creio que Simon Rattray trabalhava na Strutt and Parker e falou muito em caças a raposas. A esposa dele, Venetia, falou pouco nos filhos e menos ainda do resto. Entramos pela rodovia M-4, passando pelo Windsor Great Park até chegarmos finalmente ao hipódromo e ao local meio escondido onde David estacionava o carro. Isso era uma fonte inesgotável de aborrecimento para ele, por não poder usar o estacionamento principal e sempre reclamava quando Isabel mostrava as placas de orientação. Nunca me incomodei com isso, tinha passado a fazer parte de Ascot (como papai reclamando das luzes da árvore em todos os Natais, uma das poucas lembranças que tenho da infância). Afinal, eu já tinha ido com eles lá muitas vezes.

Dali a pouco, o carro estava estacionado na vaga numerada e abrimos o lanche. Era evidente que Edith não teve qualquer participação nele, já que Isabel e Venetia

assumiram o controle, tagarelando, rindo, cortando e misturando os acepipes até o banquete ficar à nossa frente em toda a sua glória. Os homens e Edith ficaram olhando, do conforto de suas cadeiras dobráveis, segurando taças de champanhe de plástico. Como sempre, todo aquele preparativo foi meio apressado, já que havia pouco tempo para comer. Tínhamos acabado de arrumar nossas cadeiras em volta da mesa cambaleante quando Isabel olhou o relógio e deu o aviso que era tão previsível quanto a preocupação de David com o estacionamento.

– Temos de ir logo, faltam vinte e cinco minutos para as duas horas.

David concordou e serviu-se dos morangos. Ninguém precisava de explicação. Fazia parte desse dia como num ritual de missa, subir a escada da Tribuna a tempo de ver a família real chegando de Windsor. E chegar cedo para pegar um bom lugar. Edith olhou para mim, fez uma careta e, obedientes, nós dois engolimos nossos cafês, prendemos nossos crachás e fomos.

À entrada, os funcionários se ocupavam de separar alhos de bugalhos. Dois coitados foram impedidos de entrar, não sei se por estarem com o crachá errado ou com a roupa errada. Edith apertou o meu braço dando mais um de seus sorrisos secretos. Olhei:

– Qual é a graça?

Ela negou com a cabeça.

– Nada.

– Ah, bom.

– Consigo sempre entrar em lugares onde os outros são barrados.

Eu ri.

– Você pode achar isso, muita gente acha. Mas é meio vulgar admitir.

– Ah, meu caro, então devo ser muito vulgar. Espero que isso não me impeça de entrar.

– Acho que não vai impedir – desejei.

O interessante nesse diálogo foi a sinceridade. Edith estava o arquétipo perfeito da patricinha estilo Sloane e comecei a ver que ela possuía uma desconcertante consciência das verdades de sua vida e posição, embora essas garotas costumem ter um falso desconhecimento. Não que os sentimentos dela a diferenciassem. Os ingleses de todas as classes são viciados em exclusividade. Ponha três ingleses numa sala e eles vão inventar uma regra que impeça um quarto de entrar. O que diferenciava Edith dos demais era que a maioria das pessoas (e, certamente, todos os caretas) não querem ter consciência disso. Qualquer insinuação de que é melhor ser convidado do que pagar entrada;

entrar por uma porta exclusiva; ser recebido num lugar onde os outros não entram fará os aristocratas (ou os pretensos aristocratas) fazerem um olhar vago e uma estudada incompreensão. A dama experiente decerto fará um pequeno movimento de sobrancelhas para mostrar que a própria ideia já prova falta de classe. Claro que a falsidade de tudo isso impressiona mas, como sempre ocorre com essas pessoas, obedecer às regras com atenção exige um certo respeito.

Nós provavelmente nos atrasamos, pois os outros já estavam em seus lugares e acenaram para nós das arquibancadas, que lotavam rápido. Um rumor ao longe anunciava que as carruagens estavam chegando e os lacaios e mordomos de quem quer que fosse correram para abrir os portões do hipódromo. Edith me cutucou e fez sinal para Isabel quando a primeira carruagem com Sua Majestade e algum obscuro figurão de um lugar rico em petróleo passou. Como todos os homens, tirei meu chapéu com uma animação totalmente sincera; nem por isso deixei de notar a cara de Isabel. Era o olhar parado, vítreo, de um coelho frente a uma cobra. Estava hipnotizada, extasiada. Para participar da festa de Ascot, ela (como Pervaneh, em *Hassan*), teria assistido ao Desfile da Morte Procrastinada. Ou, pelo menos, teria pensado nisso. O que apenas mostra, acho eu, que apesar de todo o desprezo das classes finas pelo mundo das celebridades, também são suscetíveis à fantasia, quando exibida de maneira palatável.

Na verdade, o desfile naquele ano foi meio frustrante. O Príncipe de Gales, que Isabel considerava o máximo da perfeição, não compareceu, nem os demais príncipes. A única realeza jovem a aparecer foi Zara Phillips, toda empetecada numa roupa que poderia ser usada na praia. Edith ficou fazendo comentários irreverentes no meu ouvido, o que incomodou Isabel e uma mulher de cabelo azul ao lado dela. Para não estragar a festa das duas, resolvemos sair dali e foi então que ouvi alguém perguntar, bem atrás de mim:

– Olá, como vai?

Olhei em volta e dei de cara com Charles Broughton. Dessa vez não houve confusão com nomes, a vantagem da Tribuna é que todo mundo tem de usar um crachá. Assim não há problema de apresentações, nem de fingir que as pessoas já se conhecem. Basta uma rápida olhada na lapela ou no peito do desconhecido e tudo se resolve. Esse crachá devia ser obrigatório em todos os eventos sociais. O de Charles proclamava Conde Broughton na inconfundível letra redonda das educadas moças do escritório de Ascot.

– Olá – respondi. – Lembra de Edith Lavery? – Usei o hábito inglês de apresentar

uma pessoa da qual a outra certamente não se lembra, mas no caso quem se enganou fui eu.

– Claro que sim. Você é aquela que vive muito bem em Londres.

– Bom, creio que nem tanto.

Edith sorriu e, por iniciativa própria ou a convite de Charles, deu o braço para ele.

Os Eaton e os Rattray estavam de olho em nós e a surpresa deles foi quase palpável quando sugeri uma visita às cocheiras. Isso deve parecer esquisito e mostrar uma enorme insegurança minha, mas fiquei sem graça com a ansiedade da pobre Isabel e a ambição de David, que pareciam quase prejudiciais de tão fortes. Felizmente, Charles (que, aliás, era muito educado) cumprimentou Isabel, de longe, o que a dispensou de se aproximar mas, pelo menos, mostrou que ele sabia que tinham sido apresentados. David conteve a agitação e nós três fomos para as cocheiras onde os cavalos estavam desfilando antes do primeiro páreo.

Claro que Charles demonstrou seus vastos conhecimentos sobre equinos e dali a pouco discorria animado sobre boletos e silhueta de corpo, o que não me interessava nem um pouco, mas me diverti observando Edith olhar para ele com uma atenção fascinada, encantadora. É uma técnica que essas mulheres parecem adquirir no berço. Ela usava um simples vestido de linho azul-claro (acho que o nome correto da cor é *eau-de-nil*), com um pequeno chapéu *pill-box* levemente inclinado para a frente. Dava uma impressão fútil mas, comparado às matronas de Weybridge com seus babados de organza, ficava descontraído e chique. A roupa acrescentava um toque de humor e graça ao rosto dela que, a essa altura, era muito sedutor. Ela prestava atenção no cartão de apostas e anotava ao lado dos nomes dos cavalos as observações de Charles, com o lápis dele. Fiquei observando os dois se olharem e deve ter sido a primeira vez que notei que ele podia estar interessado nela. Não que isso fosse grande surpresa. Ela possuía todos os atributos certos. Era bonita e inteligente e, como ela mesma disse, vivia muito bem. Claro que não era da turma dele, mas circulava com eles e falava como eles. É credence popular achar que há muita diferença de educação e comportamento entre a classe média alta e a alta. Na verdade, no dia a dia eles são quase iguais em tudo. Claro que o círculo da aristocracia é bem menor e seus integrantes têm sempre a impressão de serem sócios de um clube. Daí a tendência a demonstrar segurança com uma semi-cerimônia inadequada que não incomoda a eles, mas irrita quase todos os demais. À parte isso (e semi-cerimônia se aprende fácil), não há muito o que dizer deles socialmente. Sim, estava claro que Edith Lavery era a garota para Charles.

Assistimos a um ou dois páreos, mas senti que Edith, da maneira mais delicada possível, tentava se livrar de mim e assim, quando Charles obviamente convidou-a para tomar chá no White's, pedi licença e fui procurar os outros. Edith me deu um olhar agradecido e os dois saíram de braços dados.

Encontrei Isabel e David num dos bares que serviam champanhe atrás da tribuna principal, bebendo licor Pinum's quente. O gelo tinha acabado.

– Onde está Edith?

– Foi ao White's com Charles.

David pareceu contrariado. Coitado. Nunca conseguia ir ao White's em Ascot, nem na antiga tenda ou, pelo que sei, na nova, mais espaçosa. Ele daria um dedo para ir lá.

– Que ótimo. Eu bem que gostaria de tomar um chá – rosnou, entre dentes.

– Acho que os dois iam encontrar com os amigos de Charles.

– Certamente.

Já Isabel não disse nada, continuou bebericando o líquido morno com quatro fatias de pepino flutuando.

– Combinei de encontrarmos no carro após o segundo e último páreo.

– Ótimo – repetiu David, sério, e ficamos em silêncio. Mesmo assim, Isabel ainda parecia mais interessada do que irritada, olhando para seu drinque insosso.

Quando chegamos lá, Edith já estava encostada no carro e percebi na hora que o dia tinha sido maravilhoso.

– Onde está Charles? – perguntei.

Ela fez sinal para a tribuna principal.

– Foi encontrar as pessoas com quem vai sair esta noite. Ele vem às corridas amanhã e sexta.

– Boa sorte para ele.

– Você gostou? – ela perguntou.

– Gostei, mas não tanto quanto você.

Ela riu e calou-se; David então apareceu e abriu a porta do carro. Não comentou nada a respeito de Charles e estava claramente irritado com Edith, daí que não foi num comunicado geral, mas num cochicho, que ela contou que Charles convidou-a para jantar na terça-feira seguinte. Claro que ela não conseguia manter segredo disso.

TRÊS



EDITH ESTAVA SENTADA À PENTEADEIRA, banhada e cheirosa, pronta para maquiarse, fazer seu rosto social. Não disse à mãe exatamente com quem ia jantar e ficou pensando por quê. Stella ficaria muito satisfeita se soubesse, claro. Exatamente por isso, a filha não contava. De todo jeito, a essa altura, Edith não tinha a menor ideia se, como dizem as revistas, havia algum futuro naquilo.

Edith Lavery não era uma garota promíscua mas, àquela altura, claro que não era virgem. Tinha tido vários namorados. Nada sério até os 23 anos, quando teve um caso com um corretor cinco anos mais velho e muito atraente. Ficaram juntos por cerca de um ano, foram a muitas festas, apreciavam quase as mesmas coisas e estavam felizes ou, pelo menos, tão felizes quanto as outras pessoas. Ele se chamava Philip, tinha uma mãe muito importante, algum dinheiro (o suficiente para irem ao Clapham) e parecia tudo ótimo, por isso ninguém levou um susto maior que Edith quando, uma noite, ele anunciou que tinha outra e estava tudo acabado. Edith demorou um instante para entender. Em parte, porque ele resolveu contar no San Lorenzo, em Beauchamp Place, onde as pessoas das duas mesas próximas ouviram tudo, e, em parte, porque, com toda a modéstia, não conseguia imaginar o que essa outra podia ter que ela, Edith, não tivesse. Os dois se gostavam, faziam um bonito par, gostavam de passar os fins de semana no campo e esquiar no inverno. Qual era o problema?

De todo jeito, Philip terminou a relação e três meses depois Edith recebeu o convite de casamento. Ela compareceu, foi muito simpática e (como pretendia) estava estonteante de tão linda. Claro que a noiva era mais simples que Edith e meio vulgar, mas olhava para o noivo como se ele fosse o próprio Deus sobre a Terra, e Edith teve a incômoda impressão de que seu erro tinha sido esse.

Depois disso, teve vários pretendentes e mais nada. Um deles, um corretor imobiliário chamado George, durou uns seis meses, mas só por ter sido o primeiro amante competente; os prazeres aos quais foi apresentada fizeram com que não enxergasse os defeitos dele até o dia em que a levou às regatas de Henley achando, coitado, que era um evento elegante. Quando os dois estavam almoçando na tenda de um sócio, ela olhou-o do outro lado da mesa, dando sua risada alta e pastosa, e concluiu

que era realmente grotesco. A partir daí, foi só uma questão de tempo.

Os pais lastimaram muito o fim da relação com Philip, gostavam dele; não lastimaram nem um pouco quanto a George e não disseram nada sobre os outros que tiveram uma rápida passagem por Elm Park Gardens. Porém Edith começou a notar que, depois que ela fez 27 anos, a mãe passou a dar discretas insinuações, meio de brincadeira e meio preocupadas. E, pela primeira vez, ela sentiu um leve e remoto pânico. Vamos supor, só para argumentar, que ninguém a pedisse em casamento: o que ela faria?

O que, *pelo amor de Deus*, ela faria?

Mas, pensou, tirando os rolos de cabelos aquecidos e pegando sua escova Mason Pearson, tudo podia mudar tão rápido. Ser mulher não era como ser homem. Os homens ou nasciam com dinheiro, ou levavam anos ralando no trabalho para enriquecer, enquanto as mulheres ... um dia podem ser pobres e no outro, ricas – ou, pelo menos, casadas com um homem rico. Podia ser deselegante admitir isso mas, mesmo hoje em dia, a vida de uma mulher pode mudar completamente graças à aliança certa.

É fácil concluir por essas reflexões que, a essa altura da vida, Edith fosse apenas e simplesmente mercenária, mas seria injusto pensar isso. E ela estranharia. Se alguém perguntasse se era interesseira, responderia que era prática; se perguntassem se era esnobe, diria que era experiente. Afinal de contas, lia romances, ia ao cinema, sabia o que era felicidade, acreditava no amor. Mas via sua futura ocupação como, em primeiro lugar, social (como não?) e, portanto, como fazer algo que merecesse esse nome sem ter dinheiro e status? Claro, na década de 1990, acreditava-se que tais ambições fossem ultrapassadas, mas Edith não ia abrir correndo uma rede de academias de ginástica, ou lançar uma nova revista nas bancas. Quanto a uma profissão, ela havia perdido a vez dez anos antes, quando parou de estudar. Mas não era mais considerado um erro ser ambiciosa. A geração do arroz com nutrientes e do vestido rodado da infância tinha chegado a um mundo mais agitado, pós-thatcheriano. E os sonhos dela não estavam, de certa maneira, de acordo com essa mudança?

Mesmo assim, mesmo se ela fosse ambiciosa e admitisse com relutância que um homem abriria o caminho dourado da realização, não seria honesto dizer que Edith era basicamente uma esnobe. Pelo menos, comparada com a mãe. Ela dizia que preferia olhar de dentro para fora, em vez do inverso; tinha mais interesse em realização (ou poder, para usar um termo menos apreciado) do que em status. Queria estar no centro

dos acontecimentos. Queria o vencedor, não o troféu. Até certo ponto. Não procurava um bem-sucedido zé-ninguém, mas também não procurava um conde. Daí, talvez, ter encontrado um.

Olhou bem sua imagem no espelho. Usava um vestido preto, curto, de seda rústica. Sua mãe chamaria de um pretinho, a eterna solução-reserva da mulher londrina. Era bem cortado, bem caro, e, além de um bracelete de platina francês, Edith não usava enfeites. Estava bonita, elegante e com aquele leve toque de austeridade que alguns homens ingleses acham provocante. Estava contente. Não era convencida, mas ficava contente (para não dizer aliviada) por não ser feia. A campainha tocou.

Pensou em pedir para Charles esperar na porta do prédio, mas ele podia achar que ela estivesse escondendo algo bem mais grave do que um pai comum e uma mãe esnobe, então pediu para subir e apresentou-o no estilo americano, sem sobrenomes. Era um costume moderno, que ela não apreciava muito, já que dispensava a única parte do nome que informava alguma coisa sobre a pessoa. A mãe venceu a partida assim que Edith entrou em campo.

- Charles de quê? – perguntou, enquanto Kenneth preparava drinques para todos.
- Broughton.

Charles sorriu. Edith viu a ficha cair com um *ping* silencioso, mas não era por nada que a mãe era eterna admiradora de Elizabeth I: manteve a máscara sorridente, porém imóvel.

- E como conheceu Edith?
- Em Sussex, na casa dos meus pais.
- Quando fiquei hospedada com Isabel e David.
- Ah, quer dizer que você conhece os Easton?

Charles concordou e Edith ficou agradecida. Ele não estava preparado para dizer “não, eu não os conheço, nem fomos apresentados numa pequena reunião. Conheci sua filha quando ela pagou entrada para visitar o lugar onde moro”. Seria exato, mas faria com que a noite começasse mal. Após escapar dessa saia-justa, Edith colocou um ponto final na conversa para não correr outro risco. Assim, em vez de nervosa, ela estava bem aliviada quando os dois se instalaram no reluzente Porsche que os aguardava à porta do prédio.

- Pensei em irmos ao Annabel's.
- A essa hora? – ela estranhou, sem pesar bem as palavras.
- Não gosta da ideia? Não somos obrigados a ir lá.

Charles pareceu um pouco ofendido e ela se sentiu meio mesquinha em arrasar com o que ele achava ser uma grande sugestão. Só de pensar que ele tinha programado uma noite com ela era bem gratificante.

– Ótimo.

Edith deu um sorriso caloroso para o rosto sincero e agradável dele, meio oculto no escuro. – Estranhei só porque sempre fui ao Annabel's mais tarde. Acho que nunca jantei lá. Gosto muito.

Ele deu partida e os dois ficaram em silêncio até o carro parar à entrada do famoso porão na Berkeley Square. Charles saiu e entregou as chaves a um porteiro. Edith sempre foi ao Annabel's com acompanhantes que estacionavam na praça e iam a pé até a boate. Era uma sensação agradável estar com alguém que não precisava economizar. Desceram a escada e passaram pela porta no final dela. Charles entrou e ouviram-se inúmeros “boa-noite, senhor”.

O bar estava vazio e o restaurante, mais ainda. A pista de dança deserta parecia escura e esquisita, com seus espelhos pretos refletindo o nada. Charles ficou confuso e depois, constrangido.

– Você tinha razão, é muito cedo. Acho que aqui só anima depois das dez. Quer ir a outro lugar?

– Não, não – respondeu Edith com um leve sorriso, enquanto os dois se instalavam nas banquetas do bar. – Agora, sugira um prato do cardápio.

Ela ainda não tinha uma conclusão a respeito de Charles, mas garantia uma coisa: aquela noite ia ser um *grande* sucesso se a agradasse. O cardápio propiciou alguns minutos de começo de conversa. Charles entendia de comidas e bebidas, gostou de assumir o comando, embora, na verdade, ela só tivesse pedido a ajuda dele para fazer de conta que era uma moça indefesa e ingênua. Não queria, de maneira alguma, que ele começasse a se desculpar por coisa alguma. Edith tinha aprendido isso. Ele escolheu bem os pratos e o jantar foi ótimo.

Charles Broughton não era exatamente bonito. Tinha o nariz grande demais e a boca fina demais. Mas, à luz de velas, era atraente. Muito distinto, como diria a babá que ela teve. Parecia tanto um cavalheiro inglês que podia fazer parte da Central Casting e Edith sentia uma grande atração física por ele. Bem mais do que tinha pensado. E notou, surpresa, que estava ansiosa para ser convidada para dançar.

– Fica muito tempo em Londres? – ela perguntou.

Ele negou com a cabeça e acrescentou:

- Não, pelo amor de Deus. O menos possível.
- Então está sempre em Sussex?
- Quase sempre. Temos casa em Norfolk também. Preciso ir lá de vez em quando.
- Engraçado, achei que você tivesse uma vida social agitada.
- Eu? Você está brincando. – Ele riu alto. – Por quê?
- Não sei.

Não sabia, mas preferiu não dizer que tinha lido sobre ele em várias colunas sociais. Como os dois tinham se encontrado em Ascot, tudo parecia se encaixar na imagem de muita diversão. Foi uma impressão errada, que durou só até ser esclarecida.

Na verdade, como quase todo ser humano, Charles ia a festas se fosse convidado e se não tivesse outra coisa para fazer; tinha poucos amigos (com certeza, não fez muitos nos últimos anos) e se considerava apenas um homem do campo, ajudando o pai a administrar as propriedades e as residências que Deus achou por bem lhes confiar. Não questionava nem rejeitava sua situação, mas também não tirava proveito. Porém, se tivesse algum dia pensado em herança e status, teria concluído que teve muita sorte. Mas não ia dizer isso alto.

Ao contrário do que Edith pensava, não a levou ao Annabel's como parte de uma estratégia romântica. Na verdade, gostava de levar as garotas aos lugares onde era conhecido, embora não admitisse isso para si mesmo. Ser reconhecido trazia um tempero ao jantar, coisa que o anonimato não fazia. Chegou a vez dele falar.

- Você morou muito no interior?
- Não muito, na verdade.

Assim que falou, Edith percebeu que foi uma resposta estranha, pois não morou no interior nem por meia hora. A não ser que se considerasse o tempo que passou no colégio interno, o que evidentemente não contava. Mesmo assim, gostava do interior. Tinha ido muito. Fazia caminhadas por trás dos campos de caça. Cavalgava. Não tinha sido uma grande mentira. Ela explicou:

- Por causa do trabalho do meu pai.
- Charles concordou com a cabeça.
- Imagino que ele precise viajar muito.
- Edith deu de ombros.
- Bastante.

Na verdade, nos últimos vinte e dois anos, Kenneth Lavery tinha viajado pelo metrô de Londres, rumo ao mesmo escritório no centro. Teve de ir a Nova York uma

vez e outra vez a Roterdã, e só. Essa pequena falta de verdade jamais foi corrigida. Charles ficou para sempre com a impressão de que o pai de Edith tinha sido uma espécie de mago internacional dos negócios, circulando a bordo de jatos entre Hong Kong e Zurique. Mas, ao dar essa falsa impressão, Edith mostrava que tinha entendido Charles bem. É menos pequeno-burguês um homem de negócios que está sempre com *jet lag* do que um escravo do trabalho comprando bilhete para a linha Piccadilly norte. Charles apreciou isso.

O tempo tinha se passado e a boate estava enchendo.

– Charlie!

Edith viu uma bonita lourinha num elegante vestido noturno de lantejoulas se inclinar sobre eles. Estava acompanhada, ou melhor, arrastava um homem obeso, uma baleia num terno que devia ter uma tonelada de lã, com uma gravata grande, de bolinhas. Quando se aproximaram da mesa, Edith viu fios de suor escorrendo sem parar pelo pescoço gordo e vermelho dele, atrás das orelhas.

– Estes são Jane e Henry.

Charles se levantou e mostrou Edith.

– Conhecem Edith Lavery? Henry e Jane Cumnor.

Jane apertou a mão de Edith de maneira rápida e solta, depois virou-se para Charles, sentou-se e serviu uma taça do vinho deles.

– Estou com a boca seca. Como vai? O que houve com você em Ascot?

– Nada. Fiquei lá.

– Pensei que fôssemos jantar juntos na terça. Com os Weatherby, não? Procuramos você por horas até que desistimos. Camilla ficou muito desapontada. – A lourinha deu um meio sorriso para Edith, querendo que ela entendesse a piada. Na verdade, estava querendo excluí-la, claro.

– Bom, não era para ficar desapontada. Avisei a ela e a Anne que naquele dia eu tinha de almoçar com meus pais.

– Claro que esqueceram completamente. Está bem. Aliás, conte: você vai para a casa de Eric e Caroline em agosto? Eles juram que vai, mas não faz muito o seu estilo.

– Por quê?

Jane mexeu os ombros com um movimento sinuoso e lento.

– Não sei. Sempre achei que você detestasse calor.

– Não resolvi ainda. Vocês vão?

– Não sei, não é, querido?

Ela segurou a mão balofa do marido, que bufava de calor.

– Nós estamos muito por fora das coisas em Royton. Depois que Henry virou político, mal paramos em casa. Tenho a desagradável impressão de que vamos ficar enfiados lá o verão todo.

Ela abriu de novo o sorriso para incluir Edith.

Edith sorriu também. Estava acostumada com aquela curiosa necessidade que a classe alta tinha de mostrar que todos se conhecem e fazem as mesmas coisas com as mesmas pessoas. Talvez fosse um exemplo incomum da mentalidade exclusivista mas, bastava olhar para lorde Cumnor (também conhecido como Henry, a locomotiva verde) para concluir que Jane tinha feito muitos sacrifícios para chegar à posição em que estava. Seria difícil ela abrir mão disso, mesmo por um instante, como se não tivesse muita importância.

– Você se dedica muito à política? – Edith perguntou a Henry, que parecia estar se recuperando do esforço de atravessar o salão.

– Sim – respondeu, e virou-se para os outros.

Edith estava prestes a ter pena dele, mas viu logo que o próprio não se compadecia de si. Estava muito feliz do jeito que era. Da mesma forma que estava feliz em mostrar que conhecia Charles e não conhecia Edith. Porém Charles não queria que o casal tratasse mal a moça que ele tinha convidado para jantar e, firme e forte, fez a conversa voltar para ela.

– Henry ficou muito sério depois que assumiu o cargo. Qual é a sua causa mais recente: lutar pelo fornecimento de comida vegetariana orgânica nos presídios?

– Ha, ha, ha – riu Henri.

Jane veio socorrer o marido.

– Não seja bobo. Ele fez muita coisa pelo regime alimentar no país, não foi, querido?

– O que não significa praticar o regime, acho – apartou Charles.

– Você agora ri, mas eles vão atrás de você quando seu pai bater as botas. Você vai ver – disse Jane.

– Não, não virão. Na próxima eleição, o Partido Trabalhista vai ganhar e vai acabar com as heranças antes que você consiga abrir a boca.

– Não seja tão pessimista.

Jane não queria tomar conhecimento de que aquele mundo onde ela havia colocado todas as esperanças estava prestes a acabar.

– Eles vão levar anos para achar uma solução melhor para os lordes, não têm pressa. Charles levantou-se e convidou Edith para dançar.

Ela olhou meio indecisa e os dois abriram espaço na pista que, a essa altura, estava lotada de banqueiros iranianos com suas amantes.

Ele sorriu.

– Henry é legal.

– É muito seu amigo?

– É uma espécie de primo. Conheço-o desde criança. Céus, como está gordo, não?

Parece um balão.

– São casados há quanto tempo?

Ele balançou a cabeça:

– Uns quatro, cinco anos.

– Têm filhos?

Ele fez cara feia. – Têm duas filhas, coitado do Henry. Setchell, o obstetra da rainha, obrigou-o a parar de tomar vinho e comer queijo e só Deus sabe o que mais.

– Por quê?

– Para conseguir um filho homem, claro. O bendito menino.

– O que acontece se eles não tiverem um?

Charles franziu o cenho.

– Ele não tem irmãos. Acho que algum sujeito na África do Sul herda o título de lorde, mas não sei se ele ou as meninas recebem a grana. Mas os dois são bem jovens. Vão insistir mais um pouco, acho.

– Pode ficar caro.

– Sem dúvida. Nunca se sabe quanto tempo vai demorar. Pensa nos Clanwilliams. Desistiram na sexta filha e hoje a situação ainda está pior.

– Por quê?

– Por que você acha? Meninas também precisam frequentar boas escolas.

Dançaram em silêncio um pouco, com Charles de vez em quando cumprimentando conhecidos na pista. Felizmente, Edith reconheceu duas garotas da temporada de debutante e abriu largos sorrisos para elas. Quando as duas reconheceram o par de Edith, retribuíram o cumprimento e assim ela se sentiu menos invisível. Os dois voltaram para a mesa e ela começou a achar que estava se divertindo muito.

Henry e Jane estavam no mesmo lugar e, quando Edith e Charles se aproximaram, Jane levantou-se rápido e pegou na mão de Charles.

– Agora vai dançar comigo. Henry detesta dançar. Vamos.

Levou Charles de volta à pista, deixando Edith sozinha com o marido suíno.

Ele deu um sorriso vago.

– Ela sempre diz isso. Não detesto dançar. Quer comprovar?

Edith negou com a cabeça.

– Desculpe, mas só se você quiser demais. Estou exausta.

Ela estremecia só de pensar em ser apertada naquele travesseiro de gordura.

Ele aceitou a recusa e fez um ar filosófico. Óbvio que estava acostumado a ser recusado.

– Conhece bem Charles?

– Não. Nós nos conhecemos há pouco tempo no interior, depois nos encontramos em Ascot e pronto.

– Em que lugar? Com quem?

Ele se empertigou, interessado por aquela oportunidade de fazer um pouco mais de intercâmbio de nomes.

– Com os Eaton, em Sussex. David e Isabel. Conhece?

Ela sabia muito bem que não os conhecia. Estava certa.

– Conheço Charles por toda a minha vida.

Edith vasculhou a cabeça à procura de um comentário.

– Acho que não conheço ninguém por toda a minha vida. A não ser meus pais – acrescentou, com um riso.

Henry não achou graça.

– Ah! – exclamou.

Ela tentou de novo.

– Quem são Eric e Caroline?

– Caroline é irmã de Charles. Conheço a vida toda também. – Inclinou de leve a cabeça, satisfeito com essas relações duradouras. – Eric é o cara com quem ela acaba de se casar.

– Suponho que você não o conheça a vida inteira.

– Vi pela primeira vez no casamento.

– Ele é simpático?

– Não sei. – Claro que ele achava que Caroline tinha cometido um grave deslize com o casamento. Aquela união de dois estranhos foi uma miscigenação horrível. Edith sentiu que estava prestes a cometer um solecismo só de falar sobre o intruso.

– Onde fica Royton?

Dessa vez, a cara de Henry demonstrou mais desagrado do que surpresa. Só uma excêntrica podia não conhecer Royton.

– Em Norfolk.

– É bonito?

Edith começou a achar que seu esforço para entreter Henry era parecido com arar montanhas de terra. Ele deu de ombros e olhou a garrafa de vinho para servir mais uma dose.

– As pessoas acham que sim.

Edith abriu a boca para mais uma tentativa, fechou. Não era a primeira vez que era tiranizada pela incompetência social de alguém. Faz-se um enorme esforço para manter uma conversa apenas para impedir que tais idiotas percebam a própria incapacidade. A ironia é que eles não têm qualquer noção da própria incompetência. Se Henry porventura notasse que a conversa estava difícil de engrenar, culparia logo Edith por não conhecer ninguém interessante. Antes que o silêncio ficasse opressivo, Charles e Jane voltaram e os três passaram o resto do tempo comentando sobre mais gente da qual Edith nunca tinha ouvido falar.

– Que noite ótima – ela disse, quando o carro parou na frente do prédio dos pais. Charles não quis estacionar, portanto sabia que a noite não teria um final com sexo.

– Fico satisfeito por você ter gostado. Pena que ficamos com gente chata.

– Não precisa lastimar. Gostei deles – ela mentiu.

– Gostou? Que bom. – Ele parecia um pouco ansioso.

– Henry me falou sobre Royton.

Ele concordou com a cabeça, estava de novo pisando em território conhecido.

— É, eles são meus vizinhos lá. Na verdade, conheço-os por isso.

– Pensei que fossem primos.

– Bom, são. De um casamento realizado lá por 1830. Mas eu os conheço por serem nossos vizinhos.

– Que ótimo.

– É mesmo. Não sei como o velho Henry está administrando a propriedade, mas é simpática. De todo jeito, ele tem um monte de dinheiro, então acho que não tem muita importância.

Era fácil concluir que Charles se considerava um *ótimo* administrador de Broughton.

Os dois se olharam um instante. Edith gostaria que ele a beijasse. Em parte, para ter

certeza de que tinha sido um sucesso e, em parte, porque simplesmente queria beijá-lo. Ele se inclinou, desajeitado, e apertou os lábios nos dela. Duros e bem fechados. Ele se endireitou no assento do carro. “Ah”, pensou ela. “Mais para Philip do que para George. Ah, pois”. E disse:

– Boa-noite e obrigada de novo. Gostei muito.

– Que bom – ele aprovou, saindo de carro para atravessar a rua e levá-la até a porta. Mas não tentou beijá-la de novo ao se despedir, nem falou em outro encontro. Seria simpático pois, até aquele momento, ela não esperava muito mais daquela noite além da certeza de que Charles achou-a atraente, gostou da companhia dela e queria vê-la de novo. Mas agora que o final estava chegando, tão sem graça, ela ficou desapontada, com a impressão de perder uma chance. Tinha sido uma grande oportunidade, que desperdiçou sem saber como. Foi com essa sensação de fracasso que ela entrou no quarto sem fazer barulho para não acordar a mãe que estava deitada olhando para o teto, duas portas depois.

Ela não precisava desanimar. Não conhecia Charles, por isso interpretou mal a discrição dele. Como era visto como um prêmio, ele decerto aceitava essa imagem, mas não era assim. Ele achava que o responsável pelo sucesso da noite era ele e não Edith. Era tímido (não um tímido agressivo, mas autêntico) e assim, embora não conseguisse demonstrar, ficou muito satisfeito, ela pareceu apreciar a companhia dele. De fato, quando Charles enfiou a chave na porta do apartamento dos pais em Cadogan Square, foi com a cálida sensação de ter passado uma noite agradável. Gostou muito de Edith. Mais do que lembrava ter gostado de qualquer garota. Graças à hipocrisia de uma sociedade hipócrita, admirou-a ainda mais por fingir que tinha gostado dos Cunnor, apesar de eles (ou, pelo menos, Jane) terem sido grosseiros com ela a noite toda. Empurrou a porta e entrou.

O apartamento dos Uckfield em Londres ocupava o térreo e o primeiro andar de um daqueles prédios altos, de tijolos vermelhos, em estilo holandês da época eduardiana, que ficam na praça exclusiva, embora não exatamente bonita. Era uma moradia agradável, mobiliada com uma mistura bem dosada de conforto e suntuosidade que a mãe dele tinha aprendido com John Fowler e acabou personalizando. Os quadros pertenciam ao segundo acervo da família, cuidadosamente escolhidos para dar a impressão de tradição sem abarrotar os espaços. Os enfeites, os adornos, até as mesas e cadeiras mostravam o status da família, mas com discrição. Os objetos pareciam dizer “estamos aqui, mas esse lugar não mostra quem somos”. Nenhum membro da família,

nem mesmo Caroline, que morou lá por quatro longos anos antes de casar, jamais se referia ao local como sua “casa”. A casa era em Broughton. Eles podiam dizer “vou ficar no apartamento na semana que vem”, ou “vou para o apartamento”, ou “que tal nos encontrarmos no apartamento?”. Muito bem, mas, quando diziam “vou para casa”, mesmo que estivessem no final de um longo jantar londrino, significava que naquela noite o Broughton em questão ia de carro para Sussex. Essa gente pode ter uma casa na Chester Square e alugar um pequeno chalé em Derbyshire, mas “casa”, com certeza, era só aquela com gramado em volta. Caso não disponham desse esconderijo, garantem que é fundamental para o bem-estar deles fugir, sempre que podem, da fumaça e dos prédios e correr para a casa de amigos no interior. Com isso, dão a entender que podem passar a vida no asfalto, ou atrás de uma escrivaninha na cidade mas, no fundo, são gente do campo. É raro achar um aristocrata que se sinta mais feliz em Londres – ou, pelo menos, que afirme isso.

Charles tinha um apartamento num terceiro andar em Eaton Place, uma bagunça de aposentos simples aos quais não dava muita atenção. O apartamento na Cadogan Square era mais simpático e mais confortável e ele podia levar qualquer garota e depois sair de lá com ela sem problema. Porém, talvez por Broughton resultar do apuro de muitas gerações, sempre que ia à base londrina da mãe, sentia sua marca. A verdadeira casa londrina da família, a mansão Broughton, tinha sido na St. James' Square, mas foi destruída no ataque aéreo alemão, o que poupou-os, no final da guerra, da dura decisão que quase todos os conhecidos dele enfrentaram: era sensato sair da casa da cidade no final da guerra? Os avós de Charles compraram um apartamento meio abafado nas mansões Albert Hall, que a mãe dele recusou imediatamente. Foi ela quem escolheu e arrumou aquele apartamento inteiro como lugar perfeito para ficar quando, esporadicamente, uma obra de caridade e o lazer exigissem sua presença na capital.

Charles sentou-se para tomar um último uísque e pensou na mãe. Olhou o desenho muito bem emoldurado de lady Harriet Trevane (nome de solteira de lady Uckfield) aos 7 anos de idade. Tinha sido feito por Annigoni e colocado numa mesinha estilo regência perto da lareira da sala de visitas. Mesmo quando menina, com um laço de fita em meio aos cachos pretos, era possível reconhecer o olhar felino e firme. Dava também para encarar a verdade: a mãe não ia gostar de Edith. Ele sabia. Se Edith fosse apresentada como esposa de um amigo, a mãe ia gostar dela (caso chegasse a tomar conhecimento de sua presença), mas não seria bem recebida como namorada de

Charles. E, se tal viesse a ocorrer um dia, Edith também não seria considerada sucessora de lady Uckfield, aquela a quem a mãe confiaria a casa, o título e a propriedade pela qual havia lutado tanto e por tanto tempo para conseguir.

Isso não significa que Charles não visse a mãe com bons olhos. Pelo contrário, gostava muito dela e achava que tinha motivo. Ele a via como a imagem de completa perfeição e apreciava o que via. Lady Uckfield gostava de dar a impressão de que recebeu tudo na vida de mão beijada. Não era verdade, como não era em relação ao resto da humanidade, porém ela preferia causar inveja do que de pena e, por toda a vida, preferiu, como diz a canção, “enfiar os problemas num saco e sorrir”. Em geral, isso não lhe custava muito, já que considerava seus problemas tão bobos quanto os dos outros. Mas Charles respeitava essa filosofia e gostava da mãe por isso. Só não gostava, talvez, de que ela, no esforço em manter uma “cara corajosa”, estivesse apenas sendo fiel aos princípios de seus pares.

A classe alta não costuma, em geral, reclamar de nada. Prefere “não comentar”. Se sofre um golpe no coração ou na carteira, prefere se recuperar com uma leve caminhada e uma bebida forte. A frieza deles já foi bem explorada pelos tabloides, mas não é que essas pessoas não tenham sentimento, é que não os demonstram. Claro que eles não consideram isso um defeito, assim como não admiram demonstrações públicas de emoção. Ficam realmente constrangidos com o sofrimento das classes operárias, com aquelas mães desoladas que chegam à igreja soluçando, apoiadas em parentes, aquelas viúvas de soldados fotografadas aos prantos com a “última carta que ele mandou”. A própria palavra “apoio psicológico” já estende um toldo de desgosto sobre qualquer bem-nascido. O que essas pessoas simples e desconsoladas não veem, claro, é que tais tragédias, coletivas ou pessoais (os danos de guerra, as mortes, os carros engavetados na rodovia M3), são talvez a única chance que elas têm de ficarem famosas. Pela primeira vez na vida, podem realizar aquele desejo muito normal de aparecer e ter seu sofrimento reconhecido. A classe alta não precisa disso. Já nasce famosa.

A única batalha materna que Charles conhecia realmente bem era a de lady Uckfield com a avó dele, a marquesa-viúva, que não tinha sido uma sogra fácil. Era filha (alta, magra, nariguda) de um duque, por isso não se impressionou muito com a linda lourinha que seu filho um dia levou em casa. A velha lady Uckfield tinha sido como uma rainha Maria para a nora, lady Elizabeth Bowes-Lyon, e o relacionamento das duas nunca foi amistoso. Mesmo depois de enviuar e de Charles ficar adulto, ela continuou mudando as ordens que a nora dava para a governanta, comandando os

jardineiros e substituindo os produtos encomendados na mercearia por outros mais “adequados”. Fez isso até o dia de sua morte, jamais lamentada.

Essas tentativas foram em vão e a grande briga delas teve como resultado direto a perda do poder. Ao pensar nisso, Charles sempre achava graça. Logo depois que foi destonada do posto de *chatelaine* de Broughton, a avó aproveitou que lady Uckfield estava em Londres e mudou a disposição dos quadros no salão. Quando a nora voltou e descobriu que sua arrumação tinha sido alterada, ficou tão furiosa que, pela única vez de que se tem notícia, armou o barraco, como se diz atualmente. O resultado foi uma gritaria de ambas as partes, certamente única nos anais do citado salão (pelo menos desde os tempos mais agitados do século XVIII). Para deleite dos serviçais que ouviam a discussão, lady Uckfield acusou a sogra de mal-educada, malcriada, velha metida. “Malcriada?” guinchou a viúva, selecionando o único xingamentos que a atingiu. “Malcriada!” repetiu, e saiu da casa pisando duro, decidida a não mais voltar. A mãe disse várias vezes a Charles que lastimava o acontecido e sentiu certamente um alívio quando a velha lady Uckfield cumpriu a promessa de não aparecer e passou a vir só de vez em quando a Broughton para participar dos festivais de sempre. A briga deu resultado: ninguém na aldeia teve dúvida de que a jovem marquesa assumiu o comando da casa e da propriedade.

Por essas e muitas outras razões, simples e complexas, Charles admirava a mãe e as regras que seguia. Chegava a admirar também o jeito como lidava com a pasmaceira do marido, sem jamais comentar ou demonstrar irritação. Charles sabia que, embora não fosse tão lerdo quanto o pai, não era rápido. A mãe tinha-o educado bem, sem deixá-lo muito consciente de suas deficiências, apesar de ele mesmo ter. Por tudo isso, gostaria muito de conseguir agradar à mãe, quando fosse para escolher a esposa. Adoraria chegar a uma festa típica escocesa, ou a um baile em Londres e encontrar exatamente a nora que sua mãe queria. Seria fácil. Certamente existia alguma herdeira (pertencente ao velho mundo o qual lady Uckfield conhecia e no qual confiava), que fosse bonita e atilada, pois a mãe não gostava das moças sem sal do condado, de cabelos escorridos e saias compradas em bazar de caridade. Tal garota precisava ter humor, ele se orgulharia dela, ficaria confiante e a chegada dela mudaria as coisas.

Porém, por mais que ele procurasse, essa moça nunca apareceu. Lindas jovens fizeram de tudo para agradá-lo mas... não eram exatamente aquela que ele queria. Devia ser porque Charles tinha uma única e absoluta certeza de que, como ele próprio, era simples, porém segura: se casasse apenas por amor, se encontrasse a

companheira que estimulasse o corpo e a cabeça dele (as atividades de sua mente eram poucas, mas ele as valorizava), a vida que tinha sido planejada para ele seria boa e gratificante. Porém, se fizesse um casamento conveniente, mas desastroso, estaria perdido. Ele não aceitava o divórcio (pelo menos para o herdeiro dos Broughton) e, portanto, se fizesse um casamento infeliz, continuaria infeliz até morrer. Em resumo, era um sujeito de princípios e determinado – bem mais do que pensava, aliás. E isso complicava ainda mais o fato de se sentir atraído por uma mulher que, embora não fosse totalmente inadequada, nem uma rainha do pop, ou uma trapezista viciada em drogas, também não era a moça que a mãe dele esperava.

Foi então, com um toque de melancolia no coração que, dias após, Charles ligou para Edith e convidou-a para sair de novo.

QUATRO



FIQUEI ENCANTADO AO CONSTATAR que todos se interessaram logo pelo fato de Edith e Charles estarem saindo juntos. Um dia, as colunas de fofocas que estavam sem assunto deram a notícia; aquelas enfadonhas reportagens na *Tatler* e na *Harpers* sobre o que os antenados comem nos finais de semana, ou usam em Paris, ou fazem no Natal, passaram a mencionar Edith como namorada de Charles. Na época, o fascínio por celebridades estava no auge e como a quantidade de famosos de verdade nunca supre a demanda (mesmo numa década bem menos ávida por eles que a de 1990), os repórteres são obrigados a insistir nas cansativas garotas-charme e nas ex-apresentadoras de tevê para tapar o buraco. Por ironia, foi exatamente a simplicidade de Edith que ajudou. Alguém considerou-a uma Cinderela moderna, a moça trabalhadora que de repente é içada ao mundo encantado, e escreveu numa das publicações dominicais uma reportagem intitulada *Edith, a descoberta*, com várias fotos enormes e coloridas. A partir daí, ela ficou na moda.

No começo, não gostou de ser vista como uma alpinista social mas, aos poucos, depois que diminuiu o motivo para a imprensa procurá-la, em meio à avalanche de matérias sobre moda, entrega de prêmios e convites para participar de programas vespertinos da tevê, Edith passou a gostar da atenção. O interessante em ser alvo dos caçadores de notícias é que a pessoa sempre acaba achando que, se tanta gente está interessada na vida dela, é porque deve ser uma vida interessante. Edith queria acreditar nisso como qualquer pessoa. Suponho que fosse inevitável e dali a pouco ela não notava mais que era famosa por ser famosa e só. Um dia, eu estava num almoço promovido por uma associação de caridade no qual ela entregou o prêmio concedido por um tabloide. Lembro que depois me disse que os outros escolhidos para a entrega dos prêmios (comentaristas de esporte e gurus da moda) eram um horror: por quê, céus, ela foi convidada? Observei então que até um simples comentarista de esporte conseguiu ficar famoso ou famosa por algo que ela não tinha. Ela sorriu, mas notei que se magoou. Tinha entrado na perigosa fase de acreditar na própria publicidade.

Aquelas fotos que saíam nos tabloides e os centímetros onde era citada nas colunas significaram, meio misteriosamente, que ela passou a se vestir melhor e mais caro. Não

sei como conseguia, pois não creio que Charles estivesse participando a esse ponto. Provavelmente, ela fez um daqueles acertos com costureiros que emprestam roupas por uma noite, se há possibilidade de você sair nos jornais. Ou talvez a sra. Lavery estivesse pagando. Se tivesse dinheiro, não se incomodaria.

Nessa época, passei a encontrar bem menos com Edith. Não lembro mais se ela continuava trabalhando na Milner Street; acho que sim, pois não era de contar com os ovos na barriga da galinha. Mas ficou obviamente menos disponível para almoçar. Um dia, em março seguinte, meses depois que ela começou a sair com Charles, vi-a num canto do Australian comendo um sanduíche de salmão e, depois de comprar uma bebida, fui até a mesa dela.

– Olá, posso sentar ou você está fazendo meditação? – grajei.

Ela abriu um sorriso surpreso.

– Sente. Você é exatamente a pessoa com que eu precisava encontrar.

Ela estava dispersa, séria e um pouco menos parecida com a linda loura que conhecia.

– O que houve, doutora?

– Você por acaso vai passar o próximo fim de semana com os Easton?

– Não. Deveria?

– Seria muito bom se fosse.

– Bom, não tenho nada programado. Acho que posso ligar para eles e me convidar.

Por quê?

– Porque sábado a mãe de Charles vai dar um jantar em Broughton e eu quero alguém da minha turma lá. Isabel e David iriam, não?

– Você está brincando?

– Não, é isso mesmo. Quero você lá para acalmá-los. Charles gosta de você.

– Charles não me conhece.

– Bom, pelo menos vocês foram apresentados.

Eu sabia por que ela estava preocupada. Não aguentava mais ser invisível. Viver rodeada de gente que achava que, se valesse a pena conhecê-la, eles já a teriam conhecido. Queria um amigo que ela não precisasse apresentar a Charles.

– Vou, se Isabel puder me hospedar.

Ela concordou, grata.

– Se eu pudesse, convidava você para ficar em Broughton.

– Isabel jamais me perdoaria. Você esteve com eles depois daquele dia?

– Não.

Fiz um ar surpreso e ela deu de ombros.

– Fui a Broughton só para passar a noite e, em geral, com alguma finalidade determinada e você sabe como eles são ...

Eu sabia. Bastou lembrar do brilho no olhar de David em Ascot para saber bem.

– E como estão as coisas? Tenho visto você nos jornais.

Ela enrubesceu.

– Não é uma bobagem?

– E vi você no programa *Encontro Matinal com Richard e Judy*.

– Céus. Você deve estar com algum problema grave.

– Tive de ficar em casa por causa de uma amidalite, mas fora isso eu gosto de Judy, ela parece sempre firme e sincera. E você se saiu muito bem na entrevista – elogiei.

– É mesmo? – Ela parecia pasma. – Achei que fui completamente idiota. Não me incomodo com os fotografos mas sempre que abro a boca pareço uma débil mental completa. Tenho certeza de que só me convidaram porque Tara Palmer-Tomkinson indicou.

– Foi mesmo?

– Não sei. Suponho.

– Vai ver que a solução é não falar nada.

– É o que Charles diz, mas não faria a menor diferença. Eles acabam comentando o que digo.

Claro que era verdade.

– Você e Charles combinam. Sua mãe deve estar adorando.

Edith fez cara de enfado.

– Está encantada. Só tem medo de, como no seriado *Dallas*, encontrar Bobby no chuveiro e ter sido tudo um sonho.

– Será que isso vai acontecer?

O rosto de Edith endureceu numa máscara que parecia mais adequada numa ópera da *belle époque* do que no almoço do Australian.

– Não, acho que não.

Fiquei em dúvida.

– Os convites de casamento estão a caminho? – perguntei.

– Ainda não – ela respondeu, séria. – Mas prometa estar lá no sábado. Às oito, traje de gala.

– Certo. Mas você precisa falar com Isabel. Quer que eu mande um cartão para lady Uckfield?

– Não, não, eu cuido disso. Basta que esteja lá.

Quando telefonei para Isabel naquela noite, Edith já havia falado com ela e tudo logo se acertou. Assim, dias depois, lá estava eu na sala dos Easton para um drinque antes de sairmos. David mal controlava o nervosismo por, finalmente, ser recebido na fortaleza. Isabel estava menos ansiosa e, assim, com menos medo de demonstrar.

– Bom, será que o jantar é em benefício de alguma coisa? – ela perguntou, rindo, quando cheguei.

– Não sei. Alguém sabe? – respondi.

David me entregou um copo. Os uísques que ele preparava eram sempre quentes, o que era um aborrecimento. Ele tinha lido em algum lugar que cavalheiros não põem gelo no uísque.

– Isabel acha que eles vão anunciar o noivado.

Claro que eu tinha pensado nessa possibilidade, o que explicava por que Edith precisava de gente da turma dela, mas a vida me ensinou a tomar cuidado com o óbvio.

– Será que os pais dela foram convidados?

– Devem ter sido.

Era bom. Meu coração se aqueceu ao pensar em Stella Lavery chegando ao quarto reservado para ela e encontrando as roupas fora da mala e o vestido de noite pronto para vestir. Todo mundo merece desfrutar de alguns momentos na vida de perfeição absoluta.

– Bom, logo saberemos – imaginei.

Isabel olhou o relógio e perguntou:

– Não seria bom irmos já?

– Ainda não. Falta muito. – Agora que a vitória estava garantida, David podia desfrutar dela.

– Que tal tomarmos mais um drinque?

Mas Isabel venceu e saímos para a nossa primeira de muitas visitas particulares à mansão Broughton, como cada um, no fundo, pensava.

A casa parecia menos ameaçadora do que da outra vez, mas o fato da fortaleza ter sido conquistada fez com que até sua frieza parecesse acolhedora. Ficamos na frente da

mesma porta e tocamos a campainha.

– Não sei se a entrada é por aqui – observou Isabel mas, antes de fazermos outras considerações, um mordomo abriu a porta e nos acompanhou até o salão vermelho, no andar de cima. Fiquei surpreso pelo fato da família usar aposentos que eram abertos ao público. Pensei que seríamos recebidos nalguma sala de visitas elegante no primeiro andar, onde retratos a óleo e móveis Luiz XV se misturassem a sofás confortáveis e cortinas adamasçadas, como costuma ser. Eu ia ver que estava certo e o fato de tomarmos drinques no salão vermelho e jantarmos no salão de refeição podia ter estragado a surpresa na hora. De todo jeito, ao entrar, vi a sra. Lavery junto à lareira e ao lado do robusto lorde Uckfield; concluí então que estávamos lá para comprovar a vitória de Edith.

Lady Uckfield se aproximou. Era pequena, delicada e bonita, devia ter sido linda quando jovem; à primeira vista, parecia não se impor, era até afável. Sempre lembro que foi a primeira impressão mais equivocada da minha vida, sempre cheia de primeiras impressões erradas. Ao falar, a voz era leve e clara como o som de um sino, com aquele jeito de escandir as palavras que se costuma associar aos cinejornais da Segunda Guerra:

– Que gentileza terem vindo – ela cumprimentou, com um sorriso alegre. – Sei que vieram de Londres. – Ela estava falando comigo. A intenção era mostrar-nos que tinha feito o dever de casa e sabia exatamente quem éramos.

– Que gentileza a sua de nos convidar. – Conheço esse jogo e suas réplicas.

– Por favor. Estamos *encantados* em recebê-los.

Lady Uckfield falava com uma espécie de intimidade que pontuava tudo, como se estivesse sempre compartilhando uma piada que só você (ou a pessoa com quem ela estivesse conversando) pudesse entender. Lembro dela agora como a maior especialista em traquejo social que conheci. Juntava a minúcia de um relojoeiro aos saberes de uma grande dama. Tinha também muita segurança. Eu sabia que ela havia sido a mais bonita das filhas de um conde rico e achei então, jovem que eu era, que aquela segurança era de se esperar. Hoje sei que nem sempre é assim. Aprendi mais tarde que, como todos nós, ela também teve problemas na vida. Talvez tivesse se fortalecido com eles, ou vai ver que ela nasceu forte, porém, qualquer que tenha sido a razão, quando a conheci ela era uma perfeccionista absoluta e invulnerável. Todos os eventos para os quais me convidou foram preparados com o mesmo esmero do saleiro de Cellini. Não havia nada que pudesse ser criticado: das espécies de batata servidas, à arrumação das

almofadas.

Naturalmente, vi que não apreciava a futura nora assim que disse: – Que ótimo receber amigos de nossa querida Edith. – “Não apreciava” talvez não seja a expressão mais adequada. Ela achava incrível que o filho fosse se casar com alguém que ela não conhecia, ou sequer tinha ouvido falar. Era fantástico que os amigos daquela moça não fossem filhos dos amigos dela. *Au fond*, era impressionante que Edith tivesse conseguido entrar na casa. Como foi isso? A partir de ilações desse tipo, lastimáveis no que dizem respeito a Edith, lady Uckfield concluiu que Charles tinha sido agarrado e, apesar de depois (bem depois) reconsiderar, nunca mudou de opinião. Para ser sincero, não sei se ela não estava certa.

Isabel e eu fomos até a lareira.

– Olá, sra. Lavery – cumprimentei, e a mãe de Edith virou-se para nós, mostrando na hora aquele jeito desconfiado e decidido que caracteriza o alpinista social bem-sucedido. O comportamento deles é sempre um aviso aos seus iguais que a escada foi retirada e nunca, jamais estará de novo à disposição de quem quiser subir. A ansiosa e esnobe sra. Lavery que conhecíamos tinha sido substituída pela Branca de Neve. Era como se estivéssemos no filme *Vampiros de almas* e falássemos com uma vagem interplanetária. Quase relutante, parecendo saber tanto sobre nós quanto lord Uckfield, ela então nos apresentou ao dono da casa.

O lord apertou nossas mãos, animado e vago:

– Que ótimo. Demoraram muito para chegar aqui? – perguntou.

– Não, viemos de perto, de Ringmer. Meu marido e eu moramos lá – informou Isabel.

– É mesmo? – indagou o lord. – A estrada estava muito movimentada? Quando a previsão de tempo anuncia um raio de sol, aquela gente toda quer fugir da cidade. Foi difícil sair?

Isabel estava prestes a dar outra longa explicação de que não tinha vindo de Londres, mas poupei-a.

– Vim de trem – avisei.

– Muito arguto. – O lord abriu seu largo e reluzente sorriso e nos dispensou.

O marquês de Uckfield era um sujeito de inteligência limitada, bobo, mas, no geral, não havia maldade nele. Tinha sido mimado a vida inteira e cercado dos bajuladores que esse tipo de gente gosta de ter, vindos dos diversos ramais da família, além dos atalhos e desvios. Assim, ele não fazia ideia das próprias limitações. As

bobagens que dizia eram consideradas dignas do rei Salomão; suas piadas velhas e sem graça causavam frouxos de riso de tirar o fôlego. Se a vida ensina, por que gente como lorde Uckfield não aprende? Mesmo quando ele não estava presente, as pessoas comentavam da sabedoria e bom senso dele, que ele obviamente não tinha. Se as pessoas acreditassem mesmo nas qualidades do marquês, não precisariam admitir para si mesmas que eram bajuladoras, o que é um bom motivo entre os elegantes. E se alguém duvidasse da argúcia mental dele, sempre poderiam argumentar “ah, você acha isso porque não o conhece direito”, e assim marcavam um ponto mostrando proximidade com um membro das grandes famílias e outro sendo sinceras. Não é que ele fosse limitado, mas tinha aquela lerdeza que marca a amizade dos privilegiados como um carimbo. Há muito tempo ele tinha concluído que exigia muito esforço se relacionar com bajuladores e membros da sua própria classe necessários à sua autoimagem; então, desistiu do esforço. Mas foi uma decisão inconsciente e ele continuou se considerando um sujeito gentil, na verdade, seria sempre gentil com Edith. Não chegava a ser um homem admirável, mas também não era um esnobe e, além do mais, admirava muito a beleza dela.

O mordomo na porta do salão olhou para lady Uckfield. Ela fez sinal com a cabeça, deu uma conferida profissional na sala e veio até onde eu estava.

– O jantar será servido daqui a pouco, você poderia dar o braço a lady Tenby? – perguntou lady Uckfield, indicando uma gorda senhora de sessenta e tantos anos, enfiada numa cadeira junto à lareira. Concordei, murmurei alguma coisa e lady Uckfield continuou percorrendo o salão. Tínhamos sido praticamente os últimos a chegar e acho que todos os demais já tinham sido orientados. Fui até o meu par, pensando se seria obrigado a içá-la. Ao me ver, ela estendeu a mão gorda e cheia de joias:

– Vai me acompanhar? – perguntou. Concordei com a cabeça.

– Gugu é um gênio da organização. Devia ter administrado uma rede de hotéis. Me ajude.

Nunca me acostumei com a mania pueril e falsamente informal que os ricos têm de dar apelidos. Todo mundo é Tutu, Cacá, Vivi. Aham que os nomes guardam uma espécie de brincadeira, uma eterna infância cheia de lembranças das babás e de pijamas sendo aquecidos na lareira do dormitório das crianças. Na verdade, esses apelidos são uma simples reiteração de estreiteza mental, um lembrete de histórias que ouviram juntos um dia e que excluem os que chegaram depois, além de serem mais uma

maneira de exibir a intimidade que têm entre eles. Sem dúvida, os apelidos erguem um muro. Um recém-chegado às vezes conhece uma dama tão bem que pode continuar a chamá-la de lady Bababa, mas não a ponto de chamá-la de Babinha. Ao mesmo tempo, usar o nome de batismo dessa senhora prova para os íntimos que você não a conhece bem. Assim, o recém-chegado não pode fazer o trajeto normal da aproximação entre amigos como ocorre nas outras classes sociais.

O jantar foi anunciado, meu par levantou-se com esforço e dependurou-se pesadamente no meu braço. Vi que, pelo menos para ela, aquele cortejo era mais que a repetição de um costume eduardiano, era uma ajuda bastante necessária. Lady Uckfield estava alguns casais à nossa frente, falando animada com um Kenneth Lavery pasmo. Lembrei dos bancos da frente onde os lordes sentam para ouvir o discurso da rainha, quando os membros do Partido Conservador parecem ser filmados sempre ao tagarelar freneticamente com seus sérios e mal-humorados colegas socialistas. Edith vinha atrás dos dois, de par com lorde Uckfield. Estava com um vestido de veludo preto de mangas compridas e justas, decote raso e sem nenhuma joia. O efeito era lindo e triste como Julieta de luto por seu amado Romeu. Deve ter achado que seria de mau gosto dar a impressão de excesso de júbilo.

Lady Tenby acompanhou o meu olhar.

– A moça é muita bonita, sem dúvida. Mas quem é?

Sorri para ela e participei:

– É uma grande amiga minha.

– Ah – exclamou lady Tenby e fomos andando em silêncio.

Mais tarde eu soube que a condessa Tenby era viúva e tinha quatro filhas e, como prima em segundo grau de lady Uckfield, sempre teve a esperança de conseguir Charles para uma delas. Era compreensível, pois as moças eram simpáticas e bonitas de rosto. Qualquer uma delas provavelmente o faria feliz. Mas só a mais velha, lady Daphne, casou-se “bem”, na opinião da mãe, que considerava o genro como um filho mais novo. Duas se casaram com homens comuns, a caçula e mais bonita foi para a Califórnia viver com o fundador de uma seita meio sinistra. O fato é que lady Tenby não era uma mulher entediante ou boba. Dedicou-se durante muitos anos a cuidar das filhas e recebeu poucos dividendos por sua aplicação; nessa noite, tinha sido convidada para testemunhar a vitória de uma intrusa, uma estranha que, na calada da noite, invadiu o campo deles e levou a ovelha mais gorda. Claro que ela ia sorrir, cumprimentar e beijar os demais convivas; depois, ia para casa contar como Gugu e Jojô estavam ótimos,

não deram a menor impressão de que estavam decepcionados; a moça era, no final das contas, *muito* bonita e parecia *gostar* de Charles. E Edith seria vista para sempre como uma intrusa de sorte.

O jantar estava delicioso, o que me surpreendeu. Eu esperava o cardápio que é servido sempre nas casas de campo, apreciado pela geração de meus pais e que lembra mais uma escola de garotas do secundário do que as cozinhas do restaurante Ivy. Mas eu ainda não conhecia o perfeccionismo de lady Uckfield. Lady Tenby ficou à minha esquerda na mesa e durante todo o primeiro prato ouvi aquela desanimadora pergunta você-não-é-aquele-ator-que-eu-acho-que-assisti mas, quando os pratos foram retirados, pude virar para minha companhia à direita. Falei então com uma mulher meio séria e provocante, mais ou menos da minha idade, que se apresentou como Caroline, irmã de Charles.

– Você então é um velho amigo de Edith? – ela perguntou.

– Não sei se tão “velho” assim. Conheço-a há cerca de ano e meio.

– Mais tempo do que nós – ela disse, com um risinho seco.

– E acha que vai gostar dela? – perguntei.

– Não sei – respondeu Caroline, olhando Edith, que estava sentada alguns lugares abaixo na mesa e olhava com carinho para o futuro sogro. – Acho que vou. Mas será que ela vai gostar de Charles? O problema é esse.

Claro que era. Acompanhei o olhar da minha vizinha até onde estava Charles, sério e simpático, franzindo o cenho para o que devia ser um pequeno dilema intelectual colocado pela vizinha dele. Fiquei pensando se Edith tinha notado como ele era desinformado. Aliás, como o interior pode ser uma região insípida. Caroline leu meus pensamentos.

– A vida aqui no campo é horrível, sabe? Será que Edith está preparada para isso? Exposições de flores o verão inteiro, canos congelados por todo o inverno. Ela caça?

– Ela pratica equitação, então decerto caça.

– Não sei se isso tem importância. Com as campanhas em defesa dos animais, as caçadas podem ser proibidas a qualquer instante.

– Vai ver que ela é contra, condena a caça. Hoje em dia, nunca se sabe.

– Ah, não acredito que Edith seja contra esportes que matem animais. Ela me parece bem carnívora – concluiu Caroline.

– E você, caça?

– Céus, não. Detesto o campo. Se puder, não vou nem ao Hyde Park.

– Seu marido faz o quê? Ou será indelicado perguntar?

– É indelicado, mas vou responder assim mesmo. Meu marido faz publicidade e também organiza eventos de caridade.

Sempre achei como devia ser simples viver há cem anos, quando todos os homens que se conheciam eram do exército, da marinha, ou padres, ou proprietários de terras. Sinto uma certa insegurança com esses empregos incríveis dos quais se ouve falar todo dia e que antes não existiam. Hoje, há pessoas especializadas em caçar executivos para empresas, outras que investem em mercado futuro ou são gestores de finanças ou comunicadores; esses títulos dão a impressão de que a pessoa esconde o que faz na realidade. Vai ver que alguns escondem mesmo. Não consegui pensar num comentário adequado.

– Ele se dedica a algum evento em particular? – aventei.

– Como você conheceu Edith? – devolveu Caroline, já que obviamente ela devia ter tanto interesse pelas atividades do marido quanto eu. Falei então sobre David e Isabel Easton.

– Eu me perguntei por que eles estão aqui. Engraçado nunca termos encontrado com o casal, se moram tão perto.

Fiquei satisfeito por David estar bem longe na mesa e não ouvir isso. A seguir, passamos a temas mais gerais e logo vi que lady Caroline Chase era uma desses herdeiros de alto *pedigree* que rejeitam o que lhes foi ensinado em relação ao estilo de vida, às opiniões, ao marido que escolheram e ao lugar onde moram, mas mantém o esnobismo intacto. Gostei de Caroline, mas achei-a tão classista quanto a mãe, embora talvez não tivesse a armadura de segurança moral de lady Uckfield, que encarava sua posição social como um artigo de fé. Para Caroline, era apenas um fato trivial.

O jantar prosseguiu, sendo servida uma espécie de neve de maçã à guisa de pudim e, a seguir, os queijos. Quando eu esperava que nossa anfitriã arrebanhasse as mulheres para outra sala e nos deixasse discutindo graves temas políticos e safras de vinhos, vi satisfeito que a taça vazia à minha frente estava sendo servida com champanhe. Aquele era, portanto, o momento.

Lorde Uckfield levantou-se e declarou:

– Suponho que todos saibam o motivo de nossa reunião esta noite.

Eu supunha que sim, embora algumas pessoas parecessem meio surpresas. O próprio Kenneth Lavery, sentado ao lado de lady Uckfield, parecia imerso em pensamentos.

– É para dar as boas-vindas a uma pessoa muito bonita, que acaba de entrar na nossa família.

Olhei para a sra. Lavery, que estava encantada, à direita de lorde Uckfield. Nessa noite, a hierarquia foi deixada de lado. Acho que nunca mais a vi sentada num lugar tão importante.

– Vamos brindar? A Edith e Charles.

Ficamos todos de pé, com um arrastar de cadeiras e um certo esforço ofegante da parte de lady Tenby.

– A Edith e Charles!

Bebemos e nos sentamos, enquanto o pobre Charles, ruborizado, tentou dizer algo, com uma voz grave que não era comum nele.

– Só tenho a dizer que me considero um homem de muita sorte.

– Ouçam, ouçam!

A mesa estava animada, com muitos galanteios ditos em sussurro. Observei Edith olhar para Charles com um rosto vivaz, uma adoração que me lembrou Elizabeth Taylor em *A mocidade é assim mesmo*, na cena em que ela ganha o cavalo. Não sei se Edith aprendeu isso quatro anos antes, ao ver a noiva de seu ex-namorado, ou se estava apenas fazendo a cara mais adequada para amenizar as críticas ou ainda, se naquele instante, ela simplesmente o adorava. Devia ser uma mistura dos três. Olhei para o lado e vi lady Uckfield me dando um terno sorriso em seu bonito rosto felino. Olhei para ela, que franziu de leve o cenho antes de levantar-se da mesa e obrigar todos os demais a fazerem o mesmo. Não sei bem o que ela quis dizer com aquele olhar inquiridor.

É provável que Caroline tenha falado por todos (sem dúvida, falou por mim) ao dizer, baixo:

– Bom, ela conseguiu. Só espero que saiba aonde está se metendo.

RARAMENTE PARTICIPEI DE ALGO QUE pudesse ser considerado, nem de longe, um grande evento social. Ou, pelo menos, que despertasse muito interesse público. Mas, a essa altura, Edith tinha o status de pequena heroína dos tabloides e, quando conseguiu agarrar seu homem, os repórteres que a descobriram ficaram loucos para colher os frutos. Eles tinham razão em achar que ela era notícia. Por isso, as revistas *Hello!* e *OK!* propuseram cobertura exclusiva do casamento, o que lady Uckfield achou muito divertido. A proposta foi recusada, claro, mas os jornalistas continuaram interessados. A princípio, acho que a sra. Lavery não entendeu a recusa. Ela bem que gostaria de ver a foto de Edith e Charles numa daquelas capas de revistas de fundo vermelho, rodeados pela prole dos amigos nobres de Charles. Mas, quando insinuou isso para lady Uckfield, ficou desapontada, pois ela virou-se para Edith e disse:

– Sua mãe não tem humor. Quase me levou a sério.

Naturalmente, a sra. Lavery riu muito, só de pensar que lady Uckfield tinha acreditado nela! E não tocou mais no assunto. De todo jeito, tive todos os motivos para me sentir honrado, além de curioso, ao ser convidado para ser um dos padrinhos de Charles. Pois aquele prometia ser o casamento do ano, segundo os jornais.

Recebi o convite de Charles por escrito, com sua letra redonda e bonita, perguntando se eu aceitaria. É sempre difícil para um ator assumir qualquer compromisso social, pois uma lei tácita do teatro diz que, se você dá importância, por menor que seja, a qualquer coisa que não seja o palco, prova que não tem talento. Acho que eu recusaria fazer o protagonista de *Ben Hur*, mas estava decidido a aceitar o meu papel na apoteose de Edith. Nessa mesma manhã, Isabel me telefonou:

– Soube que você vai ser padrinho. David não foi convidado – contou.

Argumentei, naturalmente, que era mesmo meio difícil se conformar com o fato.

– Pois é. Ele está de mau humor, o que é um aborrecimento, não posso fazer nada – avaliou.

Concordei mas, afinal de contas, eu era o único amigo da noiva que Charles conheceu antes de tudo começar.

– Eu sei; falei isso para David, mas sabe como ele é.

– E você? – perguntei.

– Como assim?

– Vai ter alguma participação na cerimônia? Alice podia ser uma das damas de honra, ou algo parecido.

Alice era a filha mais velha dos Easton. Era sem graça como um poste, apesar de muito simpática.

– Não. Edith queria, mas parece que combinaram outras coisas e ela preferiu ter só daminhas. Fica mais bonito mesmo – resmungou, com voz bem desapontada.

Senti que Isabel ainda tinha mais o que dizer.

– Não sei como vai ser a despedida de solteiro de Charles.

– Vai ter? – perguntei.

– Não sei, imagino.

– Você não foi convidado?

– Não. Era para ser?

– Bom, David estava pensando se ele, ou você e ele, não deviam organizar uma...

– a voz dela sumiu.

– Nem pense nisso. Nós mal o conhecemos. Não é?

– Acho que você tem razão.

Tive a impressão de que David estava no mesmo aposento que ela naquele momento.

– Se você for convidado, conte para nós.

No fundo, a preocupação de David estava ficando incômoda. Era óbvio que ele tinha passado a citar Charles a toda hora e não aguentava ser publicamente excluído do círculo de íntimos.

– Está bem. Mas tenho certeza de que não vou ser convidado – garanti.

Eis que, um mês após, dez dias antes do casamento, fui. Deve ter sido porque alguém não pôde aceitar. O fato é que dali a uma semana, três dias antes do grande evento, alguns amigos iam de avião para Paris, jantar e passar a noite no hotel Ritz. A passagem aérea foi entregue por um rapaz de bicicleta, que informou que um carro viria me buscar em casa à hora marcada. O voo sairia do aeroporto na cidade. Em vez de avisar Isabel, liguei para a noiva.

– Fui convidado para a despedida de solteiro de Charles.

– Eu sei. Foi ideia dele. Acho que vai ser divertido, não? Adoro o Ritz de Paris.

– David não vai ser?

– Não. A organização ficou por conta de Henry Cunnor e de Peter, tio de Charles, que estão pagando tudo. Charles não podia convidar todo mundo.

– Sou obrigado a comentar com David.

– Já falei com Isabel – disse Edith, e fez uma pausa. – Aliás, acho que eles estão meio cansativos. Gosto de Isabel, mas os dois querem ser “os melhores amigos” o tempo todo. Me sinto uma heroína adolescente do livros de Angela Brazil. Afinal de contas, não conheço David direito e Charles mal foi apresentado a ele.

– Minha cara, isso é apenas o começo – avisei, sabiamente.

Às três da tarde do sábado seguinte, um chofer de uniforme e boné tocou a campainha do meu apartamento no porão e pegou minha mala para colocar no carro. Eu me dei ao trabalho de comprar uma mala nova em honra das altas companhias que ia ter, por isso fiquei bem irritado quando o motorista pegou a mala no canto da escada e uma das alças se soltou. Assim, apesar dos meus esforços, fiquei péssimo a viagem inteira. *Sic transit gloria mundi* ou, suponho, *sic transit gloria transit*.

Henry Cunnor já estava no carro, espalhando sua coruplência pelo banco de trás em grandes dobras da camisa Turnbull & Asser, quase sem deixar espaço ao lado. Ao entrar, me senti como Carrie Fisher se espremendo com Jabba, o Hut em *O império contra-ataca*. Eu conhecia Henry de vista, já que frequentamos o mesmo colégio em anos diferentes, o que me protegeu um pouco do esnobismo dele, mas não muito. De todo jeito, sabia o que esperar do encontro, pois Edith tinha me contado uma história engraçada sobre a primeira vez em que saiu com Charles.

O carro tinha mais um passageiro no banco da frente, apresentado como Tommy Wainwright e que reconheci como membro em ascensão do Parlamento, se fosse possível algum conservador estar em ascensão naquela época. Pelo que lembrei dos valorizados perfis publicados nas páginas coloridas dos jornais dominicais, ele era o filho mais jovem de um nobre de condados próximos a Londres e, portanto, uma figura meio surpreendente no grupo para o qual a sra. Thatcher tinha sorrido, pois ela não simpatizava muito com a aristocracia. Era alto, quase franzino, com rosto redondo e simpático e cabelos ralos que o faziam parecer um bobo. Eu depois veria que não era bem assim. Ele virou-se para mim, sorriu e cumprimentou, o que o deixou bem acima dos padrões de cortesia de Henry Cunnor. Partimos.

No caminho para o aeroporto, a conversa foi sobre política e gostei do contraste entre meus dois companheiros. Tommy explicou por que os Conservadores ficaram tão abaixo da crítica. Ele tinha certa razão e valia a pena discutir, mas Henry contra-

atacou com vários argumentos ridículos, todos elegantes e todos defasados, que ele deve ter recebido direto do falecido pai (como as roupas que usava). Achei que precisava dizer alguma coisa, comentei então que o partido não tinha sido muito criativo em relação às artes.

Henry virou o corpanzil para mim:

– Meu caro, quantas pessoas fazem parte do que você chama de “artes”? São poucas centenas e não centenas de milhares, milhões de pessoas. Sabe quantos trabalhadores tem o Sindicato dos Empregados dos Transportes? Queira ou não, as suas “artes” não interessam.

Ele recostou-se no banco, achando que ganhou a discussão.

– Existe algo mais importante do que quarenta milhões de pessoas ligarem suas tevês todas as noites para saberem o que pensam? – perguntou Tommy.

O tema não interessava a nenhum de nós, mas vi que Henry se irritou por Tommy ficar do meu lado, mostrando que tinha a mesma fantasia dos membros menos inteligentes da classe dele: seja qual for o assunto, do vinho do Porto à eutanásia, há uma maneira “correta” de pensar e basta mostrá-la para ganhar terreno. Como eles costumam conversar com quem pensa igual, é fácil ganhar a discussão. Tommy Wainwright não fazia esse jogo e se arriscava a parecer, na cabeça lerda de Henry que, depois que passou a fazer política séria, deixou de ser um “perfeito cavalheiro” – que é a reação padrão ao pensamento original.

Após os procedimentos de praxe no aeroporto, fomos levados a um portão de embarque menor, onde encontramos os outros nove integrantes da viagem. Entre eles, lorde Peter Broughton, meio-irmão bem mais jovem de lorde Uckfield e Eric Chase, marido de Caroline, que conheci rapidamente no jantar de noivado. Ele era um acréscimo improvável ao clã dos Broughton, sendo a perfeita definição de yuppie. Isso quer dizer que era um “executivo” polido e briguento, que falava sobretudo platitudes capitalistas e fazia questão de dizer que era sócio do exclusivo Brook’s. Sua maior característica era uma simplicidade quase patológica, que o fazia ao mesmo tempo menos patético e mais desagradável embora, por estranho que pareça, as mulheres o achassem atraente. Ignoro o motivo disso mas, como não fazia sucesso com os integrantes do seu sexo, fazia com os do sexo oposto. Imagino que ele fosse atraente num estilo certinho e superalimentado, satisfeito com o ótimo casamento que conseguiu e com o corpo exuberante, o que mostrava trocando as roupas sob medida a toda hora, de lãs e tweeds. Depois eu soube que o pai dele tinha sido administrador da Ferrovia Britânica.

Ele formava um casal estranho com Caroline, estavam a quilômetros de distância um do outro em matéria de política e filosofia. Na verdade, teve um comportamento de direita ao se casar com ela e ela, por sua vez, um comportamento de esquerda ao se casar com ele. Os dois não percebiam, pois mal se falavam quando a sós. Talvez por isso muitos casais demorem até vinte anos para descobrir que discordam totalmente a respeito dos temas mais fundamentais.

Charles apareceu com uma taça de champanhe e um sorriso caloroso. Por Edith e talvez por mim também, ele estava decidido a me incluir no grupo. Todos, com exceção de Peter, se conheciam desde aquelas longínquas brincadeiras da infância e Charles temia que fossem antipáticos com um ator (eu) do qual jamais ouviram falar. A intenção me comoveu, mas ele não precisava se preocupar. Não fui ator desde sempre. Não só tinha sido colega de Cumnor na escola como reconheci um colega do primário, amigo antigo, além de um conhecido de Cambridge. E sabia que lorde Peter tinha sido noivo de uma prima da minha cunhada, portanto eu não tinha muita dificuldade de integração. Tal como é esse mundo exclusivo que ainda existe em um país de sessenta milhões de habitantes, mesmo um século depois dos socialistas chegarem ao poder pela primeira vez.

Como mais um sinal de gentileza, Charles sentou-se ao meu lado no pequeno avião fretado para o evento. Uma sedutora comissária de bordo trouxe um pouco mais de champanhe e uma panqueca um pouco dura, recheada com um tico de caviar. Nós nos acomodamos.

- Está tudo ótimo – aprovei.
- Estou satisfeito de você vir.
- Eu também.
- Foi você que nos apresentou.

Ri.

- Vamos ver, nos próximos anos, se isso será motivo de elogio ou de crítica.

Charles não estava disposto a gracejos.

- Ah, eu diria que de elogio. Edith acha você muito inteligente – acrescentou.
- Que bom saber. – Ele olhou para a taça.
- Claro que ela é uma mulher brilhante. Você vai ver.

Eu não podia dizer que concordava. Com certeza, Edith não era Gertrude Stein. Ela achava que ser intelectual era ler o livro mais recente de John Mortimer. Mesmo assim, era uma pessoa muito engraçada e, para mim, quem tem humor é sempre

inteligente.

– É sempre um prazer para mim estar com ela, o que decerto prova isso – afirmei. Ele deu um sorriso irônico.

– Bom, espero que ela goste sempre de me ver.

Fiz algum comentário bobo, mas ele não deu o assunto por encerrado. Respirou fundo:

– Espero merecê-la.

Esforcei-me para não rir desse diálogo estilo Frederick Lonsdale. Eram declarações simples, embora sinceras, para iniciar uma despedida de solteiro. Charles era uma pessoa típica do meio a que pertencia, no sentido de não ser original, acabava quase sempre falando clichês de filmes para comentar de amor, irritação ou qualquer coisa que não fizesse parte das regras de conduta do Jóquei Clube. Eu disse que ele ia ser totalmente merecedor e que Edith era sortuda, uma grande honra para ela etc. etc. Costumo acertar nesse tipo de comentário, mas dessa vez não atingi o alvo. Ele cortou meu entusiasmo incentivador:

– Quero estar à altura da inteligência dela. Não quero que sinta tédio na minha presença.

Ele riu e levantou o leve as sobrancelhas para mostrar que era uma brincadeira, mas vi que falava sério – e que tinha razão. Edith não era um Einstein, mas eu tinha a impressão de que, a certa altura da vida, podia não aturar ir às corridas com um bando de gente bem-vestida que repetia opiniões alheias. Mas não encontrei nenhum comentário útil, já que não podia elogiar a perspicácia dele.

– Charles, a única coisa que me deixa desconfortável é modéstia, podemos parar por aqui.

Ele riu e o assunto passou.

Adoro Paris. Há cidades onde só é possível se divertir com ajuda dos habitantes e outras onde a diversão está à disposição de todos, como em Paris. Daí talvez os habitantes não serem muito solícitos. Minha mãe só falava sua língua natal, o inglês, e quis evitar esse problema para os filhos, pois ela concordava e sorria muda para as esposas dos diplomatas franceses, numa espécie de imagem glacial da boa vontade entre as nações. Assim, desde adolescentes estragamos nossas férias escolares sendo obrigados a ficar com famílias nos confins da França, onde mamãe teve o cuidado de checar que ninguém falava inglês. O resultado dessa grande maldade foi todos nós termos um francês aceitável, o que também aumenta o prazer de visitar a linda capital deles.

Eu nunca tinha me hospedado no Ritz de Paris, só estive lá numa grande recepção, parte das comemorações pela união de duas famílias importantes. Trata-se de um grande hotel, isto é, um hotel do tempo dos grandes que não existem mais, onde lindas senhoras de chapéu aguardavam seus criados conferirem as vinte malas da bagagem antes de partirem para a Riviera. Bem longe dos nossos tempos, de comer e sair correndo, apressados. O Ritz é um palácio vermelho, branco e dourado, suntuoso mas bonito, ao contrário dos modernos similares na Park Lane londrina, que parecem imensos salões de cabeleireiro do Maida Vale. Adorei ficar lá, sobretudo por não estar pagando; nem o desprezo dos funcionários pela minha mala feia e capenga conseguiu abalar minha animação.

Nós nos encontramos no bar, entusiasmados em trajes de gala, com aquele jeito meio desesperado de ingleses iniciando uma “farra” e mergulhamos no champanhe. Tommy Wainwright se aproximou e perguntei se ele sabia qual era a programação da noite.

Ele deu de ombros.

– Suponho que vamos jantar aqui, depois vamos a algum lugar constrangedor à margem esquerda do rio. Não é assim que é?

– Creio que sim. Você conhece Charles há muito tempo?

– Fomos colegas em Eton. Depois, saí algumas vezes com Caroline, quando tínhamos vinte e poucos anos, de modo que agora foi uma espécie de reencontro. E você?

– Conheço-o há pouco tempo. Fico me sentindo meio falso por estar aqui. Eu apenas apresentei os noivos, portanto acho que estou representando Edith. Só para impedir que alguém convença-o a mudar de ideia.

Tommy sorriu.

– Quer dizer que você é amigo de Edith. Que interessante. Ela e eu mal nos conhecemos. Acho-a muito bonita. Merece ganhar o prêmio.

– Muita gente torceu o nariz quando eles anunciaram o casamento.

Ele riu.

– Sem dúvida. Acho que a irritação foi porque nenhum deles sabia quem ela era. Pelo menos, as pessoas que conheço. Como se um azarão ganhasse um clássico. A certa altura, ela parecia uma mistura de Eliza Doolittle com Rebecca, a mulher inesquecível.

Concordei. Ele sorriu.

– Pelo pouco que sei dela, vai se sair muito bem. – Fez sinal indicando o noivo. – Ele está muito apaixonado. Fico contente com isso.

A noite estava quente e o *concierge* do hotel colocou as mesas do restaurante no pequeno pátio ao lado. O piso de pedras claras, cuidadosamente encaixadas sob o olhar exigente de César Ritz, a fonte simples espirrando frescor na noite davam aquela satisfação vinda da combinação de luxo com beleza à qual é bobagem resistir, qualquer que seja a sua filosofia. Deus sabe que essa combinação é rara. Nas mesas próximas à nossa estavam elegantes casais europeus, as mulheres exibindo suas reluzentes joias, uma das senhoras carregava um poodle branco, que dava seu laúdo bem nutrido. Achei agradável olhar os ricos desfrutando de seus prazeres menos controversos. Infelizmente, nada é perfeito e fiquei sentado ao lado de Eric Chase, que passou a criticar tudo.

– Traga-nos mais uma garrafa – disse Eric, de repente, ao garçom, ao sentar-se. – E veja se consegue na temperatura certa.

Virou-se para mim e perguntou:

– Nós nos conhecemos da casa da minha cunhada, não é?

Concordei com a cabeça.

– Você estava com aqueles amigos horrorosos de Edith.

Concordei de novo, já que não estava disposto a estragar a noite por causa de Isabel e David. Mas como todos os que querem provocar, ele continuou.

– Onde diabos ela os conheceu?

– Não sei. Conheço Isabel desde que éramos crianças.

– Coitado de você. Aceita?

Sem esperar resposta, ele serviu champanhe na minha taça.

– Acho que a pobre Edith vai ter de selecionar um pouco, se quiser conseguir.

– Como assim?

– Se ela quiser acertar. Como lady Broughton.

Ele começou a cantar *There will be some changes made*.

– Ah, não sei. Você teve dificuldades ao se casar com Caroline?

Claro que, de certo modo, foi um erro perguntar isso e Eric virou-se para o vizinho do outro lado, após me considerar um inimigo. Mas gostei de manter a reputação de Edith. Como muitos arrivistas agressivos que conseguiram subir na vida, ele achava que as pessoas não notavam suas gafes. Grosseiro, não poupava ninguém. Era a armadura dele. Não me importei de contrariá-lo, já que não gostei dele de cara e não era só de brincadeira que eu estava ali para defender Edith.

A próxima etapa da noite foi bem constrangedora. Fomos ao Chez Michou, em

Montmartre, uma pequena boate onde artistas cantavam imitando estrelas. O lugar foi sugestão de lorde Peter que, como eu sabia vagamente, era um beberão simpático com fama de “grande sujeito”. A essa altura, estávamos todos altos, tomando champanhe sem parar desde o aeroporto em Londres. Claro que isso nos ajudou a gostar do espetáculo, que teve poucas surpresas: imitações de Judy Garland, Barbara Streisand, uma Marilyn Monroe meio sem graça e uma inverossímil Rita Hayworth cantando Long ago and far away como no filme *Modelos* que a própria Rita, à época, apenas dublava também. Bêbado ou não, o travesseiro começou a me chamar; olhei para Tommy, que fez sinal de “vamos embora” exatamente quando o *compère* (ou seria *commère*?) subiu ao palco e anunciou:

– Teremos agora o momento especial da noite, com nossos melhores votos de felicidades aos noivos. Senhoras e senhores, lady Edith Lavery!

Quase caí da cadeira quando o jovem que tinha interpretado Marilyn Monroe voltou como Edith. Uma Edith exagerada, com um jeito espalhafatoso que ela não tinha mas, afora isso, muito parecida. Até no vestido, que podia ser do guarda-roupa dela. Olhei para Charles. Estava pasmo, como todos nós. Peter, claro, ria muito. O rapaz/Edith começou a cantar uma música do filme *Guys and Dolls*:

– “Pergunte como me sinto, coitadinha de mim com minha origem modesta ...” – e veio pelo palco em direção a Charles, que continuou impassível.

– “Bem, senhor, só tenho a dizer que, se eu fosse um sino, estaria badalando...”

Nessa altura, concluí que aquilo era, de alguma maneira indefinida e complicada, uma grande ofensa para Edith. Os outros começaram a rir em silêncio, quando a loira no palco saltava e berrava versos bobos sobre ter acertado no alvo. Charles estava quieto. O ator chamou-o para o palco e era evidente que isso tinha sido combinado, mas ele continuou sentado, inabalável. O rapaz/moça olhou, intrigado, para Peter, sentado ao lado de Eric, que ria muito com mais dois amigos. Iam interromper a cena. Dali a pouco, Peter pulou no palco, fez par com ela e dançaram. Quase no final, Peter ajoelhou-se e entregou um porta-joias de papelão; Edith abriu a caixa e se enfeitou com as brilhantes bugigangas. Lembrei das caricaturas de Gillray criticando a atriz Elizabeth Farren, que conseguiu se casar com o conde de Derby na década de 1790. No fundo da caixa havia um diadema, um negócio ridículo, reluzente de vidros coloridos. No final da canção, Edith pôs o diadema na cabeça.

Tenho certeza de que Peter Broughton jamais imaginou que Charles fosse se ofender com aquilo. Sem dúvida, a última coisa que ele queria era que a noite

terminasse daquela maneira. O pobre Peter não era um sujeito dos mais sutis e achei que Charles, ou um dos outros, devia ter incentivado a ideia dele, de alguém interpretar Edith. Se a personagem tivesse apenas apresentado uma canção de amor, seria bem divertido. Do jeito que ficou, e acho que sem Peter ter total conhecimento, ela foi caricaturada como uma aventureira ambiciosa, alpinista social, na frente do noivo. Eric e alguns outros aplaudiram entusiasmados. Estavam atrás de Charles, por isso não viam a cara dele, mas não sei como puderam pensar que ia achar graça. Eric era do tipo que ofende você e depois pergunta “não vê que estou brincando?” Acho que estava tão acostumado a fazer isso que começou a se divertir com ofensas e quem não as entendesse era burro (inclusive Charles). Charles levantou-se.

– Estou cansado. Acho que vou para o hotel – avisou. Tommy e eu nos oferecemos para acompanhá-lo e saímos, deixando os outros por conta da fracassada brincadeira de Peter.

– Chamamos um táxi? – perguntou Tommy. Era tarde e a noite tinha esfriado bastante, mas Charles recusou a sugestão.

– Que tal caminharmos? Quero um pouco de ar fresco. – Andamos em silêncio até ele comentar: – Foi bem desagradável, não?

– Bom – respondeu Tommy, conciliador. – Tenho certeza de que eles não tiveram a intenção. E que a moça, ou rapaz, ou o que seja, entendeu mal o recado.

– Culpa de Peter.

– Bem...

Charles parou um minuto e olhou em volta.

– Sabem o que achei mais deprimente?

Nós dois imaginávamos mas, naturalmente, ficamos quietos.

– Foi perceber de repente que a maioria dos meus amigos é totalmente idiota. Pelo amor de Deus, são meus doze melhores amigos! – Deu uma risada amarga e acrescentou: – Foi constrangedor por eles e por mim.

Acabamos andando por Paris. Os outros padrinhos já deviam estar dormindo quando entramos no hotel na Place Vendôme. Nos despedimos, cada um foi para o seu quarto e acho que, no final, a noite podia ser considerada um fiasco, principalmente se avaliados os custos. Mas, por algum motivo estranho, gostei da explosão de Charles. Reconsiderei a opinião que tinha dele e acho que naquela noite vi o quanto ele era decente. Essa qualidade não era valorizada na época, mas achei que a felicidade de Edith estava em melhores mãos do que tinha pensado.



AO ABRIR OS OLHOS, ELA CONCLUIU que aquele era o último dia de sua vida em que acordaria como Edith Lavery. A partir daí, aquela moça ia embora e, seja lá o que houvesse, não voltaria. Edith tentou checar exatamente o que sentia. Como quem escolhe uma coisa e depois fica achando que devia ter escolhido a outra, ela indagou ao fundo de suas entranhas se estaria cometendo um grande erro, pois a partir desse dia não poderia voltar atrás. Mas suas entranhas não queriam ser como a dos animais em Delfos e não responderam. Ela não estava animada nem desanimada, sabia apenas que tinha muito o que fazer. Ouviu uma leve batida na porta e a mãe entrou no quarto com uma xícara de chá.

Não é exagero dizer que Stella Lavery estava tão feliz naquela manhã que parecia prestes a explodir; o coração seria capaz de parar, exausto de bombear o sangue febril da ambição realizada. É mentira que teria entregue a filha de bom grado para um rico herdeiro de marquês, se não tivesse gostado dele. Isso porque, a menos que ele a tivesse atacado a faca, era impossível não gostar dele. Mas não creio que tivesse pensado muito em Charles enquanto Charles; era um rapaz agradável, bem-educado, que não era feio. Era só o que sabia e só o que precisava saber, como se diz. Além do fato de que dali a dois dias a filha ia ser a condessa Broughton.

Stella se irritou um pouco pelo fato do título não ser condessa de Broughton, que era mais romântico. Chegava a estranhar que o primeiro a receber tal honraria não exigisse o “de”. Afinal, os Cholmondeley exigiram, assim como os Balfour. É verdade que havia uma aldeia chamada Cholmondeley e um lugar chamado Balfour na Escócia, mas não havia um lugar chamado Broughton? Não devia haver, em algum canto? Mas, considerando que “não se pode ter tudo”, ela se conformou e passou a corrigir os amigos com prazer. O bendito “de” viria a seu tempo, quando recebessem o título de marquês e marquesa.

– Bom dia, querida. – Ela sussurrou as palavras, esperando transmitir muito carinho. Naquele momento, devia sentir uma certa nostalgia e tristeza por perder o convívio com a filha amada. Mas, apesar de toda a alegria que Edith tinha dado por tantos anos, naquela manhã a sra. Lavery estava feliz como um passarinho. Não só ganhava um filho,

como se diz, mas assumia uma nova posição ao sol. Portões enferrujados como os do palácio Ham, trancados após a saída do último rei da dinastia Stuart, estavam se escancarando para ela. Ou era impressão. Stella Lavery não era totalmente boba. Sabia que precisava aproveitar a chance, pois as pessoas que ia encontrar, principalmente lady Uckfield, podiam gostar dela, podiam até ficar amigas dela, o que passaria a ser uma vantagem mais do que (como, no fundo, achava) um peso. Ela também sabia que era melhor ir devagar. Jamais dar a mais leve impressão de ser um animal em busca da presa. Aos poucos, sem alarde, os interesses mútuos poderiam surgir, uma dama podia emprestar livros para a outra, sugerir uma costureira. Para ela, naquela manhã atordoante, as imagens brilhavam mostrando elegantes deleites, ela se via num almoço leve com lady Uckfield, depois as duas corriam para a chapeleira, descalçando as luvas para chamar um táxi...

– Bom-dia, mamãe.

A essa altura, Edith tinha se acostumado com o estado de devaneio em que a mãe parecia sempre pairar. Não tinha ciúme da alegria que aquele casamento trouxe à mãe, mas esperava não contribuir para empurrá-la na corrente rodopiante onde estava, rumo à nobreza.

– Está chovendo?

– Não, o dia está lindo. Não temos pressa, são só oito e meia da manhã. A cabeleireira chega às dez, depois temos duas horas até irmos para a igreja de Saint Margaret. Vou preparar o café da manhã enquanto você toma banho, sugiro que fique de roupão, com calcinha e sutiã, até estar tudo pronto.

– Não estou com fome.

– Bom, precisa comer alguma coisa. Senão, passa mal.

Edith concordou com a cabeça, levantou-se e bebeu o chá. Era um daqueles momentos em que se tem uma noção exata de cada movimento do corpo, até dos músculos do rosto. As palavras pareciam vir de outro lugar que não a própria cabeça. Ela se sentia drogada, mas de um jeito alegre e alerta. Drogada não, entorpecida, ou até hipnotizada. “Será que estou hipnotizada?” pensou. “Será que fiquei impressionada com todos aqueles valores inquestionáveis que me foram transmitidos desde os 3 anos de idade? Será que assimilei ambições alheias?” Pensou então em Charles, aquele homem ótimo que a amava e do qual ela, na época, gostava muito. Pensou também, claro, em Broughton e em Feltham, a outra propriedade da família em Norfolk; pensou, principalmente, no apartamento onde estava, no emprego na imobiliária em

Milner Street, nas oportunidades oferecidas por uma vida e nas oportunidades enojativas e dispensáveis da outra. Então, ergueu a cabeça e entrou no banheiro, de onde o pai estava saindo com um sorriso solícito para ela.

– Está tudo bem, princesa? – perguntou, e Edith imediatamente teve certeza de que não podia mais chamá-la assim, parecia cafona, mas resolveu deixar. Na mesma hora, resolveu o contrário.

– Tudo ótimo. E você?

– Ótimo.

Kenneth Lavery ia gastar um bocado de dinheiro com o casamento. Mas menos do que poderia ter sido, já que lady Uckfield conseguiu autorização para a festa ser no palácio Saint James. Mesmo assim, ou exatamente por causa disso, os Lavery insistiram em pagar todo o resto. Tinham até dispensado o costume moderno e pouco sofisticado de os pais das damas de honra custearem o vestido delas. Afinal, Edith era a única filha e eles não queriam que ninguém sequer desconfiasse de que a família não tinha recursos. A sra. Lavery, que se sentia uma personagem dos romances de Barbara Cartland, chegou a pensar se não deviam fazer uma espécie de dote para Edith. O sr. Lavery tocou no assunto com lord Uckfield, mas a ideia não foi adiante, talvez os Uckfield não quisessem se envolver com leis. Lady Uckfield colocou um ponto final no assunto ao dizer que hoje nunca se sabe se essas coisas são *para sempre*. Edith gostou que os pais garantissem a entrada dela em Broughton de cabeça erguida, embora estivesse consciente dos milhares de fios que a prendiam ao chão como um Gulliver.

Ficou deitada na banheira pensando em qual seria seu papel preferido: presidir ligas de caridade; arrecadar dinheiro para os desditosos; fazer reverência para realezas e conduzi-las a seus camarotes em noites de gala; visitar os doentes na aldeia. Epa. Será que ainda se visitam doentes na aldeia? Percebeu então que, sem querer, vestiu um espartilho. Pensou em lady Uckfield e que haveria de ser uma nora modelo, um dia todos iam bendizer o momento em que Edith entrou na vida deles.

★ ★ ★

Cheguei à igreja Saint Margaret mais ou menos às dez e meia e recebi o cravo branco a que tinha direito, do qual naturalmente tirei a avenca que a florista tinha colocado com tanto cuidado. Recebi também a lista de pessoas que ficariam nos bancos da frente. Era, como de se esperar, uma combinação de duquesas e babás, com lugares marcados para os moradores e funcionários de Broughton e, atrás deles, os moradores e

funcionários de Feltham. Da família real, teríamos a presença da princesa e todos os Kent, menos o Príncipe de Gales (um pequeno desapontamento para lady Uckfield, uma tragédia para a sra. Lavery), pois ele se encontrava em missão de caridade em algum canto dos Mares do Sul. Também não íamos receber a rainha. Não sei o motivo, já que Sua Majestade e lady Uckfield se davam bem. Eu não tinha de receber nenhum deles à entrada da igreja, claro, essa honra caberia a lorde Peter Broughton, que acenou para mim quando cheguei. Não o via desde o Chez Michou: os padrinhos puderam escolher o voo de volta e, como eu não tinha nenhum compromisso na cidade, continuei na cama enquanto a maioria do grupo ia embora. Enviei um cartão de agradecimento para ele e Henry mas, naturalmente, não comentei nada do que se passou.

– Recebi o seu cartão. Não precisava se incomodar.

Os ingleses sempre dizem que não precisava se incomodar mas, entre todos os povos do mundo, eles são os que menos perdoam se alguém não se incomoda.

Respondi com um sorriso. Ele fez uma careta e acrescentou:

– Céus, tive uma ressaca! Tive uma reunião de trabalho às onze e acho que não fui muito eficiente.

Não consegui lembrar qual era o trabalho dele. Alguma coisa na área financeira, mas nos últimos tempos notei que o nível intelectual dos que trabalham na cidade subiu na proporção inversa da posição social. Não sei onde iam parar sujeitos como Peter Broughton.

– Você foi muito simpático em preparar toda a despedida de solteiro – elogiei.

Ele concordou com a cabeça, meio estranho.

– Creio que Charles não gostou muito.

Dei de ombros.

– Mas foi uma ideia bem engraçada, não? Henry e eu pegamos fotos e objetos, até emprestamos um vestido de Edith... Ela também achou que seria engraçado, sabe? Teve muito espírito esportivo, até disse para Charles não ser bobo...

E foi saindo, meio sem jeito. Achei que Edith fez bem em não participar daquela besteira. Nem precisei dizer que, se ela tivesse assistido à cena, não estaria tão otimista. Tínhamos certeza de que Charles não contou para ela o motivo para ficar tão ofendido.

– Creio que o ator não entendeu o pedido – eu disse, fazendo o estilo Tommy Wainwright.

Lorde Peter concordou, entusiasmado.

– Exatamente. Acho que o problema foi escolherem a música errada. Além da ideia de Eric do porta-joias. Pouco sutil.

Concordei, sem me surpreender com a cumplicidade de Eric. Era previsível, mas também interessante que o primeiro inimigo de Edith na família Broughton fosse alguém de nível bem inferior ao dela, pois ele deu um salto muito maior com a esposa que arrumou.

– Eu perdoaria e acho que Charles já perdoou.

Na verdade, eu tinha certeza de que ele não tinha perdoado e de que nunca mais tocaria no assunto.

Claro que Edith foi uma noiva linda e a quantidade de rostos conhecidos (da família real e da sociedade) nos bancos reservados para os Broughton na igreja deu um toque sofisticado em tudo, o que adorei. Até o sermão do padre foi muito interessante. O lado da igreja ocupado pelos Lavery ficou um pouco ofuscado, mas Edith conseguiu chamar alguns dos seus novos amigos famosos. Já a mãe, louca para manter as aparências, escreveu para um primo em terceiro grau que tinha se tornado baronete e anexou o convite do casamento. Assim, aquele advogado bem simples, que morava num antigo vicariato perto de Swindon (as modestas finanças da família tinham acabado há duas gerações), sentou-se no banco da frente de um casamento em Londres, a poucos passos de quase metade da família real. A igreja de Saint Margaret mantinha o costume de deixar um banco vazio para o orador na ala direita, o que obrigou o baronete a olhar de lado para trás, mas conseguiu ver. De todo jeito, ele e sua feia esposa ficaram encantados de ir à cerimônia, e como ela entendia melhor dessas coisas, fez cara de quem estava fazendo um favor aos Lavery por comparecer. O que era verdade, claro.

Todos os convidados receberam adesivos autorizando a estacionar os carros no pátio de cascalho no fim do Mall, o que facilitou muito chegar à recepção. Eu nunca tinha passado pelas mesas na galeria inferior do palácio onde, na época, se pegava o crachá para Ascot, então fiquei curioso de ver os cômodos de luxo quando entramos numa fila que seguia devagar, sem sermos servidos de bebidas. Subimos a escadaria, passamos por um retrato de Carlos II em tamanho natural, com seu condizente ar dissoluto. Depois, passamos por uma pequena antessala suntuosamente coberta de tapeçarias escuras, onde finalmente recebemos uma taça do inevitável champanhe. Entramos então no primeiro de três enormes cômodos decorados em vermelho, branco e dourado e fomos recebidos pela sra. Lavery, que me conhecia bem, mas foi lady Uckfield quem me cumprimentou pelo nome e ofereceu o rosto para um beijo, o que me surpreendeu.

– Vi você ocupado em achar o lugar de cada convidado na igreja – ela disse, como sempre como quem conta um segredo que só eu entenderia. – Que dia feliz.

– Tivemos muita sorte com o tempo.

– Acho que tivemos muita sorte com tudo.

Com isso, ela me dispensou, mostrando o marido que, evidente, não tinha ideia de quem eu era. Cumprimentou-me e passei à multidão. Era claro que lady Uckfield estava se esforçando por ser simpática comigo, embora eu não entendesse bem por quê. Talvez quisesse garantir como aliado o único amigo de Edith de quem Charles gostava. E anular logo qualquer tentativa de Edith formar uma “corte rival” e assim, fazer com que, se alguém precisasse se adaptar, fosse Edith e não ela. Não ousou dizer que isso era consciente, mas garanto que sim. Garanto também que ela conseguiu e que nós dois fizemos a nossa parte. Lady Uckfield me conquistou com sua capacidade de juntar coqueteria com autocracia e não creio que se preocupasse se eu era muito amigo de Edith.

Mal falei com a noiva na fila de cumprimentos, embora eu não esperasse conversar com ela ali; fui falando e abrindo caminho entre vários grupos que conversavam e davam beijos. David e Isabel estavam lá, claro, mas não foram ao palácio Saint James para perder tempo conversando comigo; por isso, deixei-os e passei para outro aposento enorme, vermelho e dourado, que ficava à direita. Imensos quadros a óleo, retratando principalmente membros da dinastia Stuart, estavam pendurados em correntes nas paredes revestidas de damasco. Fiquei sob um dos retratos, achando que era da atriz Nell Gwyn devido ao olhar semicerrado e ao decote generoso. (Ela podia não pertencer à dinastia, mas certamente tinha conseguido penetrar nela.) Para surpresa minha, a placa no retrato informava que aquela comovente bela era Mary de Modena, esposa do rei James VII da Escócia e II da Inglaterra. Levei um susto ao ouvir a voz de Edith atrás de mim.

– O que está achando de tudo? – perguntou.

– Nada como começar por cima – graciejei.

– Acho bem adequado que meu casamento seja num palácio da realeza, tradicional lugar de casamentos arranjados.

Olhei para o peitão da rainha-consorte.

– Tenho certeza de que este não foi muito difícil de arranjar.

Edith riu. Por um instante, ficamos praticamente a sós, o que bastou para eu me encantar com a beleza dela, que agora chegava aos anos de plenitude. Tinha escolhido

um vestido estilo década de 1870, com grandes babados e uma espécie de anquinhas. Era de seda marfim com suaves estampas de flores. Seus fartos cabelos louros estavam cobertos pela renda que devia ser da mãe de alguém e presos por uma linda tiara de menina, uma brilhante teia de diamantes, não aquelas peças pesadas de metal que as viúvas nobres usavam na ópera e ficavam sempre parecidas com personagens dos irmãos Marx. Acho que a tiara fazia parte do tesouro dos Broughton.

– Você vai aparecer lá para nos visitar? – ela perguntou.

– Se me convidarem.

Ficamos nos olhando um instante.

– Vamos passar uma semana em Roma, depois vamos visitar Caroline e Eric em Mallorca.

– Parece um ótimo programa.

– Não é? Eles acham que não sei do itinerário. Gosto de Roma. Não conheço Mallorca; Caroline aluga uma *villa* lá todos os anos, então eles certamente gostam.

Ela riu de novo, meio triste.

Não havia mais nada a dizer e eu não quis comentar aquela tristeza súbita. Não acredito em confissão no leito de morte. No caso, ela havia feito o leito e já estava deitada nele, só faltava fechar os olhos. De todo jeito, não me preocupei. Imagino que muitas noivas (e noivos também) passem por um instante na festa de casamento em que se perguntam “o que eu fiz?”

Dei um beijo no rosto dela.

– Boa sorte. Ligue para mim quando voltar – recomendei.

– Eu ainda não estou indo.

– Eu sei, mas é a última chance para dizer isso.

Assim foi. Charles veio buscá-la para apresentar a mais parentes desconhecidos e fiquei sozinho de novo. Entrei na sala do trono, que ficava no final do primeiro cômodo onde tínhamos entrado. Mais vermelho, mais dourado (agora como fundo para um trono bordado, com um lindo dossel), mais quadros pendurados em correntes. Dessa vez, retratos de membros da dinastia Hanover. Fiquei admirando a cornija da lareira quando um homem gordo, de rosto vermelho, de seus 60 anos, me cumprimentou. Conversamos um pouco a respeito do retrato na sala, de George IV, pintado por Lawrence, querendo saber se era o original ou uma cópia e tal. De repente, ele se inclinou para mim, meio conspirador:

– Escute, você é amigo da moça ou é um dos nossos? – cochichou, com voz rouca.

Confesso que emudeci por um instante.

– Espero que ambos – respondeu lady Uckfield, passando rápido por nós.

Fiz um sinal de agradecimento por me salvar da situação e ela me apresentou ao homem, que era Sir William Fartley, e quase ri alto. Ele foi saindo enquanto lady Uckfield segurava no meu braço e me levava para perto das janelas.

– Espero que você venha logo nos ver outra vez. Tenho certeza de que Charles vai gostar – ela disse.

Isso foi para mostrar que Charles queria ser meu amigo e que a família não via problemas na minha amizade com Edith. Agradei e disse que iria visitá-los com muito prazer.

– Será que você gosta de caçadas?

– Por acaso, sim.

Ela ficou muito surpresa.

– É mesmo? Pensei que os artistas não caçassem, fossem todos totalmente contra esse esporte.

Dei de ombros.

– Acho que é melhor morrer de tiro na asa do que num abatedouro de animais.

– Ainda bem! Pensei que teríamos de nos virar do avesso para encontrar escritores e pessoas que fossem do seu agrado. Edith acha você muito inteligente.

– Que bom.

– Mas, se você caça, gosta de gente normal.

– Como Sir William Fartley. Estou ansioso.

Ela riu, depois fez uma careta.

– Ele é um bobo, mas mora a seis quilômetros de nós, então não posso fazer nada. – Comentei comigo mesmo que ele morava mais longe que os Easton e que deveria haver umas duzentas pessoas que moravam à mesma distância de Broughton, queriam muito ser convidadas e jamais seriam. Mas claro que não falei nada.

Lady Uckfield deu um tapinha na minha mão.

– Falando sério, você precisa nos visitar. Vou cuidar disso.

– Só vou se você não convidar nenhum escritor ou intelectual. Não quero perder meu prestígio com Edith.

Ela deu aquele sorriso conspirador e foi cumprir suas obrigações.

A festa acabou pouco depois. O lindo casal trocou de roupa e nós saímos do palácio para ver o elegante landau puxado por dois cavalos levá-los embora. Esse insípido

detalhe tinha sido especialmente providenciado pelo pai de Edith, sob a ideia equivocada de que daria sofisticação ao evento. Seja como for, quando voltamos ao palácio, os portões estavam trancados. As autoridades locais decidiram que o evento tinha terminado e só nos restava ir para casa.



PARA EDITH E PARA TODOS os que tinham conhecimento disso, um dos detalhes mais estranhos do casamento (pelo menos, no contexto da década de 1990) foi a noite de núpcias ser a primeira dos noivos. Soa muito estranho, mas foi mesmo. No começo do namoro, ela resistiu aos avanços dele, sabendo que era um homem do tipo que não respeita de manhã a conquista fácil da noite anterior. Foi preciso sair com ele várias vezes até ficar bem claro que ela era uma “garota direita”. E assim foi por dois ou três meses, até ela achar que estava na hora de aceitar e então percebeu, pasma, que Charles gostava da relação do jeito que estava, não pretendia ir além. Claro que a beijava e abraçava, mas sem aquela urgência que ela estava acostumada a ver. Uma vez, estavam no sofá da casa dela (os pais tinham ido passar o fim de semana em Brighton) e ela passou a mão na braguilha dele e sentiu uma ereção bastante satisfatória, porém ele deu um pulo tão grande que a façanha não se repetiu. Como o casamento estava marcado, aquilo pareceu sem sentido pois, afinal, gostava dele, quer tivessem “química” ou não embaixo dos lençóis. Se não combinassem, será que ele desistiria? Semanas antes do casamento, quando ele sugeriu que “ficassem” no fim de semana, ela disse que era melhor esperar, já que estava tão perto, não precisavam “estragar”. Charles aceitou, era um homem de seu tempo e tinha certa experiência sexual mas, no fundo, ainda achava que a noiva devia chegar casta ao leito nupcial. Claro que Edith não era virgem e decidiu que, se ele perguntasse alguma coisa, diria que “errou” quando bem jovem e preferia não comentar o fato. Nem precisou, para Charles bastava que fosse a primeira vez *dos dois* e, sensatamente, não quis competir com o passado.

Ele reservou uma suíte no Hyde Park Hotel, em Knightsbridge. Todo mundo sabe que hoje esse hotel faz parte da rede Mandarin e mudou de nome, mas a classe alta reluta em aceitar novos nomes. Para eles, será Hyde Park Hotel pelo menos até os filhos estarem quase idosos. O casal ia passar a noite de núpcias lá e, no dia seguinte, voar para Roma ao meio-dia. Assim o landau pegou-os no palácio Saint James, passou pelo hotel Ritz na praça Piccadilly, pelo Hyde Park Corner, virou à entrada do parque na Bowater House e deixou-os à porta do hotel. No caminho, as pessoas (tanto

turistas quanto ingleses) viraram a cabeça sorrindo e chegaram a acenar. É provável que o povo tenha uma reação pavloviana ao ver carruagens e eventos da realeza. Edith correspondia à imagem que eles tinham, a nova situação conjugal pôs uma nuvem de luzes faiscantes na cabeça dela, e respondeu aos acenos. Charles, por outro lado, olhava bem para a frente, como se estivesse disputando um posto de oficial do exército inglês. Ela sabia o motivo: Charles tinha a mais boba das presunções de aristocratas ingleses, ou seja, de que desconhecia os próprios privilégios. Aquela indiferença *cool*, tão chique em tese e tão enfadonha na prática, iria atrapalhar muito a vida do casal. Foi o que Edith imaginou, ao examinar o perfil gelado do consorte. Dessa vez o trajeto foi rápido, pelo menos para ela. Meros quinze minutos após saírem da festa, estavam no saguão do hotel. Eram só cinco horas e cinco minutos da tarde e ela não tinha ideia do que iria ocorrer a seguir.

Pensou em sugerir que tomassem chá no térreo do hotel, mas desistiu, temendo mostrar que não tinha pressa de ficar a sós com ele. Foram levados à suíte nupcial, embora não a tivessem reservado, a diferença de preços era cortesia da casa, seguindo o velho conselho bíblico “Dai aos que têm”. Lá encontraram as bagagens, assim como flores, frutas e mais champanhe, que parecia infundável. A porta da suíte então se fechou e ficaram os dois. Casados. Olharam-se em silêncio. Edith sentiu um leve pânico ao pensar em ver aquele homem todos os dias pelo resto da vida. Céus, sobre o que iam falar?

Charles mostrou a garrafa de champanhe:

– Devo abrir? – perguntou.

– Sinceramente, não consigo beber mais. Estou encharcada de champanhe. – Fez uma pausa e avisou: – Vou tomar um banho.

Começou a tirar a roupa da forma mais casual possível, enquanto Charles olhava, deitado na cama; no último instante, de sutiã e calcinha, perdeu a coragem, arrancou o roupão da mala e correu para o banheiro.

Meia hora depois, ao sair do banho, constatou que Charles continuava deitado, lendo jornal. Tinha tirado o paletó, o colete e a gravata, além do sapato e meias. Alguma coisa na pose relaxadamente estudada dele informava que era chegada a hora. Edith deitou-se ao lado, só de roupão, e fingiu ler o jornal por cima do ombro dele.

– Está feliz? – ele perguntou, sem tirar os olhos do jornal.

– Hum – ela concordou, imaginando quando tempo ele levaria para entender. Estava ansiosa, já que era a hora. Precisava garantir que havia uma atração física

recíproca. Afinal, essa parte da relação não tinha nada a ver com ambição ou interesses mútuos. Era o parceiro sexual que, pelo menos naquele momento, ela queria que fosse o único pelo resto da vida.

Após o que pareceu uma eternidade, Charles dobrou o jornal e virou-se para ela. Com muito ardor e em silêncio absoluto (que durou o tempo todo), começou a beijá-la enquanto tentava tirar o roupão dela, desajeitado. Ela reagiu da melhor maneira, tentando não comandar. Dessa vez, quando tocou no pênis dele, embora Charles ainda parecesse um novato assustado, não foi rechaçada. E assim, os dois ficaram se abraçando de roupa até Charles achar que estava demorando muito. Então, sentou-se, ainda em total silêncio, tirou a camisa, as calças e a cueca. Edith tirou o roupão e aguardou. Ele tinha um corpo muito bonito, musculoso e forte sem ser gordo mas, como todo inglês, era branquelo, meio sardento, com pelos púbicos ruivos e o peito sem um fio. O nariz adunco e os cabelos cacheados, repartidos de lado, pareciam estranhos num corpo nu, como se ele tivesse nascido de jaquetão e ficasse muito esquisito sem roupa. Na verdade, ele parecia mais sem pele do que nu.

Ainda sem uma palavra, virou-se para ela com o mesmo ardor e, sem olhá-la, começou a beijá-la ao mesmo tempo que tocava na vagina. Passou a massageá-la como quem bombeia a seco, o que a fez lembrar de alguém soprando um colchão de plástico. Ela gemeu um pouco para incentivar. Ele pareceu satisfeito e, de repente, ficou no meio das pernas dela, errou o alvo algumas vezes (seis vezes) e, dando um uivo terrível, disse que era *agora* (ela reagiu com gritinhos, ofegante) e desabou em cima dela. No total, foram oito minutos, do momento em que ele dobrou o jornal até aí. “Ah”, pensou Edith.

– Obrigado, querida.

Uma das manias mais irritantes de Charles era agradecer após o sexo como se ela tivesse trazido uma xícara de chá. Claro que, naquela hora, ela não sabia que o marido sempre faria isso.

Pensou em retribuir dizendo “ah, eu que *agradeço*” mas pareciam duas pessoas se despedindo na porta de um hotel e resolveu manifestar-se apenas:

– Querido... – de um jeito indefinido e dando um beijo no pescoço dele. Charles tinha saído de cima, ela sentiu um pouco de frio, mas qualquer gesto parecia errado, já que se tratava de um “momento muito especial” para Charles, que ela não pretendia estragar. Não queria lembrar o ato de amor, caso fosse isso que tivessem acabado de fazer. Afinal, estavam no começo do casamento e ela desconfiava de que Charles, com

todo o seu *savoir faire* ao lidar com garçons, era meio inseguro em assuntos mais íntimos. Ele parecia ter passado por algo importante, mesmo se o corpo dela não demonstrasse, portanto o momento podia ser considerado mais um sucesso do que um fracasso. Ela então se conformou esperando que as coisas melhorassem com o uso.

Jantaram no hotel, principalmente para não serem vistos e cumprimentados por algum conhecido (que só jantam em hotel quando têm algum amigo americano hospedado lá) e não por algum interesse pela *cuisine de la maison*. Foram se deitar lá pelas onze, repetiram a performance vespertina e aguardaram o sono. Edith olhou para o teto, pensando na estranheza da vida. Ali estava ela, com aquele homem (a quem, no fundo, mal conhecia), dormindo nu ao lado dela. Considerou a grande verdade que deve ter assustado muitas noivas, de Maria Antonieta a Wallis Simpson: sejam quais forem as vantagens políticas, sociais ou financeiras de um bom casamento, chega a hora em que todo mundo vai embora e fica-se sozinha com um estranho que, por lei, tem o direito de fazer sexo com você. Só então ela teve certeza de que não tinha avaliado bem esse detalhe.

Ao acordar, Edith continuou pensando no assunto e que era a primeira vez em muito tempo que acordava ao lado de alguém. Sentiu certo alívio quando Charles deixou claro, meio tímido, que não era um “homem matinal”. Tudo ficou mais fácil quando passaram a comentar do casamento; as diversas situações quase dramáticas; os convidados dos quais não gostaram; os casais mal casados, quem ia se separar. Edith achava, claro, que teriam como assunto as coisas que fizessem juntos e quanto mais tempo fossem casados, mais teriam o que comentar. Ela estava se consolando com essas ruminações quando Charles se calou. Não seria a primeira vez em que ficaria sem assunto. Ouviram uma batida na porta. Um garçom entrou com o carrinho com o café da manhã.

– Bom-dia, senhor – disse para Charles e, ao levar uma bandeja na cama:

– Bom-dia, madame.

“Ah, as coisas podiam ser piores”, pensou Edith.

As primeiras horas que passaram juntos não foram muito emocionantes, daí Edith ter ficado meio surpresa ao constatar que a viagem a Roma foi ótima. Ficaram no Hotel de la Ville, próximo ao alto da escadaria da Piazza di Spagna e da Villa Medici. Roma é uma cidade linda e pela primeira vez Edith foi tratada de madame e de condessa em todos os lugares, o que era agradável (embora soubesse que não deveria demonstrar que gostara), além de ser um lembrete do motivo para tal. A comida era deliciosa,

havia muito o que ver e, assim, muito assunto para conversa. Quando jantaram sob um céu estrelado na Piazza Navona, percorreram as fontes nos muros da Villa d'Este e os jardins de Tívoli, Edith concluiu que, afinal de contas, tinha feito uma boa escolha e que a vida rica e interessante que imaginou iria se concretizar.

Durante a viagem, Charles começou a falar em Broughton e Feltham com carinho e detalhe, o que era novidade para ela. Talvez julgasse que o assunto a interessaria, agora que tinha passado a ser uma Broughton. Ele adorava as casas e os cuidados que dedicava a elas; Edith gostou, tudo aquilo correspondia às suas fantasias pré-nupciais. Compartilhou com sinceridade o entusiasmo dele. Gostou também de descobrir que ele era meio relapso quanto à história da família. Eis uma função para ela assumir! Viu-se fazendo um inventário completo do mobiliário e dos quadros da casa; entretendo tias velhas e escrevendo as memórias de longos e calorentos verões em Broughton na época eduardiana; tirando do sótão e limpando quadros de antepassados interessantes. Ela gostava tanto de história quanto de fofocas: podia estar melhor qualificada? É verdade que a vida sexual não melhorou muito e a posição nunca variou mas, depois que Charles ficou menos nervoso, o ato durou um pouco mais. Assim, quando entraram no avião para Madri com conexão para Mallorca, Edith e Charles conseguiram se olhar bem nos olhos, com a firme intenção de imitar um casal, “feliz como dois recém-casados”.

OITO



ELES ENTRARAM NO SAGUÃO do aeroporto de Mallorca e ficaram no meio do que parecia e soava como sendo os torcedores fanáticos do Wolverhampton Wanderers. A seguir, foram recebidos por um homem de bermuda de náilon vermelho, que falava com sotaque *cockney* e tinha o rosto marcado como couro curtido. Explicou que era o “motorista” de Eric que ia levá-los para a *villa* e Charles ficou um pouco contrariado por não ser recebido pessoalmente. Edith ia aprender que, como tantos figurões aparentemente simpáticos, ele ficava inseguro quando tratado como “gente comum”, embora dissesse que apreciava. Já ela gostou de sair do aeroporto e entrar num carro; aos poucos, foi passando esse alívio para ele. E perdoou os Chase por não saírem de casa: foram duas horas e meia de viagem atravessando a ilha, em meio a arbustos secos e choupanas. Edith não conhecia Mallorca, nem sabia o que esperar de lá. Mas, olhando pela janela do carro, concluiu que imaginava uma mistura de Monte Carlo com Blackpool e não as terras malcuidadas e as planícies arenosas da Salamanca. Quando estavam perto de Cala Ratjada, apareceram os imensos hotéis de concreto que ela previa, além das multidões (em geral, simpáticas, mas dando a impressão de gostarem de bonés com a inscrição *Me beija*) e de todas as cenas e indícios de férias a prestação.

A *villa* era uma grande e moderna casa branca construída junto a uma espécie de pátio/colina, com enormes varandas abrindo para a baía. Tinha uma praia particular, que parecia ser mais para nadar do que para ancorar embarcações, assim os hóspedes não precisavam ir à praia lotada e cheia de areia onde os turistas nadavam a poucos metros, à esquerda. Do outro lado, viam-se as bonitas casas do Mallorcin atrás de um suave cortinado de árvores; para além delas, o vasto oceano azul. Edith e Charles ficaram admirando a paisagem, uma moça esguia acenou para eles da praia e veio subindo a escada. Minutos após, Caroline apareceu. Os dois foram beijados e cumprimentados e, por sua vez, elogiaram a *villa*.

– Não é linda? Pertence a um cliente de Eric, por isso conseguimos um preço baixíssimo. Bem menor que o aluguel do ano passado e a casa tem o dobro do tamanho. Claro que nos acostumamos a ter hóspedes o verão todo.

Charles franziu de leve o cenho.

– Pensei que essa semana seríamos os únicos hóspedes.

– É, eu também pensei. Mas Peter ligou dizendo que só podia vir agora. Jane e Henry de repente avisaram que podiam, finalmente, vir. E um dos colegas de trabalho de Eric apareceu com a esposa.

Caroline franziu de leve o nariz.

– Acho que Eric tinha convidado o casal e esqueceu. Não é terrível? Bom, mas eles vieram e parece que nos perdoaram.

– Quer dizer que estão todos aqui? Esta semana?

– Agora. Foram trocar de roupa para o jantar. Alguém já mostrou a suíte de vocês? Ficaram com a melhor, não podem reclamar.

Charles jogou-se na cama de um jeito que Edith só conseguia descrever como “arrasado”.

– Céus! Era melhor termos armado uma tenda em Trafalgar Square!

Edith deitou-se ao lado dele.

– Ah, querido, não tem importância. Tenho certeza de que aqui cada um faz o que quer. Vamos dar um jeito.

Na verdade, ela se sentia meio culpada porque, quando Caroline avisou que havia outros convidados, ela, Edith, de repente gostou de saber que não iam ser só os dois casais. Não gostava do pouco que conhecia de Eric, ficava meio intimidada com Caroline e tinha de admitir que não conseguia conversar nada com Charles. “Depois que estivermos mais tempo juntos, será mais fácil”, ela pensou mas, meio desanimada, percebeu que já sabia a opinião dele sobre toda e qualquer coisa. Como se fizesse uma brincadeira consigo mesma, tinha começado a inserir temas estranhos nas conversas (tais como psicossíntese e Dalai Lama), na esperança de Charles surpreendê-la com alguma opinião porém, até o momento, isso não tinha ocorrido.

À noite, foram encontrar os outros convidados no terraço de cima. Nos meses de namoro com Charles, Edith se irritava com Caroline pelo simples fato de ser bem mais inteligente que o irmão. Tinha medo de que Caroline tirasse Charles da conversa e até de Edith, ou o deixasse na defensiva. Podia ser mas, apesar de esnobe e egocêntrica, Caroline era uma boa pessoa. Agora que as duas eram cunhadas, Caroline queria ter um bom relacionamento com Edith; queria também que Charles (por quem tinha um amor quase maternal) aproveitasse a estadia. Quando entraram na sala e passaram pelas portas envidraçadas ao encontro dos outros convidados, Edith confirmou

tudo isso nos sorrisos sinceros, nos lindos canapés, no champanhe em balde de gelo. As mulheres usavam roupas caras de coquetel, em vez de trajes de noite, e os homens estavam sem gravata, de colarinho aberto. Os casais pareciam descombinados, como quando se recebe uma carta errada em *Happy Families*. Jane Cumnor era a mais exagerada, num tomara que caia preto de *moiré*, mas não chegava a competir com Edith, muito à vontade em seu vestido de algodão com decote nos ombros. Na última vez em que as duas se encontraram, Edith derrubou a fortaleza de Jane e agora era a mulher mais bonita da reunião. Ambas sabiam muito bem que a relação delas tinha mudado de uma hora para outra. Jane se inclinou para dar um beijo besuntado de batom no rosto da recém-casada. Pesadão, Henry encostou o rosto no dela. Com sua roupa de verão bem colorida, ele parecia uma cabine de banho numa praia do século XIX. Edith ficou imaginando a camisa dele se abrir de repente e mostrar um tímido banhista de maiô de malha listrado. Caroline levantou a taça e brindou:

– Seja bem-vinda à família.

– Muito bem, Edith – compartilhou Eric, que estava atrás, na beira do terraço.

Os outros fingiram não perceber o tom que ele usou, levantaram as taças e o brinde pareceu mais normal. Edith sorriu, bebeu o champanhe com Charles, os dois agradeceram e todos sentaram-se.

O mar iluminado pela lua brilhava por trás dos convidados, que conversavam espalhados pelo terraço nas cadeiras de vime com almofadas, segurando taças de champanhe, as mulheres em *couture*, diamantes reluzindo nas orelhas. Enquanto isso, acomodada nas confortáveis almofadas de estampas Liberty, mais observando do que participando, Edith sentiu o calor tépido do luxo envolvente do privilégio. Na juventude inteira ela se esforçou para ser caixa-alta e não uma pé-rapada e, exatamente quando achou que não ia conseguir, ali estava, realizando seu sonho. Aquele tagarelar de lordes e milionários era uma amostra da sua turma a partir de então e aquele cenário exótico seria o primeiro de muitos. Da mesma maneira que um motorista pode enxergar montanhas lá longe, no final do deserto, e depois vê que está no alto das tais montanhas, sem perceber que elas se aproximaram, Edith pensava, encantada, no seu progresso, da respeitável vida *haute bourgeois* em Elm Park Gardens e Milner Street até aquele misto de novela açucarada americana com romance de Lados.

A primeira noite correu maravilhosamente bem. Edith conhecia todos, com exceção de uma loura desbotada que parecia ter vindo com amigos de Peter e Eric, o casal Watson. O marido, Bob, era sem graça e vulgar mas a esposa, Annette, embora

também fosse vulgar, era bonita e engraçada, Edith gostou dela. Antes de se casar, Annette foi modelo e atriz no início da década de 1980, por isso tinha muitas histórias hilariantes de sua participação em épicos romanos e filmes de faroeste espanhóis. Falou bastante durante o jantar, servido no salão que abria para o pátio e assim Edith foi poupada do intercâmbio de nomes, única coisa que os outros convidados podiam lhe oferecer.

Charles foi mais reservado com esses convivas.

– Bom, Annette tinha muito assunto, então deixei que falasse – foi seu único comentário ao apagar a luz da mesa de cabeceira.

– Gostei dela, é engraçada.

– Não faça uma opinião apressada.

Por algum motivo, Edith tomou a frase como uma crítica, embora o tom não fosse agressivo. Colocou a cabeça no travesseiro com uma vaga apreensão, como uma criança com medo de levar umas palmadas no dia seguinte. Só parou de pensar quando dormiu e foi essa a primeira noite desde o casamento em que eles não fizeram sexo.

Na manhã seguinte, Edith acordou tarde, sozinha no quarto. Com uma sensação de bem-estar quase palpável, ligou para pedir o café da manhã como indicaram e, como sempre, pensou no que estava por vir. A criada trouxe a bandeja e informou que os outros já tinham tomado o café e estavam na praia. Assim que terminou o café, Edith vestiu um maiô, pegou uma toalha e desceu a escada íngreme escavada na rocha junto à *villa*. Viu os donos da casa, os Cumnor e Charles, mas não havia sinal dos outros convidados. Cumprimentou todos na praia, abriu a toalha e deitou-se, deixando a cálida e suave brisa sulista percorrer seu corpo. Charles deitou-se ao lado, pingando gotas de mar nela, e deu um beijo salgado.

– Bom-dia, querida.

Ela sorriu e retribuiu o beijo.

– O que vamos fazer hoje? Ficamos deitados aqui e tomamos sol?

Caroline respondeu.

– Pensamos em almoçar em Cala Ratjada e depois os Frank nos convidaram para tomar chá. Estão todos convidados.

– Quem são os Frank?

– É um casal ótimo, tremendamente rico e que tem uma coleção de esculturas que todo mundo precisa ver.

– Por que são tão ricos e como você os conhece?

– A primeira resposta, só Deus sabe; tem algo a ver com o ditador Franco, então é melhor não perguntarmos. Quanto à segunda resposta: nós não os conhecemos, mamãe é madrinha de um dos sobrinhos deles em Roma e contou que vínhamos para cá.

Edith fechou os olhos. Aquela vasta rede social, aquela teia que se estendia bem além das fronteiras pátrias, que atravessava mares e cordilheiras, não a ameaçava mais, agora ela estava dentro. Dali a pouco, em Viena, Dublin ou Roma, as pessoas iam dizer “Estive com Edith Broughton quando fui a Londres. Ela comentou que devem ir a Nova York em setembro...” então, algum membro do círculo fechado perguntaria: “Edith? E como vai ela?” ou, melhor ainda: “Adoro Edith. Vocês também, né?” e assim estariam excluídas todas aquelas pessoas em todos aqueles lugares de Viena, Dublin ou Roma que não conheciam Edith Broughton e elas se sentiriam mais pobres e mais classe média, exatamente como queriam os que vivem citando nomes e que então ficariam satisfeitos por, mais uma vez, mostrar qual era a classe a que pertenciam. Edith faria a sua parte sendo uma pessoa difícil de encontrar, a não ser para os da turma dela. E nessa determinada manhã, por um instante, com o sol tocando suas pálpebras e vozes de crianças vindo da praia distante, Edith pensou em qual seria a finalidade desse interminável levantar e abaixar de barreiras.

Ouviu um som surdo e assustador perto, abriu os olhos e viu a incrível figura de Henry Cumnor se estirando ao sol. Ele parecia mais gordo ainda de calção, como um cartão-postal da praia com a legenda: “Cadê meu pintinho?”

– Quem são essas pessoas? Vamos ficar com esses coitados? – a pergunta dele foi indireta, no ar, como se tivesse apenas o trabalho de mover os lábios.

Caroline deu de ombros.

– Acho que vamos, sim. Eu disse que ia ter muita gente.

Ela tinha aquela curiosa certeza da alta sociedade inglesa de que, em qualquer situação, por mais que as pessoas considerassem, como agora, a hospitalidade um dever, ela, lady Caroline Chase, estava lhes fazendo um favor. Essas pessoas não entendem que a casa não fica honrada em recebê-los. Portanto, por acharem que os convidados deviam estar honrados com a presença dela, Caroline não fez qualquer esforço para ser simpática com ninguém fora do seu grupo. E, embora fosse uma mulher inteligente, conseguia ser uma anfitriã totalmente entediante. O que nem ela, nem os outros do mesmo gênero sequer desconfiam.

– Quando vierem para cá, nós perguntamos – ela sugeriu.

– Eles ficam quanto tempo? – perguntou Jane, apoiando a cabeça nos cotovelos e

pegando o óleo de bronzear.

– Quem? Peter ou os outros?

– Ah, não estou falando no querido Peter. Eu me refiro a “Bob” e “Annette”. – Jane pronunciou os nomes do casal com ironia, dando distância para ficar claro que não os considerava membros da festa e sim espécimes estranhos de uma cultura alienígena. Isso foi cuidadosamente pesado.

– Acho que ficam até terça ou quarta. – Caroline olhou para Eric, que concordou e franziu o nariz, deixando bem claro com qual dos grupos queria ficar.

– Caramba! – exclamou Henry. – Esta noite, quem vai ficar escutando ela falar?

Todos riram.

Edith teve muita vontade de rasgar seu cartão de sócia do clube.

– Estão falando de Annette? Vocês são engraçados, pois eu realmente gosto muito dela – disse, num tom falsamente incrédulo.

Henry não se alterou.

– Bom, se é assim, então sente ao lado dela no jantar. Prepare-se para ouvi-la falar *ad nauseam* sobre a carreira cinematográfica dela.

Edith sorriu.

– Por quê? Que assunto vocês preferiam? Comentar das pessoas que conhecem em Shropshire?

Ela deitou-se sem alterar o sorriso, de olhos fechados, desfrutando do silêncio estranho como uma colegial travessa.

– Na verdade, não vou muito a Shropshire. – Henry rolou-se para longe dela, gordo e ofegante como uma baleia que vem dar na praia, longe do mar.

– Vou nadar um pouco – avisou Charles.

Almoçaram tarde, num restaurante ao ar livre com vista para o porto com sua flotilha de iates balouçantes. Comeram uma *paella* com muita lula, depois foram em dois carros para a casa dos Frank, que ficava fora da cidade, à beira-mar e, pelo menos na parte terrestre, parecia cercada de altos muros de pedra cobertos com cacos de vidro. Os portões não eram portões, mas portas de ferro automáticas, que abriram e fecharam após eles se identificarem e, ao se fecharem com estrondo, por pouco não bateram no para-choque traseiro do segundo carro.

– Bom, pelo jeito eles não esperavam que viéssemos em dois carros – concluiu Annette, rindo.

Caroline dirigia o carro que ia na frente, com Edith, Annette e Henry; sem se

intimidar, ela entrou pelos imensos jardins cuidados, que estavam desertos. Em meio às árvores, dava para vislumbrar belas esculturas de Henry Moore e Giacometti até que, após contornar uma enorme moita de rododendros, chegaram a uma encruzilhada. Um caminho levava a um castelo do século XIX pendurado no ponto mais alto da propriedade, que Edith concluiu que era o lugar para onde iam. O outro caminho apontava para uma casa grande como a primeira, só que moderna, à beira-mar. Era bem baixa e, vistos da estrada, os balcões pareciam pouco acima das ondas.

– Para que lado vamos? – perguntou Edith.

– Para a casa de baixo. A sra. Frank gosta de ficar perto do mar.

– O que tem no alto da colina?

Caroline fez um ar meio vago, como convinha.

– Acho que é mais para uso dos netos.

– Puxa vida! – exclamou Annette, e Edith reparou que ninguém mais iria reconhecer a estranheza, o luxo orgiástico que eles estavam vendo. Começava a entender que, naquele mundo, era questão de honra não se surpreender com qualquer manifestação de opulência, por mais impressionante que fosse. Registrar que qualquer nível de riqueza não é comum, nem mesmo banal, é se arriscar a ser “classe média”, faixa da sociedade à qual muitos deles passaram quase a vida toda mostrando que não pertenciam. Essa regra tem exceções. É possível exclamar “que gracinha!” mas dizendo a frase de forma a mostrar mais generosidade do que surpresa. Melhor ainda é exclamar: “céus, que *imenso!*” num tom dando a entender que a decoração, o cardápio, ou seja o que for, é exagerado e beira perigosamente a vulgaridade. Lady Uckfield era uma praticante disso, arrasando qualquer coisa com sorridente animação. Mas isso é difícil para uma novata e Edith fazia bem em não tentar.

Um mordomo de libré branca conduziu o grupo pelas reluzentes salas de mármore até o terraço onde a sra. Frank estava reclinada numa espreguiçadeira, bronzada de sol, o corpo robusto envolto num sarongue de algodão colorido e chacoalhando grossas pulseiras nos braços musculosos, masculinos. Fez um gesto pedindo para todos se aproximarem.

Caroline se adiantou:

– Como vai? – cumprimentou, lânguida. – Sou Caroline Chase.

Ela apresentou os outros, parando uma fração de segundo na frente dos três convidados não Broughton (Bob, Annette e a namorada de Peter) como para mostrar à sra. Frank que eles não eram do círculo mais íntimo e, portanto, a dona da casa não

precisava dar atenção a eles. A sra. Frank entendeu o recado e saudou os intrusos com um sorriso bem mais frio do que concedeu aos convidados mais importantes.

– Você deve ser a recém-casada – disse, levantando-se e segurando o braço de Edith para levar todos até a casa. Edith sentiu o perfume forte de almíscar que ela usava e viu as rugas duras mexerem ao redor da boca fina, besuntada de batom vermelho.

– O que está achando de Mallorca?

– Chegamos ontem à noite. Por enquanto, linda.

Ela retribuiu o sorriso da anfitriã de olhos entediados e opacos.

– Nós vamos cuidar de vocês aqui. E como vai a querida Gugu?

– Está ótima. Está na Escócia com Jojó.

Ao falar, Edith reparou que era a primeira vez que pronunciava aqueles apelidos ridículos. Antes do casamento, tinha decidido chamar os sogros de Harriet e John, mas quebrou a promessa devido às premências tácitas da proximidade, de pertencer a um clube, como dava a entender a sra. Frank. Na verdade, não importa o que dissesse aos amigos, ela não queria ser a nora “de fora”. Não queria que as pessoas lastimassem para lady Uckfield por Charles não conseguir nada melhor. Queria que a sogra fosse parabenizada por ela, Edith, ter brilho, bom gosto, charme, simpatia. Assim, Edith teve a primeira aula sobre por que a Inglaterra nunca teve revoluções e qual foi o empecilho em tantas carreiras, da esposa de Edward IV ao político Ramsay MacDonald. Ou seja: para lidar com um intruso problemático, o jeito é recebê-lo, convertê-lo com fervor doutrinário e dali a pouco ele estará *plus catholique que le pape*. Ao aprender essa lição, Edith não diminuiu o ressentimento por quem a ensinou e concluiu, encantada, que agora fazia parte do grupo. Sentiu-se poderosa. Virou-se e sorriu para Charles.

Havia um passeio programado para os convidados conhecerem as esculturas da mansão e lá se foram eles. Ao saírem pela porta da frente, aproximou-se uma moça magra, uma espécie de versão reduzida da sra. Frank. Era evidente que vinha da quadra de tênis, segurava uma raquete grande demais, que colocava na frente do rosto, meio como proteção e meio como quem usa um leque. A dona da casa apresentou-a como Tina, sua sobrinha. Ao contrário da tia, a moça era profundamente tímida. Acompanhou-os, como foi recomendada e só se manifestou, em voz baixa e em poucas palavras, quando alguém se dirigiu a ela.

Passaram por uma piscina encravada num pequeno rochedo sobre o mar e Edith ouviu Annette perguntar sobre os jarros de terracota ao redor da piscina,

transbordando água levemente morna.

– Os jarros são romanos – respondeu Tina, numa altura quase inaudível. – Meu tio mandou trazer de um naufrágio no litoral perto daqui.

– E agora eles servem de encanamento?

– Desculpe, o que quer dizer “servir de encanamento”?

Charles cortou a pergunta de Annette, meio irritado.

– Ela quer dizer que agora são usados para encher a piscina.

– Sim, com água do mar.

– Água do mar? *Aquecida*?

Tina concordou com a cabeça.

– Você acha melhor, não? Temos outra piscina, de água doce, mas essa aqui é boa, não?

Annette calou-se um pouco. Começava a concordar com os outros: estava desambientada. O grupo tinha parado num terraço cheio de buganvílias com um pedestal de mármore mostrando um torso masculino de autoria de Rodin. Todos murmuraram, admirados. A sra. Frank virou-se para Caroline e perguntou de vários amigos em comum. Parecia ofendida por não ter sido convidada para o casamento de Charles, pois perguntou por várias pessoas acrescentando “eles deviam estar na festa”. Caroline teve de concordar várias vezes “sim, estavam”. Os nomes foram surgindo à medida que o grupo passava de um terraço a outro, tendo ao fundo o azul forte do céu mediterrâneo. Têm visto os Esterhazy? Os Polignac? Os Devonshire? Os Metternich? Os Frescobaldi? Nomes saídos dos livros de História que Edith conhecia por ter estudado a vida de Felipe II da Espanha, o Risorgimento, a Revolução Francesa, o Congresso de Viena. E ali estavam eles, despojados de qualquer significado concreto. Tinham se tornado apenas cartas da corte, ricas cartas no jogo do intercâmbio de nomes. Eram apostas altas e Edith reparou com certo prazer que Jane e Eric Cumnor tinham ficado para trás com Tina, certamente para não se sentirem excluídos como gostavam de fazer com os outros. Caroline e Charles não se perturbaram. Os dois conheciam todos aqueles nomes e muitos outros, por mais milhões de libras que os Frank tivessem. E assim a tarde se passou numa ladainha de duquesas citadas em meio a obras de arte sacralizadas pelo dinheiro. Uma hora e quarenta e cinco minutos após sair, o grupo voltou ao moderno palácio à beira-mar.

No terraço, seria servido um chá “estilo inglês”, ou seja, “estilo hotel americano”, e três mordomos de libré branca aguardavam para servir. A sra. Frank fez todos os

convidados se sentarem. A essa altura, a namorada de Peter, Bob e Annette estavam exaustos, loucos para voltar para a *villa* e transformar aquele programa chato numa história engraçada. Eric ficou para trás, o rosto corado pelo esforço físico, irritado por sua ignorância social excluí-lo da conversa que sua esposa centralizou quase a tarde inteira. Desmontou-se em uma *chaise* ao lado de Edith e aceitou a xícara de chá que lhe foi oferecida.

A sra. Frank voltou sua atenção para a recém-casada.

– Escute, Hilary Weston foi ao casamento? Soube que ela não pôde sair do Canadá.

Eric olhou, com um muxoxo.

– Minha senhora, não adianta perguntar para Edith. Tem que esperar ela praticar um pouco mais.

Edith não ligou. Por sorte, tinha falado bastante com a sra. Weston na festa do casamento. Agradeceu ao seu santo protetor e falou sem olhar para Eric, excluindo-o da conversa:

– Sim, ela foi. Galen estava na Flórida e não pôde ir, embora tivessem planejado.

A sra. Frank concordou com a cabeça, dando um olhar meio estranho para Eric.

– Ela faz tanta coisa! Quando penso nela, fico me achando preguiçosa.

Continuou a falar. Edith tinha sido aprovada. Eric se recostou na cadeira e olhou para ela:

– Muito bem. Nota dez.

Ela encarou-o, mantendo cada centímetro do terreno conquistado.

– Você conhece Hilary?

– Tanto quanto você – respondeu Eric, e levantou-se para ficar com Caroline no outro lado do terraço. Edith ficou aliviada com esse diálogo, pois provou com todas as letras que Eric era seu inimigo na família. Não precisava fingir mais; além disso, ela havia vencido o primeiro round.

À noite, estava cantando no chuveiro quando Charles entrou no quarto, ia trocar de roupa para o jantar. Ele sorriu.

– Parece bem contente. Gostou do dia? Que coleção de arte! Que lugar lindo!

Mesmo nesse meio social, os adultos podem manifestar alguma admiração quando estão a sós e Charles achou que tinha ficado impassível por muito tempo.

– É, estou feliz sim.

Ela fechou a torneira, deu um beijo nele e ficou ali molhada e nua.

Os minutos seguintes, na verdade, o resto da noite, foram dos mais agradáveis que

ela passou com Charles, e ela foi dormir com uma sensação de vitória e satisfação.

Charles virou-se para ela:

– Os Frank querem nos oferecer um jantar antes de irmos embora.

Ela fez cara indiferente:

– Ah, meu Deus. Temos de ir?

– Ora, querida. É simpático fazerem isso e eles não são tão ruins – disse Charles.

– A velha não é má, mas a sobrinha é um horror.

Ele riu.

– Achei-a delicada. Precisamos ser gentis.

Edith apoiou o rosto nas mãos, deitada ao lado dele.

– Por que vocês tratam com frieza e fazem caretas por trás de alguém como Annette, que é falante e engraçada? Mas perdoam e fingem que Tina Frank é encantadora, quando deve ser a jovem mais chata e sem graça que já conheci?

– Não entendo o que você quer dizer.

– Entende sim, Charles. – Ela estava estranhamente segura, quase alegre. Pela primeira vez desde o casamento, sentia que era realmente lady Broughton. Tinha administrado direito as coisas e, como diz a velha crença, “tinha direito à opinião própria”. Prosseguiu, sorridente, mas severa.

– Você sabe muito bem. E vou dizer o porquê. Annette não conhece as mesmas pessoas que nós e Tina conhece, além de ser muito rica. Não sei, querido, você não consegue entender? Nem um pouco?

Edith estava segura. Deu um sorriso intrigado para o marido, balançando de leve a cabeça, imaginando como os cabelos deviam estar lindos, fazendo ondas na nuca.

Charles encarou-a.

– Quem são essas pessoas que você e Tina Frank conhecem? – perguntou, mordaz, e apagou a luz.

SEGUNDA PARTE

Forte-Piano



PASSEI MESES SEM VER EDITH depois que ela voltou da lua de mel, embora o casal viesse de vez em quando a Londres. Parecia não gostar do apartamento da sogra em Cadogan Square, pois ficavam no pequeno flat de Charles em Eaton Place, quando vinham para uma festa, ou um teatro. Encontrei-os em jantares e, um dia, em outubro, fui convidado para tomar um drinque com alguns amigos deles na saleta do segundo andar. Mas não houve muita chance de conversar. Edith parecia bem feliz e tinha começado a adquirir aquela pátina dos privilegiados, a leve aura do *luxo*, que parece pedir “mantenha-distância” e separá-los de nós, os simples mortais. Achei divertido notar uma *hauteur* começando a esconder a garota sortuda de Fulham.

Não os vi no período pré-Natal e já estava me sentindo excluído da roda quando recebi um bilhete dentro de um cartão de Charles (não de Edith), convidando-me para um dia de caça em janeiro. A data era uma sexta-feira, portanto era para jantar na quinta e passar a noite e, como nada mais foi dito, eu supostamente devia sumir após a caçada, dando lugar aos convidados que chegariam no sábado. O convite tardio mostrava que um outro convidado tinha recusado, mesmo assim era um programa interessante e eu (por acaso) não tinha filmagem nessa data. Estava escalado para fazer, cinco dias após a caçada, o vilão-da-semana num daqueles infundáveis seriados de detetive com mocinha e bandido, então escrevi aceitando o convite. Logo depois, recebi informações de como chegar à mansão de carro ou de trem e, nesse caso, em que horário embarcar para estar lá às seis da tarde, mais ou menos.

Gosto de caçadas. Os amigos artistas de Londres têm muita dificuldade em aceitar isso, mas os que foram criados no campo aceitam facilmente. Não vou agora empreender a defesa dos esportes sangrentos, já que jamais consegui convencer alguém que não tivesse a mesma opinião que eu. Devo dizer que não vejo muita lógica nas pessoas que adoram comer alimentos processados e são contra os caçadores conservacionistas, que abatem animais criados especialmente para serem caçados. Mas reconheço que nenhum sentimento tem muita lógica. Nessa época da minha vida, entretanto, quase todos os esportes que eu praticava eram do tipo tiro campestre, por isso foi com prazerosa ansiedade que me preparei para o que prometia ser um

verdadeiro *grand battu* eduardiano.

Eu conhecia bem o caminho para Broughton, já que tinha passado muitos fins de semana com os Easton, mas sair de Londres de carro na direção sul pode ser um pesadelo, e fui com tempo de sobra, prevendo as retenções na estrada. Nessa vez, não reparei que fui numa quinta-feira e não sexta e, com a estrada relativamente livre, cheguei à mansão pouco depois das cinco e meia. O mordomo, que tinha o improvável nome de Jago, avisou-me que lady Uckfield e lady Broughton estavam no salão amarelo terminando uma reunião de comitê.

Eu não pretendia participar da reunião (já basta as que somos obrigados a ir) e me instalei numa poltrona de veludo e dourado estilo William Kent, no salão mármore. Para surpresa minha, a poltrona era confortável; não tive de esperar muito, logo a porta se abriu e saíram alguns integrantes da reunião, se despedindo de Edith com palavras amáveis e ela mostrou o caminho para eles. Interrompeu-se para falar comigo.

– Olá, não sabia que você já tinha chegado – ela disse.

– Cheguei um pouco cedo, então preferi esperar em vez de atrapalhar o seu lazer. Ela fez um gesto de desânimo e deu um suspiro engraçado.

– Lazer! Vamos tomar uma xícara de chá – convidou.

Sem dar atenção aos cumprimentos e sorrisos das pessoas que estavam indo embora, ela entrou de novo na sala. Eles não estranharam nada, longe disso. Como ela interrompeu as despedidas para falar comigo, as pessoas me deram sorrisos cheios de deferência, enquanto se encaminhavam para a escada. Devem ter pensado que eu também tinha sido tocado pela varinha de condão dourada.

Os remanescentes do comitê, o habitual grupo de intelectuais de província, conselheiras e camponesas de cabelos com permanente, todos mortos de tédio, estavam prestes a se retirar. Alguns juntavam suas coisas devagar, o que mostrava a intenção de “segurar” alguém. A presa que quase todos os retardatários queriam pegar era, claro, lady Uckfield, que estava escondida numa bonita cadeira capitonê junto à lareira, cercada de admiradores. Alguns candidatos, desconcertados com a competição, contentaram-se em falar cinco minutos com Edith e saíram. Ao me aproximar da dona da casa, ela se levantou para me cumprimentar com um beijo, o que foi uma espécie de sinal de que a audiência com os demais estava terminada.

– Adeus, lady Uckfield e obrigada – disse uma conselheira negra que usava um folgado avental de artista.

– Obrigada a *voilà*. – Lady Uckfield falava rápido e com a sua habitual intimidade.

– Tenho certeza de que você vai fazer coisas *lindas* lá em Cramney. Soube que a cidade está *fenvendo*, estou *louca* para ir lá ver.

A colega dela sorriu, irradiando socialismo.

– A sua presença será muito apreciada por todos. – E retirou-se, cheia de sorrisos.

– Onde fica Cramney? – perguntei.

Lady Uckfield deu de ombros.

– É um lugarzinho de nada lá para os lados de Kent. Aceita chá?

Quando entrei no quarto que me foi reservado, minhas roupas tinham sido retiradas da mala e a camisa para a noite, gravata, meias e faixa de cintura estavam à minha espera. Mas não havia sinal da minha cueca limpa. Procurei em várias gavetas e já ia olhar embaixo da cama, quando ouvi uma voz atrás de mim:

– O que procura?

Virei-me: Tommy Wainwright estava na porta que ligava o meu quarto (chamado quarto do jardim) ao vizinho e maior, o quarto rosa veludo, reservado para ele. Apesar desses nomes pomposos, os quartos eram pequenos, apertados numa espécie de mezanino na lateral da casa. Foi a solução encontrada pelo arquiteto para criar quartos menores mexendo apenas numa parte da fachada da casa. Assim, apesar dos nomes perfumados, os quartos abriam para a estrebaria, tinham pé-direito baixo e eram face norte.

Procuramos minha cueca um pouco e acabamos desistindo, que fosse para o diabo. Provavelmente, há até hoje uma velha cueca enfiada no fundo de uma gaveta no quarto do jardim da mansão Broughton. Tommy foi ao quarto dele e voltou com uma garrafinha de uísque e dois copos de enxaguar boca no banheiro.

– Equipamento básico para hotéis e festas – informou, servindo uma boa dose para cada um.

– Eles são sovinas com as bebidas? – perguntei. Já tive muitas surpresas, sobretudo na juventude, com o grande desconforto e penúria que ingleses distintos oferecem a seus amigos (e estranhos). Fiquei em banheiros cujas torneiras esguichavam água gelada e escura; em quartos com portas que não fechavam; tive lençóis que pareciam trapos e travesseiros duros como pedras. Uma vez, dirigi uma hora pelo campo para almoçar com uns parentes importantes de meu pai e eles me serviram uma salsicha, duas batatinhas e vinte e oito ervilhas. De outra vez, hospedado numa casa onde participei de um baile em Hampshire, senti tanto frio na hora de dormir que acabei empilhando na cama todas as minhas roupas e duas toalhas de banho puídas, que segurei com um

gasto pedaço de tapete turco por cima, a única coisa que havia sobre o piso. No dia seguinte, minha anfitriã veio me acordar e não estranhou eu estar deitado numa espécie de sarcófago de pano, nem teve o menor interesse em saber se eu tinha conseguido dormir. Quando se pensa nos ingleses da época eduardiana, que esbanjavam luxo, é estranho que seus netos sejam tão refratários ao conforto. Há pouco, notei que o bem-estar trazido pelo novo dinheiro vem fazendo uma pequena melhoria na casa dos *anciens riches* mas, céus, como demorou.

Tommy respondeu à minha pergunta balançando a cabeça.

– Não, eles não são sovinas. Nem um pouco, lorde U. despeja bebida goela abaixo de todo mundo. Mas é bem complicado conseguir um drinque antes da festa.

Sentamos e conversamos um pouco, perguntei se Tommy via muito os Broughton. Ele negou de novo com a cabeça.

– Não. Eles não saem daqui. Fico surpreso por Edith gostar da aldeia e participar de entregas de prêmios sem parar. Eles quase não vão a Londres.

Eu também achava um pouco estranho. Principalmente porque o jovem casal continuava morando na mansão com os pais de Charles. Logo após o casamento, planejaram reformar uma das fazendas, por isso perguntei a Tommy como estava a obra.

– Acho que mudaram de ideia – respondeu.

– É mesmo?

– Engraçado, não? Ela quer ficar aqui e os sogros gostam muito, então de certo a obra na fazenda Brook vai terminar logo e a casa será alugada.

– Eles moram numa parte da mansão?

– Não exatamente. Edith tem uma espécie de sala no andar de cima e Charles tem um escritório, claro. E só. Como naquelas novelas da tevê americana onde todos os personagens têm milhões de dólares, mas vivem socados numa casa com escadaria.

Balancei a cabeça, incrédulo.

– Imagino que Charles goste de viver aqui, mas acho entediante para uma recém-casada.

Charles, como todos os da sua classe, se achava no direito de receber tratamento “especial” onde quer que fosse; Edith já havia notado que ele ficava ofendido quando não recebia. Por isso, compreendi que, depois de passar a vida toda fingindo ignorar os barroquismos de sua vida, tivesse dificuldade em abrir mão deles.

A classe alta inglesa tem uma necessidade enorme e inconsciente de mostrar que é

diferente graças ao que possui. Para eles, nada é mais deprimente (ou menos convincente) do que ter um status, um prestígio, algum lastro familiar, e não comprovar. Eles jamais pensariam em decorar um quarto de solteiro em Putney sem pendurar na parede uma estranha aquarela de uma avó usando crinolina; sem expor duas ou três antiguidades de valor e, sobretudo, algum objeto que denote uma infância privilegiada. Tudo isso é uma espécie de língua de sinais que mostra ao visitante o lugar ocupado pelo dono ou dona da casa dentro do sistema de classes. Mas, acima de tudo, o verdadeiro marcador para eles, a verdadeira prova de fogo é a família ter conservado sua residência e propriedades. Ou, pelo menos, quase todas. Pode-se ouvir um nobre explicando para um americano em visita que, na Inglaterra, dinheiro hoje deixou de ser importante, as pessoas podem continuar na sociedade sem ter um tostão, pois “hoje, a terra é um investimento mais seguro”. No fundo, ele não acredita em nada disso. Sabe que estão todos *dédasés*: a família que perdeu tudo menos a tiara; as duquesas que moram em casinhas perto de Cheyne Walk; os viscondes em apartamentinhos na Ebury Street, por mais que tenham retratos e quadros da antiga residência (“Hoje, o local é usado como uma espécie de escola de treinamento rural”). Escusado dizer que a necessidade de materializar o status é tão secreta quanto o ritual maçônico.

Claro que os Broughton tinham uma situação sólida, incomum. Na década de 1990, poucas famílias mantinham o status e um dia Charles ia entrar na mansão Broughton como seu legítimo dono. Mesmo assim, ao conversar com Tommy, desconfiei de que ele podia temer que alguém, impressionado ao cumprimentá-lo no Salão Mármore e depois encontrá-lo numa sala de fazenda decorada com chintz, cometesse o erro de pensar que ele era uma pessoa comum. Mas eu estava enganado.

Tommy negou com a cabeça.

– Não, Charles não se importaria. Já se acostumou com a ideia. – Pensou um instante e mudou de assunto.

– Ah, sim, preciso trocar de roupa.

Nos reunimos para jantar na sala usada pela família, um lindo aposento de frente para o jardim, muito mais simpático que o vizinho salão vermelho, onde tinha sido o jantar de noivado. Além de Tommy, havia mais alguns rostos familiares. Peter Broughton estava presente, aparentemente sem sua loura horrorosa. Num canto, Caroline Chase conversava com Daphne, a filha mais velha de lady Tenby, casada com o apagado segundo filho de um conde das Midlands. As duas olharam e sorriram do outro lado do salão. Com medo, procurei Eric Chase e achei-o bebendo uísque e

palestrando com um pobre jovem sobre a atual situação da cidade. O ouvinte olhava para a cara vermelha de Eric com a alegria de um coelho iluminado pelos faróis de um carro vindo em sentido contrário.

– O que você deseja beber? – Lady Uckfield estava ao meu lado e mandou Jago trazer um copo de uísque e água. Ela acompanhou o meu olhar.

– Céus! Eric mantém uma longa conversinha.

Sorri:

– Quem é o feliz receptáculo dos ensinamentos?

– É o coitado do Henri de Montalambert.

Por algum motivo, eu sabia que o duque de Montalambert era parente dos Broughton por matrimônio. Não era um duque nos padrões franceses (que se dão ao luxo de classificá-los, pois têm muitos mais do que os ingleses), já que a honraria só foi concedida em 1820, por Luís XVIII. Graças ao casamento na década de 1890 com a herdeira de um rei do aço de Cincinnati, a família se instalou entre Trémouilles e Uzès. Lady Uckfield se referiu ao duque como se fosse um velho amigo da família mas, como fingia as coisas até para ela mesma, fiquei como sempre sem saber o verdadeiro grau de intimidade.

– Ele parece meio impressionado – avaliei.

Ela concordou, contendo o riso.

– Não sei o que ele está achando, pois mal entende inglês. Não se preocupe, Eric não vai notar. – Ela interpretou o meu riso como concordância, depois zangou-se: – Não me faça ser cruel.

– Até quando Monsieur de Montalambert fica aqui?

Lady Uckfield fez uma careta:

– Fica os três dias. O que vamos fazer? Eu ainda sou daquelas pessoas que em francês só falam *où est la plume de ma tante* e Jojo mal consegue dizer *encore*. Henri casou-se com uma prima nossa há trinta anos e acho que não falamos mais que isso nesses anos todos.

– Então a duquesa fala inglês?

– Falava. Era surda e já morreu, portanto não pode nos ajudar. Por acaso você fala francês?

– Um pouco – respondi, desanimado. Pensei na mudança de cartões indicando os lugares na mesa do jantar e na interminável e mal traduzida conversa que teria pela frente.

Ela percebeu.

– Anime-se, Edith vai ficar entre vocês dois no jantar. – Deu um daqueles olhares rápidos e sedutores para mim. – O que acha da nossa recém-casada?

– Está ótima. Aliás, nunca a vi tão bonita – respondi.

– É, ela está bem. – Lady Uckfield ficou indecisa por uma fração de segundo.

– Só espero que ela goste daqui. Tem feito muito sucesso, você sabe. O problema é que todos gostam tanto dela que é difícil não obrigá-la a cumprir todas as benditas obrigações. Acho que fui muito egoísta por transferir meus deveres de estado para ela.

– Conheço Edith e aposto que ela está gostando. É bem melhor do que atender telefone num escritório na Milner Street.

Lady Uckfield sorriu.

– Bom, é mesmo.

– Ela parece ter desistido de Londres, portanto foi bom você fazer isso.

– É – ela concordou, rápido. – O importante é estarem felizes, não?

Retirou-se para cumprimentar recém-chegados. Notei pequenas nuances nos recessos da mente perfeitamente organizada de lady Uckfield.

Como previsto, o jantar foi complicado. A agradável filha de lady Tenby, Daphne Bolingbroke, ficou à minha direita, portanto correu tudo bem durante o primeiro prato, mas percebi que Edith, à minha esquerda, lutava corajosamente com seu vizinho Monsieur de Montalambert. Na verdade, foi difícil prestar atenção na minha conversa, pois o francês que Edith falava e o inglês que o vizinho dela usava eram do mesmo nível. Ou seja, horrorosos, mas não a ponto de impedir esforços de ambas as partes. Seria mais simples se um não entendesse a língua do outro, mas o vocabulário deles era suficiente para causar uma confusão total. Edith ficou resmungando que havia lugares em Paris que eram *bon* e Londres era *épouvantable*; o interlocutor não entendia nada ou, pior, achava que entendia e revidava com uma torrente de palavras em francês das quais Edith mal captava duas.

O jantar continuou sendo servido, tentei impedir o sofrimento de Edith, mas Monsieur de Montalambert não respeitou as leis inglesas e insistiu na conversa. Em vez de agarrar a pequena melhora de comunicação proporcionada por meu francês mediano, ele passou a acusar veementemente o governo francês que, segundo ele, parecia, de alguma forma misteriosa que me escapou, com o duque Decazes, ministro de Luiz XVIII.

– Do que estamos falando? – perguntou Edith baixo, sob a torrente incontrolada de palavras gaulesas.

– Não faço ideia. A Restauração Francesa, acho.

– Céus.

Na verdade, a essa altura, nós dois estávamos totalmente exaustos, ansiosos por uma pausa, mas o duque ignorou a presença de lady Uckfield à esquerda e ela, escusado dizer, ficou encantada por deixar de lado as regras de comportamento à mesa.

O duque parou um instante e sorriu. Achei que ia mudar de assunto. Porém ele, malvado, ao ver que meu francês era melhor que o de Edith, resolveu que estava na hora de mostrar seus conhecimentos de inglês.

– Gosta de sexo? Com que frequência? – perguntou, divertido.

Nesse exato momento, Edith estava bebendo água e, claro, engasgou. Pegou o guardanapo e tentou fingir que era um acesso de tosse. À minha direita, Daphne tremia de rir em silêncio. A mesa estava sendo tomada por uma histeria digna de sala de aula.

– Tenho a impressão – apartou lady Uckfield, que percebeu o mal-estar – de que Henri perguntou se você conhece Sussex. – Ela foi firme como uma professora com um bando de crianças indisciplinadas, mas isso só causou risadinhas em série de todos nós. O rosto de Edith estava literalmente vermelho e ela quase soluçava, tentando controlar o ataque.

A essa altura, Charles olhou para o nosso lado. Naturalmente, não tinha percebido nada.

– Querida, você sabe onde eu coloquei o outro coldre de braço? Richard quer emprestado para amanhã e não lembro onde deixei – perguntou.

Ele teve sucesso no que a mãe fracassou. As palavras tiveram o efeito de um extintor de incêndio nas risadas. Deu-se uma pausa até Edith responder:

– Você emprestou para Billy Westbrook.

Quando Edith voltou-se para o cansativo vizinho, olhou para mim. Nesse momento, ouvindo a paciente resposta dada ao marido e vendo seu cansaço, concluí que a troca que ela fez não tinha sido fácil.

No dia seguinte, acordei cedo e, ao chegar à sala de jantar, quase todos os convidados já estavam lá, degustando o maravilhoso café da manhã *fin de siède* servido na bancada, com *réchauds* sob as baixelas de prata. Escolhi diversas comidas ricas em colesterol e sentei ao lado de Tommy.

– Eles sorteiavam números na caçada, ou dizem onde cada um deve ficar? – perguntei.

– Sorteiam. Charles tem um aparelho prateado e aparatoso com números marcados.

O sorteio será quando nos reunirmos na entrada da casa. A melhor coisa é não receber um número perto de Eric.

Pensei em vários motivos para seguir o conselho mas, pela cara de Tommy, concluí que o principal motivo era a mera autopreservação. Acabei ficando a um número de Eric, com o aborrecido Monsieur de Montalambert entre nós. Vi a cara que Eric fez quando foi sorteado, mas devia ser só de medo de enfrentar mais uma palestra sobre a cotação da libra em relação ao euro. Peter Broughton ficou à minha direita. Havia oito espingardas, sendo quatro com carregadores e, somando com as esposas, os cachorros etc. etc., éramos um grupo grande quando saímos para os jipes que aguardavam no cascalho da entrada. Notei que Edith não estava conosco. Vi o motivo quando, na terceira sessão da caçada, ela apareceu com garrafas térmicas de delicioso *bouillon* temperado com vodka (ou sem álcool para os austeros).

– Posso ficar ao seu lado, ou atrapalho a sua concentração? – ela perguntou.

– Fique... de jeito nenhum, nada tira a minha concentração, eu erro o tiro, sozinho ou acompanhado. Mas Charles não vai reclamar?

– Não, ele prefere ficar com George. Diz que eu falo muito.

Os jipes seguiam por um mato alto que ficava bem distante da mansão e as armas foram colocadas em semicírculo no chão. Fui sorteado com o número dois e fiquei na quarta sessão da manhã e agora estava na posição oito, no final da fila. Edith e eu seguimos pelo campo até o bastão com meu número e lá aguardamos.

– Você gosta mesmo disso? – perguntou, se encostando na cerca de madeira.

– Claro, ou não estaria aqui.

– Pensei que tivesse aceitado o convite para me ver em toda a minha glória.

– Tem razão. Podia ser, mas acontece que realmente aprecio caçada. Foi simpático você pedir para Charles me convidar.

– Ah, a ideia não foi minha. – Ela fez uma pausa. – Claro que adorei você ter aceitado, mas a sugestão foi de Gugu. – Ela não percebia mais que se referia aos sogros por aqueles apelidos bobos.

– Então foi simpático da parte dela.

– Gugu tem sempre alguma razão para ser simpática.

– Bom, não sei qual seria.

Soou o apito, carreguei minha espingarda e aponteí para o alto das árvores. Quando fiquei de costas para Edith, ela pareceu aliviada.

– Gugu está preocupada comigo. Acha que estou entediada e você vai me animar.

E que você é uma boa influência.

– Não sei por quê.

– Ela acha que você me mostra como sou sortuda.

– E você não é? – Edith ficou desapontada e abriu os braços sobre a cerca. – Ah, não me diga que já está entediada – observei.

– Estou.

Dei um leve suspiro. Não vou dizer que me surpreendi por Edith descobrir que, como diz o poema, “corações ternos são mais do que tiaras e a sinceridade é mais do que sangue normando”. Aquilo ia acontecer mais cedo ou mais tarde mas, mesmo lembrando da noite anterior, me pareceu muito prematuro. Como quase todos os amigos dela, eu esperava que, quando ela chegasse finalmente à antiga conclusão de que só se pode dormir numa cama de cada vez e comer um prato de cada vez, já teria filhos para acrescentar um puro e sincero interesse pela nova vida. E, por mais que se falasse de Charles, ele tinha um bom coração e, achava eu, uma sinceridade bonita e simples. Senti um espírito conselheiro surgindo dentro de mim e perguntei:

– Você está entediada com o quê, exatamente? Com Charles? Com a vida? A vida rural? O quê?

Ela não respondeu e passei minha atenção para um pássaro voando muito alto, vindo na minha direção. Empunhei a espingarda e atirei. O faisão continuou seu voo, tranquilo.

– Devo dizer – continuei, um pouco mais conciliador – que deve ser difícil iniciar a vida conjugal sob o mesmo teto dos sogros, por mais amplo que seja o teto.

– Não é isso. Eles nos ofereceram morar na fazenda Brook.

– Por que vocês não aceitaram?

Edith deu de ombros.

– Não sei. Parecia meio... chato.

Ficou evidente que o verdadeiro problema era estar mortalmente cansada do marido. Dava para ir levando a vida nos magníficos aposentos da mansão Broughton, onde havia gente para conversar e o vinho fortificante da inveja dos outros para beber, mas ficar sozinha com Charles numa fazenda... sem dúvida.

– Se está tão aborrecida, por que não passa mais tempo em Londres? Não temos mais visto você lá.

Edith ficou olhando suas botas verdes Wellington próprias para caça.

– Não sei. O apartamento é muito pequeno e Charles não gosta dele. Ir lá exige

uma enorme produção.

– Você não pode dar uma fugida sozinha?

Edith olhou bem para mim.

– Não, acho que não devo. Você acha que poderia?

Olhei bem para ela um instante.

– Não – respondi.

Era isso. Ela estava casada há apenas oito meses e já não aguentava o marido. E tinha medo de ficar em Londres pois tinha certeza de que mergulharia na cidade imediatamente. Pelo menos, ela pretendia manter o pacto que fez com o diabo.

Sorri. – Bom, soando como uma ordem, você *deveria* – eu disse. Ela concordou, séria. – Quem você encontra por aqui? Acho que não tem visto muito Isabel.

Ela fez uma careta.

– Não, não tenho. Sinto que desapontei David, ele fica dando indiretas sobre caçadas e não tive coragem de dizer que você vinha hoje.

– Charles não quer que ele venha?

– Ah, não é isso. Ele aceitaria se eu convidasse mas, queira ou não, essas pessoas são gente diferente. E David às vezes é meio... – ela fez uma pausa – chato.

Pobre David! Acabar assim! Passar tantos anos indo às corridas em Ascot, frequentando o Brook's e tomando drinques no Turf! Para depois causar constrangimento a Edith. Mundo cruel. Não disse que concordava, mas entendi o que ela quis dizer.

– Você tem de contar para ele que estive aqui. Não quero que Isabel descubra e depois pense que estamos contra ela.

Edith concordou.

– Quem é essa “gente diferente”? São divertidos? – perguntei.

Ela deu um suspiro e tirou um pedacinho de lama grudado na sua capa Barbour.

– São horríveis. Sei quase tudo sobre planejamento imobiliário. Consigo descrever até dormindo cada parte do corpo de um cavalo. E se há alguma coisa que eu não saiba sobre organização de eventos de caridade, garanto que é porque não vale a pena.

– Mas você deve viajar bastante, não é bom?

– Ah, sim! Você sabia que, na Itália, a lavanda que fica na sua frente à mesa é para molhar a fruta e não a ponta dos dedos? E que nos Estados Unidos não se deve falar sobre terras? E que na Espanha é uma grande gafe usar a faca para cortar um ovo cozido?

Ela parou para respirar.

– Não sabia do ovo – observei. Ficou calada um instante e tentei de novo acertar um tiro num pássaro que voava sobre nós. – Deve haver algumas pessoas de que você goste.

– Creio que sim.

– E a família? Sabem que você está tão aborrecida?

– Gugu sabe. Mas o querido Jojô, não, claro. Ele só percebe as coisas quando caem na cabeça dele. Acho que Caroline sabe.

– E Charles?

Edith olhou um instante a copa das árvores sobre nossas cabeças.

– O problema é que ele é tão empolgado com tudo, acha que eu vou acabar me empolgando também. Acha que estou em “fase de adaptação”.

– Acho muito sensato da parte dele. – Claro que, quando disse isso, percebi que estava desapontando Edith por ficar do lado de Charles. Mas, honestamente, não conseguia fazer outra coisa. O fato era que ela estava casada com um homem que, embora não fosse culpa dele, era menos sutil do que ela em relação à ascensão social dela. Mas o trato era esse. Nada nesse mundo faria Charles ser mais espirituoso, nem mais dinâmico e eu não acreditava que Edith quisesse voltar para o lugar de onde ela tão tardiamente saía. Ela possuía aquele sentimento muito comum no século XXI, de querer levar vantagem em tudo.

– Você deve ter muito a fazer, não? Não planejava dar uma arrumada no sótão da mansão e reescrever a história da família?

– O sótão tem só móveis vitorianos. Há muito tempo Gugu tirou tudo o que prestava. E o bibliotecário ficou meio irritado quando sugeri fazer acréscimos ao livro sobre a família. – Ela bocejou. – De todo jeito, Jojô e Charles não tiveram o menor interesse. Eles acham muito vulgar saber demais sobre a família. Foi meio desanimador.

– Então você precisa encontrar outra coisa para fazer. Tenho certeza de que recebe muitos convites para eventos de caridade na região.

Ao falar, percebi que eu estava cada vez mais parecido com uma governanta e era realmente assim que me sentia ao ver aquela linda mulher amuada, encostada na cerca.

Ela deu um suspiro horrível.

– Você está querendo dizer que eu só tenho de aguentar a situação?

– Bom, não tem?

Ela me olhou e, nesse instante, o apito tocou indicando que a caçada tinha

terminado e voltamos para os jipes. Lá, chamou nossa atenção um certo rebuliço e indignação que teriam sido causados por Eric Chase, que quase deu um tiro no nariz de Monsieur de Montalambert. Claro que Eric negava furiosamente, enquanto o outro desafiava uma série extraordinária de frases em francês, algumas das quais eu nunca tinha ouvido. Fui convocado como testemunha imparcial mas, claro, como fiquei conversando com Edith, não sabia de nada.

Caroline ouviu meus protestos e concordou:

– Você tem toda a razão. No seu lugar, eu não me envolveria – disse, calma.

Eu não tinha a menor ideia a que ela estava se referindo.

Após o chá, entrei no meu carro naquele momento meio esquisito em que um bando de convidados vai embora e o seguinte chega. Charles foi andando comigo pela trilha de cascalho e parou ao lado da porta do carro. Abri a janela, pensando no que eu poderia ter esquecido de fazer, pois tinha me despedido de todos, dado gorjeta aos criados e assinado o livro de visitas.

– Eu queria contar que recebemos uma proposta de uma empresa de cinema – ele disse. – O que você acha?

– Querem filmar em Broughton?

– Não sei se é um filme, ou um daqueles seriados de tevê. Como eles são? Isso é seguro?

Em princípio, falando como ator, eu não deixaria uma equipe de filmagem ficar a menos de dois quilômetros da minha casa, sob hipótese alguma. Mas é verdade que eles são cuidadosos com qualquer coisa que possa ser considerada “histórica”. E, como tudo na vida, a proposta dependia do que era oferecido. O melhor que eu podia fazer era dar a Charles o nome de uma agência que negociava com empresas de cinema e sugerir que seguisse o conselho dela.

Ele agradeceu e me cumprimentou com a cabeça:

– Vamos exigir no contrato que você faça parte do elenco – ele disse, sorrindo, enquanto dei partida no carro.



POR MAIS ESTRANHO QUE PAREÇA, e ao contrário do que seria em circunstâncias similares no mundo artístico, Charles cumpriu a promessa. O filme em questão era uma dessas produções para tevê com atores na moda e sem verba, exibidas nos sábados à noite por três intermináveis horas.

Contaria a história das irmãs Gunning, duas belas e obscuras irlandesas que chegaram a Londres em 1750, conquistaram a cidade e se casaram, respectivamente, com o conde de Coventry e o duque de Hamilton. A união com o duque não deu certo, mas foi amenizada pela morte precoce dele; a duquesa viúva foi em frente com certo garbo e acabou se casando com um antigo admirador, o coronel John Campbell, herdeiro do ducado de Argyll.

Era exatamente o tema que os seriados pseudo-históricos apreciavam. A mansão Broughton serviria de locação para o palácio Hamilton (demolido na década de 1920) e para o de Inverary que, supponho, ficava muito longe de Londres, ou então o atual duque de Argyll não gostou da ideia de filmagem. Vários interiores iriam reproduzir o antigo esplendor da Londres georgiana.

O diretor era o inglês Christopher Twist, que fez algum sucesso com comédias leves encenadas no final dos anos 1960, quando esse gênero estava em voga; ele ainda vivia da antiga fama. Eu conhecia a produtora de elenco, que simpatizou comigo anos antes, e acho que foi graças a ela que recebi o personagem bastante razoável de Walter Creevey. Era um fofoqueiro da época, descrito como traícoeiro confidente da duquesa, embora não existissem muitas provas da amizade dos dois. Assim que cheguei para a entrevista, Twist abriu o jogo:

– Creio que você é muito amigo do conde de Broughton – ele disse.

Acho que todo mundo que viva em Hollywood pode ser perdoado por usar métodos americanos já que, ao contrário de muita gente, os de Los Angeles só gostam do jeito deles. Mesmo assim, fiquei um pouco irritado, não por Twist errar o título de Charles, nem por citá-lo inteiro, mas pela expressão invasiva “muito amigo”. Pelo que sei, quem se diz “muito amigo” de algum famoso conhece-o, no máximo, de longe. Da mesma maneira que, quando um jornal garante que “fontes próximas do casal real

informaram”, significa que o fato não passa de fofoca inventada pelos distantes parasitas da realeza.

– Eu o conheço – resumi.

Mas Twist insistiu:

– Bom, ele tem alta consideração por você – continuou. Twist tinha aquela estranha maneira de falar do nordeste dos Estados Unidos que lembra programa de bate-papo na tevê onde qualquer detalhe bobo 1) denota uma alma delicada e 2) abre espaço para todas as hipóteses sobre o tema.

– Que bom – resumi, de novo.

– Então, fale um pouco sobre você. – Ele se encostou na cadeira, esticando as pernas e mostrando botas de vaqueiro com horrendos motivos indígenas.

Quem não é ator não consegue imaginar a depressão que um pedido desse causa, quando as glórias de uma modesta carreira devem ser expostas como se fossem o espalhafatoso conteúdo da mala surrada de um vendedor. Portanto, vou passar por cima dessa parte e dizer que consegui o papel. Não por causa do “pouco sobre mim” que contei, mas porque Twist não queria começar mal com lady Uckfield que, eu soube depois, tinha insistido no meu nome para o elenco.

Assim que meu agente confirmou que eu estava contratado pelas oito semanas de filmagens (o que significava seis semanas em Broughton, ou perto de lá), liguei para Edith.

– Que ótima notícia! Claro que você vai se hospedar conosco.

É sempre bom ser convidado, mas eu já tinha decidido não ficar em Broughton. Sabia que ser amigo da família causaria um certo estranhamento na equipe. Se eu ficasse na casa deles, dali a pouco estaria totalmente isolado da verdadeira “produção” do filme.

– Gentileza sua. Não creio que vocês consigam me aguentar por seis semanas.

– Não seja bobo. Claro que conseguimos.

– Não sou tão louco a ponto de colocar isso à prova.

Edith conhecia bem essa conversa, sabia que o convite tinha sido recusado e não insistiu. Contei que eu ficaria num hotel simples, uma casa de campo adaptada, perto de Uckfield, mas claro que ela e eu íamos nos encontrar bastante. Confesso que depois do que ouvi durante a caçada, tive uma curiosidade meio vampiresca de ver Edith e Charles no lar. Talvez, no fundo, fosse um leve toque de *Schadenfreude*, palavra alemã que designa aquele prazer terrível que temos com a infelicidade alheia. Esperava que

não fosse o caso mas, após ver Edith ascender à Terra dos Sonhos, dá uma certa satisfação o desaponto alheio com as benesses do mundo. É o prêmio de consolação do fracasso.

Passaram-se duas ou três semanas. Fui experimentar meus trajes de cena na Bermans e na Wig Creations, onde às vezes encontrava com colegas do elenco. As irmãs Gunning seriam interpretadas por duas louras americanas, que estavam num “hiato” de gravação num seriado policial produzido em Hollywood. Portanto, a julgar pelo nível artístico, o seriado estava condenado ao fracasso desde o começo. Não quero parecer esnobe. Muitos papéis podem, sem dúvida, ser interpretados por louras americanas. Quero dizer apenas que, ao escalar Louanne Peters e Jane Darnell, os produtores mostravam ter desistido totalmente de fazer alguma representação verossímil da Londres do século XVIII. Preferiam garantir o índice de audiência. Não se pode culpá-los ou, pelo menos, não se culparia, caso eles admitissem o que fizeram. Assim, o resto do elenco foi obrigado a ouvir nas inúmeras locações em restaurantes a dificuldade da produção para conseguir as velas e as toucas de época, quando eles sabiam tanto quanto você que os personagens principais não teriam a menor verossimilhança. Os atores riem juntos depois que “pegam o dinheiro e saem correndo”; mesmo assim, é desanimador. Porém gostei de saber que a mãe das irmãs, a sra. Gunning, seria interpretada pela atriz Bella Stevens, com quem dividi um chalé em Northampton no começo de nossas carreiras, quando terminamos a escola dramática. Era agradável renovar uma amizade que, nesse ínterim, não fizemos qualquer esforço para manter.

Uma coisa esquisita, e que talvez seja exclusiva da vida artística, é o grande envolvimento que se cria com os colegas de ofício. Mas, terminado o trabalho, cada um volta para sua casa e nem pensa em telefonar para manter contato. Semanas de chorosas intimidades, para não falar nas ligações sexuais, são largadas sem um olhar para trás. É inevitável que esse tipo de trabalho cause uma aproximação e que a quantidade de trabalho dificulte manter tantos relacionamentos. Mesmo assim, é estranho pensar na quantidade de gente que anda pelas ruas de Londres e sabe muito mais da sua vida do que os seus familiares.

Por outro lado, nada é mais agradável do que retomar uma amizade assim após anos de intervalo, pois não precisa um preâmbulo para a aproximação. Ela já existe. Pode ser retomada imediatamente, como se pega uma tapeçaria do ponto em que foi largada dez anos antes. Era o caso de Bella. Ela possuía uma personalidade muito forte, com um rosto moreno quase diabólico, mistura de Joan Crawford com *commedia dell'arte*,

somados a uma gentileza, uma língua mordaz quase desbocada e um talento em matéria de culinária. A companhia de repertório com a qual tínhamos trabalhado (ela, como atriz principal, e eu, como assistente de palco) tinha sido totalmente caótica, mesmo pelos padrões da época. O diretor era um simpático e cínico alcoólatra que dormia em quase todos os ensaios e em todas as apresentações e, portanto, tínhamos boas histórias de horror para relembrar e rir.

O telefone tocou logo que entrei no quarto do hotel, quando ainda estava tonto com a decoração marrom e laranja de praxe. Era Bella. Concordei em encontrá-la no bar uma hora depois. Ela estava numa mesa com um amigo e apresentou-o: era Simon Russel, ator sobre o qual ouvi alguns comentários, ele tinha feito a parte boa (se é que esses épicos têm parte boa) do coronel John Campbell, ardoroso amante da heroína do nosso filme. Nos últimos cinco minutos do filme, faria o duque de Argyll.

Beleza é um tema que muitos evitam e quase todos minimizam, demonstrando assim uma sólida posição moral, mas que continua sendo uma das glórias da existência humana. Claro, muita gente é atraente sem ser bonita, assim como há bonitos entediados; o perigo da beleza nos muito jovens é que pode dar a eles a impressão de que a vida é muito fácil. Sei muito bem disso. Sei também que, dos quatro dons que as fadas podem ou não conceder (inteligência, berço, beleza e dinheiro), a beleza é a que faz as portas se abrirem a um simples toque. Seja para uma entrevista de emprego, o lugar na mesa de um jantar, uma grande promoção no trabalho, ou uma carona na estrada, todo mundo, independentemente de sexo ou tendência sexual, prefere alguém bonito. E ninguém sabe melhor disso que os próprios belos. Eles desfrutam de um poder pelo qual têm igual respeito e menosprezo. Apesar dos moralistas falarem na fugacidade da beleza, é um poder que nunca acaba totalmente. É possível notar no rosto enrugado de um nonagenário, curvado e apoiado numa bengala, o estilo e a segurança que viraram cabeças num baile no passado.

Simon Russell era, sem dúvida, o homem mais lindo que eu já vi. Não digo bonito, pois essa palavra implica alguma restrição masculina ao conceito de beleza, alguma imperfeição rude que atrai. O rosto de Simon não tinha nada disso. Era apenas e simplesmente perfeito. Cabelos louros, fartos e cacheados, caíam no rosto e meio que escondiam os olhos enormes e incrivelmente azuis. Um nariz de estátua, feito a cinzel (eu prestava muita atenção em narizes, já que sempre detestei o meu), e uma boca feminina, bem definida, emoldurando dentes afiados. A perfeição não parava aí. Em vez do corpo esguio que se associa à trupe de atores lindinhos, Simon era atlético,

musculoso e bem proporcionado. Em resumo, um belo espécime. Às vezes, temos a impressão de que os deuses não querem enfeiar sua obra e deixam que uma delas seja perfeita. Era Simon. Para encontrar um defeito nele, era preciso procurar; talvez as pernas fossem um pouco curtas para a altura dele. Depois eu soube que esse pequeno detalhe, esse grão de poeira no arco-íris, causava horas de angústia diária nele, o que mostra a paranoia e ingratidão da raça humana.

Nós três tínhamos resolvido evitar tanto o diretor quanto o restaurante do hotel, por isso escolhemos uma mesa escondida num curioso restaurante em Uckfield que tinha como tema, por estranho que pareça, o faroeste. Foi uma noite agradável e um afetuoso início de trabalho. Simon era boa companhia, uma das qualidades desses sortudos é que eles são fáceis de conviver. Era casado, tinha três filhos (um menino e duas meninas) sobre os quais ouvimos e continuaríamos a ouvir muito; Simon falava nele mesmo e em suas glórias daquele jeito relaxado e desinteressado que só os muito egocêntricos conseguem. Mas era engraçado, agradável e interessante, além de equilibrar a frenética agitação de Bella. Era também, sem sombra de dúvida, um grande sedutor. Nenhum contato com outro mortal, fosse a garçonne da nossa mesa ou o homem a quem pedimos informações na rua, escapava de seu luminoso sorriso. Ele precisava atrair todo mundo, por mais simples ou ínfimo que fosse. Eu me divertia em vê-lo tão ocupado.

– Acho que não consigo passar seis semanas no quarto que me deram – avisou Bella.
– O hotel deve ter feito alguma confusão, pois meu quarto é do tamanho de um armário e o banheiro fica numa espécie de guarda-roupa. – Ela fez sinal pedindo mais uma garrafa.

É sabido que o adjetivo “insatisfeito” é sinônimo de ator. Eles só ficam contentes quando têm uma boa reclamação para fazer, seja sobre condições de trabalho, sono, mudanças. Existe a velha piada do ator que estava desempregado há cinco anos, prestes a se suicidar de desespero, quando foi convidado para contracenar num filme com Julia Roberts. Alguém então quis confirmar a notícia e ele respondeu “é verdade, e o melhor é que amanhã estou de folga”. Mas até eu, que não me importo com esse tipo de coisa, me irritava ao pensar em seis semanas de papel de parede marrom e laranja; foi daí que veio a ideia de nós três dividirmos um chalé. Claro que era arriscado e resolvemos fazer um acordo renovável por semana, mas seria uma boa economia, além de uma grande melhora na nossa situação.

– O único problema é que quase tudo aqui pertence aos Broughton – informou

Bella. – Andei perguntando e parece que eles não gostam de aluguel por temporada. Não aceitam alugar para férias.

– A produção do filme não pode ajudar? – Simon deu aquele sorriso solícito de quem acha que todas as dificuldades podem ser resolvidas. – Devem estar falando muito em nós. Quem é o gerente de locação? Alguém deve ter um bom relacionamento com eles. Pelo menos, a essa altura.

Como íamos iniciar as filmagens no dia seguinte e logo eles iam ficar sabendo que eu conhecia a família, interrompi a conversa:

– Conheço os Broughton, não sei se eles têm alguma coisa para alugar, mas posso perguntar.

Bella ficou satisfeita e não se surpreendeu com essa alteração dos fatos. Há muito tempo ela sabia da minha vida dupla e, como não era esnobe, achava que isso não exigia qualquer atitude. Mas, quando Simon virou-se para mim com um sorriso embriagador, percebi pelo brilho dos olhos que eu tinha subido muito na estima dele.

Na manhã seguinte, eu tinha acabado de chegar ao set para uma cena de baile no mesmo Salão Vermelho onde Charles e Edith deram o jantar de noivado quando meu disfarce, se era isso que eu tinha, acabou. Quase todos os atores principais já estavam em seus trajes não-muito-de-época quando lady Uckfield entrou no salão.

– Oh, marquesa – cumprimentou Twist, fazendo o que achava que era uma reverência da corte. O rosto dela, sorridente e impassível, não se alterou um milímetro quando ele, todo solene, passou a apresentar o elenco como se fosse um prefeito numa fábrica nas Midlands. Ao me ver, ela parou, me deu dois beijos e me puxou para a janela. Naquele segundo, passei a ser um homem marcado para praticamente a equipe inteira, e levei semanas para recuperar um mínimo de credibilidade como ator.

– Edith me disse que você não vai se hospedar conosco.

– É muita gentileza mas, sinceramente, não posso. Eu ia ficar sem saber qual era o meu lado.

Ela riu, deu uma olhada em volta do salão, e disse:

– Espero que não. – Eu sorri. – Então, onde você vai ficar? Não me diga que vai aguentar o pub local?

Pensei naqueles lastimáveis folhetos turísticos na mesa de cabeceira do hotel enaltecendo “o encanto das casas de campo de Notley Park” e neguei com a cabeça.

– Acho que não.

– Ainda bem.

– Por falar nisso, eu e mais dois colegas pensamos em alugar alguma coisa dentro da propriedade. O que você acha? Não precisa ser nada luxuoso, basta ter três quartos e banheiro com água quente.

– Quem são os dois?

– Fiz sinal com a cabeça e mostrei Bella conversando com Simon, apertada num vestido de veludo cor de vinho. Ele usava camisa de seda azul-clara, com rendas nos punhos e na gola e uma peruca que, ao contrário da usada pelos figurantes, não parecia ter sido retirada de um cadáver no Tâmis. A peruca emoldurava o rosto dele com mais cachos fartos e lindos do que ele já tinha. Notou que nós o estávamos observando, virou-se para nós e sorriu.

Lady Uckfield retribuiu o sorriso.

– Céus, que homem lindo.

– É o nosso galã.

– Certamente.

Ela virou-se para mim:

– Podemos acertar alguma coisa, claro. Vocês podiam ficar na fazenda Brook, se não se incomodam de ter pouca mobília. Vou pedir para Charles cuidar disso. Venha jantar esta noite e traga os dois. Para avaliar – acrescentou, incisiva, ao se afastar. – Às oito, mais ou menos e não mude de roupa.

★ ★ ★

– Tem certeza de que é aqui? – perguntou Bella pela décima segunda vez, quando paramos o carro na entrada da mansão.

– Tenho.

Ela saiu do carro.

– Céus, eu só trouxe na mala macacões e suéteres.

Na verdade, ela estava bem elegante num vestido preto com brincos enormes, como uma cantora francesa numa boate politicamente subversiva.

Simon se controlou melhor quando nos aproximamos da grande escadaria em forma de ferradura. Ele era um desses atores que, se não aparecem numa cena no meio de um batalhão, também não aparecem sozinhos e que interpretam tantos aristocratas na tevê que acabam se sentindo um deles. Já tinha usado quase todos os uniformes militares num seriado épico atrás do outro; chegado ao alto de colinas em conflitos; sido

perseguido por matilhas de cães e dançado até cair. De certo modo, ele achava que era do tipo que compra os sapatos no Lobb's, os chapéus no Lock's e podia entrar de sócio no White's, caso soubessem quem ele era. Em resumo, fazia parte do *gratin*. Ele circulava pelas salas de visitas de Fulham Road fazendo reparos depreciativos sobre os caçulas da família real, com cara de quem prefere não contar tudo o que sabe. Não que houvesse muita diferença entre ele e David Easton, só que Simon esteve poucas vezes no campo e ainda não sabia que em Londres era mais difícil convencer as pessoas.

Claro que Simon e David não perceberam que o segredo dessas pessoas é se conhecerem. A maioria só considera alguém como “um deles” se o vê desde bem jovem ou, pelo menos, se alguém na roda sabe quem é. E acham que teriam encontrado pelo menos uma vez na vida, se a pessoa tivesse gabarito para ser incluída entre eles. O máximo que aqueles sorridentes pilotos de corrida e atores com sotaque *cockney* podem esperar quando sentam nos bancos dos casamentos da realeza é o cargo de bufão honorário da corte, cargo que pode ser dispensado a qualquer momento. Simon não conhecia bem o *grand monde* para entender, por isso ficou quase a noite toda com um jeito afetado, decerto para mostrar a todos que jantava sempre em grandes mansões senhoriais pelo país. Não é preciso dizer que eles nem se desapontaram, nem se interessaram.

Quando Jago nos conduziu à sala de visitas da família, estavam lá só os quatro moradores, lendo em silêncio. Não tive certeza, mas achei o clima um tanto apático. Lady Uckfield veio nos cumprimentar e, após receber as efusivas saudações de Bella, levou-a imediatamente à presença do marido, percebendo logo que Bella ia fazer sucesso com ele. Quando voltou ao nosso encontro, Simon já tinha conseguido perguntar a Charles da possibilidade de ficarmos na fazenda Brook. Charles quase pulou com a força daquele ataque frontal, mas recuperou-se. Deu um meio sorriso e eu então concluí que tudo ia dar certo. Edith notou a minha presença, continuou sentada no sofá e voltou ao seu livro. Reparei também que Simon estava de olho nela, mas não a incluiu na conversa; depois de dar algumas indiretas, desistiu e voltou a encantar o marido.

Sem que eu pedisse, lady Uckfield trouxe um uísque com água para mim, a minha bebida vespertina, e fiquei envaidecido. O olhar dela acompanhou o meu.

— Charles aceita alugar a fazenda Brook, caso vocês queiram mesmo. Vai mandar o sr. Roberts lá amanhã cedo. Precisamos que a casa esteja pronta em, no máximo, um mês, portanto é bom dar uma melhorada nela. Vocês podem mudar depois de amanhã,

caso não se incomodem com algumas obras pela casa. Espero que isso signifique que vamos ver você bastante.

– Bastante, sem dúvida – fiquei indeciso um instante. – A fazenda Brook não estava sendo arrumada para Charles e Edith morarem?

Lady Uckfield concordou com a cabeça.

– Sim, mas eles mudaram de ideia. – Ela me olhou. – Linda demais para Jojô e eu – disse, firme.

Concordei: – Linda.

O pobre Charles passou maus momentos no jantar. Bella estava fazendo muito sucesso com lorde Uckfield, contando histórias terríveis e inconvenientes que ele ouvia com grande deleite e não deixava ninguém entrar na conversa. Simon dispensava a mesma atenção (embora mais contida) a lady Uckfield, na outra ponta da mesa. Já Edith parecia não ter muito a dizer ao marido; aliás, a ninguém. Observava Simon jogar charme e gracejos para a sogra dela. Era evidente que ele tinha encontrado uma parceira em lady Uckfield, que não ia cair naquela rede frágil, mas devo dizer em favor de Simon que ele tinha consciência de sua inferioridade, algo que raramente sentira durante o tempo em que o conheci.

– Seu amigo ator parece bem seguro – concluiu Edith.

– Por que você está tão aborrecida esta noite? O que houve?

– Nada. Não estou aborrecida, mas não gostei de você nos trocar por esses dois. Acha mesmo que vai gostar de ficar na mesma casa que eles? – Ela falava meio baixo, de maneira a chamar a atenção, mas sem que pudessem ouvir. Achei enfadonho.

– Não consigo ver por que não.

Ela olhou de novo para Simon, séria. – Gugu o adorou. Avisou durante o chá que vai alugar a fazenda Brook para o homem mais bonito que já viu na vida. Fiquei surpresa.

– Foi mesmo? – perguntei.

Nós dois olhávamos para Simon enquanto ele ria e flertava com a nossa anfitriã. A luz da vela refletia nos cabelos dele, que não parava de jogar a cabeleira para trás como um potro indomável. Os olhos, mais escuros que de dia, brilhavam como duas safiras bem lapidadas. Olhei para Edith. Ela também era linda, claro, a mais linda da mesa, mas nessa noite percebi que tinha perdido quase toda a animação. Lembrei dela emitindo fáscas para lorde Uckfield no jantar do noivado, mas seu sorriso vibrante e secreto tinha sido substituído por algo mais imponente e mais firme. Mudou para pior.

– Ele é bonito, claro – ela disse, com desdém. – Mas os atores parecem garotas em relação à aparência. Não consigo levar a sério um homem que se preocupa com colírios e rímel para os cílios.

Virei-me para ela.

– Alguém pediu para você levá-lo a sério? – perguntei.

Edith voltou ao seu prato.



ESTIRADA EM SUA BANHEIRA, a condessa Broughton refletia; de vez em quando, mexia-se para misturar a água quente da torneira, que ela comandava com os dedos do pé. Dali a pouco Mary viria trazer o café da manhã e ficaria surpresa de encontrá-la no banho, não era essa a rotina de sua vida pessoal. Até Charles se assustou quando ela saiu da cama e abriu a água da banheira.

– Vai tomar banho agora? – perguntou, olhando-a como um cachorrinho intrigado. Não costumava questionar o que ela fazia; mesmo assim, estranhou a mudança.

– Sim, por que não?

– Por nada. Nada. Você costuma tomar o banho depois do café, só isso. – Charles não era de briga.

– Eu sei. Pois hoje vou tomar antes, certo?

– Sim, claro, claro. – Ele falou mais alto quando ela entrou no banheiro e começou a escovar os dentes.

– Vou à fazenda Brook com Roberts. Você quer ir? – perguntou.

– Não.

– Podemos ver o que precisa ser feito. Deve ser pouca coisa, se eles querem se hospedar só por algumas semanas. É estranho, não era melhor ficarem num hotel?

– Bom, pelo jeito eles não acham.

– É mesmo. Certo. Você gostou dos outros dois atores?

– Mal falei com eles e seus pais mal olharam para mim.

Charles riu.

– Devo dizer que Bella proporcionou uma bela noite para o dono da casa. Já sou capaz de vê-lo indo à fazenda Brook perguntar se ela precisa de uma xícara de açúcar. Simon me pareceu meio bajulador.

– Gugu parecia encantada com ele.

Mas era só o que Charles tinha a dizer. Deixou a esposa em suas ocupações e foi para seu quarto de vestir.

Seja qual for a impressão que deu, ele não era contra alugar a fazenda. Longe disso. Era uma desculpa para apressar a reforma e agora que Edith tinha desistido de morar lá,

ele tinha pressa para alugar a casa e resolver isso. Logo depois do casamento, os dois discutiram os detalhes dos aposentos que agora estavam bonitos e vazios como se fossem uma crítica a ele, um desconcertante lembrete de seu fracasso em... quê?

Compreender? Mas o que ele devia compreender? Uma hora, Edith e ele pareciam estar gostando muito de “arrumar o lar”. Ele ficava avaliando, obediente, amostras de papel de parede e de tecido (embora não tivesse o menor interesse por qual ela iria escolher). E comentavam por alto que um dos quartos poderia ser “útil” mais tarde, já que planejavam um banheiro melhor lá, o quarto merecia. Outra hora tudo parecia, de certa maneira... Charles sabia que a esposa estava insatisfeita. Ele se preocupava muito com o bem-estar dela, por isso percebia os sinais de infelicidade, mas não conseguia detectar a causa. O que tinha mudado? Ele ficou todo confuso quando tentou acompanhar a evolução do caso. Sugeriu que os dois passassem mais tempo em Londres mas, não, isso não foi a solução. Convidou-a a participar mais da administração da fazenda, tomando conta da loja de suvenires e do centro de visitantes mas, não, ela achou que ia invadir o terreno da sogra. Ele acabou achando que a solução seria arrumar a fazenda Brook e assim criar uma vida social em Sussex independente da dos pais. Mas, um dia, Edith resolveu de repente que não queria sair da mansão e ele desistiu.

– Não consigo imaginar nós dois lá, olhando um para a cara do outro, você consegue? – ela perguntou, alegre.

Tais palavras foram um toque baixo e sombrio no coração de Charles pois, claro, aquilo era exatamente o que ele tinha imaginado. Os dois, talvez, fazendo as refeições na mesa da cozinha, ou em bandejas no colo na pequena biblioteca; assistindo à tevê; conversando sobre os problemas do dia...

Ele admitia sinceramente (para si mesmo, pelo menos) que não conseguia ver o que estava errado na vida deles. Não entendia se era errado ver as mesmas pessoas, ter as mesmas conversas e fazer as mesmas coisas todos os dias, meses e anos, um atrás do outro. A programação anual dele sempre teve as mesmas atividades: tiro ao alvo até o final de janeiro; daí até março, caçadas; depois, uma temporada em Londres e, a seguir, talvez, uma pequena viagem ao exterior para pescar em algum lugar; a seguir, Escócia para praticar caça de tocaia. Qual o problema? Bom, claro que havia algum, mas ele não conseguia ver. E não sabia o que fazer para agradar a esposa, a quem amava, mas que ficava furiosa com ele por qualquer coisa. Era um mistério que ele não ia resolver naquela manhã, pensou, ao vestir o paletó de tweed e descer para tomar o café da

manhã com o pai na sala de jantar.

Enquanto isso, Edith estava imersa na água morna, ouvindo os passos dele estalarem no piso polido da escadaria. Sabia que Charles estava preocupado com ela mas, de uma maneira estranha e indefinida, achava que ele devia mesmo se preocupar um pouco. Naquela manhã, mais que nunca, ela estava inquieta e mal sabia por quê. Era como se algo podre tivesse se infiltrado sorrateiramente nos grandes alicerces de sua vida e aquele cheiro acre só pudesse ser detectado por narinas mais sensíveis. Bateram à porta do quarto e Mary entrou com uma bandeja.

– Madame?

– Estou aqui, Mary. Deixe a bandeja.

– A madame está bem?

A voz de Mary chegou discretamente perto da porta aberta do banheiro, com um toque de preocupação, causada provavelmente por aquela pequena mudança de rotina.

– Estou ótima, Mary. Obrigada. Deixe a bandeja. Já vou sair.

– Ótimo, madame.

Edith ouviu a criada andando pelo quarto, depois a porta se fechou e os passos foram sumindo no corredor.

Edith achava sua vida tão medíocre. Nessa manhã, parecia envolta numa espécie de mediocridade cinza que impregnava o ar daqueles aposentos abafados, cheios de estofados de chintz, e pairava como uma neblina sobre a água da banheira. Mesmo assim, até pouco tempo atrás, aqueles detalhes – aqueles “madames”; aqueles passos ecoando no chão lustroso; aqueles cafés da manhã dos homens lá embaixo, com as baixelas de prata brilhando; aquela porcelana fina nas reluzentes bandejas cobertas com panos de renda – tudo aquilo era tão agradável aos sentidos. Naqueles primeiros tempos em Broughton, ela sentia prazer nos meros monogramas bordados em suas roupas brancas; nas *bergères* forradas de damasco no quarto dela; nas gravuras do Derby dependuradas sobre a escrivaninha dela; nos números do telefone interno com os botões indicando “estrebrias”, “cozinha”; no mordomo Robert corando de nervoso quando veio pegar as malas vazias dela; nos cisnes no lago; até nas árvores no jardim.

Ela era uma princesa na Terra de Sonhos. E como aprendeu rápido os truques da cortesia; a não dar importância ao lugar onde morava; a deixar as pessoas sem jeito com sua estudada descontração. Quando Isabel e David foram (finalmente!) convidados para jantar na mansão Broughton, ela adorou o mal-estar deles com seu triunfo; ficaram rodeados de pessoas que se conheciam, mas nenhuma os conhecia. Edith sabia que

imitava alguns truques da finada Princesa de Gales na maneira como aperfeiçoou seu calor e simpatia com os moradores da aldeia, aquela soma do que se espera de uma celebridade e, ao mesmo tempo, aquela informalidade estudada que garantia conquistar todos os corações. Ficava esfuizante quando mostravam para ela as novas instalações do pátio das crianças, ou quando entregava prêmios no festival de flores e assim conquistava novos amigos, desarmava os ex-críticos. Como era divertido segurar no colo as crianças, que olhavam para ela tímidas, e desarmá-las com um sorriso inesperado, acompanhado de um olhar luminoso dirigido às mães. Era tão fácil...

Deu um longo suspiro e saiu da água; fechou a torneira e tirou a tampa da banheira. Entrou no quarto para tomar o café; Mary tinha arrumado a cama e acendido a lareira, o que era o *demier cri* do luxo, sobretudo em setembro, no outono. A bandeja, bem-posta como sempre, foi colocada na mesa no meio do quarto. Entre as lindas porcelanas estampadas de flores estavam as cartas, pedidos, agradecimentos, convites para festas tediosas no campo às quais eles compareceriam e festas divertidas em Londres às quais eles não compareceriam. Deu uma mexida nelas enquanto mordida uma torrada escura, de casca cuidadosamente raspada. Mary tinha preparado as roupas: uma saia de tweed, uma blusa de algodão, um colete com estampa de coelhos. Ia usar tudo isso com algumas pérolas e sapatos não muito delicados, traje para o papel infundável que ela estava interpretando. Pensou em como seria o seu dia: algumas obrigações, refeição com o bibliotecário sr. Cook (“refeição”, ela até usava a língua do seu papel); reunião do comitê na aldeia para discutir a exposição de verão; chá com uma prima de Gugu. Era uma perspectiva terrível.

Edith já tinha decidido que não seria delicado de sua parte retomar a vida em Londres, mas não tinha pensado direito nos motivos para isso. Ia dizer que “não era uma boa ideia”, sem entrar em detalhes. Explicou essa impressão para si mesma, observando que Charles se sentiria “abandonado” com os amigos dela. Afinal, os amigos londrinos dele eram muito parecidos com as pessoas que encontravam em Sussex. E era verdade (ou um pouco verdade), quando ela dizia às pessoas que ele detestava Londres e que (a essa altura, pelo menos) ela também tinha “colocado um ponto final” na cidade. Mas sabia que estava se referindo a ficar em Londres com Charles. Já imaginava que ficar sozinha na capital podia ser mais divertido e, portanto, mais perigoso. Mas só de vez em quando (e com pouca ênfase) ela admitia para si mesma que estava pronta para ter um amante.

Edith se orgulhava por ter virado uma grande dama quase instantaneamente,

respeitando todas as regras de sua nova vida como se tivessem nascido com elas. Claro que, àquela altura, ela havia esquecido completamente que *não* tinha. Mirando-se na mãe, ela agora achava que, de alguma forma misteriosa, tinha nascido na nobreza rural e simplesmente casado com um nobre. Não havia um pinga de verdade nisso mas, como argumento, tinha o grande mérito de deixá-la menos grata a Charles do que como se sentia obrigada antes.

Claro também que, junto com seu recém-adquirido status, vinham os códigos de comportamento. Ela havia rejeitado orgulhosamente os últimos resquícios do enfado da classe média e assumido sem dificuldade os valores frios e decididos que eram a outra faceta do *grand monde*, cuja causa havia abraçado. Tinha se transformado logo numa daquelas mulheres de roupas impecáveis que almoçam juntas e dizem coisas como “Por que ele fez tanta confusão? Os dois filhos são dele”, ou “Sua boba, isso teria acabado em dois anos”, ou “Ah, ela não quer nem saber. O amante mudou-se de Paris para cá” e falam mais baixo, conspiradoras, mas querendo que alguém ouça, enquanto mordem uma folha de *radichio*. Edith havia assumido o falso horror de virar notícia e o autêntico horror ao escândalo que são as marcas registradas da classe social de Charles. Mesmo assim, esse comportamento padrão tinha certa autenticidade, pois ela não gostava de escândalo. Acima de tudo, não gostava de gente que “tinha chegado lá” e depois “criou uma confusão”. Ela tinha chegado lá e não tinha a menor intenção de largar o posto.

Mesmo assim... mesmo assim... com tudo isso passando pela cabeça, ela deu mais uma mordida na torrada e resolveu, finalmente, ir com Charles à fazenda Brook.

★ ★ ★

Edith não precisou me contar depois que foi ver como estava a obra na fazenda pois, quando eles chegaram, eu estava numa das janelas do jardim da frente. Era o nosso segundo dia de filmagem e estávamos numa daquelas manhãs difíceis, incômodas, de cenas em que os atores abrem portas e entram em corredores onde ficam andando para cima e para baixo. Tudo muito bom para testar o figurino, concordo, ou para fazer amizade com o câmera, mas não exatamente para mostrar desempenho. Bella estava sentada ao meu lado na janela, apertada num traje marrom de viagem e ocupada em enrolar um cigarrinho, hábito este que era o último traço da vida boêmia que teve nos anos 60. Simon estava conosco, mas à paisana, já que nesse dia não filmava. Ele era desses atores que não consegue ficar longe do set e prefere passar o dia inteiro

maquillado para fazer uma tomada de um minuto, em vez ter uma folga.

– Onde eles vão? – perguntou Bella, quando vimos Charles e Edith passarem pelo jardim.

– Charles disse que ia dar uma olhada na fazenda onde vamos ficar e ver se precisa fazer alguma coisa.

– Quando você acha que podemos nos mudar?

Dei de ombros.

– Já, acho. Se não nos incomodarmos com alguns empecilhos.

– Deus sabe que eu seria capaz de dormir na encosta de uma montanha para não passar mais uma noite naquele hotel – disse Bella, com um riso maldoso, encostando a chama do isqueiro na ponta do cigarrinho, que não parecia ser inflamável.

Simon deu mais uma olhada no casal que ia se afastando.

– Acho que vou até lá. Vou dizer para ele não se preocupar. Afinal, queremos dormir lá esta noite, se possível. – Ele fez sinal com a cabeça e foi indo pelo corredor. Bella e eu ficamos olhando em silêncio. Ela falou primeiro.

– Lá vai ele. Despedaçar mais corações.

– Não gosta dele?

Ela se inclinou para se concentrar melhor no seu mínimo cigarrinho.

– O que você quer dizer com não gostar? Aquela sedução toda me cansa um pouco.

– Acho que Charles não vai reparar – observei.

– Talvez, não. Mas ela vai. E a julgar pela noite passada, não sei se ela vai gostar muito. Espero que Simon não vá atrapalhar tudo antes de nós mudarmos.

Ele não atrapalhou. Ou, pelo menos, não tanto que impedisse a nossa mudança naquela noite. Tínhamos parado para almoçar e estávamos na mesa bamba do fornecedor de refeições prontas, armada no cascalho em frente à casa, tentando apreciar nosso almoço em caixinha de papelão, quando Simon voltou glorioso, dançando e dando socos no ar.

– Vamos para lá!

– Quando?

– Hoje.

– E o que fazemos com o hotel?

– Tudo resolvido. Avisei que nós três vamos sair e voltamos logo para pegar as malas e pagar. Eles estão ganhando tanto dinheiro com as filmagens que nem reclamaram muito.

Sorriu e acrescentou:

– Edith e Charles nos convidaram para jantar hoje, assim não nos preocupamos em comprar comida.

– Como Edith e Charles são simpáticos. – Bella pronunciou os nomes devagar, com um meio sorriso conspirador para mim. Percebi que ela ia se divertir muito com Simon.

★ ★ ★

Claro que foi um certo tédio ir a Broughton pela segunda vez seguida e conversar mais amenidades com “Gugu” e “Jojo”. Depois, Bella e eu nos confessamos que chegamos a pensar em ir embora. Imagino que Simon não chegou a tanto. Mas cada um de nós concluiu que seria indelicado recusar o convite que era, ao mesmo tempo, um favor e uma grande melhoria nas nossas vidas. Assim, mais uma vez, pouco depois das oito da noite, estacionamos nosso carro e fomos para a porta da frente.

Simon era outro homem. Na noite anterior, até o menos observador dos mortais notaria que suas bravatas (que ele não percebia, claro) provavam sua insegurança social. Ele comentou de pessoas desconhecidas, citou eventos sociais sem qualquer importância, ou com os quais ele não tinha a menor ligação. Acabou sendo impossível não ter pena do *gauchismo* dele, apesar do sucesso que estava obtendo com a anfitriã. Como tantos atores (e não atores também), ele queria mostrar seu direito de participar de um mundo onde raramente ia, se é que algum dia chegou a ir, mas que sempre soube que pertencia a ele também. Naquela noite, estava solto. Tinha aquele fulgor que o egomaniaco inseguro exhibe ao ver que suas dúvidas eram infundadas e que as pessoas *gostavam* dele. Difícil não notar os olhos jocosos de Bella quando subimos para a sala de visitas da família, com Simon apoiando a mão no corrimão lúcido da escadaria e dizendo amabilidades para o mordomo, como se ele fosse um amigo da família. Ao entrarmos na sala, ele cumprimentou o lorde e, especialmente, a lady como se os dois fossem velhos companheiros.

Claro que uma das verdades fundamentais da vida é que, em geral, o mundo vê as pessoas como elas se veem. Da mesma maneira que a anfitriã inexperiente vai tremer de dúvida ao fazer a lista de convidados, pensando se deve ou não convidar um figurão ou celebridade que ela mal conhece e, anos depois, descobre que ninguém se preocupa com o “direito” de convidar. Quem quer ir, vai; quem não quer, não vai. Naquele momento, lorde Uckfield não estava preocupado se Simon Russell tinha ou

não o mesmo status dele. Simon parecia achar que sim e, somado ao fato de seu papel na vida do lorde consistir em participar de jantares e contar histórias engraçadas, era mais que justo ser visto com simpatia e relaxamento. Muitas carreiras se fazem assim, sobretudo em Londres. Simon era igual aos marchands de arte e amantes de ópera que são apadrinhados pelas duquesas de hoje e se espremem entre celebridades e esposas de grandes herdeiros nas fotos sorridentes que saem nas revistas. Claro que essas pessoas, como Simon, ignoram que por baixo da aceitação superficial que sua sedução e simpatia conseguem, seus grados anfitriões não acreditam que pertençam ao mesmo mundo. É triste ver “a companhia preferida” de uma família importante chegar a um evento público (um casamento ou, pior, um velório), após anos prestando serviços na sala de visitas: ele é levado ao banco de trás e fica entre um político local e o aparelho de calefação, enquanto gente meio desconhecida e figurões pouco simpáticos são conduzidos aos bancos da frente. A vida é assim. Ou, pelo menos, são os valores dessa vida. Coisa de que Simon Russell não fazia ideia e de que lady Uckfield fazia muita.

O que me interessou naquela noite não foi a reação de lady Uckfield a Simon (que foi, naturalmente, de cauteloso deleite), mas a de Edith. O mau humor e a pretensa agressividade dela na noite anterior sumiram, substituídos por um silêncio amável. Estava mais linda do que na noite anterior, de saia preta e blusa de seda creme, com um colar no pescoço e uma *torsade* no pulso, ambos de pérolas. Para usar uma palavra melhor, ela ficou mais sensual depois do casamento. Mantinha a fria altivez que, acho, ela já nem notava, e, quando entramos na sala, ela estava no sofá e fez um olhar avaliativo que a experiência me ensinou que, em geral, mulher é problema.

Pensando nisso agora, tenho de concluir que foi bobagem Edith continuar morando no campo para evitar dores de cabeça. Como na vida de uma entediada esposa inglesa num posto avançado na Índia, a falta de companhias agradáveis só servia para destacar qualquer um que aparecesse por lá. Não sei se a virtude dela correria mais risco se o casal tivesse entrado na roda-viva de festas, eventos de caridade e todas as demais bobagens que aguardavam ansiosamente por eles em Londres. Muito pelo contrário. O convívio social tem o grande mérito de abrandar a idiotice do consorte e o casal que não conversa, jamais descobre que não tem muitas afinidades. A companhia do outro tem o mesmo efeito da aposentadoria para as pessoas de classe média, ou seja, causa divórcio. Só garanto uma coisa: em Londres, Edith jamais acharia Simon Russell interessante. Ele era incrivelmente bonito, como eu disse, mas na verdade o trailer era melhor que o filme. Sabia conversar e era um grande sedutor, chegava a ser uma

alegria vê-lo em ação mas, quando todas as cartas estavam na mesa e as portas se fechavam, Simon não tinha muito o que oferecer. Não quero dizer com isso que eu não gostasse dele. Pelo contrário, gostava muito. Ele conseguia, como qualquer pessoa, discorrer sobre hipotecas, Europa e Madonna, mas Charles também não conseguia? (Pelo menos sobre os dois primeiros temas.) Simon não tinha o *feu sacré*, aquela sagrada e carismática chama que faz trocar tudo pelo amor. Ou, pelo menos, nenhuma chama que eu conseguisse identificar.

– Sr. Russel, que tipo de papel o senhor prefere? – a pergunta era de lady Uckfield. Ela sempre tinha o cuidado de tratar estranhos por “senhor” e “senhora”, ou pelo título condizente, sobretudo quando o estranho era mais jovem que ela. O motivo principal disso (na verdade, o motivo de todo o seu vocabulário) era fazer com que parecesse uma milagrosa sobrevivente da era eduardiana na Inglaterra moderna. Gostava de achar que seu comportamento e suas maneiras eram uma oportunidade para as pessoas verem como se passavam as coisas no tempo em que eram *adequadas*. Como teriam feito lady Desborough, a condessa de Dudley, ou a marquesa de Salisbury, ou qualquer uma daquelas esquecidas belas *fin de siècle* que fizeram da vida uma arte que, naturalmente, morreu junto com elas. Como parte dessa performance cuidadosamente estudada, tudo o que lady Uckfield fazia era especial. Falava em “receitas” e “almoço” para destacar o presunto irlandês que preparava (“seco, delicioso, *não se acha igual em parte alguma da Inglaterra*”), ou em suas cerejas francesas (“estou me *empanturando* com elas”), ou no papel de carta amarelo, americano (“sem ele, não consigo *escrever* uma palavra”). O engraçado nisso era que todos os convidados dela eram enganados como na história da *Roupa nova do rei* e concordavam que havia uma enorme diferença em tudo o que viam e assim reforçavam o preconceito que os fez mentir. Na verdade, os pratos servidos na mansão eram sempre ótimos e de qualidade, então eu, como os demais convidados, não conseguíamos notar grande diferença de sabor entre aspargos de várias espécies, ou seja lá qual fosse o desafio do dia. E quanto mais eu conhecia lady Uckfield, mais admirava seu perfeccionismo. Ela queria sempre ser a marquesa ultrasedutora e ultrablasé do longo verão eduardiano. Sempre. Tenho certeza de que, se ela fosse fazer uma cirurgia de alto risco, ia antes verificar quais seriam as pinças usadas pelo cirurgião.

Edith jamais entendeu a força da sogra. Achava-a exagerada e complicada. Mas lady Uckfield tinha uma disciplina que seria útil a Edith. A lady não sabia o que era se entediar, ou melhor, não admitia para si mesma que estivesse entediada. Jamais se

preocupou, nem por um segundo, com o fato de ter um marido com menos da metade da inteligência dela. Ela escolheu ser de um jeito e ia fazer desse jeito um sucesso, sem pena ou arrependimento. No século relaxado em que vivemos, é preciso ao menos respeitar, quando não reverenciar, essa força moral. E, afinal de contas, pegando emprestada uma frase de Trollope, se está tudo dito e feito, “as coisas estão nos lugares certos”.

O outro motivo para lady Uckfield chamar Simon de “sr. Russell” era, claro, para ele parar de chamá-la de “Gugu”.

– Bom, gosto de ter trabalho, só isso – respondeu ele à pergunta.

– Não quer ser um grande ator de cinema? – Essa é uma questão incômoda. Todo ator quer ser um grande ator de cinema mas, por um acordo universal tácito, não deve admitir. Simon então deu a resposta padrão.

– Quero apenas fazer um bom trabalho.

Isso pareceu estranho embora, na verdade, fosse mais verdadeiro do que se imagina. Ou melhor, era verdade que ele queria ser admirado por fazer um bom trabalho, o que não é bem a mesma coisa. Mas que outra resposta poderia dar? Óbvio que ele queria ser um grande ator de cinema, como lady Uckfield imaginava. Ele sabia disso e sabia também que não devia dizer.

– E pretende ser sempre ator? – Nesse ponto, lady Uckfield sem querer mostrou seus preconceitos e colocou Simon mais ainda no lugar. É uma pergunta que sempre se faz, mas não consigo imaginar alguém perguntando: “Você pretende ser sempre médico?” ou “Vai ser sempre contador?” O motivo é simples: por mais que se esforcem, as pessoas não conseguem ver o trabalho de ator como “sério”. Nesse ponto, há uma diferença de classes. A classe média, de alguma forma misteriosa, acha uma afronta considerar o palco uma profissão, como se o ator quisesse se sustentar com ganhos ilícitos. Já a classe alta acha muito interessante a pessoa estar se divertindo. Mas nenhuma das duas imagina que alguém vá ser ator para sempre. Talvez porque, apesar da quantidade de bons atores que têm aparecido nos últimos anos, poucos conseguem chegar ao topo da profissão. Pode ser por causa do preconceito, ou por falta de disposição, temperamento ou simplesmente porque o caminho é difícil para quem quer ganhar dinheiro. Mas o fato é que quase todo aristocrata conhece alguém cujo filho ou filha caçula tem “uma queda pelo palco”, embora quase nenhum conheça um que tenha tido sucesso. É pouco animador.

– Você vai ser sempre marquesa? – perguntou Edith, sem levantar os olhos, sentada

no sofá.

Lady Uckfield olhou a nora um instante. Entendeu por que saiu em defesa de Simon, mas respondeu com uma risada:

– Minha cara, hoje em dia, como posso saber?

Todos sorriram, não resisti a trocar um olhar rápido com Bella, mas tratamos de nos comportar como convidados.

Simon, satisfeito por conquistar uma defensora tão atraente, sentou-se ao lado de Edith no sofá e dali a pouco brindava-a com histórias dos bastidores de filmagem da maneira mais sedutora possível.

Minutos após, ele reluzia como a iluminação de Regent Street no Natal. Observei-a: Edith ria, falava, sacudia os cabelos e ria de novo e, nisso, reparei que Charles também observava, enquanto falava com a mãe. Ele e eu sabíamos que estávamos vendo uma Edith mais animada do que em muitas luas e eu sabia que não podia de maneira alguma olhar para ele, pois ficaria cúmplice de algo que, no final das contas, o faria muito infeliz. Quando olhou para mim, desviei para Bella que estava, nem preciso dizer, contando alguma história ousada a respeito de ficar perdida à noite numa garagem, o que Jojó ouvia fascinado.

Depois que fomos para a sala de jantar, a noite ficou simpática e agradável. A comida estava excelente como sempre e reparei que os criados começaram a me tratar daquele jeito levemente simpático que costumam dispensar aos convidados “assíduos”. Tendo certeza de que você vai voltar, todos os empregados que veem sua função como uma carreira não terão mais o prazer (sem dúvida grande, mas sempre passageiro) de fazer um ar condescendente e desdenhoso pelos patrões. Adotam então uma espécie de respeitosa intimidade que garante boas gorjetas e boas recomendações, caso sejam citados na conversa. Esse toma lá dá cá é comum. Conheci muita gente que ficaria lisonjeada por ser bem recebida pela criadagem dos poderosos. Achem que, com isso, terão muitas chances de mostrar intimidade com uma grande casa, que outros convidados podem não ter. Apreciam muito isso. Sabendo lidar, a relação logo se torna uma admiração recíproca, embora meio pegajosa. Mas, quando fomos para o carro nessa noite, fiquei desapontado comigo mesmo por estar muito satisfeito com a deferência com que fui tratado. Bella e eu conversamos no caminho, ambos aliviados pelo fato da noite ter terminado e, ao mesmo tempo, satisfeitos por ter sido mais fácil do que imaginávamos. Ao chegarmos à fazenda Brook, ficamos um pouco lá fora enquanto Simon entrava e ia acendendo as luzes.

– Eis que ele fez mais uma conquista – disse Bella.

Concordei com a cabeça.

– Felizmente, pois na noite passada, achei que eu teria de lançar um manifesto pela paz – confessei.

– Ah, não acho que você tenha essa obrigação – disse Bella, com um meio sorriso.

Levantei o indicador como quem vai dar um conselho.

– Não crie confusão. Estamos todos indo muito bem e é um trabalho agradável.

Vamos deixar como está – recomendei.

Bella riu.

– Talvez. Mas você não reparou numa coisa. – Franzi o cenho, intrigado. – Desde que saímos de lá, ele não disse uma palavra.

Bella tinha razão. Acho que eu tinha notado, mas tirei da cabeça. Pois, quando alguém como Simon Russell, tão ansioso por aprovação, tão sedento por status, tão disposto a contar ao mundo suas aventuras, passa a noite desfrutando da proximidade com uma jovem e linda condessa e não precisa contar vantagem disso, costuma ser porque a história está apenas começando.

E assim foi.



EUNÃO DEVIA ESTAR TÃO ATENTO aos fatos nessa época, pois pouco antes de iniciar as filmagens em Broughton, encontrei a garota com quem me casaria. Ela tem pouca participação na história de Edith, por isso tentarei ser o mais conciso possível. Nosso encontro não teve nada de muito especial. Foi num coquetel em Eaton Terrace, oferecido por um amigo de meu tio e, por acaso, pela mãe dela, e ao qual nenhum de nós dois estava muito disposto a ir. Fomos apresentados pouco após ela chegar (com a dita mãe) e resolvi quase na hora que aquela seria a minha futura esposa. Chamava-se Adela FitzGerald, filha de um baronete irlandês, uma das *primeiras* indicações ao título, como ela costumava destacar, firme, de vez em quando. Era alta, bonita, séria e concluí logo que me faria feliz pelo resto da vida. Passei, portanto, os meses seguintes muito ocupado, tentando convencê-la desse fato, que para mim era bastante evidente, mas confesso que, para ela, não tanto. Continuo muito bem casado hoje, mas ainda acho um mistério como alguém decide que encontrou a pessoa certa, se procurava alguém que não sabia quem era. Passei muitos anos buscando a parceira ideal e é meio ilógico que tivesse certeza na hora, mas foi o que aconteceu. E nunca me arrependi.

Escondi Adela dos meus amigos durante algum tempo. Quando se tem quase 40 anos, os amigos ficam muito alvoroçados se você sai com uma garota mais de uma vez (amigos bem-intencionados acabam com muitos romances no nascedouro). Por isso, eu não disse nada a ninguém até saber se “valia a pena”. Como vi que valia, apresentei-a a todos. Meus amigos e, mais ainda minha família, ficaram aliviados por eu escolher uma moça do meu antigo mundo e não do novo. Meus amigos do teatro (que, no geral, são mais generosos, embora mais displicentes) ficaram aliviados pelo simples fato de eu encontrar alguém.

Estávamos quase no final das filmagens, quando dei a entender que Adela gostaria de ir a Sussex numa sexta-feira para acompanhar algumas cenas e passar duas noites na fazenda. Isso precisou ser acertado com os outros dois hóspedes e Bella achou muita graça de eu ceder o meu quarto e ir dormir no sofá da sala. Assim, Adela chegou de carro na noite combinada, dirigindo seu surrado Mini verde, e foi apresentada aos outros inquilinos num alegre e, graças a Bella, delicioso jantar. Adela prometeu nos

encontrar no local da filmagem no dia seguinte, depois de fazer algumas compras.

Na manhã seguinte, antes que ela chegasse, Edith apareceu de surpresa. Estávamos filmando num roseiral que ficava no fim de uma pequena alameda na lateral da mansão. A cena tinha sido marcada para a primeira semana de filmagem e adiada inúmeras vezes, não me lembro do motivo, e assim lá estávamos nós, em meados de outubro. Mas nossos (temerosos) produtores tiveram sorte e o dia estava claro e quente como se fosse final de junho. Quase me irritei pelo fato da desorganização deles ter dado tão certo. Era uma sequência longa, que incluía Elizabeth Gunning (interpretada pela americana mais decidida, Louanne) e Campbell (por Simon) numa cena de amor que é interrompida por Creevey (eu). Estava eu então lendo, esperando minha vez de entrar e, devo dizer, desfrutando o ambiente, quando vi Edith.

– Pode me contar o que houve? Você é um boca de siri. – Concordei. – O caso é sério? – Observei que, se me consideravam boca de siri, o caso só podia ser sério. – Ela é atriz?

– Claro que não.

– Não precisa ficar tão zangado. Não podia ser?

– Pois não é. Ela trabalha na casa de leilões Christie's.

Edith fez uma careta. – Não é uma daquelas sobrinhas de conde que ficam na mesa parecendo tão superiores, mas jamais sabem responder a nada do que se pergunta a elas?

– Exatamente. Só que não é sobrinha de um conde, é filha de um baronete.

– Como se chama?

– Adela FitzGerald.

– Ah, você me desaponta. – Ela se jogou num banco perto da minha cadeira dobrável. Havia outras cadeiras vazias por ali, portanto não me senti culpado por não oferecer lugar.

– Não sei por que desaponto.

– Você, meu amigo artista, faz um casamento de conveniência.

– Acho que não estou disposto a ouvir isso de você. Mas o problema é se a conveniência é um detalhe secundário ou o motivo principal.

Edith ruborizou de leve e calou-se. O primeiro assistente fez sinal para ficarmos em silêncio e as câmeras passaram a filmar Simon e a implacável Louanne. Ela fez pose e se colocou no melhor ângulo em relação às lentes. Nós estávamos todos mais ou menos reconciliados com Jane Darnell, que interpretava lady Coventry. Era incompetente,

mas boa pessoa e devia concordar conosco que não tinha condição de fazer uma linda irlandesa do século XVIII. Só queria mesmo era juntar florões e enfeites de arreios de cavalo para levar para sua casa em Laurel Canyon. Já Louanne Peters era outra coisa. Não só achava que tinha muito talento, mas seu narcisismo chegava às raias da insanidade mental. Falava nas suas glórias e na sua beleza, em seus amantes e na sua capacidade de ganhar dinheiro, sem jamais perguntar nada a respeito de seus relutantes ouvintes. No começo, a pessoa achava que devia ser alguma piada sutil e ela aguardava que nós gostássemos, caíssemos na risada e pedíssemos, levantando as mãos para cima, “chega! Não aguento mais de tanto rir”. Só que não era assim. Simon detestava-a, o que não ajudava nas cenas de amor que tinham de fazer.

Terminada a cena, Simon e Louanne foram dispensados no momento em que Adela vinha pela alameda, em nossa direção. Ela usava culote de veludo, suéter de pescador e estava com os longos cabelos negros meio presos num lenço de seda, sendo assim o inverso dos charmes sintéticos de Louanne. Por um instante, Adela fez o rosto cuidadosamente maquiado de Edith ficar numa luz imprópria. Adela era tão... saudável. Mas, claro, repito que eu estava apaixonado por ela.

Edith levantou-se para cumprimentar.

- Adela, que bom conhecer você, finalmente. Sou Edith Broughton.
- Também estou encantada de conhecer você!

As moças trocaram seus cautelosos cumprimentos. Cautelosos por dois motivos principais, nenhum dos quais significa que houvesse a menor competição romântica entre elas. Edith não tinha, nem jamais teve, o menor interesse por mim nesse sentido. Não, ela estava aborrecida por perder um bom confidente que não seria tão útil casado quanto foi solteiro. Se você casa tarde, muita gente que gosta de você sente isso, mesmo que tente disfarçar. Além do mais, os amigos bem-casados nos enlouquecem insistindo que o casamento é a única solução, da mesma forma que os mal-casados consideram uma missão manter todos os solteiros longe da porta da igreja. A frase é usada com frequência, meio de brincadeira, para incomodar o cônjuge em público. “Casar! Por que diabos você quer fazer isso?” É o que se ouve num jantar, jocosamente, enquanto mais abaixo na mesa vê-se o olhar ácido da esposa, mordendo o lábio. Infelizmente, era o que Edith estava dando a entender, inconscientemente.

Por parte de Adela, a cautela foi mais sutil. Claro que ela sabia muito bem quem era Edith e, antes de me conhecer, costumava ter outra opinião sobre a nova lady Broughton: tinha “agarrado” Charles (que Adela conhecia por alto). Consegui que ela

pelo menos mudasse de opinião, mas Adela tinha percebido uma certa benevolência na maneira com que Edith a cumprimentou. Edith, a nobre, saudando aquela linda namoradinha de ator. É difícil avaliar direito essas coisas, mas é verdade que, àquela altura, Edith tinha assumido um jeito imponente, portanto pode ter entrado nessa perigosa área. Eu havia prevenido Adela para não tratar Edith com frieza, mas ela não ia querer ser vista com superioridade.

Para piorar a situação, nesse exato momento Charles chegou para ver como estavam as coisas. Reconheceu Adela e acho que, por vingança (o que, se fosse dito, ele negaria), foi logo conversando sobre várias pessoas que os dois conheciam e Edith não sabia quem eram. Em resumo, usou o terrível intercâmbio de nomes contra ela. Eu devia me indignar com um deles ou com ambos, mas essas coisas se resolvem por si e, de todo jeito, eu via que Adela tinha razão. Nem naquela época eu esperava que as duas ficassem muito amigas. Adela estava quase onde Edith queria estar (certamente até onde ia o seu passado) e, embora não fosse uma esnobe, Adela gostava de colocar no seu lugar gente como Edith. Eu costumava chamar isso de “estilo vice-rainha”. Acabei concluindo que o melhor era manter uma tolerância mútua. Nessa determinada manhã, antes que as coisas se complicassem, Charles ofereceu mostrar as estrebarias para Adela e, após me cumprimentar com a cabeça, saiu com ela. Edith olhou-os se afastarem.

– Ela é que devia ter se casado com Charles.

– Bom, vai se casar comigo.

– Não, quero dizer que uma garota assim o faria feliz. Deus sabe que ele teve muitas para escolher.

– Isso não parece muito elogioso para o seu amado.

– Você está falando das qualidades óbvias dela, que são, como você bem disse, as de sua época e sua classe. Suas qualidades não óbvias, as quais você ignora, são o motivo para ela preferir se casar com um ator pobre, que mora num apartamento no sótão, e não com um conde rico.

– Bom, vamos ter que pegar leve com ela.

Não entendi. – Não nos coloque em dois times opostos, minha cara. Pois aviso logo que sou do time dela e não do seu.

– Opa.

– Mas quem disse que Charles não deveria ter se casado com você?

Edith não respondeu, recostou-se no banco e olhou para cima.

– Vocês dois parecem muito animados.

Simon apareceu, sem o casaco bordado, mais romântico que nunca em sua linda camisa de mangas bufantes. Sentou-se no gramado ao lado de Edith sem se preocupar com a roupa que usava. Vi, ao fundo, que o roupeiro ficou furioso, mas no momento Simon interpretava Byron para Edith/Caroline Lamb e não ia permitir que um detalhe bobo como grama na roupa fosse atrapalhá-lo.

– Adela não estava aqui?

– Charles foi mostrar as estrebarias para ela – respondi.

– Lembrar os bons tempos – acrescentou Edith, seca.

Simon riu e disse: – Céus, melhor ficarmos bem-comportados quando esses dois se juntam.

– Não venha com isso, já me criticaram.

Simon fez um engraçado olhar culpado para mim, porém o que mais me surpreendeu foi ver que ele estava seguro a ponto de fazer uma piada assim. Fiquei meio aborrecido porque os dois estavam igualando Adela a Charles na categoria “grã-fino chato”. Mas, quando vi Edith sorrir e cochichar com Simon, notei como ele era um sedutor inteligente. Pois, ao me incluir na frase ele tinha conseguido acabar com uma cumplicidade, uma piada com Edith que excluía Charles. Notei então que ele não ligava muito para Adela e para mim.

Fiquei sabendo que naquele fim de semana Edith, por vingança e também por cordialidade, tinha convidado o casal Bob e Annette, o mesmo que estava na casa dos Chase na lua de mel em Mallorca. O convite foi contra a vontade de Charles, mas ela fez isso em parte porque queria rever Annette (que manteve, claro, uma animada correspondência com sua nova e importante amiga) e, em parte, para incomodar Charles e Gugu e, principalmente, incomodar Eric Chase, que estava em Broughton com Caroline. Ela achou que ele ficaria furioso pelo fato do casal ser apresentado aos sogros como “amigos de Eric”, como se fossem do estilo dos amigos dele. Ela estava certa. Eric ficou furioso.

Simon, Adela e eu fomos convidados para jantar; Bella estava passando uns dias em Londres e, portanto, às oito da noite encontramos com aquele grupo estranho na sala de visitas da família. O grupo ímpar prometia uma noite bem incompatível e, realmente, Adela entendeu mal e passou a primeira hora achando que Eric era do elenco do filme e não da família. Quanto mais nomes ele desfiava, mais ela confirmava isso até que, exasperado, rubicundo, ele finalmente falou em “meu sogro, Jojó”. Mesmo assim, ela olhou para mim para confirmar se era sogro mesmo.

Por outro lado, Edith se desapontou com a reação calculada e deliberada de lady Uckfield. Fez muita confusão com Bob e Annette o fim de semana inteiro e, ao mesmo tempo, conseguiu dar a entender, discretamente, que ficava muito aliviada por Adela ser uma alma gêmea dela. Considerei como um elogio para mim.

Ela confirmou que, ao aceitar um ator em sua roda, ele acabou ficando igual a ela. Edith achava conveniente que seus amigos se casassem com pessoas das quais ela soubesse alguma coisa. Por acaso, conhecia bem uma tia de Adela, que debutou no mesmo ano que a mãe dela, assim ficou tudo bem em seu mundo tão organizado. Óbvio, era exatamente esse lençol de segurança que Charles tinha rejeitado ao escolher Edith e era difícil não desconfiar de uma certa raiva da nora com o entusiasmo de lady Uckfield por minha futura esposa. Naturalmente, Adela gostou da atenção recebida, ainda sem entender direito as jogadas que eram feitas. Descobri Edith numa das janelas da sala, olhando amuada aquela festa de convidados estranhos. Fez sinal com a cabeça, mostrando a minha querida.

– Eu não disse? Ela é perfeita.

– Eu sei. – Acompanhei o olhar dela e vi que tinha passado da cena encantadora no sofá para um lugar mais distante, onde Caroline Chase ouvia com atenção Simon, que estava a toda como sempre. Charles ia de um grupo a outro, meio desconsolado, oferecendo mais bebidas.

– Pobre Charles. Quem ficou com ele no jantar?

Minha pergunta foi mais impertinente do que eu pretendia, acho que falei sem pensar. Mas, em vez de se zangar comigo como devido, Edith deu de ombros.

– Sei lá. Temos uma noite horrenda pela frente.

Olhei-a sem entender, ela então acrescentou:

– Bob e Annette Watson convidaram todos para sair.

– Simpático da parte deles. Mas por que convidaram?

Edith não achava simpático como eu.

– E tem mais. Reservaram mesa na mansão Fairburn. Gugu ri sem parar, está encantada, claro que não disse, mas está louca para ver como ficou a mansão depois que os de Marney saíram de lá.

Não estranhei o desinteresse de Edith pelo convite dos Watson. A ideia era, naturalmente, uma terrível perspectiva para os Broughton e os demais. Um dos piores erros que um alpinista social pode cometer na Inglaterra é ser generoso demais. É estranho, realmente, pois o que podia ser mais simpático? Trazer presentes e agradar,

dar festas e levá-los a algum lugar na cidade: existe algo mais simpático? Mesmo assim, essas cortesias são um sinal claro para os “de dentro” de que o provável benfeitor é um novato no mundo deles, o que fica tão evidente como prender balançar uma bandeira. De todos esses solecismos, o pior talvez seja convidar para “sair” no campo. A classe alta inglesa não sai de suas casas de campo à noite, a não ser para ir à casa de outros. Pode aceitar assistir a uma ópera numa casa de campo, ou até participar de um jogo seguido de piquenique mas, se querem ir a um restaurante, vão durante a semana, em Londres. E também não se hospeda em “pousadas em casas de campo,” a menos que seja por uma curiosidade pessoal. Podem até visitar uma porque “costumava passar o verão aqui, quando tudo isso pertencia à minha tia Ursula”, mas jamais, nem mortos, iriam jantar ou passar um fim de semana lá. Um dos aspectos mais lastimáveis desses lugares é que o requinte que os folhetos turísticos prometem não pode, por sua própria natureza, se estender aos hóspedes.

Os Watson estavam ansiosos por caírem nas graças de lady Uckfield e virarem “asíduos” frequentadores de Broughton, mas só conseguiram ficar ridículos para sempre aos olhos dela, além de fornecerem uma nova fonte de casos engraçados. Eles iriam pagar caro tal privilégio.

A mansão Fairburn era uma casa grande e feia, que ficava do outro lado de Uckfield. Durante séculos, pertenceu à família de Marney, que era muito antiga, embora pouco abonada, e obteve finalmente um baronato graças a, logo quem, Lloyd George. A casa dos de Marney era de uma fase arquitetônica particularmente infeliz da década de 1850, um perfeito solar ao estilo rainha Anna, num horrendo estilo neogótico, cheia de baixos-relevos mostrando os momentos históricos e triunfais da família. Tais momentos, pelo jeito, foram poucos, por isso as paredes tinham cenas meio nebulosas e sem confirmação histórica de “Gerald de Marney dando as boas-vindas à rainha Eleanor em Fairburn”, ou “Felipe de Marney carregando o brasão de armas em Edgehill”. Os Broughton riram muito. Quase não preciso dizer que as duas famílias jamais se gostaram. Tecnicamente, os de Marney eram uma família mais antiga e por isso sempre olharam seus vizinhos com certa arrogância. Isso não fazia sentido já que, quer quisessem ou não, nos últimos três séculos os Broughton foram muito mais ricos e mais importantes. Alguns anos antes, o atual dono do título, Sir Robert de Marney, desistiu daquela luta desigual e alugou Fairburn por um longo período para uma grande rede de “hotéis de lazer” e mudou-se com a família para a segunda sede, a 12 quilômetros.

– Você acha que devíamos viver *escondidos*? – sussurrou lady Uckfield, quando saltamos dos carros. Ela virou-se para mim.

– Essa sempre foi a casa mais horrorosa do mundo. Minha sogra costumava dizer que eles construíram errado, confundiram o projeto da casa com o da prisão de Lewes.

A entrada era por uma espécie de estufa espaçosa, com alguns estandartes de pedra e estranhas grelhas quase armoriais nas janelas, como se a casa fosse um imenso banco. A seguir, vinha uma estranha entrada. Por toda parte havia colunas vitorianas, grossas e quadradas, mas a reforma da mansão resolveu alterar o pé-direito original e o teto ficou parecendo uma abóboda da Alemanha central e o visitante se sentia uma cariátide. O gosto dos de Marney por cores fortes estava em todas as paredes e uma enfeitada árvore genealógica com moldura dourada estava sobre a lareira de toras de madeira a gás. Lady Uckfield olhou com atenção.

– Eles ficaram com os galhos errados da árvore – concluiu, satisfeita.

O chefe dos garçons veio, muito arrogante, falar conosco e confundiu as nervosas perguntas de Bob Watson sobre reserva de mesa com o tom geral da festa, fez ares superiores e nos levou à sala que chamou de “recolhimento”. Foi logo corrigido.

– Que cor horrenda! – disse lady Uckfield, sentando-se no sofá, sem dar atenção à cadeira que o garçom indicou. – Pena, já que essa era a única sala agradável. Nos velhos tempos, era a sala de música, embora eles fossem bem desafinados! – Ela sorriu, divertida, enquanto o garçom, arrasado, tentava recuperar a pose perguntando, solícito, o que ela queria de *apéritif*.

– Creio que lady Uckfield gostaria de um champanhe – respondeu Bob alto, e uma ou duas cabeças cheias de laquê nos cantos da sala viraram-se. Bob queria obter alguma vantagem por levar um grupo tão distinto para, achava ele, uma ocasião elegante; não posso culpá-lo. Deus sabe que ia pagar caro por isso. Ele amenizou o tom de voz com o garçom, que conhecia suficientemente bem a área para saber que tinha dado um *faux pas*. O grupo estava ficando desconfortável, Charles e Caroline trocaram um olhar rápido e irritado. Tive vontade de defender Bob e sua delicadeza de espírito, mas sabia que ia enfrentar dificuldades imensas e, covarde, me escondi atrás de um dos enormes cardápios com capa de couro até trazerem o vinho em meio a uma grande exibição de pratos, cristais e linhos. Nesse momento, para surpresa de todos exceto talvez Caroline, Eric inclinou-se para a frente, pegou uma garrafa no balde de prata para gelo e perguntou ao garçom, não a Bob:

– Não tem nada da safra 92?

O garçom negou com a cabeça e resmungou desculpas. Da mesma maneira que a timidez de Bob no começo nos deixou sem ação, a presença de lady Uckfield agora fez com que todos se transformassem em gente fina.

Eric adorou o constrangimento do garçom.

– Então a carta de vinhos não devia dizer que é de 92, não? – Ele devolveu a garrafa ao balde e sentou-se enquanto o garçom servia.

Olhei para Edith e ela revirou os olhos.

Bob não sabia o que fazer. Só sabia que a conta seria de umas setecentas ou oitocentas libras e, pelos risos contidos e os sorrisos trocados, sabia também que seu convite não o estava valorizando, mas ridicularizando. Sem dúvida, foi irritante para ele, já que a esposa tinha sugerido que convidassem os Broughton e os Uckfield para jantar no Ivy, em Londres (o que, claro, seria bem conveniente para os convidados.)

Charles veio em socorro de Bob.

– Delicioso – disse, sério, tomando o vinho e olhando para todos nós.

– Maravilhoso – elogiou Adela, e concordei.

Na verdade, o vinho era muito bom, mas estava gelado demais. Simon tinha resolvido arriscar tudo nessa noite perigosa. Queria desfazer de uma vez por todas a ideia de que aquelas companhias o intimidavam.

– Há algum problema, se eu pedir um uísque? – perguntou.

– Boa ideia, também quero – disse Eric.

A grande maldade disso era que Bob já tinha pedido três garrafas de vinho que foram abertas e que nós, o resto do grupo, não conseguiríamos beber. Ele estava arrasado. O vinho que pediu foi reprovado, ele foi ofendido e tinha de fingir que ia tudo muito bem.

– Claro, uísque! E você, Edith? – ele perguntou, com um largo sorriso.

Edith se enfiou na cadeira superestofada de chintz e fez o seu olhar diáfano. O olhar passou por Charles, que estava com jeito de censura, implorando para ela se comportar. Pobre sujeito. Aqueles eram os amigos da esposa e, mesmo assim, ele é que tinha de salvar a noite. Atrás dele, Simon sorria para ela.

– Gostaria de um pouco de vodca – ela respondeu. Simon deu uma piscadela, os dois sorriram e disseram alguma bobagem.

– Ótimo – aprovou Bob, com voz opaca. Olhou em volta procurando mais problemas, porém Caroline pegou com gesto decidido a grande taça de champanhe ao lado de Eric. As linhas de combate estavam se formando.

Como era de se esperar, a comida era pretensiosa, com *réchauds* em quase todas as mesas. Canapés mal apresentados, que pareciam chapéus de coquetel, foram surgindo numa sucessão insossa e enfadonha, servidos por garçons supostamente franceses. A essa altura, o maître não nos largava e ficou indo e vindo para conferir os pratos até Simon finalmente sugerir que ele sentasse e assim não se preocupar. Claro que todos nós rimos e claro que ele não foi mais visto. Graças a Simon, o jantar foi a parte menos lastimável. Ele sem dúvida estava bem engraçado naquela noite. Podia competir com as histórias de Annette sem querer e os dois fizeram as coisas seguirem. Até lady Uckfield se rendeu ao bom humor dominante e riu enquanto lidava com seus pratos sem graça e caros.

Já Charles ficou péssimo quase o tempo todo. Não tinha agilidade mental para entender as piadas na hora, muito menos para contar alguma. Aquelas pessoas não eram do tipo que ele apreciava e ficou em desvantagem (embora raramente corresse esse risco). Ao contrário do pai, ele não era um sedutor e, ao contrário da mãe, tinha pouco senso de humor. Caroline tentou salvá-lo uma ou duas vezes, mas estava irritada e Adela conseguiu que ele falasse na recuperação das caçadas em Feltham. Ele tinha recommçado esse esporte havia apenas três anos, após um longo intervalo e o tema soltou algo que estava reprimido dentro dele. O que também durou pouco, pois Simon estava contando de uma filmagem em que a produção, em vez de encher a banheira com água fria, despejou água fervendo e, quando Simon deu uma parada para contar o final da história, ouviu-se a voz de Charles:

– O melhor é colocar um pouco de repolho na água, que alguns camponeses naturalmente não gostam...

Simon riu.

– Bom, naturalmente, Charles está adorando – ele disse. Acho que Simon quis ser agradável e tudo ficaria por isso mesmo, se Edith não tivesse dito então:

– Ah, Charles, pelo amor de Deus, para de falar nas suas malditas caçadas.

Imagino que ela tenha achado que também seria engraçado e todos iam rir, mas não foi o que aconteceu. A voz dela era ríspida e acho que agressiva, a mesa passou por um momento constrangedor e estranho, sobretudo pela presença dos pais de Charles. Houve um certo estremecimento. Annette olhou para Bob e Adela me cutucou por baixo da mesa.

Charles ficou quieto, mais magoado do que irritado, como quando alguém zanga com um cachorrinho pelo xixi que outro fez.

– Estou sendo muito entediante? – ele perguntou.

Fez-se uma leve pausa e Eric, também achando que seria engraçado ou, mais provavelmente, só para ser antipático, disse:

– Está, sim. É melhor você beber mais um pouco.

Começou a servir vinho na taça de Charles, que recusou.

– Não sei, mas estou terrivelmente cansado – virou os olhos lassos para Bob e perguntou:

– Você me perdoa se eu não tomar o café e for para casa?

A essa altura, antes de pegar seu cartão de crédito, Bob já sabia que a noite tinha sido um fracasso total. Por isso, balançou a cabeça e garantiu animado:

– Claro que sim! Pode ir. Nós ficamos.

Charles sorriu sem graça e levantou-se.

– Bom, então peço licença para sair. Temos vários carros, não é? Sem problema, querida?

Era evidente para todos que Edith devia ter se levantado na hora, dito que também estava cansada e saído junto com o marido. Era exatamente o que devia fazer, mas naquela noite ela estava possuída por algo diabólico. Ou talvez fosse apenas lascívia. De todo modo, ela nada fez e a voz de Simon rompeu o silêncio:

– Não se preocupe com Edith. Levo-a para casa.

Charles olhou para ele e, por um segundo, os dois ficaram, como dizem os americanos, “com os olhos soltando faíscas”. Podia ser que Charles, rico e cheio de títulos como era, e com sua boa aparência estilo anos 1930, tivesse todos os ases na mão e, na verdade, tinha mesmo. Mas Simon Russell estava animado e se saindo bem; além de se achar o homem mais bonito do mundo tinha, ou melhor, exibia uma segurança carismática naquele noite. Para todos os presentes à mesa, Charles virou uma sombra na frente dele, cheguei a sentir uma sincera piedade daquele homem que tinha tudo. Obviamente, pensando nisso agora, sei que Simon tinha a segurança do homem que estava apaixonado e era retribuído, enquanto Charles tinha o medo do homem derrotado, mesmo sem ter consciência disso. A figura de Simon, elegante em seu paletó cinturado de veludo azul, olhos e cabelos brilhantes, era a encarnação de uma força invencível numa cena mitológica. Digo isso para que as pessoas sejam menos duras e mais compreensivas com Edith. O grupo ficou parado e mudo um instante e foi lady Uckfield quem falou.

– Gentileza sua, sr. Russell. Vai levar mesmo? – Ela conseguiu alterar ainda mais a

situação ao se levantar e, com isso, obrigar todos a fazerem o mesmo. – Será que estou tirando as senhoras do jantar? Ou será que vamos todos juntos?

Mesmo nessa hora de salvar as aparências, ela não resistiu em mostrar que achava aquele lugar muito especial e, portanto, não obedecia às regras normais da vida dela. Eu já disse que passei a admirar muito lady Uckfield e esse foi um dos momentos em que ela se destacou para mim. Viu o filho ser tratado como idiota, viu-o ser dispensado pela esposa, sabia do perigo que havia no oferecimento de Simon e, mesmo assim, ela não demonstrou nada. Preferia cortar a língua do que dar a impressão de que era contra Edith voltar para casa sozinha com Simon à noite. Mas daria milhares de libras na hora para fazer Simon sumir da frente dela para sempre. Se ao menos Edith soubesse se controlar como a sogra, não haveria nenhum escândalo, nem naquela hora, nem depois.

De volta à horrenda “sala de recolhimento”, lady Uckfield fez sinal para eu me sentar ao lado dela. Não sei se estava pouco à vontade, mas não demonstrou absolutamente nada.

- Quero cumprimentar você pela escolha da noiva.
- Quer dizer que você aprovou, então.
- Bom, como sou sua amiga, estou contente por você mas, como anfitriã, estou

furiosa.

Sorri, pois ela disse a verdade. Ela me perdoava a inconveniência de não ser mais solteiro, mas só por ser a coisa “correta” a fazer.

- Quando vai ser o casamento?

Expliquei que, embora eu tivesse tudo para achar que o casamento daria certo, ainda não tinha marcado a data. Imaginava que seria dali a cinco ou seis meses.

- E filhos? Pensaram nisso? Sou velha, então posso perguntar.

Dei de ombros.

– Não sei. Nós queremos filhos, mas tenho de admitir que a esposa é quem sabe a hora, não? Afinal, a minha parte é muito fácil.

Lady Uckfield riu.

– Sem dúvida, é mesmo. Mas não esperem tempo demais. Tomara que Charles e Edith não façam isso.

Olhou bem para mim, pois claro que nós dois sabíamos que eles já tinham esperado demais. Se Edith estivesse agora preocupada com alguma cabecinha loura no quarto das crianças, ou se estivesse apenas bem grávida, nada daquele terrível pesadelo estaria

acontecendo.

– Tem toda a razão – concordei.



QUANDO SIMON OFERECEU-SE para levar Edith em casa, achei que o plano dele ia dar errado, já que outras pessoas iriam junto, mas, quando saí da casa com Adela, vi que me enganei, pois o carro dele tinha duas cadeiras no banco traseiro, além de um monte de apetrechos de jardinagem. Ao meu lado, lady Uckfield também reparou isso. Acho que ela pretendia voltar para casa no surrado Cortina duas portas da nora, mas não conseguiu. Ofereci carona para lady e lorde Uckfield no Mini de Adela e, após darem uma olhada em Eric numa espécie de jipe, eles aceitaram. Lady Uckfield e eu nos apertamos no banco de trás; lorde Uckfield e Adela ficaram na frente. Eric fez sinais agitados para eles, porém, à sua maneira sublime, lady Uckfield fingiu não perceber. Partimos, deixando Bob e Annette sob os atenciosos cuidados de Eric, vermelho de tanto beber.

– Espero que não seja parado pela polícia na estrada – disse lorde Uckfield.

Lady Uckfield deu um leve muxoxo.

– Ah.

Viajamos em silêncio por algum tempo, suponho que todos pensando em Simon e Edith, cujo carro não estava à vista.

Lady Uckfield falou de novo.

– Esses lugares são incríveis, não? Quem será que os frequenta?

– Não são aquelas pessoas chamadas de yuppies? – perguntou lorde Uckfield, irônico, satisfeito por estar tão ao par das novidades.

– Bom, não devem ser só yuppies. Eles são tantos assim? Não deve haver muitos por aqui. Imagino que também não haja americanos. Uma pena.

– Ah, não sei, prefiro ver esses lugares funcionando como hotéis ou escritórios do conselho do que demolidos.

– É – lady Uckfield concordou, indecisa. Na verdade, ela preferia ver tais lugares cheios da mesma gente rica e bem-educada que morava lá há um século. Mesmo que fosse gente de que ela não gostasse, como os de Marney. Para ela, as mudanças trazidas pelo século XX não foram boas. O tempo tinha anuviado sua memória e, ao lembrar só dos dias alegres da infância, não conseguia pensar em nada desagradável ou ruim na

Inglaterra de sua tenra idade. Eu gostava das opiniões dela. Mesmo se sua visão do passado não fosse tão imprecisa e estranha como a de Jeremy Paxman, a ideia que lady Uckfield tinha era rara de encontrar nos últimos anos do século XX. Ela possuía aquela fê inabalável nos critérios de seus pares, raramente vistos a partir de 1914. Para eles, tudo tinha ficado muito vulgar, por isso a sociedade eduardiana ficava como uma época filosoficamente relaxante para se viver. Desde que se fosse nobre.

★ ★ ★

Simon fez tanta confusão para achar as chaves que, quando ligou o carro, os outros Broughton já tinham ido embora. Virou-se para Edith, que apertava o casaco no corpo, encostada na janela. Eram dois jogadores com cartas iguais e, naquele momento, estavam finalmente a sós como queriam. “Como queriam”, pois alguma coisa na agressividade de Edith com Charles, alguma coisa no ousado oferecimento de Simon mostrou aos dois que o show ia começar. Ao olhar o sorriso travesso de Simon, o vinco levemente torto nos cantos da boca, onde a barba começava a aparecer, Edith estremeceu de excitação. Assustou-se com aquele desejo súbito. Já tinha se sentido atraída por outros homens, lembrava que gostava de ir para a cama com George e houve tempo, bem antes de se casarem, em que queria ficar a sós com Charles, mas sabia que naquele momento era outra coisa. Ao ver os olhos azuis escuros de Simon, ela teve a simples e absoluta certeza de que queria ficar nua com ele. Queria sentir o corpo nu e rígido dele junto e dentro dela. Sentiu-se meio desconfortável e acalorada. O estômago mexeu ante à ideia aterrorizante e esfuziante de que seus princípios estavam sumindo.

– Não é melhor irmos? – ela perguntou.

Simon olhou-a com atenção. Os cabelos louros dela caíam sobre os olhos azul-acinzentados e ela tirou do rosto uma mecha com um gesto levemente petulante. Os lábios ainda estavam abertos após fazer a pergunta, mas continuavam úmidos, os dentes brancos se destacavam no escuro. Ele também estava excitado, mas não da mesma maneira que ela. Tinha ido para a cama com um bocado de mulheres bonitas e não era a ideia de prazer sexual que o excitava. Era a certeza e garantia de que ela estava atraída por ele.

Simon tinha absoluta noção de sua beleza. Acima de tudo, respeitava e gostava disso por sentir, com toda a razão, que a beleza era a razão do seu poder. Esse simples fato era o epicentro de seu charme sedutor. Ele precisava de que todos (amigo ou inimigo,

mulher ou homem) tivessem alguma reação pela atração física que ele provocava. Só então, sob o calor e o brilho da admiração dessas pessoas, ele conseguia relaxar e se sentir bem. Quanto mais ameaçadora a situação, mais ele precisava ser desejado fisicamente. Passou a vida lançando olhares destruidores, dando sorrisos misteriosos, fazendo caras e bocas para estranhos só para ter certeza de que estava no comando. Não é preciso dizer que ele tinha uma fila de mulheres magoadas, que corresponderam por semanas ou até meses aos sinais de interesse sexual e até romântico para depois descobrirem, quando conquistadas, que ele precisava tanto do amor delas quanto das árvores no campo.

Ele não ligava muito para aquela preocupação de estar sempre se afirmando. Tinha certeza de que sua aparência venceria todos os obstáculos, mesmo desconfiando de que esse não era o comportamento de uma pessoa segura. De certa forma, a insegurança a respeito de suas outras qualidades mostrava que a vaidade estava meio ligada a uma certa modéstia. Ele admirava muito o próprio intelecto e, apesar de toda as bravatas, sabia que tinha pouco traquejo social. Talvez por isso fosse inevitável que seus anseios burgueses somados à sua compulsão por ser desejado o tivessem levado a Edith. A ironia era que ela via nele uma saída para a vida em Broughton; ele, por sua vez, via-a como uma porta para essa vida. Porém, a essa altura dos fatos, eles não tinham consciência de nada. Estavam, em resumo, apaixonados.

O desejo, aquele estado comumente chamado de “amor”, é uma espécie de loucura. Distorce de tal maneira a realidade que deveria fazer com que víssemos as outras formas de maluquice com a compaixão de quem sofre do mesmo mal. Porém todos nós sabemos que se trata de uma loucura que, por maior que seja, dura pouco, quando dura. Ao contrário do que a sabedoria popular diz sobre o tema, o desejo não costuma passar a um “amor mais profundo e mais verdadeiro”. Claro que há exceções; alguns casais se “amam” pelo resto da vida mas, no geral, quando realmente combinam, passam a uma cálida e recíproca amizade enriquecida pela atração sexual. Se não, a relação cai apenas no tédio ou, se têm a infelicidade de se casarem nesse meio-tempo, no ódio amargo. Paradoxalmente, por mais que a pessoa sofra e enlouqueça quando a chama está no auge, poucas se alegram ao constatar que a paixão diminuiu. Quantos de nós tentam em vão sentir qualquer atração por aquele rosto na nossa frente, ao reencontrarmos um objeto de desejo causador de uma ferida que durou meses e até anos? Cujas vozes ao telefone dava-nos a impressão de termos nós no estômago? Cujos menores gestos causavam um repicar de sinos em nossos órgãos vitais? Quantos de nós,

após vertermos lágrimas amargas por um amor fracassado, não nos desapontamos ao ver o adorado de novo e constatar que ele não nos causa mais nada? Quantas vezes não queremos admitir que eles, na verdade, começam a nos irritar, já que essa constatação parece trair nossos próprios sonhos. Embora quase todo mundo tenha sofrido muito por amor, esse é o sentimento que o ser humano mais almeja.

Mesmo enlevada como estava, Edith não via em Simon algo de concreto em sua vida futura. Mas esqueceu logo que, no começo, ficou irritada com a sedutora verbosidade dele. Passou a gostar muito de ouvir os sofrimentos que ele passou, os planos que tinha, os sonhos – de ouvir qualquer coisa, pois adorava o jeito com que ele mexia a boca. E então, lindo como era, fez com que ela se sentisse muito amada e desejada. Gostava de ficar perto, deixar o braço dele roçar na manga da blusa, as mãos dos dois se tocarem de leve, e só. Ou tinha sido assim até aquele momento. Infelizmente, ele tinha aparecido na vida dela numa hora de imenso tédio. Antes do casamento, bocejava ao atender o telefone da imobiliária, sonhando com tudo o que a nova vida lhe traria e não imaginou que, meses depois, essa nova vida também se transformaria em mesmice. E assim ela estava entediada e, como suas pretensões sociais só previram animação, achou o tédio mais terrível do que já era.

Aos poucos, mas inexoravelmente, foi deixando que o resto de afeto que tinha por Charles se acabasse, devido à incapacidade dele de lhe despertar interesse. Mas, em algum canto da cabeça, Edith sabia que isso podia ter sido evitado. Se, como a sogra, tivesse desde o começo do casamento admitido e encarado as limitações do marido, poderia haver uma estima entre os dois. Se tivesse parado de querer se divertir com Charles, teria recebido apenas o que ele podia dar: fidelidade, segurança e até amor, da maneira pouco criativa dele. Mas ela quase nunca admitiu para si mesma que não tinha se casado por amor e sim por status, e também não admitia agora que estava vivendo com um homem mais burro e estúpido do que ela. Edith achava que Charles era o culpado da vida dela ser tão horrorosa; o culpado por não terem um grupo animado em Londres; o culpado por ela preferir as horas em que ficava sozinha às que passava com ele. Além do mais, já tinha aceitado o perigoso papel de fingir ser a esposa feliz e contente que só os famosos, com vida “pública”, podem ter, e que servia para esconder a pasnaceira de sua vida. Como ela era muito popular entre os habitantes da aldeia, como ficava muito ocupada com suas obras de caridade e com os criados da mansão, começou até a achar que aquela mulher feliz e elegante refletida nos olhos das pessoas (e na imprensa local) era real e verdadeira e que devia ser culpa de Charles ele

não a adorar como os admiradores da aldeia.

Não que ela tivesse alguma atração pelo perigo. Aceitou a carona de Simon mais para irritar a sogra. Na verdade, estava surpresa com a enorme atração física que sentiu por ele quando os dois ficaram sozinhos no escuro pela primeira vez. Mais surpresa ainda com a sensação desconcertante de estar ficando mais animada e, ao mesmo tempo, sentindo aquele sabor inebriante de algo ainda inexplorado. Chegou à incrível conclusão de que era exatamente o que ela não sentia desde que se casou. Havia meses que a vida dela parecia restrita. As decisões tinham sido tomadas e agora deviam ser encaradas. Mesmo assim, lá estava ela, olhando as calças de veludo de Simon esticadas nos músculos da coxa, com a deliciosa impressão de que muita coisa ainda podia acontecer daquele momento até o dia em que ela morresse.

★ ★ ★

Quando chegamos a Broughton, os Uckfield nos convidaram para um drinque. Creio que eles teriam preferido que fôssemos embora, porém aceitamos, em parte por delicadeza, mas também por aquela suspeita mórbida de que a noite ainda não tinha terminado. Nós (ou melhor, eu) ainda queríamos saber se Charles tinha mesmo ido se deitar; quanto tempo Simon e Edith demorariam para chegar; como lady Uckfield iria reagir – ou seja, as várias facetas da história que faltavam ser respondidas.

Charles estava na sala. Mal tinha tocado no uísque na mesa ao lado da poltrona e, desconfio, ficou olhando para o nada até ouvir nossos passos chegando. De qualquer maneira, pareceu bastante interessado na revista feminina que pegou assim que entramos. Preparou então uísques para o pai e para mim, uma água para Adela (a bebida habitual dela, meio sem graça) e nos sentamos. Pouco depois, os inconfundíveis barulhos de Eric na escada avisaram que pelo menos o jipe tinha chegado. Os quatro entraram na sala.

– Onde está Edith? – perguntou Eric, animado e, claro, contente por ela ainda não ter chegado e, portanto, poder descontar alguns pontos dela.

– Espero que o carro deles não tenha quebrado – disse Adela, séria.

– Céus! Será? – perguntou lady Uckfield.

Concordei, tendo recebido antes a autorização tácita de Adela:

– O carro de Simon é uma porcaria. Espero que não tenha quebrado.

Lady Uckfield admitiu na hora que aquele era um salva-vidas que ela podia amarrar ao seu cais, caso precisasse dele um dia. Não ficou exatamente satisfeita com a desculpa,

pois para isso tinha primeiro de admitir que alguma coisa estava errada. Mas gostou de sentar-se ao lado de Adela no sofá e perguntar sobre a tia.

Eric tentou de novo.

– Eles demoraram muito para ligar o carro – disse. – Só ouvi o motor depois que nosso carro passou pelos portões.

Mas isso não adiantou. Quanto mais o casal demorasse, mais a família ia ficar achando que houve um problema no carro, ou um acidente. Todas as demais possibilidades estariam assim totalmente anuladas.

Quando a conversa passou para temas mais gerais e as pessoas se espalharam pelas diversas poltronas e sofás da sala, Charles se aproximou de mim e perguntou se eu podia ir com ele até o escritório. Não sei que desculpa deu (queria me mostrar um livro ou uma foto, essas coisas), mas nós dois sabíamos que queria simplesmente falar a sós. Concordei e fui atrás, meio desconfortável com o sorriso esquisito dele, e entramos num corredor à esquerda. Não fiquei ansioso pela conversa, começava a me sentir responsável pelo que até eu percebia que estava para acontecer. Afinal, eu tinha apresentado Simon a todos. Se eu não estivesse participando do filme, garanto que ele jamais entraria no sofisticado círculo da família.

O escritório de Charles tinha uma daquelas placas de “privativo” que dão tanto prazer em desrespeitar; era uma salinha de canto mínima perto das salas de visita e de jantar usadas pela família. Era uma extensão da biblioteca principal, que também ficava no andar principal e por isso tinha bonitas cornijas e alizares de portas e, de dia, suas duas janelas compridas ofereciam uma linda vista do parque. Portas duplas se ligavam ao aposento maior e quase nunca eram abertas, já que a biblioteca era um dos aposentos no percurso dos visitantes. A lareira era delicada, de mármore rosa, e as paredes foram revestidas de damasco carmesim, do rodapé ao teto. Tinham altas e lustrosas estantes de livros que pareciam ter sido feitas sob medida. Na cornija da lareira havia o retrato em moldura dourada de alguma antepassada, em traje de baile à fantasia; a bancada de mármore sob o retrato estava cheia de convites, fotos, bilhetes e cartões-postais misturados, o habitual caos de papéis que serve para a classe alta mostrar o desembaraço com que lida com seus elegantes compromissos.

– Que lugar ótimo. O escritório de Edith fica ao lado? – perguntei.

Charles negou com a cabeça.

– Fica no andar de cima, ao lado do nosso quarto – respondeu, baixo.

Olhou para mim sem dizer nada e, em vez de retribuir o olhar angustiado que me

lançou, fiquei examinando a lombada dos livros nas estantes. *Você pode perdôá-la?*, de Trollope, chamou minha atenção e senti uma ironia desleal. *Ele sabia que estava certo*, do mesmo autor, me conteve. Na época, eu não sabia se Charles era ciumento, já que ignorava se ele tinha alguma capacidade emocional. O fato de alguém não ser muito inteligente não influencia. As pessoas podem ser idiotas e muito complicadas, da mesma forma que podem ser inteligentes e incapazes de algum sentimento mais profundo.

– O que você acha? – Ouvi a pergunta e, por um instante, pensei se Charles pedia a minha opinião sobre algum livro mas, ao ver a cara dele, percebi que não. Por mera precaução, respondi com outra pergunta:

– Como assim?

– O que eles estão aprontando?

Ele estava com um jeito agressivo e áspero e concluí que era o começo do que se chama de uma “conversa de homem para homem”. Estremeci só de pensar. Além do mais, acredito que “em boca fechada não entra mosca” como ensina a escola da harmonia conjugal, crença que o casamento em si não abala.

– Ah, Charles, por favor – pedi, afetuoso, dando a entender que Edith e Simon não podiam “aprontar” nada. Não sei se fui desonesto. Acho que não. Parecia ingênuo, mas, pensando agora, era evidente que Edith e Simon se sentiram atraídos desde o segundo dia. Não sei se percebi alguma atração mútua antes daquela noite.

– Você é que me faça o favor – disse Charles, mais ríspido do que costumava ser.

– Escute, se está perguntando se tenho conhecimento de alguma coisa – eu estava bem conciliatório –, não tenho. Se está perguntando se eu acho alguma coisa, também não acho. Eles se gostam, só. Será que isso é tão terrível assim? Depois que você se casou, nunca teve vontade de seduzir alguém?

– Não – respondeu Charles, sentando numa poltrona Chippendale e apoiando os cotovelos numa bonita e desarrumada mesa lateral. Ao falar, enfiou a cabeça nas mãos e ficou passando os dedos pelos cabelos. Era uma pose para estátua do desespero. Fiquei sem jeito por ter me enganado, achando que aquele meu caloroso apoio resolveria; ao mesmo tempo, eu não queria passar para outro nível de intimidade com Charles que, afinal de contas, eu mal conhecia na época, e ele podia considerar uma impertinência. Tive pena dele e queria achar uma maneira de reduzir, e não de aumentar, aquele peso. Minhas reflexões foram interrompidas por um suspiro vindo da mesa.

– Ela não me ama, é isso – falou para a pilha de papéis que estava sob o rosto dele mas, como a observação devia ter sido dirigida a mim, tentei uma resposta à altura.

Claro que a situação ficava duplamente difícil porque a declaração de Charles, por mais sincera que fosse, era verdadeira. Eu não tinha a menor dúvida de que Edith não o amava. Ela não sentia atração sexual por ele (o que, na época, eu apenas desconfiava); não gostava da companhia dele; não tinha os mesmos interesses que ele; e não gostava de quase todos os amigos dele. Não creio, tanto na época como agora, que ela não gostasse dele, mas eu não ia reagir assim àquele lamento de dor. Fiquei calado e, imagino, isso foi uma concordância tácita; Charles olhou para mim. Não consigo expressar como fiquei emocionado com o terrível sofrimento de seu rosto simples e amargurado. Os olhos apertados estavam vermelhos e as lágrimas já escorriam pelo nariz grande e ossudo. Os cabelos, que costumavam ser tão lustrosos quanto um anúncio de óleo capilar na década de 1930, estava desarrumado, sujo e espetado para todo lado. Quem é bonito pode usar o sofrimento com charme e já vi muita graciosa com dignidade em velórios, mas, quando a dor cai bem, também causa suspeita. A verdadeira infelicidade é feia e fere, marca e machuca a alma. Fico envergonhado de lembrar que me surpreendi por Charles (o simpático e convencido Charles, com suas caçadas, suas cercas vivas e seus cachorros) ter um coração que podia se despedaçar. Tinha mesmo, e eu estava assistindo ao despedaçamento.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, veio um barulho do corredor.

– Charles?

Era lady Uckfield. Mesmo num momento tenso como aquele, em vez de cometer o solecismo social de bater na porta de uma sala (o que, como mordomos de luvas brancas, são sempre destaque nas cenas incorretas de dramas de época na tevê), ela apenas segurou na maçaneta da porta como se isso facilitasse a entrada na Arca da Aliança. De todo jeito, deu tempo para nós nos vestirmos, se fosse o caso, ou pelo menos enxugarmos as lágrimas. Ela abriu a porta e entrou.

– Ah, Charles, Edith chegou – disse, sorrindo para o filho, sem se importar com a queda de Roma que estava evidente. – Eles ficaram presos no trânsito ao sair da cidade. Foi um enorme aborrecimento. – Ela olhou para mim: – Seu amigo passou por aqui e foi direto para a fazenda.

Charles agradeceu numa espécie de torpor e foi para a sala de visitas. Eu ia atrás, mas lady Uckfield deu um toque quase imperceptível no meu braço e me impediu.

– Melhor Adela e eu irmos embora também. Onde está Bob? Preciso agradecer-lhe o jantar – eu disse.

– Ele foi dormir – ela respondeu. – Sua maravilhosa Adela agradeceu em nome

dos dois.

Ficamos calados. Ela postou-se ao lado da lareira, passando os dedos pelos quadrados de cartolina que intimavam seu filho a comparecer a diversos compromissos. O aposento tinha só uma luz no canto mais distante, uma luminária de vidro e ouropel que fazia longas sombras em volta dela e, na meia-luz, marcava seu rosto sem dó. Por uma vez, lady Uckfield pareceu a idade que tinha. O véu glamoroso de suas boas maneiras foi retirado por um instante e mostrou uma mulher cansada e preocupada, no começo da velhice.

– Bom, a situação está complicada – ela disse, sem tirar os olhos de um convite de casamento onde estava rabiscado “aceito” com os garranchos de Edith.

– Ah, não sei – eu disse. Afinal, minha situação era difícil, já que eu estava na casa como amigo de Edith. Tinha a obrigação de ser leal a ela, mesmo achando bobo o seu comportamento. Eu não estava, digamos, “do lado dela”, embora achasse que seria conveniente.

– Bom, pois eu sei. – Ela fez uma pausa e olhei, em resposta ao tom ácido dela. – É pior do que você pensa. Eric estava no carro quando eles chegaram. Viu os dois se beijando.

Por um momento, fiquei como diz um amigo meu cosmopolita, “abestalhado”. Pensei que estívéssemos tratando de pequenas inadequações de comportamento causadas pelo tédio de Edith. Pensei que fôssemos ter uma conversinha sobre a “animação” de Edith. Claro que desconfiei na hora de que Eric não estava no carro dele quando os dois chegaram e sim que ficou escondido na entrada da casa para não perder aquela divina oportunidade de pegar em flagrante Edith que, a essa altura, ele odiava. Muito mais do que eu imaginava. Fosse qual fosse o motivo, ele não mentiu. Em nome da nossa velha amizade, tentei tirar Edith do buraco que ela própria tinha cavado:

– Ah, sim, ela certamente deu apenas um beijo de boa-noite.

– Não, ela estava beijando apaixonadamente. Ele estava com a mão dentro da blusa dela e não dava para ver a mão dela sob o painel do carro.

Lady Uckfield falava com a cara inexpressiva de um policial prestando depoimento no tribunal do condado. Olhei-a em silêncio. Meu primeiro impulso foi pedir desculpas por estar lá e sair correndo. Foi só o que pensei. Lady Uckfield prosseguiu:

– É lastimável que eles tenham sido vistos por Eric, que não consegue guardar segredo de nada e desconfio de que não gosta muito de Edith. Já contou para Caroline,

que veio me contar. Ela vai pedir para ele não espalhar, mas acho que não adianta.

Para mim, o mais interessante foi o jeito de lady Uckfield. Tinha me acostumado com sua discrição sussurrada e apaixonada ao comentar as notícias do dia, ou o lugar que você ficaria na mesa de jantar. Naquele momento, tinha realmente um segredo para dividir e seu jeito jovial havia sumido. Naquele momento, ela podia ser uma oficial na Rede de Voluntariado Feminino dirigindo-se a um grupo de recrutas.

– Esperemos que as coisas não tenham ido mais longe, mas acho que não faz muita diferença.

– Vai contar ao Charles?

Ela olhou, assustada.

– Claro que não. Pensa que sou louca? Ele com certeza vai descobrir. – Ela relaxou de novo; tinha passado o choque de ser considerada uma ingênua. Foi até a janela.

– Como ele vai descobrir? – perguntei, dando a entender que eu também não contaria nada.

Ela deu um sorriso triste.

– Edith decerto vai contar para ele. De qualquer modo, alguém vai.

Não havia nada a acrescentar que valesse a pena, ela estava com toda a razão. Em seu tédio, Edith teve aquele desejo fatal de “tomar uma atitude” que tantos casais parecem ter hoje em dia. Bem ao contrário dos bisavós, que faziam tudo para não tomar atitude alguma. Meu silêncio ficou canhestro mas, na verdade, eu não sabia exatamente por que lady Uckfield me contava tudo aquilo. Apesar de toda a sua pseudodiscrição, ela jamais contava nada que fosse nem remotamente indiscreto, quanto mais potencialmente escandaloso. O meu jeito deve ter mostrado o que se passava na minha cabeça, pois ela respondeu sem ser perguntada.

– Conte para você porque quero que faça uma coisa para mim.

– Pois não.

– Quero que mande esse Simon largar dela.

– Bem...

Ai do homem que aceita imediatamente esse tipo de missão. Qualquer que fosse a minha opinião sobre a personalidade ou a ética de Simon, eu não podia fazer o papel de tio sensato dele.

Lady Uckfield ficou irritada com a minha indecisão. A voz dela mostrava mais que a loquacidade normal e as palavras jorraram, baixo:

– Ela está entediada, só isso. Devia ir mais a Londres. Devia ver mais os amigos. Ou ter um filho. Ou arrumar um trabalho. É o que ela precisa. Quanto ao rapaz...

Ela deu de ombros.

– Ele é bonito, é sedutor e, acima de tudo, está *aqui*. A pessoa faz isso no começo de uma vida nova. Não significa nada. O problema é Eric ter visto. Certamente vai contar e temos de impedir que alguém acredite.

Comecei a ver as coisas por essa ótica. Claro, era tudo uma bobagem que só ficava horrível porque podia magoar Charles, caso ele soubesse. Sim, era uma pena Eric ter visto os dois. Pena. A voz sedutora e calma de lady Uckfield afastou a ameaça de caos e tempestade que pareceu nos envolver um instante e nos trouxe de volta à terra firme.

– Farei todo o possível – garanti.

– Certamente. De todo modo, o filme ainda não acabou. Pena você estar nos deixando para se casar – ela acrescentou rápido, depois lembrou-se: – mesmo assim...

Concordei e ela foi para a porta. Tinha cumprido a missão. Tentou reduzir o prejuízo e, para isso, teve de confiar em mim. Mas eu já era aliado dela. As coisas podiam ser piores.

– Lady Uckfield – chamei. Ela parou e virou-se, ainda com a mão na reluzente maçaneta da porta. – Não seja muito dura com Edith.

– Claro que não. Talvez você não acredite, mas eu também já fui jovem – ela disse, rindo.

Ela então sumiu e tive a absoluta certeza de que detestava a nora tanto quanto odiaria qualquer mulher que fizesse o único filho dela chorar.



– CÉUS, O QUE HOUE? – perguntou Adela, assim que saímos de carro da mansão.

– Como assim?

– Bom, primeiro, vocês dois somem e todos parecem assustados. Depois, Eric some. Há uma breve calma e de repente parecemos estar numa comédia de costumes, com as pessoas entrando e saindo da sala com caras assustadas. Enquanto isso, fico sentada lá com lorde Uckfield, que tenta me ensinar a criar trutas. Aonde você foi? Pensei que ia ter de ligar para um hotel e reservar um quarto.

Contei tudo para ela, naturalmente, e continuamos a viagem em silêncio. Adela rompeu-o.

– O que você poderia dizer a Simon? Para ele largar essa senhora? Será que não vai dar um soco no seu nariz?

– Acho que não. Ele não é desse tipo.

– E então?

Eu não tinha resposta, assim como não conseguia me imaginar naquela cena tão constrangedora. E com que direito eu poderia sequer tocar no assunto?

Adela me deu um motivo.

– Acho que você tem que fazer o possível pela pobre Edith. Vai ser lastimável se ela estragar tudo depois de tanto esforço. E por um nada.

Chegamos à fazenda e Simon estava na mesa da cozinha, com uma garrafa de vinho. A cara dele e o simples fato de não ter ido dormir indicavam um incontrolável desejo de contar, embora não soubesse que eu já estava a par. Era um mau sinal. Bella e eu sabíamos que Simon gostava de falar de seus casos, apesar de sempre fazer carinhosas referências aos filhos e à esposa, saudosos em casa. Eu não entendi na época que ele gostava tanto da fama quanto do fato em si, o que é o traço mais perigoso de um amante casado de uma mulher casada. Adela foi direto para o quarto dela e aceitei sem qualquer vontade a bebida que Simon me ofereceu. Ficamos um instante em silêncio. Finalmente, ele não aguentou mais.

– Gostou da noite? – perguntou.

Concordei, meio desanimado.

– Muito boa. Mas o jantar foi bem fraco. Pobre Bob, ficou lívido quando viu a conta.

Fez-se outro silêncio. Acho que nenhum dos dois sabia como tocar no assunto que estava na nossa cabeça. Tentei, então.

– Você não entrou na casa.

Simon negou com a cabeça.

– Aquele cunhado terrível ficou um pouco esquisito quando chegamos. Achei melhor deixar Edith lá e ir embora.

Então foi isso. Claro que Simon queria falar no assunto. Eric mostrou que estava lá e não havia a menor possibilidade de manter segredo. Tinha feito uma cena. O que, na minha opinião, geralmente ocorre quando a pessoa quer fazer uma cena.

– Eu soube – acrescentei.

Simon olhou. – Ah, sim? Por quem? Por Edith?

Neguei com a cabeça: – Não, pela mãe de Charles.

Vi que aquilo foi uma bofetada (adequada), mas, ao mesmo tempo, enquanto Simon assimilava a notícia com um sorriso tímido, havia um deleite nefasto em ser o protagonista do que ele achava que era uma tragédia romântica. Fiquei mais desanimado ainda ao ver que, com seu prazer perverso de ator em crise, Simon dali a pouco estaria pronto a desfrutar da notoriedade.

– Charles sabe? – ele perguntou.

– Até eu sair de lá, não. Deveria saber? Existe alguma coisa?

Simon não ia se entregar tão fácil. Sorriu, gentil, deu de ombros e serviu mais um pouco de vinho para ele. Fui o mais paternal que pude.

– Não crie confusão, Simon – aconselhei.

Mas ele continuava apenas sorrindo e piscou para mim com aquela enfurecedora segurança sexual dos que jamais foram rejeitados e que acham que as leis morais são para os pobres mortais. Só me restava apelar para os bons sentimentos dele.

– Edith é uma velha amiga minha.

– Eu sei.

– Não quero que ela fique infeliz.

– Ela está infeliz.

De certo modo, era verdade, embora muito menos que ele ou Edith imaginavam.

– Não está nem a metade do que vai ficar, se você fizer um pequeno escândalo

ridículo só por ela estar aqui e você estar entediado.

Ele sorriu e deu de ombros novamente. Claro que eu estava num beco sem saída, pois nada podia dar mais prazer a Simon do que implorar para ele não jogar sua sedução fatal sobre uma vítima indefesa. Lá estava eu, implorando ao grão-senhor para se apiedar da pobre donzela. Ele estava adorando. Tentei outra tática menos honrosa.

– E a sua esposa?

– O que tem ela?

– Ela não vai sofrer?

Para deleite meu, ele ficou um pouco desconfortável ou, pelo menos, irritado.

– Quem vai contar para ela? Você não vai.

Obviamente, era verdade, mas pensei um instante se eu não estava exagerando e, nesse momento, alguém bateu na vidraça atrás de mim. Virei-me e, com absoluto pasmo, vi Edith com um lenço Hermès mal amarrado na cabeça, batendo na janela e pedindo para não deixá-la ao relento, como se fosse Cathy Earnshaw em *O momo dos ventos uivantes*. Mas Simon não era Heathcliff, por isso fui eu (e não ele) quem correu para abrir a porta dos fundos.

– O que diabos você está fazendo aqui? – perguntei, mas ela me empurrou e foi aquecer as mãos no fogão.

– Não venha me tratar mal também. Garanto que já aguentei muita coisa essa noite.

– Charles sabe?

– Claro, Eric contou.

– Mas sabe que você está aqui? E por que está aqui, pelo amor de Deus? Não piore mais as coisas.

Durante tudo isso, Simon não falou nem se mexeu. Então, decidido, ele se levantou, largou o copo de vinho, foi até Edith e, lentamente (imagino que para eu apreciar), abraçou-a e inclinou a cabeça devagar, num gesto lento, meloso e ansioso de um astro de cinema moderno, em close. Tive a impressão de que ficou comendo a língua dela. Por um instante, olhei as duas cabeças louras encostadas e, atrás deles, como os fantasmas na tenda de Ricardo III, vi Charles, a mãe e a maldita sra. Lavery com seus sonhos sendo incinerados numa cozinha rural em Sussex, enquanto eu os olhava. Atrás deles, vislumbrei as figuras mais distantes dos Cumnor, da velha lady Tenby com as filhas e todos os demais que ficariam impressionados e, no fundo (ou nem tão no fundo), encantados com a destruição que aqueles dois idiotas estavam causando.

– E como foi? – perguntou Adela, a quem eu tinha prometido contar tudo antes de

ir para o meu quarto. Ela rolou na cama, concentrada.

– Minha conversa não adiantou – avisei.

– Ele não ouviu?

– Tenho a impressão de que ele está adorando a situação. Mas eu não disse isso.

Estava começando a dizer, quando Edith apareceu. Ela agora está lá.

Adela ficou calada um instante.

– Ah – exclamou. E a seguir: – Então nada vai adiantar. Pobre Charles.

E pôs a cabeça de novo no travesseiro, puxando as cobertas em volta do rosto.

Pouco tempo depois disso, fiz o pedido de casamento e Adela aceitou. Confesso que foi uma fase tensa, pois fui checado por inúmeras pessoas das relações da minha prometida que eram contra o enlace, quase todas contrariadas por sua amada Adela confiar num ator.

– Bom, só posso desejar *boa sorte* com aquela entonação artística – avisou uma tia especialmente antipática.

Alguns meses depois, eu estava ansioso para acabar com a espera. Resolvemos nos casar em abril e, como se trata de um mês sabidamente imprevisível, fazer a cerimônia em Londres. Como disse Adela, “casamentos no campo podem ser muito lamacentos”. Foi um “evento social”, creio, embora não na escala dos Broughton. Mesmo assim, quem já foi a um grande casamento (sobretudo em Londres), com toda a parafernália que exige, vai entender que não tive muito tempo para pensar em Edith e seu caso nos meses que precederam. Convidei para padrinhos o casal Uckfield e o casal Broughton e, para alegria da minha sogra, os quatro aceitaram. Isso foi um alento, em meio ao caos dos preparativos, e concluí que os problemas tinham acabado e a maluquice de uma noite de outono tinha sido esquecida. Então, cerca de duas semanas antes do casamento, Edith me ligou.

– Você convidou Simon? – perguntou.

Entendi na hora que ela estava preocupada com qualquer situação constrangedora, por isso a tranquilizei:

– Não, não convidei. Você tem razão.

Dei uma risadinha, com a intenção de fazer aquela horrenda noite virar logo uma piada só nossa.

– Poderia convidar? – ela insistiu.

Parei de sorrir e perdi o pé.

– Não, não posso – respondi, sucinto.

– Por quê?

– Você sabe muito bem.

Fez-se uma pausa no outro lado da linha.

– Pode me fazer um favor? – Não respondi, pois estava pasmo. Não tinha adiantado.

– Pode emprestar o seu apartamento para nós enquanto você está fora?

– Não.

A voz de Edith foi fria e clara.

– Bom, então desculpe incomodar.

– Edith, querida – eu disse. É o tipo de coisa que ocorre quando você está envolvido em algo muito importante. A noite anterior à prova final é exatamente a que o pai de um amigo escolhe morrer, ou ser preso.

– Claro que você não pode se encontrar com Simon aqui. Como vou fazer isso com Charles? Ou mesmo com a pobre esposa de Simon? Querida, não seja maluca, por favor. Eu peço.

Mas ela não queria perder. Com algumas frases sem sentido, fugiu da situação e desligou.

Contei para Adela, que não se surpreendeu.

– Ele acha que Edith pode conseguir tudo. Abrir portas. É um oportunista.

– Não sei se ele é tão interesseiro.

– É, sim. Quer ficar na mesa principal. Você vai ver.

– Bom, não sei se a pobre Edith pode arrumar muita coisa para ele.

Adela sorriu de uma maneira que me pareceu meio fria.

– Ela não pode. Quando isso tudo acabar, ela vai ter muita sorte se conseguir uma mesa no Saint James. Boba.

No dia de nosso casamento, quando aguardávamos a fila de cumprimentos, Adela fez sinal para que eu olhasse para a porta, onde o laço anunciava com voz retumbante:

– O marquês e a marquesa de Uckfield e o conde Broughton – rolando as palavras na língua como se fossem balas deliciosas. Os três entraram.

– Onde está Edith? – perguntei.

Charles deu de ombros, de leve, e deixamos o assunto de lado. Eu estava sinceramente emocionado pelos Uckfield fazerem o esforço de ir. Em geral, essas

pessoas são bons amigos, mas não costumam fazer nada por você. Acho que lorde Uckfield não sabia por que teve de se arrumar e perder uma ótima tarde em que poderia estar assistindo às corridas de camarote. Porém lady Uckfield nessa época gostava de mim e também, acho, queria ter uma ligação com o único amigo de Edith desde antes do casamento. Eles entraram na recepção e voltamos para a fila sem fim de velhas babás e parentes dos condados.

★ ★ ★

É impossível falar com alguém de maneira adequada no dia do seu próprio casamento, muito menos numa cerimônia elegante na qual não cabe ao casal fazer algo tão classe média ou conveniente como sentar-se numa mesa e comer. Os noivos circulam pelo salão como uma daquelas bandejas de canapés; falam uma coisa aqui, outra ali para justificar as viagens de uma noite que os convidados fizeram vindo da Escócia, ou os voos de Paris ou Nova York. Mesmo assim, Charles conseguiu me pegar um instante:

– Podemos almoçar quando você voltar da lua de mel? – perguntou.

Concordei, sorri e não comentei nada, já que o começo de uma união conjugal não é o momento adequado para considerações sobre o provável fim de outra. Confesso que fiquei orgulhoso por, a essa altura, Charles obviamente me considerar amigo dele e de Edith. Orgulhoso e também merecedor, pois eu certamente estava do lado dele, caso houvesse lados. Sabia muito bem que eu não era amigo íntimo, mas tinha o mérito de poder falar sobre a esposa dele porque a conhecia bem, o que os amigos dele não podiam, já que só a conheceram após o noivado.

Adela e eu passamos duas maravilhosas semanas em Veneza e, quando voltamos para o apartamento, encontramos mais pilhas de presentes de casamento da Peter Jones e da General Trading Company, além de uma carta de Charles sugerindo nos encontrarmos no clube dele na quinta-feira seguinte. Aceitei. O clube de Charles só podia ser o White's e, conforme o combinado, fiquei à porta da sua conhecida entrada adamascada, às 13h do dia marcado.

Creio que todo mundo concorda que o White's é o mais bonito dos três clubes elegantes que dominam a Saint James com suas belas fachadas do século XVIII. Tem poucos arrivistas da cidade mesmo entre os membros mais jovens, talvez por ainda ter bastante *gratin* para atender às necessidades, ou talvez porque o ar seja fino demais para pobres mortais respirarem. Vão lá uma ou duas vezes e resolvem procurar algo menos opulento. Dito isso, sempre gostei do White's, mas queria tanto ser sócio dele quanto

patrocinar um clube de polo. Uma das qualidades da classe alta inglesa (é justo elogiá-la, já que conheço também seus defeitos) é que quando eles se reúnem em suas propriedades, à vontade, são um grupo muito divertido e tranquilo. Todos se conhecem desde a mais tenra infância e, quando não há ninguém por perto para criticá-los por isso, eles se divertem na proximidade que a família ampliada oferece. Reunidos e numa “casa segura”, são educados e ousados, uma combinação bem interessante.

Dei meu nome ao porteiro e perguntei por Charles na entrada de mogno, mas “o senhor lorde” ainda não tinha chegado e fui convidado a me sentar e o aguardar. Nada de permitir a entrada de estranhos no santuário. Mal comecei a ler os mais recentes boletins do teletipo (máquina hoje ultrapassada) e Charles deu um tapinha no meu ombro.

– Meu caro, perdão. Fiquei preso no trânsito.

Passamos pela escadaria rumo ao pequeno bar, onde Charles pediu dois xerez secos. Gostei de ver que ele parecia o antigo Charles, bem-vestido e com um bom corte de cabelo. Os louros cabelos faziam suaves ondas ao estilo década de 1930, e ele usava uma gravata de alguma instituição militar ou educacional.

– Então, como vai? Trabalhando, espero.

Por acaso, eu não estava trabalhando muito, porém tinha uma ou duas propostas em vista, então ainda não me encontrava no estado de desespero que costuma ameaçar os membros do Sindicato dos Artistas. Comentei alguma coisa sobre Adela, o apartamento, Veneza e tal, mas claro que Charles estava louco para falar.

– Como vai a vida? – perguntei.

Em resposta, ele colocou o copo de xerez na mesa.

– Vamos subir e pedir uma mesa no restaurante – ele sugeriu, e subimos a escadaria.

O salão de jantar do clube era um aposento enorme, como de se esperar, de pé-direito alto e dourado e compridas janelas abrindo para Saint James. As paredes revestidas de adamascado exibiam retratos em tamanho natural dos sócios importantes de outrora, todos emanando aquela solidez aristocrática que Charles acreditava ser (com razão, mesmo que fosse inconscientemente), o esteio de sua personalidade e de sua vida. Fizemos os pedidos e ocupamos uma mesa para dois na parede longe das janelas.

– Acho que Edith me deixou. – A notícia foi tão súbita que, por um instante, pensei ter entendido errado.

– O que quer dizer com “acho”? – Era impossível alguém ter dúvida numa coisa

dessas.

Ele pigarreou.

– Bom, talvez fosse melhor dizer que ela acha que me deixou. – Ele franziu o cenho. Creio que só conseguia falar sobre o assunto distanciando-se, como se comentássemos uma intriga sobre alguém.

– Ela telefonou hoje de manhã. Alugou um apartamento na Ebury Street. Parece que os dois pretendem morar lá.

Acho que a frase é “o mundo virou de cabeça para baixo”. Minha primeira reação, bem inadequada, foi não acreditar que Edith fosse estúpida a ponto de fazer isso antes que fosse obrigada pelo escândalo.

– O que ela disse?

– Disse apenas que estão apaixonados. E que lastimava muito, não era culpa de ninguém blá-blá-blá... essas coisas. Era de se esperar.

Nesse momento, chegaram meus camarões cinza e, logo após, o abacate de Charles. Tentei usar o silêncio para concatenar as ideias mas, infelizmente, não consegui nada adequado para dizer. Prefери a pior frase:

– Alguém mais sabe?

– Você parece a minha mãe.

Ao ouvir o nome de lady Uckfield, tive vontade de que ela assumisse o comando e tirasse todo mundo daquela confusão horrórosa. Ela jamais pensaria, mesmo se fosse muito jovem, em alugar um apartamento na Ebury Street para morar com um ator casado.

– Sua mãe sabe?

– Dos detalhes, não. Edith me ligou há alguns dias, quando convidei você para almoçar. Desde então, fiquei incomunicável. Não vejo muita vantagem em enfrentar a tempestade, se ela pode ser evitada.

Pensei nas reportagens nas mesmas revistas que, há apenas dois anos, viram Edith como pretendente de Charles e noticiaram o casamento em detalhes tão adoráveis e enjoativos. Conheço bem o moralismo que esses jornalistas alcoólatras e sensacionalistas gostam de assumir quando se trata da vida devassa da alta sociedade. E Edith tinha se tornado uma personagem, aceitou ser um brinquedo na mão deles, por isso eu tinha certeza de que agora eles se achavam no direito de arrasá-la.

– Pode-se evitar essa tempestade? – perguntei.

– Não sei. Por isso preciso da sua ajuda.

Claro que desanimei ao ouvir isso. Eu estava perto demais dos acontecimentos. Gostaria de voltar ao círculo mais afastado do universo daquela família. Os americanos não sabem de nada, quando preferem conhecer pessoas, em vez de serem amigos sinceros e verdadeiros. O grande prazer dos laços sociais está em compartilhar jantares deliciosos, passar maravilhosos fins de semana, trocar fofocas em lugares lindos, mas sem qualquer intimidade ou responsabilidade. Sou um observador. Fico confuso em ser obrigado a assumir o papel de participante.

– Portanto, você a aceitaria de volta?

Charles ficou quase pasmo com a pergunta:

– Como assim? Ela é minha esposa.

Difícil explicar por que fiquei tão emocionado com essas palavras. Parece estranho escrever isso em nossos tempos de exibicionismo, mas vi naquele momento que estava na presença de um homem bom, em cuja palavra se podia confiar, e cujo moral era mais do que aparência. O que Edith teria visto no seu amante cheio de purpurina que fosse mais valoroso do que aquele compromisso sólido, seguro e firme? Charles quase se constrangeu com a nobre afirmação que fez.

– Preciso que você fale com ela.

– Bom, ainda bem que não quer que eu a sequestre. – Coloquei meu xerez na mesa. – Mas o que posso dizer? Ela está completamente louca.

Charles sorriu.

– Se eu disser isso a ela, não vai adiantar, ela só vai ouvir se for você, ou a mãe dela.

Pobre sra. Lavery! Essa notícia faria com que ela cometesse um haraquiri.

– Eu sei, mas... – Charles fez uma pausa. – Bem, você conhece o mundo por onde circula esse Simon. Não quero ser grosseiro, mas será que Edith vai gostar desse mundo? Será que ela pensou nisso?

Era uma pergunta bem complexa, mais do que Charles imaginava. Ninguém sabe quem vai gostar do mundo da ribalta. Adela entrou nele como um pato n'água, sem a menor dificuldade em juntá-lo ao grupo social dela, de gente mais tradicional. Concluiu que gostava daquela vida de comer-banquete-ou-passar-fome, daquela sensação de crise e de beco sem saída. Para outras pessoas como, por exemplo, a minha sogra, os artistas são um horror, um monte de idiotas de cara toda pintada, entrando e saindo de camas alheias e se embebedando em restaurantes. Há um pouco de verdade nisso e Charles também era dessa escola. Tinha muito prazer em conhecer um ator socialmente, mas, não por acaso, o único ator com quem se relacionava tinha uma

educação bem tradicional. Se ele vinha tomar um drinque conosco, achava divertido ver pessoas que conhecia de vários seriados de tevê, mas não queria ser amigo deles. Essa era uma de suas principais dificuldades na história. Não conseguia entender como Edith, tendo conhecido o mundo dele por dentro, um mundo que é, no mínimo, elegante e situado em lugares encantadores, pudesse trocá-lo por algo que para ele era tão fascinante quanto as casas de papelão onde, em certa época, viviam os pobres de Londres.

Claro que, mesmo para os que sentiam atração pelo brilho da ribalta, há sempre o perigo de deixar de gostar. É como preferir cores berrantes em vez de tons mais suaves num cotidiano de dramas diários. Para muita gente, chega uma hora em que os soluços no quarto, as intrigas contra o diretor, os telefonemas à meia-noite para tranquilizar acabam virando apenas uma chateação adolescente. Alguns atores amenizam essa sensação de vazio crescente descobrindo uma “causa” pela qual lutar e usando a necessidade que têm de enfrentar problemas e discussões diárias. Nada mais fácil do que juntar um bando de atores furiosamente indignados que vão aceitar de bom grado protestar contra quase tudo. Mas nem todos apreciam causas, pelo menos os pragmáticos. E há sempre o risco, que alguns famosos não conseguem evitar, de se filiar a tantas causas nobres contra a injustiça que o apoio acaba desvalorizado. No final das contas, o antídoto mais eficiente contra a intriga nos bastidores é simplesmente ficar muito famoso. O dinheiro e o status trazidos pela fama são agradáveis em si e trazem uma vida mais satisfatória, quer se queira ou não. O que me fez pensar de novo se Edith estaria adaptada à sua nova vida. Tentei ser sincero ao responder.

– Depende de como ficar a situação de Simon.

Charles balançou a cabeça, impaciente.

– Não estou perguntando se ela gostaria de morar com Jude Law, mas esse sujeito faz sucesso? Nunca ouvi falar nele. E você sabe que Edith vivia do bom e do melhor.

Eu sabia.

– Não sei da vida artística dele, mas começou com bons papéis. Poderia ser protagonista num seriado e, a partir daí, deslanchar.

– Mas também poderia não ser.

Sem dúvida. As pessoas que não são do mundo artístico falam em atores “de sucesso”, o que significa atores dos quais elas ouviram falar; e em atores “sem sucesso”, o que significa os sessenta por cento restantes que jamais conseguem nada. Não é preciso ser matemático para concluir que, entre essas duas categorias, há muita gente

que vive bem, ganha razoavelmente e é conhecida no meio: qualquer um deles pode ser chamado para um papel na tevê e mudar seu destino “do dia para a noite,” como dizem os jornais. É essa a cilada do mundo da ribalta. É fácil desistir se você está fracassando, mas impossível desistir se você está quase fazendo sucesso. Era esse, sem dúvida, o caso de Simon Russell.

Ganhei tempo enquanto nosso prato principal chegava à mesa.

– Charles, o problema é o que posso argumentar para mudar isso? Como acabei de dizer, ela está completamente ensandecida, mas é uma mulher adulta. Não consigo entender como pode largar o que você oferecia para viver com um ator de talento médio e de finanças mais médias ainda. Ela sabe disso, portanto não sei o que acrescentar para ser útil.

– Acho que ela gosta dele. Acho que é sexo. – Ele deixou a palavra no ar e os dois homens na mesa do lado deram uma rápida olhada em nós.

– Pode ser sexo. Mas não tenho certeza se ela o ama – acrescentei.

Charles franziu o cenho, desaprovando.

– Discordo – disse, e passou a dar atenção às costeletas de cordeiro, que mordeu firme para arrancar até o último naco.

Evidente que Charles não queria admitir que a esposa sabia diferenciar as duas coisas e conseguia entregar o corpo sem entregar junto o coração. Era por isso que eu gostava dele.

Não conversamos muito mais que isso. Só sei que, quando voltei a Piccadilly, passando pela arcada do Ritz em direção à estação do metrô de Green Park, tinha concordado em telefonar para Edith e “raciocinar” com ela.

QUINZE



POIS EDITH PARECIA BASTANTE ANSIOSA de me encontrar, “desde que você não venha me dar conselhos”. Eu não devia ter me surpreendido. Freud usa um termo especial para essa “compulsão de revelar”, que todos nós temos. Ela estava louca para comentar detalhes com alguém que conhecesse todos os personagens e, como esperava um pouco de compaixão do ouvinte, eu devia ser um deles. Resolvemos nos encontrar num pequeno restaurante barato e animado na Milner Street que, ora, não era mais assim há muito tempo, vítima dos empreendedores; costumávamos ir lá de vez em quando, na época em que ela trabalhava na imobiliária. Quando cheguei, ela já estava numa mesa de canto. Usava um lenço amarrado na cabeça que cobria um pouco a testa. Foi tudo muito animado.

– Charles pediu para você fazer isso? – ela quis saber. Concordei, pois achei que sim. – Como vai ele?

– O que você acha?

– Coitadinho.

– É mesmo.

Ela franziu o nariz várias vezes.

– Não faça eu parecer uma fera.

– Mas você é uma fera. – Fomos interrompidos, talvez na hora certa, pela garçonete. Era evidente que Edith estava adorando aquela aventura toda.

– Como vai Simon? – perguntei.

– Ah, muito bem. Está almoçando com a nova agente. Ela acha que ele é o sucessor natural de Simon McCorkindale.

– Que bom, não?

– Muito bom – disse ela, agitada, com um olhar sério. – De todo jeito, é bem melhor que o agente anterior, que achava que ele tinha sorte de conseguir um papel.

– Ele está com trabalho?

– Vai fazer uma peça em Bromley. Uma nova montagem de *Rebeca, a mulher inesqueável*. Pretendem montar num teatro do West End.

– Edith, mais fácil fazer frio no inferno do que *Rebeca* vir para Londres depois de

ficar no Bromley.

– Bom, foi o que disseram a ele.

– Os produtores dizem essas coisas por dois motivos. Primeiro, para você querer participar da peça e, segundo, para você dizer algo menos patético aos amigos quando perguntarem o que está fazendo. Não se esqueça de que sou do mundo artístico.

Ela concordou de leve com a cabeça.

– Deve ter sido por isso que Charles pediu para você falar comigo. Você vai tirar o glacê do bolo e mostrar a massa sem graça que tem por baixo. Ele desistiu de me lembrar das glórias de Broughton embora eu posso esperar isso quando Gugu entrar em cena. – Ela fingiu um arrepio de pavor.

Eu me senti desprezado. – Não sei por que não devo lembrar você das glórias de Broughton – comentei. Ela deu de ombros. De repente, irritei-me com o descaso dela. Mais do que ninguém, eu sabia os esforços que fez para agarrar Charles e não estava disposto a vê-la no papel de uma aristocrata blasé que chega ao fim de um casamento arranjado.

– Pare com isso – falei e isso afastou a garçonete que trazia nossos primeiros pratos. – Você adorou o casamento. Adorou cada minuto. Todas aquelas vendedoras de loja servis e aqueles cabeleireiros bajuladores. Todos aqueles, “sim, madame” e “não, madame”. Saiba que vai sentir falta.

Ela balançou a cabeça.

– Não vou. Mais que qualquer pessoa, você sabe que não fui criada assim.

– Exatamente por isso vai sentir muita falta. – Suspirei. – Temo que esteja prestes a chegar a essa terrível conclusão.

– Você não teme nada, parece estar adorando. – Ela tomou um gole de sua Perrier enquanto os pratos eram colocados na nossa frente. – E se Simon virar um ator famoso? Como vai ser? As pessoas não têm mais interesse em conhecer um ator famoso do que um velho lorde chato?

Notei então que Edith, totalmente envolvida em algo parecido com amor, tinha cometido dois grandes erros de cálculo. Primeiro, ao comparar os méritos da aristocracia com os da fama, achou que as vantagens que teria como amante de um ator eram similares às que tinha como condessa. Nada estava mais longe da verdade. Pois a esposa de um conde é, afinal de contas, uma condessa. Quando alguém a procura, não é só por considerá-la um atalho para chegar ao marido. E mais: se a família do marido ainda mantém suas propriedades, como ocorria com os Broughton, o nobre

latifundiário concede à esposa um minirreino onde ela pode ser a rainha. Já a mulher de um ator famoso é... a mulher dele. Nada mais. Se as pessoas a tratam bem, costuma ser apenas para ficarem nas boas graças do marido. O ator não tem terras onde ela possa reinar; o reino dele é o estúdio ou o palco, onde não há espaço para ela e onde, nas raras vezes em que aparece lá, atrapalha, pois é uma não profissional no meio de pessoas trabalhando. Ela não entende as piadas que o marido faz com os colegas e só se interessa pelo agente dele porque é uma forma de controlar o marido. Em jantares, a opinião dela apenas irrita os demais profissionais. Por fim, e o pior de tudo, enquanto uma divorciada de nobre enfrenta o mundo e a procura por um novo marido com um título embaçado, mas autêntico, a ex-mulher de um ator famoso volta ao começo do jogo. Como tantas ex-mulheres tiveram de aprender em Hollywood.

O segundo erro de cálculo de Edith foi mais simples. A comparação era falsa. Charles era um lorde, mas Simon não era um ator famoso. Nem tinha a possibilidade de se tornar, na minha opinião. Achei que eu estava ficando cáustico.

– Por que tanto otimismo com as chances de Simon?

– Você hoje está muito ácido. – Ela me olhou com uma expressão de súplica e suavizei um pouco. – Estou otimista pelo simples fato de gostar dele. Talvez ele não mereça, mas gosto dele. É isso. Você não quer que eu renegue meu primeiro sentimento sincero, não é?

Uma parte de mim teve vontade de gritar “quero” no ouvido idiota dela, mas vi que o momento não pedia isso. Pobre Edith. Devia ter razão em dizer que a paixão por Simon era seu primeiro sentimento sincero. Exatamente por isso, ela não sabia o que ia passar. Não sabia que, um ano depois, por melhor que fosse, o sexo não conseguiria amenizar a vida que os dois estariam levando. E eu sabia a ambição que havia por baixo do rosto plácido de Edith. A moderna psicologia fala sempre no perigo de reprimir o instinto sexual. Tenho a impressão de que também é perigoso soltar as rédeas do sexo e reprimir os desejos concretos. *Au fond*, Edith era a filha ambiciosa de uma mãe ambiciosa. Sem ter consciência disso, começou a defender sua escolha achando que Simon um dia seria famoso e rico. Ela já se imaginava numa estreia de gala, usando estola de pele de raposa (ou do correspondente glamoroso que esteja na moda nesses tempos ecológicos), jogando um beijo para a multidão que fica na porta e entrando numa enorme limusine escoltada por motocicletas.

– Cara Edith – tentei um tom mais suave. – Não estou aqui para fazer palestra sobre moral. Só quero que saiba que a possibilidade de Simon lhe dar algo parecido com a

vida que você tinha no casamento é mais ou menos nenhuma.

– Ah, muito bem – disse Edith.

Esgotamos o assunto. Passamos o resto do almoço comentando vários temas. Ao entrar no mundo artístico, Edith tinha encontrado várias pessoas que eu conhecia, portanto tínhamos uma nova área para usar nossa maldade. À saída, ela perguntou como estava Adela. Respondi que estava bem.

– Ela é totalmente contra a minha separação, não?

– Bom, seria difícil ela ser totalmente a favor. Alguém é?

– Ela devia ter se casado com Charles. Teria ficado com ele para o melhor e para o pior.

– Devo condená-la por isso?

Ela sorriu e mexeu nos meus cabelos.

– Você ganha o seu pão no caos e fez um casamento convencional. Já eu, me prendi às convenções. Vai me culpar por querer um pouco de caos?

Nós nos despedimos amigavelmente. Liguei para Charles, que ficou agradecido e tive a impressão de que mais resignado também. De todo jeito, cerca de uma semana depois a notícia da separação chegou aos jornais e assim acabou a possibilidade de não haver alarde. No café da manhã, Adela colocou a coluna de Nigel Dempster na minha frente e fiquei olhando a foto de Edith, sorridente e peituda. Havia também uma foto de Charles mais sério e outra completamente “produzida” de Simon, que devia ter sido feita em algum seriado de tevê. Pelas fotos e pelo título (“A condessa e o artista”) ficava claro que o colunista já tinha escolhido o lado em que estava. Em favor dele, devo dizer que tanto o pragmatismo quanto a decência pareciam (por uma vez) estar do mesmo lado e eu achava que pouca gente defenderia Edith.

A notícia fazia um relato mais ou menos preciso do encontro dos dois em Broughton e tinha uma frase muito digna da esposa de Simon, que mostrava ser uma boa pessoa.

– Que coisa! Que idiotas! – disse Adela que, curiosamente, era bem impiedosa com essas coisas.

Não sei por que ela ficava tão irritada quando as pessoas colocavam o coração acima da cabeça. Afinal de contas, quis se casar comigo, o que a mãe achou uma maluquice absoluta.

– Por que se irrita assim? Eu acho tudo isso lastimável – comentei.

– Lastimável em relação a Charles e a essa pobre mulher com os filhos. Quanto a eles, nada a lastimar, não passam de destruidores de lares.

Depois que o colunista abriu as comportas dando a notícia, Edith foi, como era de esperar, arrasada por aqueles mesmos jornalistas que se esforçaram tanto para cair nas graças dela quando ia se casar, poucos meses antes. O momento em que isso ocorreu também não ajudou. Era a época de desencanto com o governo de John Major, quando o Novo Partido Trabalhador fazia a dança dos sete véus para um eleitorado cada vez mais fascinado e assim essa história de grande devassidão correspondeu perfeitamente ao sentimento do público. Houve críticas por parte de Lynda Lee-Potter pela direita e total menosprezo da *Private Eye* pela esquerda. A história do sucesso de Edith como mulher que se fez sozinha foi substituída pela de Edith, a alpinista social e sua ambição e avidez que seriam reflexo da sociedade cruel que a sra. Thatcher tinha criado. Como o escândalo dos Hamilton ou o divórcio dos Spencer, ficou logo evidente que os fatos e as pessoas tinham deixado de ter muito importância, só interessava de que lado os jornais ficavam. Como era de se esperar, tudo isso foi um pesadelo para os Uckfield, que eram do tempo em que o nome de uma mulher de respeito só aparecia nos jornais em três ocasiões: ao nascer, ao se casar e ao morrer. Ver a nora ser criticada em manchetes de colunas era como ser despido e chicoteado em praça pública e, se isso foi ruim para eles, foi terrível para Charles. Parecia meio sem lógica, já que a imprensa se preparava para a Blairocracia que estava a caminho, mas ela achou que Charles (apesar de ser um nobre sem importância) era inocente, talvez por não haver outro jeito de contar a história. Apesar disso, foi um martírio para Charles ver a esposa adúltera ser tripudiada em jornais e revistas. Quanto mais os repórteres ligavam para Broughton, insistindo para ele contar “o seu lado” da história, mais ele se sentia invadido e desrespeitado. Na verdade, seu horror por escândalos não era fingido, era profundamente verdadeiro, e eis que se encontrava no meio de um. Estava sendo castigado sem ter feito nada de errado. Era essa, pelo menos, a visão que ele tinha de todo aquele horrível episódio, acho que com razão.

Depois que o circo ficou armado por algumas semanas, eis que circulou a notícia de que fomos convidados para jantar na casa de uma atriz que tinha feito há pouco tempo a mãe de Simon num thriller na tevê. Achei que certamente os dois amantes estariam lá.

Adela ficou bem calma quando falei no convite.

– Bom, não vou sair da sala onde ela estiver, nem cortá-la em pedacinhos, se é com isso que você está preocupado.

– Não estou preocupado. Estou apenas avisando que eles podem estar lá. Acho que é melhor não assumir um lado publicamente.

– Pode ficar tranquilo – ela disse, desanimada. – Mas não vou dar beijinhos e desejar muitas felicidades – completou, dando uma olhada no espelho e procurando o batom, muito apressada.

Pois acertei, Edith e Simon foram convidados para o jantar. Edith me disse depois que não ficou com muita vontade de ir, tinham saído todas as noites desde que o escândalo estourou, mas Simon insistiu. Ele tinha aquela ilusão muito comum em atores frustrados de que é bom “ser visto” em lugares. Na verdade, bom é ter trabalho. Aparecer em festas é secundário. Mas a amante dele era notícia e certamente ele queria tirar algum proveito. Para ser sincero e depois de tanto tempo, desconfio de que Simon gostaria que as coisas tivessem acontecido sem ela largar Charles. Mas, sendo assim, ele gostaria de lucrar com a publicidade.

Simon Russell era de desses atores cujo começo parecia apontar firme para um estrelato que, infelizmente, não veio com o passar dos anos. No começo da carreira, ele esteve num seriado em que contracenou com uma artista muito popular, mas o programa não teve sucesso. Depois, recebeu um bom papel numa série de Hollywood, mas que não teve bilheteria. Aos poucos, os holofotes foram passando para aqueles homens mais novos, mais jovens e mais louros que pareciam surgir em quantidades inesgotáveis. Ele era bom (ou bom o suficiente)e, como eu já disse, lindo (principalmente numa boa foto), e tudo poderia continuar acontecendo, mas, a essa altura da nossa história, não havia tempo a perder. E, de repente, sua vida pessoal virou notícia. Por causa de Edith.

Quanto à esposa e aos filhos, não seria correto dizer que Simon não se preocupava com eles. Preocupava-se. Como dava. Deirdre tinha feito tudo por ele e ele gostava muito dos filhos, mas as coisas tinham piorado muito nos últimos anos e ficado terrivelmente monótonas. Além disso, quando os dois eram vistos juntos (ocorreu algumas vezes no início das filmagens em Broughton), ficava óbvio que Deirdre não o via mais como uma figura romântica; tinha começado a tratá-lo como uma espécie de menino grande e teimoso. Simon queria ser adorado, mas só conseguiu uma mulher que o mandava não deixar comida no prato. Claro que eu não sabia o quanto Edith iria adorá-lo. Ou por quanto tempo.

– Querida, por favor... *temos* de ir... – Simon não notava, mas tinha passado a tratar Edith num tom adulator, misto de conquistador barato com caixeiro-viajante. – Não

quero ser chato, mas você precisa lembrar que eu trabalho para me sustentar. Não sou Charles, que fica dando ordens aqui e acolá na fazenda. Tenho de aparecer. Tenho de lembrar às pessoas que existo.

Ela estava na pequena penteadeira no horroroso quarto deles, olhando bem para seu reflexo no espelho, de cenho franzido. Era chato mesmo. Edith estava odiando a sua má fama. Cada vez que uma “amiga” ligava para dizer que mais um jornalista tinha arrasado com ela (“Achei que devia avisar, querida, antes que você leia” diria a voz maligna), era mais um golpe. Queria ser famosa, mas aquela fama que dava status e charme, não essa horrorosa lavagem de roupa suja. Chegou a ter pena dos sogros e achar que Charles e os criados deviam esconder os jornais para os dois não lerem. Pobre Charles... como estaria lidando com tudo aquilo, coitadinho? E aquelas festas horrorosas que Simon insistia em levá-la. Será que era tão importante assim ficar conversando com aqueles estranhos emissários de outro planeta? Tinha sido uma Broughton por tempo suficiente para chegar à conclusão (o que foi fácil, aliás) de que a turma de Simon era parecida com uma piada: era boa para animar uma festa, mas não para todo santo dia.

– Por quê? – ela perguntou.

Simon olhou-a pintar o rosto com esmero e arte. Sabia o que ela estava pensando, mas não ligava muito. Se ela queria voltar para seu mundo anterior, em vez de passar o tempo todo no dele, bom, por ele não tinha problema. Na verdade, estava ficando um pouquinho ansioso para conhecer alguns integrantes da turma dela. Tinha sido apresentado a alguns ricos chiques, mas não era o que esperava dela. Enquanto ela sonhava em acompanhar a entrevista coletiva dele e ir até o trailer dele nos estúdios da Universal, ele se via de terno de tweed, empunhando uma arma de caça, convidado bem-vindo nas demais mansões na região de Broughton, onde seduziria outras grandes damas e seria recebido por outras grandes famílias. Achava que a ligação com Edith propiciaria tudo isso. Ele não sabia, talvez porque ela também não, que o *grand monde* estava prestes a fechar as portas para a pobre Edith. A partir de então, ela estaria condenada a ter como amigas algumas divorciadas de herdeiros que completavam a pensão alimentícia vendendo joias horrorosas, ou escrevendo colunas de fofocas para revistas de circulação gratuita que ninguém lê.

Ela passou o rímel nos olhos.

– Aliás, quem é essa mulher de hoje?

– Fiona Grey.

– Nunca ouvi falar. Eu conheço?

– Acho que não, mas você sabe quem é. Era a moça no filme sobre o vigarista. Que aparece quando ele cai do trem. Passou na tevê na semana passada. Michael Redgrave era o policial.

– Também nunca ouvi falar nele.

Simon estranhou.

– Ela deve ter cem anos – acrescentou Edith.

– Tem uns setenta.

Na verdade, Simon estava muito lisonjeado com o convite da srta. Grey. Pois esse era o outro lado de sua ambição esquizofrênica. Uma parte dele queria que Edith o colocasse no mundo da “alta”; a outra parte, em quase total contradição, queria ser levado a sério como ator, pelo tipo de ator que os demais também levam a sério, como era o caso de Fiona Grey. Quando jovem, ela havia interpretado Julieta ao lado de Gielgud e lady Teazle ao lado de Olivier. Atualmente, quando aparecia na tevê, era uma espécie de acontecimento (numa série dirigida por Peter Hall ou com roteiro de Melvyn Bragg) e era sempre elogiada com carinho nas autobiografias de grandes artistas ingleses.

O folclore das artes dramáticas costuma dizer que todos são iguais, não há classes, quando na verdade existe um rígido sistema. Só não há classes porque o sistema tem valores diferentes do mundo exterior. Não dão a menor importância ao fato de alguém ser bem-nascido, o que vale é o sucesso. Não o simples sucesso, mas o tipo certo. Simon Russell era bem consciente de que, mesmo quando teve um gostinho da fama, nunca fez um trabalho que fosse “valorizado” por seus colegas do Sindicato de Atores e, no fundo, sofria com isso.

Quando um ator diz numa entrevista na tevê que não se incomoda com a crítica e só quer a aprovação do público, está mentindo. Poucos atores dão alguma importância à opinião do público, comparada à dos críticos e à de seus pares. Os atores querem ser valorizados e ter status fora dos palcos. Se isso for acompanhado pela veneração do público, pela fama e pelo dinheiro, melhor ainda. No centro de tudo há um grupinho fechado que tem o domínio incontestável do trabalho “correto”, grupo esse do qual Simon sempre quis participar. Os atores e diretores, os roteiristas e cenógrafos do grupinho fazem muito sucesso. Podem vincular seus nomes a inúmeras causas, embora o comportamento deles em entrevistas e as roupas que usam possam (certamente) parecer um veto à distinção. Mas o fato é que formam uma elite cujos privilégios podem ser comparados aos da *noblesse d’épée* na corte de Versalhes. Simon ansiava entrar para esse

time de ouro que recebe sempre boas resenhas na *Time Out* e estar sempre entre os premiados do BAFTA.

Suas pretensões eram irreais. Nessa determinada noite, por exemplo, só foi convidado porque seu nome estava nos jornais. Apesar de seus altissonantes princípios, esses atores são como seus confrades de Hollywood: adoram aparecer ao lado de gente famosa. Se almoçam com políticos do Partido Trabalhista, querem que sejam políticos importantes; se participam de uma passeata, gostam de ficar ao lado de Ian McKellen ou Anita Roddick, não de algum obscuro manifestante vindo de Harlow. A srta. Grey convidou Simon porque ele estava nos jornais, mas não tinha a menor ideia de que ele tinha talento ou não.

★ ★ ★

A festa era numa casa em Hampstead, onde Edith teve a impressão de levar um ano para chegar e que, vista da rua, não parecia merecer tanto esforço. Tinha sido projetada como moradia operária na década de 1890, mas a arrumação interna havia sido trocada por um mar de pisos de madeira lustrosos e luzes indiretas. Grupos animados discutiam na grande sala de visitas que ficava depois da saleta de entrada, mas o barulho vinha mesmo era da cozinha no andar inferior. Quando eles chegaram, Adela e eu estávamos ao lado do fogão, cercados de tigelas de grãos e pastas preparadas com estranhos seres das profundezas marinhas. Adela me deu uma leve cotovelada enquanto continuava a conversar animada com o cenógrafo desempregado que encontramos lá.

Nossa anfitriã correu em direção a Simon e cumprimentou-o com um beijo, olhando bem para Edith.

– Bom, primeiro você recebe uma bebida, depois deixa eu lhe apresentar. Conhece David Samson? – perguntou, mostrando um famoso comediante que se postou ao lado dela assim que o casal surgiu. Edith sorriu, estendeu a mão e viu então que tinha sido levada aos respeitáveis lábios dele.

– Lady Broughton. – Ele rolou o nome saboroso e familiar na língua, degustando-o. Falou alto o suficiente para as pessoas próximas virarem-se, curiosas, e ligarem Simon e Edith às notícias que tinham lido ou de que ouviram falar vagamente. Houve um leve sussurro de alerta. Achei que Edith reagiu com frieza ao cumprimento de Samson, ao mesmo tempo que acrescentava, baixo:

– Pode me chamar de Edith, por favor. – Samson não pretendia desistir. Deu o braço e preparou-se para circular com ela pela sala. Dirigiu-se a um grupo que estava

curioso e ribombou:

– Conhecem a condessa de Broughton?

Não é preciso dizer que Edith se sentiu no inferno.

Ela teria socorrido, porém Adela não deixou. Deve ter tido um prazer maldoso ao ver Edith ser exibida como um escravo numa conquista romana. Adela jamais arriscou perder seu posto no antigo campo ao se aventurar nesse novo e acho que foi difícil não sentir um frêmito de vitória. Simon veio falar conosco, sorrindo. Muitos tremem de medo de serem “notícia” nos jornais. Outros, pelo contrário, não podem viver sem isso. Simon pertencia a esse time. Quando os olhares meio curiosos o seguiram pela sala, ele ficou em seu elemento natural. Afastei-me de Adela e pedi para ela se ocupar de um diretor de elenco de cara séria.

– Como vão? – perguntei.

– Ótimos, muito bem – respondeu Simon.

– Como vai ser agora?

– Como assim?

– Bom, vão se divorciar, casar, distribuir comunicados à imprensa?

Simon franziu o cenho e levantou as mãos para o alto.

– Uau! Você parece a minha mãe – exclamou, com um sorriso brilhante.

É fácil esquecer que até sujeitos como Simon têm mãe. Deve ser uma decente viúva de um funcionário público sentada num apartamento em Leatherhead pensando o que diabos está acontecendo. Não gostei.

– Sabia que você tocou num assunto sério? Sabia que muita gente está preocupada com isso?

Ele tocou na minha bochecha. – Ah, sim – ele disse.

Claro que Adela apreciou muito a festa. Tanto quanto Edith detestou, sendo exibida pelas salas como uma vaca sagrada. Adela viu-a se esforçando para conversar com aquela gente que parecia tão baixo nível, as mesmas pessoas, aliás, das quais tentou fugir a juventude toda. A ironia de tudo isso era que, apesar da irritação pelo mundo do intercâmbio de nomes, Edith tinha se acostumado com a confortadora comodidade por aquele mundo ser tão restrito. De repente, tinha voltado ao lugar onde ninguém conhecia as mesmas pessoas que ela. Sentiu algo parecido com pânico. O que conversar com gente pela qual não se tem qualquer interesse nem nenhum conhecido em comum? Tinha esquecido, depois que saiu da Broughtonlândia.

– Bom, espero que ela esteja se divertindo – disse Adela, se aconchegando no

casaco, quando iniciamos a longa viagem rumo sul.

– É mesmo?

– Sim, claro! O que ela fez? E terminar o casamento sem ter um filho! Portanto, quando a porta se fecha, é para sempre. Que boba!

Eu ainda ficava chocada com o mundanismo de minha esposa que convivia alegremente com sua grande delicadeza, que eu tinha certeza de que era autêntica.

– Não é melhor que eles não tenham tido filhos?

– Melhor para quem? Para Charles e Gugu. Para ela, não. Arrumar um filho é a segunda providência prática de uma primeira esposa. Lembre da vitória de Consuelo Vanderbilt ao voltar para a detestável Blenheim com um filho duque. A pobre Edith não vai ter nada disso. Quanto a ele... – Ela suspirou fundo.

– Pensei que você gostasse dele.

– Ele é simpático com aquele seu jeito bobo e louro, mas não para merecer o encargo da felicidade eterna. No que ela estava pensando?

★ ★ ★

Naquele mesmo instante, coisas parecidas passavam pela cabeça de Edith enquanto o casal também voltava rápido de carro para o que ela considerava a civilização. No fundo, estava profundamente desapontada. Tinha acabado de sair de mais uma “festa de artista” e, com a frase ecoando na cabeça, lembrou da imagem que vinha junto: atrizes animadas, belas supermaquiadas usando roupas de alta-costura cheias de lantejoulas, escritores judeus discutindo calorosamente com grupos nos cantos das salas, cantores dando uma ajuda ao pianista bêbado e, sempre, risadas vítreas cortando o ar... Na verdade, ao pensar, concluiu que a cena era quase igual à do filme *A malvada*. Parecia não ter muito a ver com aquele monte de suburbanos comendo alimentos saudáveis e falando sobre as férias na Grécia.

Ela também não deu importância ao fascínio que causou neles como se fosse enviada de um outro mundo que, obviamente, desaprovavam. Edith gostava do glamour da ribalta, mas tinha começado a ver que o glamour em si não era mais valorizado por atores e atrizes. Para piorar, percebeu que tinha entrado naquele estranho picadeiro não como estrela (que, no fundo, achava que era), mas como tiete.

– Que gente horrível! Quem eram aquelas pessoas?

Simon jamais respondia a essas perguntas, que eram mais ou menos retóricas. Os dois sabiam que ela estava dizendo que achava o pessoal de teatro “comum”, embora

jamais fosse confessar isso. Simon nunca tocou no assunto, não se incomodava se eram comuns ou não, em parte porque não tinha importância e em parte por desconfiar de que (no fundo), pelos padrões dela, ele também era comum.

– Gostei da festa – ele afirmou.

– Você não ficou com um homem horrível babando na sua mão a noite inteira, com uma voz que parecia uma tigela de salada de frutas. As suas festas são todas assim?

– E as suas festas vão ser sempre meia dúzia de grã-finos e mais um sujeito que perdeu tudo no Lloyd's? Se forem, prefiro a salada de frutas. Em qualquer dia da semana.

Eles voltaram para casa em silêncio.



NUM FINAL DE TARDE, eu estava por acaso em Fulham Road resolvendo várias coisas e Adela tinha pedido para eu passar na Colefax and Fowler para pegar um rolo de fita de cetim encomendado semanas antes. Normalmente, eu não aceitaria a incumbência pois, na época (ao contrário de hoje), todos os funcionários de lá pareciam formados em alta descortesia, mas ela insistiu e o fato é que fui atendido por uma moça muito simpática. Como Adela esperava, a encomenda ainda não tinha chegado e a moça pareceu muito aborrecida com isso.

Eu estava ouvindo as merecidas desculpas e as habituais garantias de que a encomenda chegaria na semana seguinte, quando olhei para a rua e vi, percorrendo distraída as prateleiras de amostras, a mãe de Edith. Fazia exatamente dois anos que a tinha visto pela última vez, nas comemorações do casamento. Ao ver aquela alma perdida e sofrida, fiquei emocionado lembrando da figura triunfante, trêmula de satisfação, no salão vermelho de Broughton. Agora, tinha um olhar vidrado para as enormes pilhas de tecidos pelas quais passava sem ver nada. Nada, ou melhor, só o desmoronar de todos os seus sonhos que não paravam de surgir em sua cabeça como uma imagem maldita.

– Olá, sra. Lavery – cumprimentei.

Ela virou-se, conseguiu me localizar em alguma prateleira distante da memória e acenou um cumprimento.

– Olá – disse, num tom gélido e oco.

Depois soube que ela me condenava por ter apresentado Simon à família Broughton. Acho que com certa razão. Hoje, é comum as pessoas se eximirem de culpa, dizendo que “tal coisa teria acontecido de qualquer jeito”, mas não tenho muita certeza. Nossas vidas, em sua maioria, não são a realização de um destino inexorável recebido ao nascer, mas o resultado de inúmeros fatos fortuitos. Se Edith jamais tivesse conhecido Simon (ou só tivesse conhecido depois de ter um filho), é pouco provável que tudo aquilo tivesse acontecido. Mas ela o conheceu. E aconteceu. E eu os apresentei.

– Tem visto Edith? – perguntei. Estávamos ficando com a desagradável impressão

de que a filha ficava ali como se fosse o Banquo, de *Macbeth*, nos deixando desconfortáveis. Achei mais simples normalizar a situação tocando no assunto.

– Não muito. Mas ela... *eles* vêm jantar hoje. Então terei notícias – ela disse, hesitante.

Concordei com a cabeça e acrescentei:

– Mande lembranças.

Mas a sra. Lavery não queria me deixar ir embora.

– Creio que você conhece ele. Aquele sujeito.

– Simon? Sim, conheço. Não muito, mas fizemos um filme juntos. Em Broughton.

Foi assim que eles se conheceram.

– É. Ele é simpático? – perguntou, olhando para o chão um instante.

Aquilo me emocionou. A sra. Lavery estava se esforçando para ser uma boa mãe e não se prender aos valores eternos ao falar no novo namorado da filha, embora nós dois soubéssemos que, mesmo se Simon fosse o homem mais maravilhoso da Europa, jamais compensaria a perda de Charles.

– Muito simpático. Do jeito dele – respondi.

– Você não viu mais Charles depois de... do que aconteceu?

– Vi, sim. Almocei com ele outro dia.

A sra. Lavery ficou surpresa. Imagino que, na fantasia romântica que fazia a respeito do mundo do genro, tinha criado divisões bem mais rígidas do que existiam. E minha resposta deu a entender que não incentivei a loucura de Edith. A sra. Lavery ficou bem mais amável. Claro que, àquela altura, tinha se convencido de que seu afeto por Charles era sincero, baseado apenas nas qualidades dele. Não era, mas nem por isso deixava de existir.

– Como está ele? Gostaria muito de vê-lo, mas... – Ela não terminou a frase, tão mal estava.

– Oh, tenho certeza de que ele adoraria ver você – menti. – Ainda está muito abatido.

– Ah, era de se esperar. – Suspirou, triste e desesperançada. – Preciso ir, eles chegam às oito e ainda não fiz nada para o jantar.

Saiu da loja, os ombros caídos ao abrir a porta pesada da loja. A última vez que eu a havia visto, ela parecia um personagem de uma comédia frívola de Coward. Agora, parecia a Mãe Coragem.

Simon estava estranhamente nervoso quando os dois passaram pela King's Road e o Vale em direção a Elm Park Gardens. Ficava mexendo na gravata toda vez que o carro parava num sinal e, quando chegaram mais perto do apartamento, começou a roer as unhas. Edith estava ficando irritada e tensa. Não sabia se ele estava preocupado por achar que os sogros eram muito mais importantes do que na verdade eram, ou por ele estar fazendo o papel de destruidor de lares felizes. De qualquer modo, esperava que ele relaxasse, pois a noite já não ia ser fácil.

– O que você tem? – ela perguntou.

Simon apenas sorriu e balançou a cabeça. Ele mesmo não sabia direito o motivo daquela inquietação, embora realmente considerasse os Lavery mais sofisticados do que eram. Tinha uma ideia meio indefinida das nuances da sociedade londrina e, como não conhecia a alta roda, não sabia que Edith era uma intrusa no meio, quando se casou. Como ele ainda considerava sua nova amante muito chique, achava que seu passado também fosse marcante. Mas não era essa a causa do nervosismo dele naquela determinada noite. Provavelmente, era um mero protesto por aquela formalização do relacionamento, aquela apresentação aos pais parecia colocar uma espécie de carimbo de permanência em algo que a princípio era pouco mais que um caso. Mesmo naquele momento, ele não achava que estivesse caminhando para o “divórcio”, a “divisão de bens”, a “pensão”, a “custódia dos filhos” e todos os demais termos e frases deprimentes. Mas era isso que ele parecia ter de enfrentar, de repente. Imaginava que o sr. Lavery faria alguns rodeios até perguntar quais as “intenções” dele e, sinceramente, ele não tinha intenção alguma, pelo menos nenhuma definida. Olhou então para Edith e a achou tão adorável; sabia que o perfil dela era muito melhor que o de Deirdre, que parecia sempre meio insignificante quando visto de lado, e achou que, afinal, podia ser pior. Assim, tranquilizado e animado, saiu do carro.

A sra. Lavery tinha contado ao marido do encontro na Colefax. A conversa ficou dando voltas na cabeça dela até que resolveu fazer um quadro positivo. Enquanto cozinhasse para o amante da filha, perguntou alto em direção à sala:

– O que será que ele quis dizer com “abatido”?

Kenneth Lavery estava quase tão infeliz quanto a esposa em relação à reviravolta dos fatos, porém por motivos mais honrosos. Detestava que sua querida “princesa” estivesse envolvida num escândalo público. Detestava ver o desespero da esposa. E tinha de admitir que a filha tinha jogado fora um poder com o qual poderia conseguir

muitas coisas boas, em vez de preferir um lugar que mal fazia parte da sociedade decente. Tinha se orgulhado da filha como grande dama e ficou triste com o final da história. Dito isso, encarava a maluquice de Edith com um olhar bem mais filosófico do que a esposa. Ao contrário dela, nunca se iludiu de que o casamento de Edith fosse fazer muita diferença em sua vida.

– Acho que ele quis dizer isso mesmo. Charles está abatido. Claro que está, a esposa acaba de largá-lo por outro homem. Você queria que estivesse como?

Stella Lavery enfiou a cabeça na porta da cozinha.

– Tive a impressão de que Charles ainda não se acostumou com a ideia. Não seria bom, talvez, falar com ele...? – A voz dela sumiu, enquanto o marido balançava a cabeça devagar, de um lado para outro, firme.

– Minha cara, não foi Charles quem quis terminar o casamento. Não interessa o que ele pensa. Não é o culpado. Também não acho bom mexer com ele. Talvez esteja esquecendo dela, talvez não. De todo jeito, não vai ajudar nada você dar esperanças. Ele é uma pessoa ótima e nossa filha se comportou muito mal. Acho melhor sairmos da vida dele.

Dito isso, voltou a assistir à televisão.

A esposa não se magoou pois, no fundo, concordava com o marido. Por mais que quisesse mostrar uma tolerância moderna, o fato era que estava muito, muito envergonhada com a atitude de Edith. Sempre achou que a filha tinha todas as condições de ter um grande papel na vida pública da Inglaterra. A sra. Lavery ficava devaneando quando via aquelas damas de companhia em volta da rainha no Parlamento, em seus vestidos estilo Hartnell da década de 1950; e que ela própria, Stella Lavery, teria aceito o título de duquesa de Grafton ou condessa de Airlie, caso o destino houvesse por bem lhe conceder. Sabia que cumpriria bem suas obrigações mesmo se, como na história da Pequena Sereia, os degraus fossem de lâminas de fâças. E passou todas essas fantasias para a filha que, milagrosamente, realizou-as. Mas agora, em vez de ser participada de que Edith tinha assumido a presidência da Cruz Vermelha, ou tinha ido ao palácio de uma das princesas, o telefone tocou para informar que estava tudo terminado. O sonho dela tinha acabado. Para completar esse mar de lama no qual tinha sido jogada, tinha a amargura de saber que Londres inteira condenava e as pessoas diziam que, no final das contas, Charles tinha se casado com uma mulher inferior a ele. Edith não era ninguém e não conseguiu “lidar com a situação”, ele não devia ter se casado fora do seu meio.

A campainha tocou, mas, antes que eles abrissem a porta, Edith entrou e ficou procurando-os pelo apartamento. Os amantes entraram na sala e Edith correu para beijar o pai, que deu um abraço afetuoso. Ela viu que pelo menos com ele não haveria problema e apresentou-o a Simon. Deu uma olhada na estátua gélida da mãe emoldurada na porta da cozinha e viu tudo o que ia enfrentar na noite que se iniciava.

A sra. Lavery se adiantou, dura, e estendeu a mão. Não conseguia sorrir e, de certo modo, foi quase um alívio, assim que Kenneth foi buscar as bebidas, ela cortar a tentativa canhestra de Simon para conversar e foi direto ao assunto:

– Sr. Russell, o senhor deve saber como tudo isso é difícil para nós.

A sra. Lavery ignorou de propósito a sugestão para que o tratasse por Simon e com isso conduziu o encontro de maneira meio parecida com sua ídola, lady Uckfield. Claro que a lady teria sido mais afável.

– Nós gostamos muito do nosso genro. Portanto, perdoe se não nos atiramos aos seus braços.

Simon sorriu e apertou os olhos do jeito que costumava fazer muito efeito.

– Ninguém é obrigado a se atirar nos meu braços – ele disse, alegre.

A sra. Lavery não retribuiu o sorriso. Não que fosse imune à atração física. Notou logo que Simon era um dos homens mais bonitos que ela já tinha visto e achou que foi esse o motivo da desgraça da filha. Simplesmente. Naquele momento, ela pegaria de bom grado uma faca e cortaria a cara dele, se isso fizesse Edith mudar de ideia.

– Minha filha tinha, ou melhor, *tem* um marido ótimo. Evidente que o senhor sabe o que está fazendo, mas é um sofrimento para nós ela terminar o casamento.

– Não estariam sofrendo tanto se eu tivesse largado Simon para ficar com Charles – disse Edith.

Era totalmente verdade. Tanto que o sr. Lavery parou de sorrir quando voltou com a bandeja e os copos, mas Edith tinha esquecido que a mãe assumiu o papel de Hécuba, a nobre viúva. Na mente arrasada de Stella, ela e Guga Uckfield eram duas damas de berço ilustre vítimas de um grande desastre (ela se referia a lady Uckfield como Gugu, mas ainda não a tratava assim. E agora, lastimou, não teria mais a oportunidade.) O sofrimento dela não tinha lugar para a ironia. Olhou a filha com os olhos rasos de lágrimas.

– Você não me conhece direito – disse, e retirou-se majestosamente para a cozinha. Edith, o pai e Simon se entreolharam.

– Bom, todos nós sabíamos que não seria uma noite fácil – concluiu o sr. Lavery,

bebendo seu uísque.

Mais tarde, sentados à imitação de mesa oval na modesta sala de jantar do apartamento, os quatro conseguiram ter uma conversa quase normal. O sr. Lavery fez perguntas a Simon sobre o mundo artístico; Simon fez perguntas ao sr. Lavery sobre o mundo dos negócios; a sra. Lavery serviu o jantar, tirou a mesa e passou a noite fazendo comentários cuidadosamente corteses. Ela possuía aquele típico talento inglês para mostrar com modos cuidadosamente educados como detestava determinada pessoa. Era capaz de sair de uma sala arrasada e rejeitada e, mesmo assim, se parabenizar por ter se comportado muito bem. Claro que é a maneira mais agressiva de demonstrar isso, pois não permite reação. Mesmo no auge da agressividade, mantêm-se o alto nível moral.

Edith olhou os três rostos familiares e se perguntou o que estava realmente ocorrendo. Seria aquele o início de uma nova aliança que moldaria seu futuro? Aquelas três pessoas iriam acompanhá-la pelos próximos vinte Natais? Simon e a mãe dela ficariam amigos, falariam nos filhos e ririam de uma piada que só eles sabiam? Lindo como Simon era e desejando-o tanto como continuava a desejá-lo, Edith ficou impressionada com a ar lúgubre de todos naquela noite.

Ela havia passado os dois últimos anos na linha de frente da vida inglesa e, ao pensar, se surpreendeu ao ver como tudo aquilo tinha se tornado normal para ela, até, claro, sair de cena. Enquanto viveu em Broughton, ficava arrasada com a falta de acontecimentos, com o vazio de sua vida cotidiana. Mas agora que estava fora, era raro o dia em que um de seus conhecidos com Charles não fosse notícia nos jornais.

Lembrando que na época reclamava que os dois não faziam nada, pensou nos jantares onde tinha ficado de frente para algum rosto meio famoso do ministério, ou da ópera, ou apenas das colunas de fofoca. Por mais que se entediasse com a presença de Gugu e Jojô, acostumou-se a ouvir boatos da política ou da realeza dias antes, ou até semanas, de serem manchete nos jornais. E a saber detalhes da vida dos famosos antes de chegarem ao conhecimento de todos, quando chegavam. Ela e Charles não saíam muito de casa, mas ela agora lembrava de três ou quatro festas pós-caçadas no inverno e algumas recepções no verão. Nessa época, conheceu os palácios Blenheim e Scone, a mansão Houghton e o castelo Arundel, que para ela não eram lugares históricos, mas a residência de pessoas do seu círculo de amizades. Quanto a isso, estava sendo quase tão sincera quanto aqueles nascidos na classe da qual ela fez parte por tão pouco tempo. Tinha aprendido bem todos os artifícios da irreverência aristocrática. Como eles, Edith entrava numa incrível mansão projetada por Vanbrugh, coberta de imensos quadros de

Van Dyck e, jogando a bolsa numa poltrona Hepplewhite, xingava o trânsito na rodovia M-25. Nessa altura, sabia como fazer aquela afirmação solidária e sabia o que o comportamento deles significava: “Esse maravilhoso aposento para mim não tem nada de excepcional, pois moro aqui. Sou daqui, embora você não seja.”

Naquele instante, olhando para os pais, com suas gravuras de flores de Peter Jones na parede, seus móveis Regência falsos, suas cortinas de estampas bregas, Edith teve a impressão de que tinha sido expulsa daquele clube onde podia se enroscar numa poltrona na enorme biblioteca em Wilton e folhear a *Vogue*, tomando uma vodca com tônica. Expulsa sem ser comunicada. Num raro instante de lucidez, percebeu que, ao ficar com aquele ator, ela não tinha dado um atestado de boêmia desvairada, mas voltado para o mundo dela. Pois Simon combinava muito mais com a mãe Stella e seu distante primo baronete, ou com o pai Kenneth e seus colegas de trabalho, do que Charles. Aquele mundo em que, no geral, ria-se e chorava-se de tudo, era o verdadeiro mundo dela, onde foi criada e onde agora voltaria a viver. Charles, a mansão Broughton e o intercâmbio de nomes passavam pela tangente. Por mais que a mãe dela quisesse, eles eram de uma tribo completamente diferente.

– Ufa! – exclamou Simon, quando entraram no carro e voltaram pela King’s Road. Edith concordou com a cabeça. Tinham sobrevivido. Isso era o principal. Tinha dado o primeiro passo para explicar à mãe que sua vida de sonho tinha acabado. Simon piscou para ela.

– Estamos vivos – ele disse. Passaram algum tempo em silêncio.

– Você quer ir direto para casa?

– Você quer ir aonde?

Simon franziu os lábios, cogitando.

– Que tal o Annabel’s?

Edith ficou surpresa. – Você é sócio?

Simon negou com certa petulância, na opinião dela.

– Não, claro que não. Mas você consegue que entremos.

Edith não estava muito segura disso. Afinal, o sócio era Charles, foram lá muitas vezes e certamente os funcionários lembravam dela, mas podia não adiantar nada. E ela não tinha certeza de que fosse uma boa ideia. Encontrariam pessoas do grupo de Charles.

– Não sei – ela avaliou.

– Ora, Charles está em Sussex e você não pode passar a vida inteira evitando ser

vista. Também temos a nossa vida, acho.

Dessa vez, ao contrário de quando foi com Charles, eles estacionaram o carro na praça e foram a pé até o clube. Simon só tinha ido lá uma vez e sorriu sem parar quando desceram a escada. Edith se sentia menos segura e, assim que entraram no corredor, ela viu que tinha razão. Aquilo havia sido um erro. O porteiro do clube cumprimentou-a, simpático.

– Lady Broughton – fez uma pausa e olhou Simon. – Vão encontrar alguém? Posso avisar que chegaram?

Edith percebeu que corou.

– Bom, não. Queria só saber se podíamos entrar um instante.

O porteiro reagiu de maneira muito educada.

– Não sabia que era sócia, madame.

– Não sou. Charles, lorde Broughton, é, e pensei... – Desanimou com o sorriso pesaroso do porteiro.

– Sinto muito, madame...

Se o destino não fosse cruel, a cena teria acabado aí, mas naquele exato momento a porta se abriu e, com total desânimo, Edith ouviu a voz estridente de Jane Cumnor. Virou-se e sorriu direto para a cara enorme e suarenta de Henry, ofegante com o esforço de descer a escada para o porão. Por uma fração de segundo, Jane calou-se, notou a presença de Edith e, claro, de Simon. O sorriso voltou.

– Edith! Que ótimo! Não vai nos apresentar? – Deu dois beijos nela, sem qualquer animação.

– Simon Russell. Lorde e lady Cumnor.

Edith ficou sem saber direito por que usou o nome de batismo deles. Será que queria impressionar Simon? Mesmo depois da reunião de onde tinham acabado de sair?

Jane deu uma olhada meio fora de moda. – Vão entrar?

Edith ia dizer que, na verdade, estavam saindo, quando Simon se manifestou.

– Não nos deixam entrar. Pelo jeito, precisa ser sócio.

Não percebeu que estava cometendo uma enorme traição com Edith. Ele simplesmente queria entrar e, pelo jeito, aquelas duas pessoas podiam resolver.

Mas Henry não caiu nessa. Viu o que ia acontecer e cumprimentou, ríspido.

– Edith – disse, e passou por ela em direção ao bar.

Jane deu um sorriso vago.

– Que lástima, eu também não sou sócia – disse. – Acho que, hum, posso pedir a

Henry, se você quiser... – Foi saindo para mostrar que não queria transmitir a sugestão e Edith recusou.

– Não, não. Não tem importância. Estamos atrasados. Não sei por que viemos aqui – disse.

Jogou um beijo para Jane, com Simon animado ao lado, ainda esperando entrar e ainda sem entender o que se passava. Os dois ficaram sozinhos. O porteiro, sempre muito gentil, quis dar um final satisfatório.

– Lastimo, lady Broughton.

Edith concordou com a cabeça. – Estamos indo – disse.

Saíram e, no começo da escada, ouviram uma voz lá no alto.

– Edith? – olharam para cima e lá vinha a figura magra de Tommy Wainwright descendo.

– Que bom encontrar você. – Ele sorriu, afável, e cumprimentou Simon. A esposa, Arabella, uma sócia do clube bem mais discreta que o marido, calou-se.

– Já estão saindo?

– Sim – respondeu Edith. Mas, antes que ela pudesse impedir, Simon deu mais um passo para terminar a noite como tinha programado.

– Edith achou que conseguia entrada para nós, mas não deu – disse ele, fornecendo assim na mesma frase uma história engraçada para Arabella Wainwright contar, além de uma parábola da decadência de Edith.

Tommy sorriu. – Então permita que eu os convide.

– Mas não tem importância – reclamou Edith.

– Ora – insistiu Simon.

Arabella murmurou, gentil:

– Se ela não quer...

Evidente que Arabella estava tão ansiosa quanto Jane Cumnor para ser vista ao lado de Edith Broughton e seu novo amante no Annabel's, mas Tommy era de outro estofó. Minutos após, trouxe bebidas para todos e sentaram-se aos pés de um Buda gigante, no pequeno fumódromo ao lado do bar. Simon considerou Arabella um desafio e, mal tinham sentado, convidou-a para dançar. Ela aceitou, talvez porque ser vista dançando com um desconhecido era melhor do que ser vista com Edith. Tommy e Edith ficaram na mesa.

– Como vai? – perguntou ele.

Edith deu de ombros.

– Você sabe o que houve.

– Sei. – Ele sorriu, bem simpático. – Não deixe que as bobagens da imprensa incomodem você. Conheço isso, na minha área. O escândalo de hoje é o jornal que os periquitos de estimação vão bicar amanhã. As pessoas esquecem quase tudo.

Edith concordou com a cabeça. Sabia muito bem que era verdade, mas não quando o escândalo era com ela. Tinha sido atingida e não ia mais aparecer nos jornais quando o escândalo acabasse, mas até o fim de vida teria sempre um pequeno parágrafo falando na separação.

– Tem visto Charles? – perguntou.

Tommy concordou com a cabeça.

– Estive com ele na semana passada, no White's. Tomamos um drinque.

– Como está?

– Não muito alegre, mas acho que vai superar.

Edith sentiu uma leve nostalgia ao lembrar de Tommy, do White's e até de Jane Cunnor, a quem cumprimentou do outro lado do bar, mas não foi falar com ela. Seis meses antes, teria sentado com Tommy e ficado ao par das últimas histórias dos conhecidos deles e todos os comentários que fizesse seriam adequados. Mas naquela noite não fazia sentido. Não era mais o mundo dela e os dois sabiam disso. Quanto a Charles, coitado. O que fez para merecer aquilo? Foi apenas um marido sem graça. Nada mais. E nada pior. Simon então voltou para a mesa e, para alívio de Arabella, foi dançar com Edith.

No carro, Edith ficou calada, mas sorria às vezes para Simon, não queria dar a impressão de estar zangada com alguma coisa, pois não estava. Quando ela enfiou a chave na porta do prédio na Ebury Street, Simon escorregou a mão que estava na cintura dela para a bunda e ficou fazendo carinho enquanto seguiam pelo pequeno corredor até pararem na porta do apartamento. Edith sentiu um comichão na parte inferior da barriga. Simon se inclinou e beijou-a na nuca, passando a língua de leve com os lábios entreabertos. Mal entraram no apartamento, ela beijou-o com sofreguidão e desceu a mão pelo corpo dele até embaixo. Sentiu o pênis duro e grande encostando nela.

– Querida – ele sussurrou, dando o sorriso auspicioso dos homens que sabem e gostam do que fazem.

Naquela noite, transaram três vezes, por insistência de Edith. Foi a primeira vez que Simon a viu entregar-se daquele jeito. Ela montou e se enfiou nele, bem dentro.

Porque de repente ficou claro para ela que tinha escolhido. Antes, quando saía com Charles e voltavam para casa, a noite terminava quando fechavam a porta. Mas, quando saía com Simon, tinham de aguentar o programa até ficarem de novo a sós. O destino tinha dado a ela a chance de escolher entre vida pessoal e vida social. Ela conduziu que nenhum homem podia lhe dar as duas. “Bom”, ela pensou quando ficou deitada olhando o amanhecer, ouvindo o ronco leve de Simon ao lado. Tinha preferido a satisfação pessoal em vez do brilho social e estava contente com a escolha. Contenta, quer dizer, à noite, quando ficava nua, saciada e longe do mundo.

De manhã, ela precisava decidir tudo outra vez.

TERCEIRA PARTE

Dolente-Energico



DEPOIS DISSO, PASSEI ALGUNS MESES sem ver Edith. No outono, fui o vilão numa dessas séries otimisticamente consideradas “livre para todos” porque ninguém sabe direito a que categoria pertencem. A gravação foi em Hampshire e, portanto, fiquei bastante tempo fora de Londres. Aluguei um chalé em Itchen Abbas e Adela ia me encontrar quando podia. Em novembro, descobrimos que ela estava grávida e, ao pensar que minha vida ia dar mais um salto qualitativo, afastei da cabeça todas as demais considerações. Compramos dúzias de livros para saber mais sobre nosso novo estado e passamos noites procurando causas para Adela sentir gosto de metal na boca ou dores nas costas. A busca acabou sendo totalmente inútil, pois a resposta para quase tudo o que perguntávamos era “causa ainda ignorada”. Mas ficamos alegremente ocupados.

Tínhamos poucas notícias de Edith, Simon e Charles. Os jornais os esqueceram, já que não havia sinais de divórcio e, pelo jeito, estavam deixando a segunda parte da história para quando o caso chegasse aos tribunais. Um dia, escrevi para Charles, pois tinha lido numa obscura revista de arte que estava à venda um retrato dos Broughton e achei que ele, ou algum parente, pudesse se interessar pela compra. Naturalmente, dei notícias nossas e recebi quase em seguida um comovedor cartão nos desejando felicidades. “Que bom vocês não esperarem muito tempo”, escreveu. “Casar é bom, mas o filho é que faz do casal uma família de verdade. Sinto inveja de você.” Discordo um pouco dessa opinião, mas considere, acho que com razão, um comentário sobre os desapontos conjugais dele. Terminou dizendo para avisar quando voltássemos à circulação, concordei. Senti que, àquela altura, Charles e eu tínhamos passado por tantas coisas que podíamos nos considerar amigos, mesmo pelos padrões ingleses. E o temor potencial de condenar amizades com os poderosos não tinha mais cabimento. Ainda bem que ele não perguntou por Edith, pois não tínhamos notícias. Os boatos diziam que ela e Simon continuavam juntos e que, fosse pela fama ou pelo talento, ele tinha feito um personagem importante num seriado policial. Resolvi entrar em contato com ela quando voltasse para Londres, pois não queria ser uma daquelas pessoas que largam os amigos quando eles deixam de ser importantes. No final das contas, foi minha esposa quem retomou nossa ligação, não eu.

Tínhamos voltado para Londres há pouco, quando uma prima de Adela convidou-a para assistir ao desfile de primavera da Hardy Amies. A prima em questão, Louisa Shaw, estava na casa de uma parente mais jovem da família real; por isso ou, mais provavelmente, por de vez em quando comprar roupas da marca, era convidada para esses sofisticados eventos, ficando sempre em ótimos lugares. Ela era amiga de infância de Adela, por isso gostava de dividir seus privilégios com minha esposa.

Adela e Louisa combinavam a ida ao desfile, mas não sabíamos que nossa velha conhecida Annette Watson também era cliente da Hardy Amies. Como já contei, ela havia sido uma bela do cinema no passado e era caçada pelos fotógrafos em grandes eventos com poucas celebridades. Mas agora ela aparecia nas páginas de revistas de moda usando roupas de *couture* e, portanto, era bem-vinda nessas festas. A essa altura, Annette estava muito bem, sobretudo porque, contra todas as previsões, o terrível Bob tinha passado de financeiramente bem a riquíssimo na agitada década de 1990. Acho que o sucesso dele estava de alguma forma ligado à bolha das ponto com, embora eu não lembre exatamente o que ele fazia, se é que algum dia soube. Era óbvio que, fosse o que fosse, soube lucrar. Dois ou três anos após terem sido os constrangedores convidados de Eric em Mallorca, eles se firmaram socialmente e, pelo menos em Londres, tinham uma agenda de telefones bem satisfatória. Não conseguiram entrar no círculo sofisticado de lady Uckfield, mas tinham boas relações com alguns dos mais mal-afamados jovens marqueses e com as *it-girls* que faziam parte da cena londrina na época. Annette tinha até aparecido com a duquesa de York nas páginas de compras da *Hello*. Estava satisfeita, no geral.

Grande parte dessa satisfação era porque agora podia recusar os convites dos Chase, que tinham ficado mais insistentes. Claro que Caroline Chase não ligava para os Watson, mas os negócios escusos de Eric, que ele chamava com otimismo de “Técnicas de negócios e relações-públicas”, foram muito prejudicados pela recessão. Tais técnicas, parece, foram as primeiras economias prejudicadas nas empresas que cresceram depressa demais e que agora pareciam estar encolhendo com a mesma rapidez. Eric achava que uma ajuda de Bob Watson seria bastante providencial. Decerto seria mesmo, porém, talvez por causa daquele horrível jantar em Fairburn, não veio. Os Watson não precisavam mais dos Chase ou, pelo menos, de Eric, no tabuleiro social deles. E Eric não devia circular por muito mais tempo. Sabia-se que estava sustentado por Caroline e os amigos dela começavam a se perguntar quanto tempo isso ainda ia durar. Principalmente porque não havia filhos para complicar a situação. O grupo de

Caroline achava que era pouco racional casar-se com um homem grosseiro e, ainda por cima, pobre. Embora eu não tenha os mesmos valores que essas pessoas sobre vários temas, confesso que entendo-as, no caso de alguém tão agressivo quanto Eric.

É bom registrar que a mesma Annette Watson foi a única pessoa a não excluir Edith e, portanto, a ficar do lado de Charles para continuar com os Broughton. Edith pagou caro pela escolha que fez. Na verdade, eu não condenava essas pessoas: para início de conversa, eram amigas de Charles, e Edith, sem dúvida, se comportou mal. Mas essa não foi a verdadeira razão para se bandearem para o lado dos Broughton. Qualquer homem teria ficado com Charles, mesmo se ele espancasse Edith e tivesse um bando de amantes no quarto. Mas é preciso concordar que, nesse item em particular, era difícil discutir com eles. De todo jeito, Annette manteve a amizade, fosse por não gostar muito de Charles ou da mãe dele, ou por gostar mesmo dela. E um dos convites que fez para Edith foi o de as duas almoçarem e depois irem ao desfile da Hardy Amies.



Edith nunca tinha ido ao restaurante no primeiro andar do hotel Méridien em Piccadilly, que tinha passado há pouco por uma enorme “renovação”. A sala de jantar ficou no antigo terraço, que foi envidraçado e recebeu palmeiras e piso de mármore para fazer todos aqueles nativos de Los Angeles se sentirem em casa pois esperava-se que eles fossem entrar aos magotes pelas portas recém-inauguradas. Edith chegou e foi passando pelas mesas, respondendo ao aceno de Annette. Estava muito bem num elegante conjunto de inverno, arrematado por colar de pérolas e broche. Para surpresa própria, ficou tentada a usar um chapéu. Resisti, mas o hábito, no caso, devia ser uma parte da vida dela que ficou escondida sob as camisetas e lantejoulas que pareciam ser as duas únicas escolhas para vestir do grupo de Simon. Até ele comentou o figurino, enquanto lia tranquilamente as cenas que seriam gravadas no dia seguinte:

– Céus! Como está elegante! Parece a sua sogra!

Mas ela não se animou. Talvez, no fundo, se sentisse elogiada.

Annette cumprimentou-a com beijos e pediu champanhe para as duas. Não demorou para passarem dos comentários habituais ao assunto que interessava.

– Então, quando você dá o próximo passo? – perguntou Annette.

– Próximo passo? – repetiu Edith.

– Sim, o divórcio. Está providenciando?

Edith se sentiu meio desconfortável.

– Não, ainda não.

– Por quê?

Ela deu de ombros.

– Acho que eu... nós... achamos melhor esperar dois anos e fazer tudo sem muita confusão. Senão, fica tanta discussão...

– Dois anos! Ah, não sei se Charles vai querer esperar tanto – disse Annette, rindo.

– Por quê?

Annette olhou bem para ela.

– Querida, você deve saber que a vida continua.

Edith levou um susto, teve um frio na barriga.

– Como assim?

– Minha cara, assim que circulou a notícia, ele foi atacado pelas mulheres. Como não? Você não teve nem filhos, portanto não há nada para impedi-las.

Edith viu que estava se irritando. Como aquela mulher ousava saber mais sobre o marido dela do que ela?

– Não creio que ele esteja encontrando alguém especialmente.

– Pois está enganada. – Annette deu um gole no champanhe para pontuar a pausa. – Lembra de Clarissa Marlowe?

Edith riu e voltou a respirar normalmente. A ilustre Clarissa Marlowe, bisneta de uma cortesão que tinha recebido um baixo baronete na década de 1920, era prima em segundo grau de Charles por parte das mães. Uma simpática e saudável lourinha, boa ginete, que ajudava bastante em jantares chatos. Era recepcionista numa empresa duvidosa de altos investidores e, assim, conferia certa respeitabilidade ao local; morava com a irmã num apartamento perto de Old Brompton Road. “Clássica integrante da brigada das patricinhas”, pensou Edith, acalmando-se. Não fazia o tipo de Charles.

– Não seja boba, é prima dele. Está só sendo simpática.

Annette franziu o cenho.

– Pois foi simpática antes do Natal, quando ficou uma semana com ele no Caribe inglês, depois passou o Ano-Novo em Broughton.

Sem dúvida, foi um golpe. Na verdade, Edith ficou pasma com a força dele. O que tinha pensado? Que Charles ia ficar solteiro para sempre? Largou dele há oito meses e ele era apenas humano. Pensou em Clarissa e teve muita raiva daquela inocente garota de condado. Na verdade, gostava de Clarissa, que procurava ajudar nas festas, ria das histórias engraçadas de Edith e nunca foi daqueles parentes que insistiam em tratá-la

como uma estranha cansativa. Ao pensar nisso, concluiu que a prima sempre teve uma queda por Charles e, desanimada, passou a considerar Clarissa como o tipo da garota com que homens como Charles se casam.

– Oh – exclamou.

O garçom veio entregar enormes cardápios com capa de couro e o nome dos pratos escrito em francês errado. Retirou-se resmungando erres guturais.

– Anime-se, querida. Fale de Simon. Ele vai bem? – perguntou Annette, com olhar terno.

– Ah, sim. Muito bem – respondeu Edith, recompondo-se. – Está num seriado que vai até junho e depois, com sorte, volta em dezembro.

– Que ótimo! Sobre o quê?

– Hum, uma daquelas coisas de detetive – disse Edith, tentando decidir entre fígado e salmão grelhado. – Ele faz o ajudante que não entende nada. – Finalmente, resolveu pedir rins com salada.

– Que bom – aprovou Annette. – Quem mais está no elenco? Você foi ao set e tudo?

Edith apreciou bastante os esforços de Annette. Era gentil.

– Não, não. Às vezes. Assim tenho uma ideia das histórias. Ele fica muito nervoso.

Na verdade, por mais que ela se esforçasse, tinha chegado à conclusão de que não podia se envolver no trabalho de Simon. Gostava muito de algumas coisas, como noites de estreia, algumas (bem poucas) festas e conhecer pessoas que só vê na televisão.

Gostava de ler os roteiros e depois compará-los com o resultado final, mas a maioria das coisas do trabalho dele, bem... No começo, ela foi algumas vezes aos sets mas, sinceramente, era *tão* chato. Dava a impressão de que repetiam os mesmos diálogos sob milhares de ângulos até que, lá pelas tantas, ela ia para a sala de maquiagem e ficava fofocando com as garotas. Para ser totalmente honesta, não entendia por que Simon falava mundos e fundos daquilo tudo. No geral, parecia bem simples. Você decorava as falas, a câmera focava em você, você dizia as falas. Ela via que alguns atores conseguiam fazer isso e outros não, mas não adiantava sofrer. Nunca achou que Simon tivesse ficado melhor nas partes que suou para fazer do que nas que improvisou. Desde aquele nosso distante almoço, ela só sabia de uma coisa: o set não tinha espaço para ela. Após algumas tentativas, ela apareceu uma ou duas vezes, ou passou o fim de semana no local da filmagem para conhecer o resto do elenco e o pessoal da parte técnica, e pronto. Era melhor assim.

– Dê lembranças a ele – disse Annette. Elas se olharam um instante e, para alívio de Edith, o garçom ressurgiu nesse exato momento para anotar os pedidos. As duas passaram então a falar de assuntos mais gerais.

★ ★ ★

Louisa tocou a campainha do nosso apartamento no sótão pontualmente às 12:45. Elas tinham resolvido almoçar em casa e, depois do desfile, ir tomar chá na Fortnum. Adela estava com cinco meses de gravidez, tinha parado de enjoar há pouco tempo e precisava muito de um agrado. Eu ia dar carona para elas até a Savile Row e seguiria para experimentar uma peruca na Old Burlington Street. Eu gostava da prima de Adela. Filha de um proprietário de terras anglo-irlandês, tinha aquele jeito levemente excêntrico, isento e incapaz de julgar alguém, tão diferente de suas contrapartes inglesas; por isso, era uma companhia agradável para todos, apesar de seus tweeds e seus sapatos finos. Era também uma solteirona por escolha; creio que achava que viver a serviço da realeza era como enfrentar a azáfama de marido e filhos. Claro que estava emocionada com a chegada do nosso bebê e, antes de Adela me dizer, eu tinha visto que Louisa tinha as qualidades de uma vovó clássica.

O trânsito não estava muito difícil e, assim, eram 14:45 quando as duas subiram a escada da Hardy Amies e entraram no amplo salão do primeiro andar que dava para a Savile Row, onde seria o desfile da coleção.

Não vale a pena chegar cedo nesses eventos, já que todos os lugares são cuidadosamente marcados. Mas as duas tinham muito para conversar; depois que foram conduzidas até as duas cadeiras marcadas com cartões manuscritos “Lady Louisa Shaw & Amiga”, ficaram tão imersas nas próprias histórias que não prestaram atenção no resto do salão, que enchia depressa. Estavam num bom lugar, na primeira fila da passarela, na parte menor do lugar, perto da porta da escada e assim tinham visão panorâmica não só da passarela, mas de quase toda a plateia. Quando as luzes se acenderam, indicando que o desfile estava prestes a começar, Adela ficou muito surpresa de ver Edith Broughton no canto distante, na fila de trás, de costas para a porta por onde as modelos entravam. Estranhou Edith não tê-las cumprimentado, pois devia ter passado por elas para chegar ao lugar onde estava e até aquele momento, embora olhasse para Adela, não deu sinal de reconhecê-la. Suponho que isso mostrava o tratamento que Edith teve de aguentar nos últimos meses. De todo jeito, Adela considerava qualquer sinal de feudo como um anátema e imediatamente sorriu e acenou para Edith que, talvez com um alívio,

retribuiu o aceno.

A conversa estava terminando, na expectativa do desfile, quando houve uma pequena agitação na porta. Adela virou-se a tempo de ver uma das princesas entrar no salão, seguida de lady Uckfield. Desculpando-se com sorrisos, as duas seguiram para as cadeiras reservadas na primeira fila, perto de minha esposa e de Louisa. Sentaram-se; Adela virou-se para trás e viu Edith de olhos fixos na sogra. Claro que percebeu o contraste entre as duas, o que também deve ter ficado bem claro para Edith. Estava na fila de trás, com sua amiga superanimada, prestes a ver roupas que ela não podia nem pensar em comprar. Estava a duas fileiras de distância da mulher que ela poderia ter sido, acompanhando alguém da família real, invejada por praticamente todas as presentes. O som começou, uma seleção de rock, o que era uma escolha estranha, considerando-se a idade média da clientela. Adela olhou o programa do desfile para saber qual seriam os primeiros vestidos. Três modelos entraram na passarela, tendo em suas elegantes mãos um disco plástico com o número do vestido. Começou.

Foi animado, com a plateia comentando na hora cada grupo que desfilava. “Lindo para usar na Espanha”; “Que cor estranha, será que tem em creme?”, “Bonito vestido, mas na modelo errada” e frases similares, bem audíveis, enquanto as moças seguiam, impávidas. De vez em quando, um pouco de riso, quando uma modelo deixava cair seu disco numerado (acho que por isso não fazem mais), ou outra tropeçava ao dar uma graciosa volta, mas esses foram raros senões na operação superorganizada. Adela, porém, se distraiu. Toda vez que virava na direção de Edith, ela não estava olhando a passarela, mas as costas da sogra, que ainda ignorava a presença dela, pois rabiscava observações no programa e cochichava com sua augusta companhia.

O desfile terminou e a plateia, anotações feitas e figurinos vistos, levantou-se para sair. Abriu-se caminho para Sua Alteza passar, seguida de lady Uckfield. Com a discrição adequada, Adela não se fez notar, mas, por acaso, a princesa reconheceu Louisa na mesma hora em que lady Uckfield viu minha esposa. Adela então foi apresentada, fez a reverência e, por alguns instantes, as pessoas se afastaram respeitosamente para as quatro passarem. Comentavam cordialmente seus modelos preferidos, quando Adela viu Edith vindo na direção delas, no meio do aperto. Essas situações são delicadas. Garanto que Adela não foge de uma situação difícil, mas para que estragar a tarde de lady Uckfield, ou colocar sua acompanhante numa situação constrangedora? A nora era personagem de um escândalo e aquele era um lugar público, cheio de jornalistas. Como uma Judas, Adela preferiu evitar os danos e fez sinal com os olhos para lady

Uckfield, mostrando Edith, que se aproximava. Lady Uckfield, com a agilidade que dominou o Império, notou a presença da nora num átimo. Nem Adela seria capaz de dizer que a saída imediata foi mero acaso, se a velha dama não lhe desse um apertão conspiratório no braço. Num instante, princesa e acompanhante sumiram e Adela teve de apresentar Edith quando ela se aproximou de Louisa, que não entendeu direito o que tinha acontecido.

Conversaram um pouco, Edith pediu notícias minhas; Adela, de propósito, não perguntou de Simon e as duas se despediram. Não sem antes Edith dizer, animada:

– Minha querida sogra está bem.

– Muito bem, eu diria – concordou Adela.

Edith riu.

– Engraçado, a relação fica tão estranha! Ah, mas ela não pode me evitar para sempre. Vai se acostumar com o fato de eu ainda morar em Londres, queira ou não.

– Não creio que ela tenha evitado você. Apenas não viu – disse Adela, acrescentando, desajeitada: – Eu não disse nada...

– Por que haveria de dizer? – perguntou Edith.

E as três se separaram. Adela e Louisa foram para a Fortnum's e depois para o apartamento, contar todos os detalhes para mim. Edith voltou para Ebury Street, onde Simon estava irritado porque uma de suas falas tinha sido cortada da cena do dia seguinte. Ele desconfiava do colega que dividia com ele as partes mais importantes, começava a não gostar dele e estava tão irritado com essa injustiça que não ouviu direito o que Edith contou. Não creio que tenha contado muita coisa. Só que viu Gugu, mas ela não a viu. Na verdade, além daquela noite horrorosa no Annabel's, essa foi a mais dura prova do seu declínio e ela não conseguia falar nisso sem se sentir um pouco mal.

★ ★ ★

Pelo relato de Adela, concluí que Edith devia estar passando por uma fase dura e difícil, por mais feliz que estivesse com Simon. Então, resolvi telefonar e convidá-la para um bom almoço. Mas, antes de tomar essa iniciativa, tive a surpresa de receber um convite de Isabel Easton para um fim de semana em Sussex. Na verdade, o envelope estava endereçado para Adela. Pelo jeito, Isabel tinha feito a lição de casa e sabia que na classe alta os envelopes são sempre dirigidos à esposa. Por quê? Sei lá? De todo jeito, Adela leu primeiro o convite e sugeriu que aceitássemos, embora ela não gostasse muito de Isabel e menos ainda de David. Desconfiei então de que havia outro motivo

para aceitar.

– De lá, podemos ligar para Charles – sugeriu, e vi logo qual era o motivo.

Acho que não me hospedava com os Easton desde aquela época, há três anos, quando fomos todos a Broughton testemunhar a vitória de Edith. Eu os tinha visto em Londres, então o intervalo não era tão grande e, pensando nisso agora, não sei por que parei de ir lá. Talvez por Edith e eu termos ficado amigos acima deles e isso tivesse causado um estranhamento entre nós. Não sei. De todo jeito, fiquei muito contente por, duas sextas-feiras depois, estar com minha esposa de novo na sala de mesas com toalhas franzidas, sofás de chintz e almofadas imensas. Tínhamos desfeito as malas, tomado banho, recebido um drinque pré-jantar e nada mais que isso, quando surgiu o verdadeiro motivo para sermos convidados.

– Vocês vão a Broughton? – perguntou David.

Olhei para Adela.

– Não sei, talvez eles não estejam lá. Pensamos em ligar.

– Muito bem – disse David. Fez uma pausa. – Dê lembranças a Charles, se falar com ele.

Pronto. Eu devia ter adivinhado. Afinal, que situação a deles! Durante anos, quase enlouqueceram por não conseguirem qualquer relacionamento com a família. Até que, milagre dos milagres, a amiga se casa com o herdeiro da mansão. Eles começam a entrar no condado. E, quando conseguem um pequeno avanço com Sir William Fartleys, pum, surge o escândalo. Edith, a amiga que eles foram os primeiros a levar por aquelas plagas (pois, certamente, não fizeram segredo do papel deles), foge com um ator, põe a família em desgraça, faz o querido Charles sofrer, coitado. David e Isabel Easton saem de cena.

Acho que precisava ter um coração duro para não sentir pena deles, coitadinhos, mesmo que a pretensão fosse fútil. É fácil rir das metas dos outros, sobretudo quando são bobas, mas todos nós passamos por alguma fase espinhosa em alguma área da vida e que não merece a importância que damos a ela. Imagino que seja difícil conviver num pequeno grupo e ser obrigado a aceitar ser excluído dele. Para completar, os Easton tinham chegado (ao menos na cabeça deles) tão perto do prêmio...

David prosseguiu.

– A verdade é que a nossa cara Edith agiu muito mal.

Todos nós, inclusive Isabel, ouvimos num leve silêncio. Até Adela (que eu sabia que concordava totalmente) relutou em ficar do lado de David, na ausência de Edith.

– Não sei – eu disse.

– Francamente! Fico surpreso por você defendê-la – David disse, indignado.

– Não estou propriamente defendendo. Só que a gente nunca “sabe” da vida dos outros – insisti.

Trata-se de um truísmo meio falso. Todo mundo sabe da vida dos outros. E eu, sinceramente, sabia muito das vidas de Edith e Charles, mas, mesmo me sentindo um pouco desonesto, disse uma certa verdade. Garanto que nunca se sabe o suficiente dos outros para condenar.

Isabel entrou na conversa com sua bandeira pacifista.

– Acho que David quer dizer apenas que lastimamos o que aconteceu com o pobre Charles. Ele não merecia nada disso. Pelo menos, na nossa opinião.

Concordamos, porém era totalmente óbvio que David queria livrar-se de Edith e, ao mostrar sua indignação a alguém que levaria a história para a mansão Broughton, achava que ganharia pontos e voltaria à lista de convidados. Ou à lista, ponto, já que achava (erradamente) que tinha penetrado na fortaleza durante o reinado de Edith. Errado por dois motivos: primeiro, porque Charles não gostava dele. A classe alta inglesa, em geral, não aprecia cópias dela na classe média alta. Esse tipo de arrivista tem todos os defeitos daqueles que são apenas conhecidos e nenhuma qualidade dos que são íntimos. Quando a alta roda confraterniza com pessoas de fora do grupo, prefere que sejam artistas, cantores, ou gente que os divirta. O segundo motivo era mais pessoal: Charles não aprovaria que David largasse Edith e sua causa, embora isso agradasse a ele, Charles.

Obedecendo às considerações de David e à sugestão de Adela, liguei para Broughton naquela noite. O mordomo Jago atendeu, disse que Charles estava em Londres e, quando eu ia desligar, a extensão do telefone foi retirada do gancho e lady Uckfield entrou na linha.

– Como vai você? Outro dia encontrei sua linda esposa – contou. Eu disse que sabia. – Tem alguma chance de vocês virem aqui um dia? Espero. – Ela falava com aquela urgência íntima, aquela voz de moça-que-tem-um-segre-do que passei a associar ao comportamento social dela e a me encantar.

– Na verdade, Adela e eu estamos aqui, hospedados com os Easton. Liguei só para saber se Charles estava.

– Bem, ele volta amanhã à noite. Onde vão jantar? Será que podem sair? – Fez o pedido cruel sem qualquer dor na consciência. Será que ela sabia que David daria a

vida para ficar entre os íntimos da casa? Provavelmente.

– Creio que não – respondi.

O tom dela ficou ainda mais conspiratório.

– Não pode falar agora?

– Creio que não – repeti, e vi David ao lado da lareira, me observando com olhos de gavião.

– E um chá? Certamente você consegue?

– Creio que sim – respondi, ainda sem me comprometer.

– E traga sua linda esposa. – Ela desligou.

David ficou amargamente desapontado pelo fato do telefonema não resultar num convite geral, como ele esperava, embora não dissesse. Sugeriu, meio irritado, ligar para lá e convidar os Uckfield para jantar, porém Isabel, sempre mais sensata, não deixou.

– Imagino que eles queiram falar um pouco sobre Edith e tal. Não é?

No final, como ele nos hospedou com a intenção de restabelecer o contato com a mansão, não podia impedir que fôssemos lá. Concordou com o chá, mas teríamos de convidar os Uckfield para tomar um drinque no domingo de manhã na casa deles, Easton.



A MANSÃO ESTAVA COM UNS SETE HÓSPEDES passando o fim de semana, o que era habitual com os Broughton. Reconheci lady Tenby, que me acenou com muita simpatia, e uma prima da família que eu tinha encontrado algumas vezes com Charles e Edith, em Londres. Na hora, eu não sabia que a presença de Clarissa Marlowe tinha um significado especial, mas nós dois notamos que ela estava se comportando como dona da casa, perguntando se estávamos bem, se aceitávamos um sanduíche ou o que fosse e, pensando agora, isso a diferenciava de uma convidada comum. Quando chegamos, os demais convidados mal olharam para nós: os homens em calças de veludo grosso e suéteres, as moças em saias e tênis continuaram dedicados a seus afazeres: ler, conversar, passear com os cachorros, aquecer torradas no fogo da lareira.

Já os Uckfield não puderam ser mais solícitos. Perguntaram as novidades, comentaram do desfile de moda, falaram num filme em que me viram, ofereceram bolinhos, serviram mais chá em nossas xícaras até que os outros presentes na sala chegaram à mesma conclusão que nós: estávamos prestes a entrar num grande plano. Normalmente, espera-se um amável desinteresse por parte dos anfitriões e outros convidados numa casa de campo inglesa. Os convidados ficam por lá lendo revistas, fazendo caminhadas, tomando banho, escrevendo cartas, sem querer muita interação social com os outros. Só às refeições (e mesmo assim, no jantar) espera-se que eles “se manifestem”. Essa leniência, o fato das pessoas mal levantarem a cabeça do livro que estão lendo para admitir que alguém chegou, pode parecer grosseira para o estranho (e é mesmo), mas confesso que traz também um certo relaxamento. Eles não fazem qualquer esforço para serem gentis com você que, por sua vez, também não precisa fazer qualquer esforço para ser gentil com eles. Na verdade, quando se festeja muito alguém numa reunião, é quase sempre porque a pessoa foi identificada como “de fora” ou, até, com uma doença terminal que exige atenção extra. Portanto, qualquer um fica meio ofendido se todos correm para recebê-lo e são muito efusivos.

Porém Adela e eu não vimos nenhum tipo de “regra” social nos agrados que estávamos recebendo. Entendemos apenas que iam nos pedir um favor. Portanto,

quando lady Uckfield perguntou se eu gostaria de ver a sala dela que tinha acabado de ser decorada e sobre a qual, parece, tínhamos comentado algum dia no passado, levantei-me na hora. Minha esposa também foi convidada, mas algo em lady Uckfield informou que o convidado era só eu e, como nós dois estávamos loucos para saber os fatos, Adela preferiu ficar com lorde Uckfield e beber mais chá para conseguir a almejada proximidade.

A tal sala era bem distante das que eu conhecia, ficava numa das alas, separada do bloco principal por um corredor curvo cujas janelas abriam para o parque. Ao chegar lá, via-se que era um canto charmoso e elegante, mostrando o toque certo de *gemüchtlich* de lady Uckfield. Era bem grande, com paredes forradas de damasco rosa e lindas cadeiras revestidas de lindos chintzes. Pequenas escrivaninhas laqueadas, estantes pintadas e delicadas mesas marchetadas se espalhavam, tudo com o requinte dos aristocratas ricos: flores, porcelanas Meissen, lindos abajures, miniaturas, tigelas com folhas de lavanda, velas esmaltadas, quadrinhos em suportes de madeira e, claro, sobre a escrivaninha principal (um lindo *bureau plat* com aplicações de bronze dourado, encostado de lado na parede), inúmeros papéis, convites e pedidos oficiais. Um sofá de *moiré* abotoado ficava na frente da pequena lareira com a lenha num suporte de ferro polido, iluminando o ambiente e estalando. Sobre a cornija, estatuetas de porcelana e caixinhas de rapé misturadas com brinquedos de cachorro mordidos, um coelho de tricô e cartões-postais que amigos enviaram de Barbados e São Francisco. Havia também um retrato em pastel feito por Greuze mostrando uma lady Broughton mais jovem. Era, em outras palavras, o quartel-general de uma grande dama.

– Que linda arrumação você fez – elogiei.

Lady Uckfield, no entanto, tinha esquecido qual foi a desculpa para me levar lá: fez sinal para a poltrona do outro lado da lareira e sentou-se no sofá com uma expressão séria.

– Tem visto Edith?

– Não. Adela viu-a no desfile.

– Sei – ela confirmou.

Fiquei em silêncio um instante. Na verdade, nunca a vi desconfortável, mas era assim que estava naquela hora.

– Como vai Charles?

Ela respondeu com um muxoxo.

– Quero pedir uma coisa. Sei que Edith continua com aquele sujeito. Pretende se

casar com ele?

Levei um susto.

– Não sei. Ele ainda não se divorciou... nem sei se deu entrada no processo.

Ela concordou.

– Charles me disse que ela quer esperar os dois anos de praxe e fazer uma separação amigável. – Fez uma pausa e eu meio que concordei. Aquilo era novidade, mas parecia uma boa ideia, no mínimo porque, depois de todo esse tempo, não daria manchete. – O problema é que Jojó e eu não concordamos...

Ela ficou indecisa, estranha como eu jamais tinha visto.

– Achamos que, quanto antes Charles acabar com isso e começar nova vida, melhor para ele. Não queremos que as coisas fiquem se arrastando e ele não possa chegar à conclusão de que tudo acabou. – Ela me olhou intrigada: – Você me entende?

– Creio que sim.

– Você talvez não saiba, mas ele ficou profundamente magoado. Charles não costuma mostrar o que sente, mas garanto que ficou num estado lamentável.

Concordei com a cabeça. Para ter certeza, bastava lembrar da cena no escritório dele, quando chorou na minha frente. Charles era um desses homens que veem o casamento como uma escolha para sempre. São homens muito menos raros do que afirmam as modernas revistas femininas. Não vão conferir o compromisso que têm com a esposa, não vão reconsiderar seus sentimentos antes que a morte os separe e, mesmo assim, costumam achar que o marido morre primeiro. Tenho a impressão de que ele era incapaz de cometer uma infidelidade. Quem sabe o que pode acontecer numa convenção agrícola nos Estados Unidos, ou numa caçada na Escócia? Mas acho que ele era incapaz de acabar com seu casamento. Ao escolher Edith, deu-lhe todo o amor e, como consequência natural, toda a confiança. Nenhum dos dois sentimentos tinha muita qualidade, mas era em quantidade. Isso eu garanto. Não, não me surpreendi ao ouvir que ficou “num estado lamentável”.

Lady Uckfield ainda não tinha terminado.

– Queremos muito que ele refaça a vida e sabemos que agora há uma chance para isso.

– Ele encontrou alguém?

Ela inclinou a cabeça para o lado, sem responder, e eu concluí que tinha. Ou, pelo menos, era o que eles esperavam. Logo após, achei que devia ser Clarissa.

– O problema é que, se estivesse livre, poderia fazer planos, mas não pode. O

passado fica puxando para trás e ele não consegue pensar direito.

Era uma frase estranha. Em que sentido Charles “não conseguia pensar direito”? Ela ficou esperando que eu concordasse.

– O que posso fazer? – perguntei. Queria saber o que lady Uckfield esperava de mim. Sabia que devia ser algo de porte, pois era uma tortura para uma mulher como ela discutir qualquer coisa da vida íntima da família com alguém que não fosse amigo da vida toda, da mesma idade e do mesmo nível (mesmo assim, raramente). Não importava se ela gostava de mim ou não. Aquela conversa foi uma agonia para ela.

– Você pode falar com Edith? Pode perguntar se concorda com o divórcio já? Claro que antigamente isso seria muito complicado, mas será que hoje as pessoas pensam assim? Não creio que pensem, e era preciso garantir a ela que o acordo não alteraria nada. Nada.

Ela estava procurando disfarçar o próprio constrangimento. Era compreensível. Aquele era o pedido mais vulgar que eu já tinha recebido, se é que recebi algum. Talvez a única coisa vulgar que a vi dizer. Minha cara deve ter demonstrado a surpresa.

– Você decerto considera uma missão muito cansativa.

– Não sei se usaria a palavra cansativa – falei num tom meio severo, mas lady Uckfield era suficientemente lady para saber que tinha desrespeitado os próprios princípios. Aceitou a crítica com graça, como quem merecesse.

– Claro que é horrível pedir isso.

– Você é injusta com Edith – observei. – Ela não ia pensar em dinheiro. – Era verdade. Creio que Edith nunca quis levar nada de Charles, a não ser algumas mil libras para sobreviver. Já bastava ele pagar o aluguel em Ebury Street e deixá-la fazer cheques. Lady Uckfield não entendia que Edith sabia muito bem que agiu mal. Gente como os Uckfield pode demorar a entender, ou até não enxergar que não são donos da “honestidade”. Ouvem tanto falar no materialismo da classe média e na dignidade e autossacrifício deles que devem achar que as duas balelas se correspondem.

Ela franziu de leve o cenho.

– Talvez seja verdade.

– É. Você não gosta de Edith, por isso faz mal juízo dela – eu disse.

Ela endireitou a cabeça. Não me contestou, respondeu com um leve sorriso.

– Você tem razão em defendê-la. Entrou nessa casa pela primeira vez como amigo dela, portanto está certo.

– Darei seu recado a Edith, mas não posso fazer mais nada.

– Veja: Charles não pode pedir o divórcio e ela recusar, ou contestar alguma coisa. Temos de garantir que isso não vai acontecer. Entende?

– Claro que sim. – Entendia mesmo. – Mas não posso aconselhar, ela não me ouviria.

– Depois você me conta o que ela disse?

Concordei com a cabeça. Nossa conversa estava terminada. Levantamos e estávamos quase saindo, quando lady Uckefield insistiu mais na urgência do pedido.

– Sabe, Charles está tão infeliz. Não pode continuar assim, não? É horrível vermos ele nesse estado.

Como resposta, dei um leve aperto no ombro dela. Era o gesto mais próximo que eu já havia feito. Talvez fosse um sinal de que estávamos de certa maneira ligados por aquela terrível confusão de lágrimas e ruína. Ela não se opôs. Também não ficou com aquela sutil afetação que esse tipo de inglesa assume nessas horas para mostrar que o gesto foi uma liberdade não autorizada.

Voltamos para a sala de visitas onde Adela, num esforço para escapar dos planos meticulosamente traçados por Jojó para South Wood, tentava ensinar um dos cachorros a equilibrar um biscoito no nariz. Olhou quando entramos e, como estava louca para saber o que tinha acontecido (eu ia contar), nos despedimos logo em seguida. Ainda tínhamos de comunicar o horrível convite de David, mas, como era o preço do nosso chá, teríamos de dar o recado. Lady Uckfield nos acompanhou até o salão de baixo, portanto foi mais fácil.

– David e Isabel – comecei a dizer. Ela olhou intrigada, então acrescentei: – Os Easton, donos da casa onde estamos hospedados. – Ela concordou com a cabeça. Só isso já deixaria David deprimido durante meses. – Eles gostariam de saber se vocês poderiam tomar um drinque amanhã de manhã – falei.

Lady Uckfield sorriu animada. – Mas *quanta* gentileza. Acho que estamos com muitos hóspedes, mas agradeça o convite. – Sua habitual intimidade apressada tinha voltado ao recusar um convite que eu tinha certeza de que jamais seria aceito. Porém fiquei surpreso quando sugeriu:

– Por que vocês não voltam aqui... e trazem o casal?

Era uma gentileza acima e além do esperado. Fiquei me sentindo culpado ao pensar no deslunbramento de David quando soubesse, e balancei a cabeça em uma negativa.

– Acho que é meio entediante para você, não? Vamos deixar para outra ocasião.

Para grande surpresa minha, lady Uckfield insistiu.

– Não, por favor, venham. Charles estará de volta e vai adorar ver você. – Ela sorriu.

Na hora, não entendi o que pretendia ao juntar Charles e nós. Parecia, no mínimo, um plano arriscado pois, se eu contasse ao filho o que ela me pediu, tenho certeza de que ele ficaria furioso. Depois percebi que ela queria que eu visse o sofrimento de Charles para justificar o pedido dela e eu ter mais motivos para dar o recado. Pode ser também que, deixando que levássemos nossos amigos a Broughton, ficaríamos mais atrelados ainda à carruagem da família.

– Não se sinta na obrigação – disse Adela, mas não dava mais para recusar e assim nos despedimos até o dia seguinte e levamos o alvissareiro recado para o encantado David e a menos entusiasmada, mas alegremente surpresa, Isabel.

No dia seguinte, quando voltamos, Charles estava na sala nos aguardando ou, pelo menos, foi o que pareceu. Levantou-se da poltrona, deu dois beijos em Adela e apertou minha mão com tanta força que quase a esmagalhou. Só consegui dizer que estava muito contente de nos ver, enquanto a mãe se aproximava para normalizar a situação e nos levar até o armário de bebidas. O armário ficava atrás de uma porta falsa que antes ligava a antessala à sala de jantar. Jojo estava lá, cumprindo seu papel de dono do bar, preparando bloody marys. Ofereceu um para a esposa, ela provou e franziu de leve o nariz.

– Tem pouco Tabasco, a vodca errada... e você esqueceu do suco de limão. – Eu esperava que pedissem uma tigela com limões, mas, surpreso, vi lorde Uckfield pegar uma garrafa plástica com suco de limão e despejar numa jarra. Eu já ia recomendar que o meu não tivesse aquele ingrediente, mas achei melhor aceitar o que recebi. Claro que estava uma delícia.

– Você acha que ele está bem? – perguntou minha anfitriã.

Ela sabia muito bem que a aparência de Charles era péssima. O rosto cansado e inchado. A pele, que antes brilhava com aquela boa saúde que vem de frequentar lugares com galos do pântano e campos de caça, estava pálida e quase suja. Os cabelos escorriam despendeados pelo pescoço.

– Mal – respondi.

Ela concordou com a cabeça. – Viu por que pedi a sua ajuda?

Ela se afastou e não se referiu mais à nossa curiosa conversa do dia anterior. Para ser sincero e em defesa dela, entendi por que, como mãe, tomou medidas tão desesperadas. O filho parecia estar morrendo aos poucos na frente dela. O que me

intrigava era aquele indício de romance oculto, com promessa de uma nova vida feliz. Charles não parecia alguém que tinha encontrado o amor verdadeiro, apesar de Clarissa estar por ali. Havia outros convidados nos drinques pré-jantar e ela fazia de novo o papel de dona da casa, levando as pessoas para cá e para lá e as apresentando, mas, pelo que constatei, sem causar nenhum interesse especial no coração do primo.

Os convidados estavam tão sérios quanto no dia anterior e vi alguns serem apresentados de má vontade a David e Isabel. Um deles, o visconde Bohun, que no dia anterior estava dando uma caminhada, eu encontrava de vez em quando em Londres. Fui amigo da irmã caçula dele numa época e sempre tive a impressão de que ele era deficiente mental ou algo assim, sem ser diagnosticado. Assim, fiquei surpreso ao ler em algum lugar que ele se casou com uma bonita moça que tinha um alto posto na área editorial. Ao lembrar disso, fiquei curioso por conhecer a jovem lady Bohun, que tinha feito esse ousado casamento. Não foi difícil descobrir. Seus cabelos soltos e brilhantes, impecáveis, estavam presos para trás com uma faixa de veludo; o nariz era empinado, ela estava sendo antipática e distante de um desesperado David que reagia da melhor maneira sem recorrer ao uso de insultos. O coitado lutava, citava pessoas e lugares que eram cortesmente ignorados, até o suor quase pingar da testa. Espero que essas pequenas vitórias compensassem o enorme sacrifício que ela fez. Já lorde Bohun não largava a pobre Adela, que ouvia algo interminável, pontuado por risadas agudas e gratuitas. Ela checava as portas por onde poderia escapar.

Charles se aproximou e tocou no meu cotovelo.

– E como vai você? Como foi a filmagem?

– Bem. E você?

Ele indicou uma poltrona perto da janela, onde poderíamos ficar a sós sem ninguém nos incomodar. Olhou o jardim um instante, em silêncio.

– Ah, estou ótimo. Bem, quase ótimo. – Deu um sorriso meio torto.

Não parecia ótimo, mas concordei com a cabeça.

– Que bom.

– Mamãe disse que você esteve ontem aqui com Adela.

– Viemos tomar chá.

– Imagino que meus pais queriam falar sobre a, digamos, confusão.

– Um pouco.

– O que disseram? – Eu não estava disposto a trair lady Uckfield com o filho. Achei o pedido dela invasivo e impróprio, mas não duvidei da sinceridade dos motivos. O

filho parecia péssimo. Claro que ela queria acabar com aquilo, que mãe não ia querer? Não podia culpá-la, por isso dei de ombros. Charles continuou.

– Eles estão muito dispostos a apressar as coisas. Querem que eu “deixe tudo aquilo para trás”.

– Não seria melhor?

Ele olhou de novo para a janela. Era começo de maio e as flores que brotavam nos lindos canteiros bem cuidados deviam estar frescas e lindas, porém, como caiu uma chuvarada naquela manhã, estavam encharcadas e caídas. Para além do jardim, as árvores do parque tinham folhas, mas poucas, eram da primeira folhagem, de cores bem discretas, sem a fatura densa do auge do verão.

– Eles me obrigaram a ir para a Jamaica em novembro, com Clarissa e alguns amigos dela.

– Foi divertido? – Olhei Clarissa, ocupada em servir mais bebidas nas taças e copos. Charles acompanhou o meu olhar.

– Pobre Clarissa. Sim, foi muito divertido. Gosto da Jamaica. Bom, pelo menos de Ocho Rios. Já estive lá? – Balancei a cabeça. – Minha querida mãe está tentando arrumar uma pretendente para mim. Não quer se arriscar de novo no mercado aberto. – Ele riu.

– Ela só quer que você seja feliz – eu disse.

Ele olhou para mim.

– Não é bem isso. Ela quer que eu seja feliz, mas, dessa vez, com alguém que ela saiba quem é. Tem medo do desconhecido. Edith era o desconhecido. Mamãe acha que está lutando pela minha felicidade e, acima de tudo, para evitar uma repetição. Não quer mais estranhos em Broughton. Edith e Eric foram suficientes.

– Bom, quanto a Eric, entendo bem a sua mãe – argumentei, e nós dois rimos.

Olhei de novo para Clarissa, que começava a lançar olhares meio nervosos na nossa direção como se percebesse que a nossa conversa não a favorecia. Lastimei. Era uma boa moça e saberia lidar bem com tudo aquilo, bem melhor que a pobre Edith. Por que não conseguia fazer Charles feliz? Mas, ao mesmo tempo que pensava tudo isso, sabia que era e continuaria sendo uma fantasia de lady Uckfield.

– Tem visto Edith? – ele perguntou.

Cometi de novo o mesmo erro de inúmeras outras vezes, sobretudo com Charles, de achar que bobos não têm grandes sentimentos. Não que Charles fosse exatamente bobo. Era apenas incapaz de uma ideia original. Mas eu agora sabia que tinha grande

capacidade de amar. Especular sobre o motivo das escolhas amorosas é algo fascinante e sem fim e eu gostava de Edith desde que a conheci. Gostava da beleza dela, da sua leve ironia e do seu jeito naturalmente elegante, mas não entendia como tinha se tornado o grande objeto de amor daquele jovem que tinha tudo. Afinal, a maior qualidade dela como companhia era a ironia, que Charles não conseguia admirar, ou sequer entender. De certo modo, eu ficava tão intrigado quanto lady Uckfield por ele não escolher uma pessoa do mesmo nível, que conhecesse os hábitos e os outros integrantes do mundo dele, que presidiria associações de caridade, andaria a cavalo, administraria a aldeia com firmeza e, certamente, sem aquele senso de ridículo que Edith tinha por seus encargos. Mas tinha sido assim. Charles se apaixonou por Edith Lavery, com um amor desinteressado. Claro que ela deu um impulso na autoestima e até na vida dele, e o olhar que ele fez naquele instante mostrou bem que ainda gostava dela.

– Adela a viu outro dia num evento.

– Como estava ela?

– Bem, acho.

Era uma situação espinhosa, digamos assim. Eu não quis dizer que ela parecia desanimada para não dar esperanças que não iam se concretizar; também não queria dizer que ela estava muito feliz, pois isso seria doloroso para ele, o que também não precisava (além de falso, pelo que Adela me contou).

– Você vai encontrá-la de novo?

– Pensei em convidá-la para almoçar.

– Diga a ela... diga que faço o que ela quiser. Eu aceito. E mande a ela a minha afeição – pediu, e concordei.

Como era de se imaginar, David não gostou de sua ida ao Valhala. Realizar um sonho às vezes também desaponta. Talvez porque, em sua imaginação, David e seus similares se considerem como membros do círculo do charme, íntimos da metade dos nobres, trocando histórias sobre amigos de infância e fazendo planos de alugar uma *villa* na Toscana. É inevitável que essas tentativas de misturar-se acabem causando amargura e irritação, ao verem que são tratados friamente, como alienígenas por aquelas mesmas pessoas que eles passaram toda a idade adulta admirando e elogiando.

– Devo dizer que foi difícil aguentar aqueles Bohuns – David resmungou, ao entrar no banco de trás do meu carro. – Você os conhece?

– Só o conheci, e pouco.

– É mesmo? Não sei o que achei dele.

Sorri.

– É um débil mental. E ela?

– Bem complicada, eu diria.

Isabel concordou com a cabeça.

– Diana Bohun tomou uma decisão difícil, com a única vantagem de ser invejada por estranhos. Não sei até quando ela vai aguentar. Tenho certeza de que daqui a cinco anos vamos ler nas colunas que ela fugiu com o médico local.

Adela balançou a cabeça.

– Não, não leremos. Conheço-a desde o começo. Ela seria capaz de ficar com Hitler, se ele trouxesse junto um título e uma casa.

Isabel franziu o cenho.

– Eu preferia ficar com Hitler.

Fiquei interessado na conversa por que, mesmo ridicularizando a lastimável hipocrisia de Diana Bohun, tinha certeza de que Adela, David e até Isabel aprovavam o pacto que ela fez com o diabo, por mais que falassem. Talvez nenhum dos três estivesse disposto a casar com alguém que lhes desse repulsa, mas as moças que eles conheciam que fizeram isso (minha agenda de telefone tinha pelo menos sete) não eram pessoas que eles desprezassem, a menos que desissem do casamento. Para os habitantes daquele mundo, esse tinha sido o verdadeiro pecado de Edith. Não o pecado de casar-se com Charles sem gostar dele, mas de largá-lo por gostar de outro. Para eles, a loucura foi largar os falsos valores que aceitou ao casar-se e tentar voltar aos valores eternos. A decisão não foi *mondaine*. Os americanos parecem apreciar isso nas obras de ficção que fazem (e até na vida real), mas os ingleses (pelo menos de classe média alta e alta), não. Para os americanos, a abdicação do príncipe Eduardo VIII, por exemplo, é vista como “meu reino por um amor”, enquanto os ingleses (pelo menos um certo tipo de inglês) consideram o fato apenas pueril, irresponsável e absurdo.

E foi por esse padrão que Edith foi julgada e reprovada.



ERA UMA TAREFA DIFÍCIL. De um lado, prometi dar o recado de lady Uckfield para Edith aceitar o divórcio imediatamente; de outro, tive certeza absoluta, quando fomos a Broughton, de que Charles continuava apaixonado pela esposa.

– Então, o que você vai dizer? – perguntou Adela no dia em que combinei almoçar com Edith. Naturalmente, contei tudo para minha esposa. Não tinha jurado guardar segredo e, mesmo se tivesse, só se deve excluir o/a consorte em casos excepcionais. Nada é mais irritante do que viver na intimidade com um boca de siri.

– Vou dar o recado de lady Uckfield.

– Não me diga que vai ajudar aquela miserável Clarissa Marlowe?

Balancei a cabeça.

– Não, vou ficar fora disso. Vou dizer que os pais de Charles querem dar um fim à situação, só isso.

Adela avaliou.

– Diga que lady Uckfield quer que termine. É mais verdade. – Levando em conta a situação, era justo.

Combinei de encontrar Edith no Caprice. O lugar, sobretudo no almoço, tinha um clima arrumado, de negócios, com um toque de glamour; era, portanto, o cenário adequado e descontraído para a nossa conversa. Ao chegar, vi que me deram uma mesa no fundo do restaurante, longe do bar. Foi por acaso, mas não podia ser mais conveniente. Pedi uma taça de champanhe para me animar e aguardei minha convidada.

Edith gostou da minha escolha. Simon andava trabalhando muito e ganhando muito bem, mas, com a hipoteca da casa, a família e o monte de coisas que um ator tem de pagar quando as coisas voltam a engrenar, ele só podia ir a lugares no West End se fosse à custa de alguém. Edith podia gastar, já que não recebeu nenhuma recomendação de Charles, mas não queria usar o dinheiro dele em supérfluos. Seguii isso à risca, não seria muito correto sair com Simon para comer e beber e depois pagar com o dinheiro do marido. O pior era não ter seu dinheiro próprio, o que ela passou a estranhar muito, já que não era mais adolescente fazia tempo. Mas gostava de uma desculpa para

se vestir bem e sair.

Nós nos cumprimentamos com beijos, conversamos e pedimos os pratos, sabendo que tínhamos muito a falar e, por mútuo acordo, esperamos primeiro os acepipes: frango *bang-bang* para mim e entrada quente para ela. O garçom nos serviu o vinho e retirou-se, tivemos então um tempinho para falar das nossas coisas.

– Estivemos com David e Isabel no fim de semana passado. Na verdade, ficamos hospedados com eles – comecei.

– Como eles estão?

– Muito bem. David está bastante ocupado, embora eu nunca saiba com o que exatamente. – Fiz uma pausa e acrescentei: – Nós quatro fomos tomar um drinque em Broughton.

Edith deu uma garfada em uma massa fina recheada de alguma coisa.

– David deve ter gostado.

– Nem tanto. Grudou em Diana Bohun, tentando impressioná-la e acho que não conseguiu.

– Imagino que não. Ela outro dia fingiu não me conhecer na Peter Jones. – Edith continuou a comer e beber com satisfação, sem ajudar em nada o cumprimento da minha missão. Dei um suspiro e prossegui, firme como um soldado.

– Lady Uckfield estava lá.

– Foi o que imaginei. Como vai a velha “Gugu” querida? – Claro que ela estava sendo irônica, embora não muito amarga. Tinha mais uma vez pronunciado o cansativo apelido entre aspas, como fazia logo que se casou. E agora havia o reconhecimento de uma barreira, de uma grande separação entre a vida dela e a da ex-sogra.

– Acho que vai muito bem. Claro que ela quis falar de você.

– Não vejo por que o “claro”. Aliás, estou bem surpresa. Gugu não é de comentar problemas da família com ninguém. Você devia ficar muito orgulhoso.

– Ela decerto achou que eu podia ser útil.

Edith concordou com a cabeça. A ficha estava caindo e ela começou a entender que aquela conversa podia entrar em águas mais profundas do que ela estava preparada.

– Ah – exclamou.

– Ela me disse que você pretende esperar os dois anos. – Edith me olhou sem interesse. – Eles não querem. Querem que Charles se divorcie agora, já. Ela quer saber o que você acha.

Falei, e senti um certo alívio. As palavras saíram. Edith parou de comer e colocou o

garfo delicadamente no prato. Tomou o vinho como se quisesse degustar cada gota. Deve ter sido porque tinha chegado a hora. O fim do casamento. Não sei até onde ela realmente aceitava que era o resultado do romance com Simon. Mas devo dizer que, quando falou, estava bem calma.

– Ou seja, querem que Charles peça divórcio por adultério. Citando Simon.

Concordei com a cabeça.

– Creio que sim. Não sei se hoje é assim, mas creio que a ideia é essa. Não entramos em detalhes. Para ele pedir o divórcio, precisa de um motivo, ou não é mais assim? Não sei direito.

– Não acho muito cavalheiresco da parte dele.

– Também não foi muito senhorial você largar dele para ficar com um ator casado.

Ela concordou com a cabeça e parou de comer.

– Então, o que você quer? O que devo dizer?

– Acho que eles querem saber se você não vai se opor, se o divórcio for pedido agora. Não é do seu interesse, mas a data não altera a parte financeira.

Ela me olhou com tristeza.

– Não quero dinheiro. Pelo menos, não muito. Menos do que Charles me daria amanhã, se eu pedisse.

– Eu sei, eu disse isso a lady Uckfield.

– De todo modo, não é uma proposta generosa – ela disse, após uma pausa. – Hoje, não há mais “culpado” num divórcio. Financeiramente, não faz diferença. Não sabia? – Balancei a cabeça. – Bom, pois aposto que “Gugu” sabe.

Comemos em silêncio por algum tempo. O garçom voltou, levou nossos pratos e trouxe bolinhos de salmão e uma tigela de *pommes allumettes*. O tema continuou como um centro de mesa atrapalhando. Edith falou no personagem sobre o qual nós dois estávamos pensando.

– O que Charles acha de tudo isso? Imagino que estivesse lá. Você falou com ele?

– Sim, falei. – Minha resposta foi correta em tese, mas falsa na prática, pois Charles não estava lá quando lady Uckfield contou seus planos, que foi a pergunta de Edith. Eu duvidava um pouco de que ele deixasse a mãe falar tudo aquilo. Corrigi-me, oprimido por meu engano não intencional:

– Na verdade, Charles não estava presente durante a conversa com a mãe, mas voltamos a Broughton no dia seguinte.

– E aí?

– Ele disse que aceita o que você quiser. Seja o que for.

– Isso é mais parecido com ele. Coitadinho de Charles – disse Edith. – Como ele estava?

Eu tinha essa pergunta. Se pudesse, eu diria que ele estava ótimo e lindo. Começava a concordar com lady Uckfield que era hora de acabar com aquela malsucedida tentativa de miscigenação de classes. O problema era que ele não estava ótimo e lindo.

– É, acho que tudo isso não fez muito bem a ele – confessei.

– Não. Clarissa estava lá? – ela perguntou, servindo-se de mais batatas.

Concordei com a cabeça e Edith calou-se. Eu ia dizer para ela não acreditar nos boatos, incrementados apenas pelas ambições de lady Uckfield e nada mais. Mas eu fiquei quieto. O que adiantaria? Edith precisava liberar Charles e por que adiar a decisão? Passamos o resto do almoço falando em Simon, na vida de artista, em Isabel e na compra de um apartamento, mas, quando estávamos nos despedindo, Edith voltou ao assunto.

– Vou pensar. Claro que nós dois sabemos que farei o que eles pediram, mas preciso pensar. Ligo para você – disse, sorrindo de leve.

★ ★ ★

Edith Broughton não foi para casa na hora, ou melhor, para Ebury Street. Era um dia seco e ensolarado de primavera, quando tudo parece claro como um recorte em papel, frio e brilhante como uma joia. Ela estava bem agasalhada e assim, depois de passar pela frente do Ritz, virou à esquerda no Green Park. Caminhou pela alameda, passou pela mansão Wimborne, pelo esplendor da mansão Spencer adornada de estátuas, pela magnífico estilo italianato da mansão Bridgewater até parar e olhar a mansão Lancaster, com suas pilastras douradas, construída e habitada por muitos anos pelos poderosos duques de Sutherland. As duquesas, uma após a outra, dominaram a sociedade londrina, convidando os grandes e os notáveis das várias épocas a subirem a enorme escada dourada que levava ao maior de todos os imensos salões londrinos onde eles se cortejariam no poder e na opulência.

Edith concluiu com certa surpresa que gostaria de viver naquele mundo mais antigo e mais simples, de quando aquelas mansões dominavam a capital. Quando os Guest, os Spencer, os Egerton e os Leveson-Gower viviam suas ordenadas vidas naquelas mansões exageradas, em vez de elas serem, como agora, sede de organizações de

caridade, departamentos governamentais, ou residência de magnatas gregos da navegação. Não pensou nem por um instante que ela, Edith Lavery, teria muita dificuldade para chegar nem que fosse na beira mais distante dessa elite dourada em qualquer época que não a nossa. Mesmo assim, viu-se de saia de crinolina, segura da própria felicidade e, portanto, feliz. E ficou surpresa de ver que suas fantasias sobre o velho mundo anterior à Primeira Guerra eram parecidas com as de sua futura vida como lady Broughton, quando estava imersa na banheira, pouco antes do casamento. As coisas iam ser tão fáceis, os moradores da aldeia e os arrendatários da propriedade iam adorá-la, a família ia bendizer o dia que ela apareceu na vida deles! Ficou sorrindo, pensativa, enquanto sua imagem onírica de grande força da sociedade do século XXI se desfazia na imaginação, envolta em neblina, dando adeus, chorosa.

Ao pensar nisso, sua tumultuada mente achou, primeiro, que a mãe estava enganada e a nídia estava certa; que todos aqueles sonhos e ambições eram *démodés*, ninguém hoje quer títulos, status e herança; hoje as pessoas se fazem por si mesmas, pelo talento, pela criatividade. Mas, ao ver passarem ali pelo parque os funcionários de escritórios, os varredores de rua, os candidatos a empregos, ficou horrorizada com a desonestidade dos atuais gurus da mídia. Se alguma daquelas pessoas ali pudesse, não trocaria de lugar com Charles? Será que os gurus da telinha não elogiavam a meritocracia apenas por ser o único sistema de classes em que aquelas pessoas poderiam subir na vida? Mesmo se a riqueza e o status herdados não tivessem qualquer valor moral, mesmo se eles encarnassem o sonho que não ousa dizer seu nome, ainda eram o sonho de muita gente. E ela, sem pensar, tinha jogado fora.

Refletiu de novo, meio intrigada, sobre sua suposta infelicidade com Charles. Por que, exatamente, era tão infeliz? Ao pensar no tempo que viveram juntos, lembrou daqueles lindos aposentos em Broughton, dos criados, dos jardins e do trabalho que ela fazia na aldeia. Os únicos contratempos que conseguiu lembrar foram, por exemplo, colocar os apetrechos de caça no carro e ficar atrás de Charles numa caçada com chuva. Será que isso era tão ruim? E ao pensar em Charles, o próprio, foi com grande afeto. Lembrou dele xingando outros motoristas na estrada, ou peidando no sono, e tudo isso trouxe uma espécie de calorosa nostalgia. A lembrança não causou qualquer alívio. Ao menos se causasse. Ficou preocupada com a solidão dele. Penou ao pensar que ele estava sofrendo. Continuou se perguntando qual seria aquela satisfação pessoal que causou tanta ruptura. Seria de origem sexual? Estaria ela admitindo que fez tudo aquilo por causa do pau de Simon? Ou foi só por tédio? Se fosse, ela agora estava menos

entediada na Ebury Street, conversando com amigas pelo telefone, ou encontrando-as para almoçar, do que quando fazia seus comitês na biblioteca de Broughton?

Afastou-se da mansão Lancaster e seguiu devagar em direção ao Victory Arch, com o palácio Buckingham à esquerda. Tremulando em seu mastro, o Pavilhão Real anunciava que a rainha estava em Londres. Os turistas grudavam nas grades do palácio, atentos como se esperassem vislumbrar alguma alteza real passar por um corredor, ou sair para dar uma descansada. Ao caminhar, Edith pensou novamente no mistério do poder herdado. Jojô, Gugu e Charles seriam convidados para o próximo baile na corte, evento de inimaginável glamour para aqueles turistas japoneses com suas máquinas fotográficas; para os que vieram do norte do país com seus horrendos anoraques, gotas de fortes cores sintéticas na fachada neogeorgiana cinzenta e fria. Qualquer um deles transformaria um convite para ir ao palácio numa longa história, que repetiriam sem parar, e ela não quis participar desse conto de fadas porque... por quê, mesmo? Para ser feliz?

O fato era que ultimamente Edith vinha avaliando se “felicidade pessoal” bastava, caso fosse isso que Simon estivesse lhe oferecendo. Como jamais conseguiu separar os seus valores dos da mãe, começava a sentir falta daquela satisfação proporcionada pela vida em Broughton. Percebeu que essas considerações não eram recomendáveis e defendeu-se, pragmática: como poderia desfrutar das boas coisas da vida se não as tivesse? E vinha perdendo a esperança de Simon obter algum eventual sucesso. Edith agora entendia mais do mundo artístico do que quando conheceu Simon, por isso sabia que os seriados que fazia agora e os que faria depois eram o máximo que podia esperar. Por mais que os dois desejassem, não iam ficar de mãos dadas, muito ansiosos, aguardando o nome dos premiados na cerimônia do Oscar. Então, como seria a vida dela? Uma casa nos arredores de Londres e, de vez em quando, uma entrevista num jornal vespertino? Esperava-se mesmo que ela desse vinte anos de apoio emocional a um semifracasso para com isso provar que era gente? Muitos acham que só a conquista pessoal traz a glória, mas o que dizer dos sem talento, ou sem qualquer dom especial? Estarão tão errados assim por quererem ficar entre os abençoados? Pobre Edith, não sabia tecer nem fiar, mas estava, por isso, proibida de desejar uma vida boa? Era tão vergonhoso assim? Ela balançou a cabeça, irritada. No fundo, tais pensamentos começavam a lhe dizer que, apesar de sua escolha temerária, sua ideia de mundo e do lugar que tinha nele não mudou nada. Ouviu de novo, com amargura, as acusações de pais e amigos quando largou o casamento, acusações de que ela não conseguia se adaptar

à nova vida porque no corpo da rebelde batia o coração da filhinha da sra. Lavery. E ficou amargurada, pois começava a desconfiar de que as acusações eram certas.

Ao seguir em direção ao Victory Arch, viu a luz vespertina se refletir nas janelas da mansão Apsley, onde ela e Charles foram convidados para uma festa no verão anterior, e esse foi um dos primeiros compromissos que teve de cancelar por causa da separação. Lembrou, impressionada (aquilo estava começando a ficar muito estranho), que tinha trocado um lugar de destaque no mundo dos mundanos para virar companheira de um desconhecido, de profissão geralmente menosprezada. E não foi a primeira vez que parou para pensar em tudo de extraordinário que ocorreu em sua vida nesse último ano.

★ ★ ★

Quando chegou ao apartamento, Simon estava lá. Tomava chá e assistia a um filme antigo. Quando estava trabalhando, ele ficava tranquilo, disposto a relaxar, calmo. Só quando estava desempregado é que andava para todo lado em Londres, marcando almoços com pessoas das quais não gostava e ligando para o agente três vezes ao dia.

Edith dependurou o casaco na entrada.

– Tem uma xícara de chá para mim?

Ele balançou o caneco no ar. – Esse chá é de saquinho mas, se você quiser, a água ainda está quente.

Ele tinha tirado os tênis, que foram jogados no tapete em frente à lareira. O casaco tinha sido atirado numa poltrona e a sala tinha livros e roteiros por toda parte. Edith ficou à porta, olhando a cena como se fosse um espectador estrangeiro. *Nossa vida hoje*. Era assim que ela vivia hoje, com sofás manchados, de lã rústica dos anos 1960; gravuras de flores imensas, sem assinatura, com molduras coloridas, pelas paredes; com uma mesa de centro de acrílico e uma lareira a gás. Era assim que estava vivendo agora. Teve certeza absoluta de que não queria entrar na sala.

Simon, sentindo certa estranheza entre os dois, levantou-se e se aproximou dela na porta. Segurou-a pela cintura e apertou-a, encostou a boca na dela. Na noite anterior, eles tinham ido a um restaurante indiano e ela ainda sentia o cheiro das especiarias no hálito dele. Apertou-a e ela notou que já estava excitado.

– Foi bom o almoço? – ele perguntou.

Ela concordou com a cabeça.

– Gugu mandou-o falar comigo. Ele e Adela passaram o final de semana em Sussex.

Foram a Broughton e claro que Gugu o puxou de lado para conversar. O almoço foi ideia dela.

– E então?

– Querem apressar o divórcio. Gugu quer usar você como causa. – Ela fez uma pausa e sentiu que ele recuou.

– Meu Deus! – exclamou Simon, sem saber o que pensar. Em parte, gostou. Passaram por sua cabeça mais fotos na página três inteira do *Daily Mail*, porém junto com elas veio um certo pânico. Era como se ele estivesse num metrô que corria, leve e descontrolado, rumo ao desconhecido.

– Ela fala sério?

– Creio que sim, mas fique calmo. Estão enganados, acho que não é mais obrigatório divórcio ter uma causa. O problema é que eles insistem.

– O que você disse a ele?

Edith olhou bem o lindo homem que estava na sua frente. Ele tinha parado com a mania de seduzir toda e qualquer pessoa, de dar piscadelas, e, embora não tivesse consciência disso, ficou melhor. Um pouco de seriedade dava charme aos seus luminosos olhos azuis, meio escondidos atrás dos cachos soltos e louros.

– Eu disse que vou pensar.

– Você pode impedir que eles façam isso?

– Se eu quiser, posso.

– Como?

– Digo para Charles cancelar o pedido.

Simon riu.

– Só isso basta?

Edith olhou-o com frieza. Como ele era provinciano! Não entendia nada de homens como Charles! Ela foi quase arrogante ao defender o marido rejeitado para o amante escolhido.

– Basta.

Simon tinha parado de rir mas, de repente, ele pareceu irremediavelmente irritante. Ela não ia entrar nas conversas de sempre a respeito de todos os artistas estarem mal em qualquer filme a que os dois estivessem assistindo; como os colegas de trabalho dele, os atores, eram invejosos; como o câmara era burro.

– Vou tomar banho – ela disse, soltando-se dele.

Simon se jogou de novo no sofá e voltou a olhar para a tela.

– Você está muito mal-humorada, vou ser compreensivo e culpar a fase do mês – ele disse.

Ela não respondeu e foi para o banheiro no subsolo, que ficava depois do escuro quartinho deles. Tentaram melhorar o ambiente colocando um espelho e papel de parede estampado de enormes papoulas para clarear os dois aposentos, mas serviu apenas para aumentar a escuridão soturna. Abriu a torneira, tirou a roupa e entrou no chuveiro. Tinha notado que, desde que entrou no parque, estava em um estado mental estranho, irreal. Com controle absoluto do movimento dos braços e pernas, da água batendo na pele. Se sentia grande, quase bêbada, embora tivesse bebido muito pouco no almoço. Uma vaga apreensão parecia intumescer seu estômago e cada terminal nervoso espetava no corpo inteiro. Finalmente, descobriu o que a estava intrigando. Simon tinha razão. Era o período do mês. Ela era pontual como um relógio.

Estava atrasada cinco dias.

VINTE



NA MANHÃ SEGUINTE AO ALMOÇO com Edith, nossa campainha tocou quando eram apenas 8:15.

– Céus! Quem será? – perguntou Adela. Estávamos no nosso pequeno quarto, de onde se via o térreo, mas não a porta de entrada, à direita, para saber quem era a nossa visita. Àquela hora, só podia ser o carteiro; por isso, não me arrumei, só avisei que já ia atender. Abri a porta de cuecas, descabelado, e vi que não era o carteiro que, afinal de contas, devia estar acostumado a ser recebido assim. Era Edith Broughton.

– Olá – cumprimentei, um pouco impressionado.

Edith passou por mim e entrou.

– Preciso falar com você. – Jogou-se no sofá que separava a área de visitas da sala de jantar da modesta “entrada” do apartamento.

– Posso me arrumar antes? – perguntei.

Ela concordou com a cabeça e fui correndo para o quarto, avisar a surpresa Adela, que se vestia apressada, quem era o nosso madrugador.

Ela ficou pronta primeiro e, quando fui encontrar as duas, Edith já estava com uma xícara de café e uma torrada.

– E então? – perguntei. Não dava para fingir que era um jeito normal de continuar a conversa. Edith olhou para Adela, que se levantou.

– Melhor eu sair, não? Não se preocupem. Tenho uma papelada para ver...

Edith fez sinal para ela sentar de novo.

– Fique, não há segredo. De todo jeito, você ia ouvir de onde estivesse – ela disse, olhando nosso minúsculo apartamento. Adela sentou-se e nós dois aguardamos.

– Quero encontrar Charles – A voz era bem insípida, mas claro que ficamos muito interessados. Não entendi por que ela precisou ir lá para nos avisar tão cedo; mesmo assim, fiquei fascinado. Soube logo qual seria a minha parte.

– Quero que você consiga isso.

Adela me olhou e balançou de leve a cabeça. Minha esposa tinha um sacrossanto horror de se envolver nesse tipo de coisa. Seja quais forem as consequências, quem se envolve é sempre culpado. E, como ela me disse mais tarde, não queria criar inimizade

com lady Uckfield, que seria o inevitável subproduto do plano de ação proposto. Era bom lembrar que Adela estava do lado de lady Uckfield em tudo e por tudo, jamais no de Edith.

– Por que precisa de mim? – perguntei, lívido.

– Liguei para Broughton ontem à noite para falar com Charles, Gugu atendeu e disse que ele não estava. Tenho certeza de que estava. Liguei também para o apartamento em Londres e a casa em Feltham, disseram que ele estava em Broughton. Eu sei. Ela não quer que eu fale com Charles.

Tudo isso servia apenas para confirmar a suspeita de Adela: disfarçadamente, era para nós dois ficarmos contra lady Uckfield.

– Não sei o que *eu* posso fazer.

– Eles vão deixar você falar com ele. Diga que quer convidá-lo para almoçar ou algo assim e, quando ele atender o telefone, diga que quero me encontrar com ele.

– Acho que não posso fazer isso – avisei. – Não me importo de telefonar (o que era mentira), mas, se lady Uckfield perguntar o que quero falar com Charles, eu digo. Ela não pode pensar que vai impedir para sempre o encontro de vocês.

– Para sempre, não. Por bastante tempo.

– Não creio – eu disse, embora acreditasse.

Na verdade, eu tinha certeza de que, nesse ponto, eu também estava do lado de lady Uckfield. Era simples. Edith tinha se casado com Charles sem amá-lo, para ter status. Depois, transformou esse status num fracasso total, largou-o, se desinteressou, causou um grande escândalo e o fez sofrer muito. Agora, lady Uckfield queria se livrar dela de uma vez por todas e, sinceramente, alguém poderia achar estranho?

– Será que Charles vai querer encontrar com você? – perguntou Adela. – Talvez tenha sido ele que não quis atender o telefone. – Isso, sem dúvida, devia ser levado em conta.

– Se ele não quer, que me diga.

Nós três ficamos em silêncio um tempo. Adela mordeu sua torrada e passou a comentar a coluna de Nigel Dempster.

– A coluna traz alguma novidade? – perguntei.

– A irmã de Sarah Carter casou-se com um pintor e os Langwell estão se divorciando, o que já sabíamos desde outubro.

– Você faz isso para mim? – insisti Edith.

Adela e eu nos entreolhamos, mas recusei a mensagem que ela me passou. Nos

últimos tempos, por mais que eu quisesse, não podia abandonar Edith ao próprio destino e apoiar a causa dos Broughton. O que quer que eu achasse dos erros e acertos da situação, não seria honroso largá-la. Eu era, primeiro e principalmente, amigo de Edith, o que até lady Uckfield tinha reconhecido.

– Faça – respondi. – Mas não vai ser a essa hora da manhã, nem com você ouvindo. Vá para casa, depois ligo para você.

Edith concordou com a cabeça e, após terminar o café, foi embora.

– Algo vai acontecer – concluiu Adela.

Liguei às 10:30 e pedi para falar com Charles. Apesar do que Edith disse, fiquei surpreso quando lady Uckfield atendeu.

– Olá, como vai você? – perguntou.

– Queria falar com Charles.

Ela foi muito gentil e entendeu logo.

– Acho que ele não está. Quer um recado?

Pensei em mentir, mas claro que ela sabia muito bem por que eu estava ligando e parecia bobo esconder.

– Estou com uma incumbência. E não sei se você vai aprovar.

– Tente. – A voz dela passou de reservada a gélida.

– Trata-se de Edith, ela quer se encontrar com Charles.

– Por quê?

– Não sei. – Era verdade.

– Para quê?

– Não sei, mas ela não vai responder logo a sua pergunta, não resolveu sobre o pedido de divórcio, quer se encontrar antes com ele.

– Você falou com ela, portanto?

– Sim, e ela disse que vai pensar. Mas acho que depende de se encontrar com Charles antes.

Fez-se uma pausa rápida e ouvi aquele estranho eco de conversas ao redor, pequenos nacos de estranhas e anônimas vidas sendo vividas a centenas de quilômetros de distância.

– Você tem compromisso hoje à tarde? Pode tomar chá comigo?

– Gostaria muito, mas não posso acrescentar nada ao que foi dito.

– Estarei no Ritz às quatro.

Achei ótimo ela não marcar no apartamento deles na Cadogan Square.

– Decerto Jojô vai com ela. Talvez Charles esteja lá – disse Adela e, por um instante, tive vontade de dar uma volta e tocar a campainha de Edith. Pensei melhor e concluí que primeiro eu tinha de ouvir o que lady Uckfield ia dizer.

Mas liguei para Edith.

– O que vai dizer para ela?

– Não sei. Que é perda de tempo tentar afastar vocês dois, acho. Se é isso que ela está fazendo.

– Claro que é isso.

– Quero dizer, sem que Charles saiba.

Edith ficou calada.

– De todo jeito, telefone para você à noite. – E desliguei.

★ ★ ★

Perguntei ao maître se lady Uckfield tinha chegado, e ele não ia perder uma oportunidade dessas.

– O cavalheiro procura a marquesa de Uckfield – avisou, alto, ao garçom que passava, e esse me acompanhou gentilmente até ela, com as pessoas virando a cabeça para me olhar. Ela estava numa mesa no salão mármore, à direita da grande fonte dourada. Sorriu, acenou com sua mãozinha e se levantou para me cumprimentar com seus gestos leves como os de um passarinho. O garçom trouxe o chá acrescentando inúmeros “madames” para lá e para cá, todos gentil e serenamente recebidos. Ela sorriu, alegre.

– Não é uma delícia?

– Para mim, é – respondi.

Ela não estava exatamente mais séria porém, de qualquer modo, mais direta. Estava também um pouco menos ofegante e, ao lembrar aquela cena na sala de visitas em Broughton, concluí que ela ia dizer algo pessoal e verdadeiro, e não uma mentira.

– Vou ser bem franca, pois acho que você pode ajudar.

– Fico, ao mesmo tempo, orgulhoso e inseguro – observei.

– Não quero que Charles se encontre com Edith.

– Foi o que pensei.

– Não é maldade minha, sinceramente. Porém acho que Charles está muito confuso e não quero que fique mais ainda.

– Lady Uckfield, sei muito bem o motivo pelo qual não gosta da ideia. Eu também

não gosto. Você acha que o casamento foi um erro e preferia não prolongá-lo. Concordo. Mas o fato é que, no momento, Edith está casada com Charles e, se quer vê-lo, e desconfio de que ele também queira, não é melhor sairmos do caminho?

O rosto dela mostrou um toque de irritação.

– Por que ele quer vê-la?

– Porque ainda gosta dela.

Ela ficou calada um instante e escolheu um sanduichinho de ovo, que mordeu com prazer exagerado.

– Como são deliciosos! – exclamou, baixo, como para não deixarmos ninguém ouvir. Fitou-me com aqueles olhos penetrantes, felinos.

– Você acha que fui injusta com Edith.

Balancei a cabeça.

– Não, acho que não gosta dela, não foi tão injusta.

Ela concordou com a cabeça.

– Não gosto muito dela. Mas o problema não é esse.

– Qual é o problema?

– É que ela não faz Charles feliz. Não se trata de gostar dela ou não, por isso ou por aquilo. Eu odiava minha sogra, mesmo assim reconhecia que ela transformou Broughton e o maldito pai de Jojo num sucesso. Levei vinte anos para esquecê-la. Pensa que me importaria de apenas não gostar de Edith? Não sou criança.

– Não. – Tomei meu chá. Aquilo era realmente interessante. Por alguma razão, lady Uckfield tinha decidido abrir a cortina que costumava manter fechada e dizer o que pensava. Ela não tinha terminado.

– Quanto ao meu filho, Charles é um homem bom, gentil, simples. Melhor do que eu. Mas é menos... – ela hesitou, procurando o adjetivo que fosse fiel e adequado.

– Inteligente? – arrisquei.

Já que eu disse, ela deixou passar.

– Precisa de uma esposa que não só o valorize, mas que goste dele e do que ele faz. Goste da vida que têm. Ele não vai aceitar uma outra visão das coisas dentro da própria casa. Não podia se casar com uma cantora de ópera socialista e respeitá-la por pensar diferente dele. Charles não é assim.

– Acho que Edith também não – concordei.

– Edith casou-se achando que ia ter a vida que leu em romances e revistas. Pensou que seria só viajar, ver desfiles de moda e encontrar com Mick Jagger. Imaginou-se

dando festas para a princesa Michael nas ilhas Maurício... – Deu de ombros. Fiquei impressionado por ela saber quem era Mick Jagger. Ela continuou:

– Não sei se alguém vive desse jeito. Pode ser. Só sei que a vida de Charles jamais será assim. A vida dele segue o calendário da fazenda. Nos próximos cinquenta anos ele vai caçar e cuidar da fazenda; cuidar da fazenda e caçar e, em julho, passar três semanas no exterior. Vai se preocupar com os arrendatários, discutir com o pároco e conseguir ajuda do governo para fazer cercas de arame no lado leste. Os amigos dele, com poucas exceções, também vão colocar telhado novo nas casas, cuidar da fazenda, caçar e tentar conseguir subvenções e isenções do governo. Esse é o futuro dele.

– Tem certeza de que não poderia ser o de Edith também?

– Você tem?

Lembrei de Edith suspirando de tédio na caçada em Broughton e ficando mal-humorada por enfrentar toda noite as histórias de Jojo e o charme de Gugu. Mas, claro, lady Uckfield não sabia o quão entediada e deprimida Edith estava em sua nova vida. Lembrei dela na festa de Fiona Grey, sendo exibida como uma novilha premiada. Lady Uckfield interpretou o meu silêncio como uma concordância e ficou mais animada.

– A culpa não é só dela. Até eu sei. Aquela mãe horrorosa encheu a cabeça dela de bobagens dos livros de Barbara Cartland. O que ela poderia fazer?

– Coitada da sra. Lavery – lastimei. Lady Uckfield estremeceu e fez uma pequena careta. Era essa a mulher com quem a sra. Lavery tinha planejado deliciosos almoços e visitas à chapeleira.

– Não sou esnobe – começou a dizer lady Uckfield, mas aquilo foi demais e tive de franzir ao menos uma sobrancelha. Ela quis reagir. – Não sou esnobe! Sei que as pessoas podem se casar por interesse e ter uma boa união. Tenho muitos amigos diferentes. Verdade! – Ela estava indignada. Acho que acreditava que estava dizendo a verdade.

– Quem? – perguntei.

Ela pensou um instante.

– Susan Curragh e Anne Melton. Gosto muito das duas. Quero ver se você consegue negar. – A mulher que ela citou era uma herdeira americana milionária, que estava casada com um ministro de segunda. A outra era filha de um milionário da indústria da moda, que se casou com um conde irlandês pobre e com isso colocou-o no mapa social. Eu não conhecia nenhuma das duas, mas fiquei preocupado com Edith, se lady Uckfield achava que esses eram bons exemplos de “fazer um bom casamento”.

– Claro que você não acredita, mas fui educada para não pensar em termos de “classes sociais”.

O interessante era que lady Uckfield podia dizer isso até para um detector de mentiras, mas era claro que ela havia sido educada para só pensar em classes sociais e foi bastante (se não totalmente) fiel ao que lhe ensinaram. Ela continuou.

– O importante não é a classe à qual Edith pertence, seja lá o que isso signifique, mas que ela não gosta de obrigações. Ela e sua terrível mãe são “damas inglesas”. Querem almoçar em restaurantes italianos, ir a bailes de caridade e, no inverno, voar para um lugar com sol. Depois que deixa de ser novidade, não é fácil comandar uma mansão como Broughton, ou até Feltham. É só cuidar de papelada e participar de comitês. É discutir com inspetores do Departamento de Herança Inglesa que detestam você simplesmente porque mora lá e fazem tudo para dificultar a sua vida. É encaminhar pedidos aos departamentos governamentais e economizar na calefação. Essas mansões são ótimas para se hospedar, até as “damas inglesas” gostam. Mas são difíceis, muito difíceis, de manter. Edith não podia gostar nem se realizar com essa vida. Não é culpa dela, mas não podia. E, para ser bem franca – ela fez uma pausa, quase indecisa, com medo de estar fornecendo muita munição –, não sei se ela gosta de Charles.

Lembrei daquele distante jantar de noivado em que Caroline Chase ficou sentada à minha esquerda. “Aqui é muito chato... exposições de flores o verão inteiro, encanamentos congelados o inverno inteiro. Ouvi até o eco da voz fria e dura dela. Acha que Edith está preparada para tudo isso?” Lembrei também de como Edith estava vitoriosa naquele jantar, de como atravessou a piscina e ganhou a taça.

– Se é assim, qual o perigo de deixar os dois se encontrarem?

– Porque acho que, depois de morar oito meses em Ebury Street com um ator desempregado, ela lembrou por que Charles era atraente ou, melhor dizendo, por que achou Charles uma possibilidade interessante, em primeiro lugar. Decerto quer voltar.

– E você é contra? – Lastimei um pouco que Simon fosse descrito como “um ator desempregado” quando ele, coitado, se considerava no auge do sucesso. Mas não era hora de criticar.

Ela falou com clareza de estadista.

– Sou contra, com cada fibra do meu ser. – Creio que alguma parte de mim se surpreendeu com aquela honestidade. Eu estava acostumado com a ojeriza ao divórcio,

que é um dos comportamentos obrigatórios da alta roda. Embora, no fundo, eles não quisessem nem saber se alguém é divorciado ou não, só com quem está casado no momento. Mas lady Uckfield era da velha guarda e eu tinha certeza de que a árvore genealógica dela e de Jojo não tinha nenhum divórcio. Ela concordou com a cabeça.

– Você estranha que eu prefira que o escândalo continue. Compreendo. Preferia ficar com o pouco que resta dessa história, em vez de remendar as coisas e correr o risco de um estrondo maior daqui a cinco anos, quando Edith se entediar outra vez, ou encontrar um homem tão rico quanto Charles que a deixe menos entediada. A essa altura, pode haver filhos e prefiro que meus netos sejam criados pelo pai e a mãe, em Broughton.

– Sei – concordei. Não podia negar que o raciocínio dela era bem lógico.

– Então, pode me ajudar? – Ela pegou mais um sanduíche e serviu mais chá nas nossas xícaras. Tinha sido sincera comigo, eu também tinha de ser com ela.

– Não, lady Uckfield, não posso.

Ela parou de servir o chá, pasma. Deve ter achado que me concedeu um enorme privilégio revelando tanta coisa, portanto eu tinha de atender aos interesses dela. Vi o desapontamento e expliquei.

– Não é por discordar de você. Aliás, não discordo. É porque nada vai impedir Edith de encontrar Charles. E acho que não tenho o menor direito de intervir.

Ela concordou sem muita convicção, num movimento ágil e rápido que escancarou sua dor.

– Você deve estar dizendo que também não tenho o direito.

Balancei a cabeça.

– Você é mãe de Charles, tem direito de intervir, sim. Não sei se conseguirá, mas tem o direito de tentar.

Achei que a conversa tinha terminado e me levantei. Era pouco provável que lady Uckfield e eu voltássemos a ficar à vontade na presença um do outro. Ela tinha largado muitas das habituais defesas, não ia esquecer rápido que foi vista naquele estado. Para piorar tudo, ela começou a lacrimejar e, sob o meu olhar apavorado, uma solitária lágrima, impressionada por sair de um duto onde estava presa há vinte anos, começou a escorrer pelo rosto cuidadosamente empoado.

Ela se levantou e segurou no meu braço.

– Não ajude Edith. – A voz era urgente, é verdade, mas sem aquele tom pueril de não-conte-para-papai, aquela pseudopremência a que eu estava acostumado. Era um

grito de desespero. – Não a incentive. É só o que peço. Por ela e também por ele, os dois estarão perdidos.

Concordei com a cabeça, garanti o mais que pude e agradei o chá; ela se recompôs na minha frente. Assim, quando dobrei na altura do arco que me levaria à entrada da Arlington Street, ela acenou para mim tão composta como se estivesse no camarote real, em Ascot. Só sei que fui bem claro quanto ao que ia dizer para Edith.

★ ★ ★

– Tem razão. Ela não quer que você converse com ele.

– Eu disse.

– Mesmo assim, ela não pode impedir.

– Ela vai mandá-lo para o exterior de novo. Para os Estados Unidos. Para feiras de compra e venda de cavalos, ou algo assim. Vai combinar com os amigos dela. Tem amigos por todo canto.

– Até parece uma operação Watergate.

Ela deu uma risadinha seca.

– Você pensa que está brincando.

– De todo jeito, Charles não pode ficar nos Estados Unidos para sempre. Basta você continuar insistindo. Tenho a impressão de que, quando você conseguir encontrá-lo, ele vai aceitar. Garanto. Não tenha pressa.

– Mas não *tenho* tempo – disse Edith.

Alguna coisa no tom da voz dela me impediu de pedir explicação e confesso que resolvi tirar a frase da cabeça. Não queria tocar no assunto e, acho, tinha de contar para Adela, achando talvez que a situação fosse caso de tudo ou nada. Se fosse tudo, por que arriscar a colocar a notícia no ar? Se fosse nada, por que não esquecer?

Ficamos calados um instante e Edith deve ter notado que falou mais do que pretendia. Devia estar avaliando como tocar no assunto sem falar nele outra vez.

– Então, o que você pretende fazer? – perguntei.

– Não sei – ela respondeu.



ELA NÃO SABIA. Parecia loucura, mas realmente não sabia como entrar em contato com o próprio marido. Alguns podem estranhar, mas Edith passou um tempo achando que a Sotheby's ou a Christie's pudessem ajudá-la. As pessoas ignoram, mas na última década as festas de verão dessas duas grandes casas de leilão se tornaram o ponto alto do calendário social londrino, uma chance para o autêntico *gratin* (o oposto do onipresente *café society*) se encontrar e se misturar antes de se dispersar pelo verão. Edith sabia que Charles e Gugu frequentavam esses leilões. Até Jojó se dispunha a sair da casa no campo para renovar o contato com quase todos os integrantes de sua classe. Era um compromisso anual agradável, de que grande parte da alta aristocracia tinha prazer em participar, como antes era a abertura da Exposição de Verão da Real Academia de Artes. Charles estaria lá e Edith falaria com ele. O único problema era que os dias se passavam, o carteiro colocava a correspondência no capacho da porta, mas os indispensáveis cartões brancos escritos em relevo itálico não chegavam. Sem eles, ninguém entrava. Por algum motivo, o nome da condessa Broughton foi logo retirado da lista de convidados, fosse para não causar constrangimento a Charles, fosse para evitar o desconforto de lady Uckfield (ninguém achava que lorde Uckfield fosse perceber a presença de Edith em algum evento). Ela não foi convidada para nenhum dos leilões.

Até que teve de admitir que tinha sido excluída. Estava na hora de colocar em ação um plano B. Debruçou-se sobre a agenda de telefones, percorrendo os nomes cuidadosamente escritos a lápis. Era um hábito que, sem perceber, copiou da odiada sogra. A lápis, os nomes podiam ser apagados quando a pessoa mudasse de endereço, ou não fosse mais útil. Naquela manhã, procurou página por página, tentando achar alguém que pudesse ajudar. Finalmente, *faute de mieux*, ligou para Tommy Wainwright. Arabella atendeu, Edith pediu para falar com ele, o que causou um silêncio gelado no outro lado da linha até Arabella voltar a falar.

- Ele está no Parlamento.
- A que horas volta?
- No momento, anda muito ocupado. Posso ajudar?
- “Não”, pensou Edith. “Não pode e não vai.”

– Não, não quero incomodar. Diga só que liguei – pediu, leve.

– Claro que sim. – Era evidente, pelo tom de voz, que Arabella não ia dizer nada mas, temendo ser descoberta, deu o recado e recomendou para o marido não dar importância. Edith já imaginava que fosse acontecer isso, ou algo parecido, então ficou muito surpresa naquela noite, ao atender o telefone. Era Tommy.

– Quero encontrar com Charles e ninguém deixa – disse, após as saudações corriqueiras.

– Por quê?

– Porque têm medo de Gugu, porque querem ficar nas boas graças da família. Não sei o motivo certo.

Houve um rápido silêncio. O pedido não foi feito; mesmo assim, foi atendido.

– Não quero que ele se envolva nisso.

– Nem eu. Só quero encontrar com ele – disse Edith, firme.

Outro silêncio. E, junto com uma espécie de suspiro, Tommy contou.

– Ele vem tomar um drinque aqui na quinta-feira, lá pelas sete. Você podia aparecer.

– Jamais esquecerei esse favor. – Edith foi enfática e assim Tommy entendeu logo como vinha sendo tratada por seu ex-mundo.

– Não fique muito esperançosa – ele disse. Sabia bem as forças que ela estava enfrentando.

★ ★ ★

Eu já estava na sala de visitas dos Wainwright quando Edith chegou. Não era uma reunião grande, no máximo vinte ou trinta pessoas sem nada melhor para fazer. Elas se reuniram na apertada casa antiga que ficava perto da Queen Anne Street para começar a noite com alguns rolinhos de salmão defumado comprados na Marks & Spencer e algumas garrafas de champanhe Majestic. O auge da festa já tinha passado e os convidados começavam a se despedir por causa da mesa reservada para jantar, do horário do teatro ou das babás, quando Edith entrou. Sorria, ansiosa, mas seu rosto encolheu de desaprovação ao conferir a sala. Fui até ela.

– Não me diga que Charles foi embora. Sai tarde de casa e fiquei presa no trânsito.

Era fácil saber por quê. Tinha dado muita atenção à aparência, não me lembrava de tê-la visto mais caprichada, o lindo rosto impecável, os cabelos luminosos e um belo traje de noite sobre suas formas ainda desejáveis.

- Não se preocupe, ele ainda não chegou – avisei baixo, para tranquilizar.
- Mas vem?
- Creio que sim. Tommy confirmou.
- Ele me disse, mas onde Charles está?

Mordeu o lábio, contrariada; alguns ex-amigos resolveram notar a presença dela e incluí-la na conversa. Adela veio falar comigo.

- O que ela faz aqui? Pensei que esse fosse o campo adversário – ela disse.
- Não. Acho que Tommy está querendo reconciliar os dois.
- Você me deixa confusa. Há dois dias, encontrei Arabella na Harvey Nicks e ela disse que a separação era a melhor coisa que podia ter acontecido.
- Com certeza. Até os casados de vez em quando discutem. Ou você acha impossível?

– Está certo – disse Adela, séria – , mas, continuo sem entender como Arabella deixou convidá-la.

Claro que eu não podia contar ali, mas contei depois que Arabella não deixou.

A festa dava seus últimos suspiros. Alguns foram convidados também para jantar e estávamos naquela conhecida e desconfortável fase em que os não convidados foram embora, mas há sempre um casal que não percebe que está atrasando o começo da segunda parte da noite. Em geral, a dona da casa entrega os pontos e diz aos teimosos:

- Se vocês quiserem, fiquem para comer alguma coisa.

Para ouvidos experientes, isso se traduz como:

– Por favor, vão embora. Estamos com fome e vocês não foram convidados para jantar.

O velho frequentador de coquetéis dá então uma olhada, enrubesce e some rápido, resmungando que tem outro compromisso qualquer. Mas há sempre o risco do teimoso desconhecer esses rituais, ou ser teimoso, ou apenas idiota e aceitar o não convite. Como Arabella Wainwright não estava disposta a ficar com Edith pelo resto da noite, não disse nada. E Edith não foi embora. Procurei-a.

- Você vai jantar aqui? – ela perguntou.
 - Vamos. E acho que quase todos os que ficaram também vão.
- Ela deu uma olhada. E sua voz foi tão fraca que quase fiquei com lágrimas nos olhos.
- Eu me arrumei toda. Achei que ele vinha. A mãe deve ter sabido e deu um jeito de afastá-lo.
 - Não sei. Tommy não me disse que você vinha e acho que não contou para

ninguém.

Ela não demorou mais. Arabella trouxe uma pilha de pratos da pequena cozinha e colocou na mesa com estrondo, junto aos jogos americanos. A essa altura, até Edith teve de admitir a derrota.

– Tenho de ir. Obrigada, foi ótimo ver vocês de novo – disse para a anfitriã desinteressada e inflexível.

Arabella fez sinal com a cabeça, sem dizer nada, contente por se livrar dela, mas Tommy levou-a até a porta.

– Não sei o que houve. Desculpe – ele disse.

Edith deu um sorrisinho triste.

– Ah, decerto não era para ser.

Deu um beijo nele e foi embora. Mas, apesar da pretensa aceitação do destino, ela continuava achando que alguém tinha atrapalhado. Com razão.

Naquela noite, bem mais tarde, desrespeitei os meus hábitos pessoais (o que é raro) ajudando a lavar os pratos e ouvi um trecho de conversa por trás da porta da cozinha.

– O que você quer dizer com isso? – perguntava um exasperado Tommy.

– Exatamente isso: eu me recusei a trair Charles, somos amigos dele.

– Então por que não avisou Charles e deixou que ele decidisse?

– Posso perguntar a mesma coisa para você.

Tommy ficou realmente desconcertado e confessou:

– Porque acho que ele não sabe decidir.

Quando Arabella voltou a falar, não demonstrava qualquer arrependimento.

– Exatamente. Por isso, eu falei com a mãe dele.

– Você é uma idiota.

– Talvez. Daqui a seis meses, diga se eu estava errada. Por enquanto, leve o creme para a mesa com cuidado para não derramar.

Não pude fingir que ia continuar arrumando os pratos, por isso empurrei a porta da cozinha e não vi sinal de briga.

– Como você é gentil – disse Arabella, recebendo os pratos.

Quando voltamos para casa de carro, minha esposa não quis assumir uma postura moral.

– Não me venha com nada parecido – ela disse, e aceitei. Não que eu fosse criticar Tommy; achei que ele tinha sido um amigo fiel, um pouco fraco, talvez. Mas não queria estar no lugar dele. Não repeti para Adela o que Arabella tinha dito sobre

esperar seis meses porque, mesmo àquela altura, eu não queria tocar no assunto.

Alguns dias depois, Edith acordou e foi vomitar na privada. Deve ter chegado lá aos tropeços, meio dormindo, só acordou mesmo na hora. Até que finalmente, depois de achar que tinha posto para fora até o estômago, parou, respirou e sentou-se. Simon apareceu na porta do banheiro, segurando o telefone portátil. Costumava dormir nu e, normalmente, ver seu corpo divino dava a ela uma agradável sensação de real, mas naquela manhã sua musculosa sedução foi um desperdício.

– Você está bem? – ele perguntou, vagamente.

– Deve ter sido aquele camarão – ela disse, sabendo muito bem que ele tinha escolhido a sopa.

– Coitadinha. Melhor você pôr para fora. – Ele sorriu, segurando o fone e gesticulou, com uma careta engraçada: – É a sua mãe. – Edith concordou e pegou o fone.

– Vou fazer café – Simon avisou, indo para a cozinha.

Edith limpou a boca e acalmou-se.

– Mamãe? Não, eu estava no banheiro.

– Estava passando mal? – perguntou a sra. Lavery do outro lado da linha.

– Bom, só podia ser eu.

– Você está bem?

– Claro que sim. Na noite passada, fomos a um lugar horrível em Earl's Court que um amigo de Simon abriu, um ator fracassado. Comi mariscos. Eu devia estar louca.

– Estou ligando porque outro dia não achei você bem. – Na semana anterior, Edith tinha acompanhado a mãe na busca infrutífera por um chapéu, o que já basta para qualquer um ficar mal.

– Então você não está doente?

– Claro que não.

– Você me contaria se houvesse... alguma coisa, não?

Edith não contaria para a mãe nem que horas eram, mas não valia a pena entrar nesse assunto agora.

– Claro que sim – ela respondeu. Fez-se uma pausa.

– E acho que não há novidade a respeito... de tudo...

– Não.

– Ah, querida.

Embora irritada, Edith ficou com pena da mãe. Tinha de admitir que a sra. Lavery, por mais rasos que fossem seus valores, estava passando por fortes emoções. Principalmente, arrependimento.

– Você não vai... fazer nada que possa se arrepender depois, não? – perguntou a mãe.

– Nada o quê?

– Quero dizer... não vai incendiar as pontes antes de ter certeza de que chegou do outro lado...

Edith estava acostumada com o suprimento infundável de clichês similares usados pela mãe, por isso não precisou de tradução para saber do que se tratava. Era estranho, mas, apesar do parco vocabulário da mãe, a pergunta fez com que ela pensasse no assunto. Ao terminar a conversa e desligar o telefone, teve certeza de que era hora de agir.

Era sábado, um dia que costumava ser leve e agradável para eles e que incluía ler os jornais, almoçar em algum lugar, depois talvez ir a um cinema ou jantar com amigos numa cozinha planejada marca Wandsworth. Mas, enquanto se arrumava, Edith viu que aquele sábado não seria assim. Escolheu as roupas com muito cuidado, roupas simples de usar no campo, de qualidade, discretas, exatamente o tipo de saia e suéter aos quais tinha renunciado com fervor religioso há tão pouco tempo. Exatamente como quando escolheu o que usar para assistir ao desfile, ela ficou de novo consciente de que suas duas vidas exigiam trajes diferentes. Uma filha de duque podia usar uma roupa esporte da Voyage num jantar em Shropshire e ser elogiada pela excentricidade aristocrata. Mas ela, Edith, jamais teria essa liberdade. Se ousasse usar roupas da cidade no campo, os amigos de Charles achariam que isso apenas confirmava sua falta de berço. Quando entrou na cozinha, Simon olhou-a, surpreso.

– Puxa, parece que você vai fazer audição para *Hay Fever*.

– Sou uma boba, esqueci completamente que promete ir com mamãe a um almoço hoje. Por isso ela ligou. Você me perdoa?

– Almoço de quem?

– De umas primas que moram no campo.

– Você não tem primas no campo. Não é? – Ao dizer isso, Simon deu um dos seus raros sinais de compreensão. Ela realmente não tinha primas no campo.

– Tenho, mas nunca falo nelas. São muito chatas.

– Significa que você não quer que eu vá.

Simon detestava ser excluído de qualquer coisa. Se fosse, tinha que ser porque ele quis. Não se importava de estar muito ocupado para ir, até gostava, mas pensar que as pessoas não queriam a presença dele (mesmo se fosse para ir até a agência dos correios), era um horror.

Edith deu um sorriso triste, do tipo seria-ótimo-se-você-fosse.

– Gostaria que você fosse, mas mamãe insistiu para ser só nós duas. Acho que quer falar de tudo. – A frase foi acompanhada de um dar de ombros que não dava chance de argumentar.

– Fale bem de mim – ele recomendou.

Ela deu um caloroso sorriso de apoio, sabendo que, no fundo, tramava o fim dele, e desceu a escada para pegar o casaco no quarto. Não ia dizer a Simon aonde ia, isso causaria uma cena e ela não sabia como o dia ia terminar. Só não queria que ele voltasse correndo para a esposa por pirraça e Edith depois encontrasse o apartamento vazio.

Na verdade, de manhã, quando ela viu o vômito flutuando na privada, resolveu que não ia ser afastada de Charles por mais um dia. Naquela mesma manhã, ia de carro a Broughton enfrentar o leão na toca, ou melhor, o filhote da leoa. Enquanto dirigiu rápido pela rodovia A-22, não entendia por que demorou tanto a decidir. Era o marido dela e ela ia para o que era seu lar conjugal, afinal de contas. Ninguém podia negar.

Uma desagradável surpresa a aguardava: tinha esquecido que a mansão ficava aberta ao público num sábado de verão. Não tinha pensado nisso e estava agora na situação levemente ridícula de escolher entre estacionar o carro no pátio e entrar pela porta usada pela família, ou entrar pela porta de visitantes e ir até o meio da casa rodeada de turistas e donas de casa de Brighton. Tomou a ousada decisão dessa segunda possibilidade. Teria de esperar muito, se tocasse a campainha na porta da família e imaginava que Charles estivesse no escritório dele, junto à biblioteca. Num minuto ela passaria pelo cordão de isolamento, abriria a porta e, certamente, nenhum guia de visitantes ia impedi-la. Edith fez questão de parar e cumprimentar a simpática e robusta senhora de roupa camponesa que recebia as entradas.

– Olá, sra. Curley, como vai? Posso entrar por aqui?

Edith dominava aquele jeito dos parentes do marido, de pedir por favor algo que não podia ser recusado. “Ah, a sra. Tal-Tal, *pode* esperar nós chegarmos em casa? Tem algum problema?” Claro que a coitada da sra. Tal-Tal (e o chefe dela) ouviram essa

recomendação sabendo que, na verdade, significava “Você está proibida de ir dormir antes de nós chegarmos” que, naturalmente, é um jeito mais simpático de dar uma ordem. Tudo isso faz parte da imagem que a aristocracia criou. Eles se orgulham de serem “generosos com os criados”, o que costuma significar exigências horríveis com a voz mais agressiva possível.

A sra. Curley ficou meio sem jeito com o pedido mas, como Edith previu, não podia fazer nada.

– Claro, madame – respondeu, com um aceno caloroso e discou o telefone particular da família assim que Edith entrou.

Como Edith imaginou, Charles Broughton estava mesmo no escritório ou, como lady Uckfield gostava de chamar, na pequena biblioteca. Respondia cartas, meio distraído, fingindo estar ocupado. A mãe tinha resolvido dar uma festa e, como sempre, os amigos que ela convidou não combinavam com sua alma sofrida. Diana Bohun não o interessou, era fria e convencida e o marido era quase doido. Clarissa não estava entre os convidados. Pelo menos, Charles conseguiu convencer à mãe que ela estava latindo para a árvore errada, lá em cima não tinha raposa, mas... se não fosse Clarissa, quem seria?

Ele soube que Edith esteve na casa de Tommy Wainwright. Tommy contou no dia seguinte, talvez para evitar que outra pessoa contasse. Primeiro, Charles ficou muito zangado, não com Tommy, mas com a mãe que, na noite em questão, obrigou-o, de repente, a ir com ela visitar um velho amigo no hospital, missão que foi apresentada como da maior importância. Ele via agora que tinha sido, claro, uma simples desculpa para não ir ao jantar dos Wainwright. Depois de se acalmar um pouco, pensou pela milésima vez em qual teria sido o resultado do encontro. Por mais que os amigos estranhassem o comportamento de Edith, ele entendia por que ela o largara. Ele era chato. Sabia que foi por isso, pois, Charles, palmas para ele, era inteligente o bastante para perceber. Sabia que não era companhia para ela, depois que a satisfação da conquista se acabou. Para ser sincero, ele em geral não entendia nada do que a esposa dizia quando criticava os políticos da oposição, ou comentava as vantagens e desvantagens de intervenção no Oriente Médio... Sabia que os pontos de vista sobre esses temas divergiam, mas não era obrigado a ter uma opinião. Não bastava continuar votando nos Conservadores e dizer que o Novo Partido Trabalhista era horroroso?

Era só o que os amigos no White's esperavam dele. Bom, claro que, para Edith, isso era pouco. Até ele começava a desconfiar de que ela queria voltar (ou, pelo menos, conversar com ele), mas tinha mudado alguma coisa? Dali a poucos meses, senão semanas, ela não se cansaria dele outra vez? Não era melhor para os dois admitirem a derrota? Em resumo, era o que ele começava a concluir do casamento. Uma derrota, mas uma derrota que agora devia ser encarada e afastada. Exatamente como lady Uckfield pretendia. Hoje, costuma-se dizer que é inútil fazer qualquer interferência na vida dos filhos, mas não é verdade. Os pais inteligentes, que não se metem demais, podem conseguir o que querem. E a marquesa de Uckfield era mais inteligente do que muitos pais.

A porta do escritório se abriu e a figura amorfa da viscondessa de Bohun entrou no aposento.

– Charles? Graças a Deus, você está aqui – disse, com um desesperador revirar de olhos.

– Por quê? O que foi?

– Estou na maior complicação. Peter foi dar uma caminhada e não viemos de carro. E... – Charles aguardou, paciente. – O fato é que... – Diana unedecceu os lábios, nervosa. Era realmente uma atriz de talento. – Fiz uma certa confusão de datas e não trouxe nada...

Charles olhou-a, intrigado. A frase não fazia sentido, como um trecho mal traduzido de outra língua.

– Lastimo – disse ele, em reação ao pseudocorar de Diana. – Não sei se eu...

Diana não queria usar esse tipo de tática. Mas tempos duros exigem medidas duras e, como a dona da casa tinha dito, aqueles eram tempos duros.

– Não esperava... mas está no período do mês e preciso ir à farmácia...

– Oh, céus. Claro, o que posso fazer? – Charles levantou-se, muito constrangido.

Diana respirou melhor. Tinha conseguido, e com incrível rapidez.

– Você poderia me levar a Lewes, o comércio no campo fecha à uma da tarde e...?

– Claro, imediatamente.

– Vou só avisar a sua mãe.

– Certo. Vou pegar o carro. Esteja na entrada da casa daqui a cinco minutos. E não se preocupe.

Ela ficou encantada por ele dizer para não se preocupar com algo que vinha todo mês desde os doze anos, mas preferiu não tranquilizá-lo. Sorriu de leve, ao vê-lo sair

do escritório. Com essa mentira, viu que estava certa, se queria uma pronta ação. Ela sabia que Charles e todos os homens iguais a ele tinham enorme aversão pelos mecanismos de funcionamento das mulheres. Bastava dar a entender e eles não queriam, nem precisavam de mais explicação para agir rápido. Ela ouviu-o descer a escada da casa com o orgulho merecido de uma operária eficiente.

Edith mal tinha chegado ao patamar onde estava a estátua do escravo de bronze, quando lady Uckfield apareceu numa arcada sem cordão de isolamento, de livre acesso.

– Edith? É você? Por que não nos avisou que vinha?

A sogra deu o braço para ela e quis levá-la para a sala de visitas da família. Edith sabia que estava tudo perdido e se xingou mentalmente por não usar um lenço na cabeça e entrar despercebida. Mas não ia desistir; soltou-se do braço de Gugu e foi para o escritório de Charles, atrás da biblioteca.

– Não queria incomodar, só dar uma palavrinha com Charles. Um instante.

Ela andava tão rápido que, para deleite do público presente, lady Uckfield foi obrigada a dar uma espécie de trote para acompanhá-la. Passaram pela esplêndida biblioteca de altas estantes de mogno com suportes de bronze. Em cima da lareira, um antepassado Broughton, de chinó, admirava assustado a cena que se passava sob seus olhos. Alguns turistas reconheceram uma das duas mulheres e, como a separação estava em quase todos os jornais do país, pararam de examinar as entediadas lombadas de couro com títulos dourados e prestaram toda a atenção nelas, empolgados com aquela diversão inesperada.

– Vai ficar para o almoço? – perguntou lady Uckfield, sabendo que todos a olhavam, e querendo normalizar aquela situação esdrúxula.

– Por quê? Gostaria de que eu ficasse? – perguntou Edith. Ela, ao contrário, estava adorando o show da sogra para aquela multidão de olhares vulgares.

– Claro – respondeu lady Uckfield, segurando e puxando a manga de Edith, na vã tentativa de impedir que seguisse pelo piso lustroso.

– Acho que não vou ficar – disse Edith. A essa altura, estava com a mão quase na maçaneta da biblioteca; a porta se abriu e surgiu a figura imponente de lady Bohun. Com um movimento imperceptível, que mal se podia notar, cumprimentou a dona da casa e Edith conduziu imediatamente que era tarde demais. O pássaro tinha voado.

– Olá, Edith – disse Diana, do seu jeito mais lento e mais estudado. – Pode me dar

licença? Vou correndo a Lewes, preciso chegar antes do comércio fechar. Você estará aqui quando voltarmos?

– O que acha? – perguntou Edith, e Diana sumiu sem dizer mais nada. Sozinha com a nora, lady Uckfield levou-a para a biblioteca e fechou a porta.

– Sente-se um instante – pediu, sentando-se na cadeira da mesa de Charles, distraída, empilhando os papéis que estavam espalhados.

– Não precisa. Se Charles não está, vou embora – disse Edith.

– Por favor, sente-se – repetiu lady Uckfield. – Lastimo que você nos considere inimigos, minha cara. – Edith sentou-se.

– Pode lastimar, mas não se surpreender.

Lady Uckfield olhou magoada para ela.

– Queria que seu casamento desse certo. Você me julgou mal, se pensou outra coisa. Sempre quis que fossem felizes.

– Queria que nós fizéssemos o melhor de uma coisa ruim.

– Mas você não fez, não é? – perguntou lady Uckfield ríspida, sem o habitual arroubo e o tom *vibrato*.

Lady Uckfield tinha certa razão, Edith foi obrigada a concordar, e, com isso, suas velas murcharam um pouco. Seria razoável achar que lady Uckfield devia comemorar o dia em que ela, Edith, entrou na vida deles? Por que a sogra ia querê-la de volta agora que aquele desagradável episódio estava quase ultrapassado? Lady Uckfield tinha mais a dizer.

– Há um ano, você estava cansada de Charles. Ele falava e você rangia os dentes; ele tocava em você, você se arrepiava. Sou mãe dele e morava na mesma casa, pensou que eu não fosse notar tudo isso?

– Não foi assim.

– Foi exatamente assim. Ele a entediava. Tédio mortal. Pior, irritava a ponto de você não demonstrar. Por mais que ele tentasse, não conseguia agradar você. Nada do que fizesse ou dissesse estava certo. Você se irritava com a mera presença dele... por que agora essa súbita necessidade de ver Charles? O que mudou?

Edith empertigou-se e encarou sua inimiga. Estava decidida a tomar a dianteira.

– Não passou pela sua cabeça que tive tempo para refletir? Ou será que me acha tão idiota que só penso em dinheiro e ascensão social?

– Minha cara, nunca achei que você fosse idiota – lady Uckfield levantou a mão, em protesto. – Pelo menos, tem de reconhecer isso.

Alguém pisou no cascalho lá fora e lady Uckfield se aproximou da janela: não era, como ela temia, Charles voltando para pegar algo que tinha esquecido. E ela prosseguiu:

– Me pergunto por quê, de repente, você precisa tanto se encontrar com ele, se não teve essa vontade nos primeiros meses. Sou mãe e me pergunto também o que poderia ter mudado a ponto de um encontro com meu filho ficar tão importante, se antes era tão desimportante.

– Talvez eu ache que tomei a decisão errada. Consegue entender?

– Pelo contrário, entendo muito bem. Principalmente porque acho que você tomou mesmo uma péssima decisão. Mas... – ela encostou a ponta dos dois indicadores como um velho padre querendo provar algo do púlpito. – Por que *agora*? Por que essa mudança súbita?

Edith olhou bem para ela.

– Não pode me impedir de vê-lo para sempre – disse.

Lady Uckfield concordou com a cabeça.

– Não posso mesmo.

– Pois então.

– Acho que posso por uns meses. Seis, ou até três. Então chegaremos a uma conclusão sobre essa sua maldita decisão errada.

Nesse momento, Edith percebeu que, naturalmente, a sogra, a querida Gugu, de cabeça pura como neve, sabia. As duas nunca tocaram no assunto, nem naquela hora, nem nos anos seguintes, mas uma sempre soube, sem dúvida, que a outra sabia. Edith levantou-se.

– Vou embora.

– Tem certeza? Não posso ao menos servir alguma coisa? Um chá? Você veio de tão longe. – O tom voltou a ser íntimo como sempre, com o toque de segredos compartilhados à meia-noite no dormitório do colégio.

Naquele momento, com certa estranheza, Edith teve de admirar aquela mulher, sua inimiga jurada, que mantinha em alto nível qualquer discussão com qualquer participante. Era difícil, mas não era impossível.

– Você é uma vaca. Uma vaca de muito couro e nenhum coração – ela disse.

Lady Uckfield pareceu refletir um instante sobre o que ouviu, antes de concordar com a cabeça.

– Talvez sua descrição desabonadora seja um pouco verdadeira – admitiu. – E

talvez por isso, ou por algo parecido dito em linguagem mais leve, eu soube aproveitar tão bem as oportunidades que tive e você tenha fracassado com as suas. Adeus, minha cara.



VOCÊ TALVEZ SE PERGUNTE por que Edith, sempre tão esperta, não tomou uma providência mais moderna em relação ao problema e não acabou com o estorvo numa rápida estadia em alguma discreta clínica rural. E por que não esperou os três ou seis meses estabelecidos por lady Uckefield e enfrentou todos eles. Creio que ela não sabia o motivo mas, por alguma razão, não quis. Pelo que sei, ela não era muito religiosa e acho que teve um mínimo de escrúpulo. Mas, talvez por ter visto um jeito de poupar uma vida, uma vida que dependia dela e de mais ninguém, não ia agora sacrificá-la. Creio que foi uma decisão mais animal do que sentimental – senão, toda tigresa na floresta seria sentimental. Creio que as mulheres entendem melhor que os homens essa atitude em relação a algo que mal existe fisicamente e que ainda nem existe legalmente.

Eis que Edith recebeu ajuda de onde menos se esperava. Ela me contou na manhã seguinte de sua breve passagem por Broughton e eu, naturalmente, temia que me pedisse mais participação na história. Ela disse então, para surpresa minha, que ia esperar a próxima vez que Charles fosse a Feltham.

- Ele vai a cada quinze dias. Pego-o lá.
- Como vai saber que está lá?
- Caroline me avisa. E vai me levar de carro.

A informação foi, ao mesmo tempo, alivante e surpreendente. Alivante porque, como era claro, eu estava dispensado de participar e surpreendente porque jamais imaginei que Caroline fosse contra os interesses da mãe. Até hoje não entendi isso direito. O casamento de Caroline estava balançando, talvez ela quisesse evitar que o divórcio do irmão herdeiro ofusasse o dela. Ou talvez fosse uma rebeldia contra os valores da mãe, que Caroline sempre rejeitou (aliás, erradamente). Ou, mais simples: gostava do irmão e devia ser horrível vê-lo sofrer. No final foi, como sempre, uma mistura de tudo isso.

- Quando você falou com ela?
- Ela me ligou hoje de manhã. Soube que estive em Broughton. Acho que ficou com pena de mim.

– Bom, admito que estou surpreso, mas fico contente por você. É bem mais adequado você ser ajudada pela irmã de Charles do que por mim. Depois me conta como foi?

– Conto – ela disse.

★ ★ ★

Apesar da explicação, Edith não sabia direito por que Caroline a estava ajudando. Desde que Edith entrou para a família, as duas nunca foram próximas, embora não fossem inimigas. Na verdade, com os comentários maldosos de Eric a respeito de Edith, ela e a cunhada tinham assumido uma espécie de familiaridade defensiva. “Amizade” seria uma palavra forte demais para esse sentimento e Caroline nunca teve dúvida sobre sua preferência. Apesar da sua pretensa modernidade, Caroline Chase não conhecia a si mesma, mas continuava sendo feita da mesma massa que a mãe. Podia não gostar das sérias condessas e esposas de ministros do grupo de lady Uckfield, mas os amigos dela costumavam ser mulheres rebeldes, com filhos de roupas extravagantes.

Seja como for, Caroline tinha palavra. Dois dias depois, o telefone tocou no apartamento da Ebury Street, Edith atendeu e era Caroline.

– Se você quer ir mesmo, Charles está em Feltham. Foi sozinho na noite passada e fica lá até amanhã.

Edith olhou Simon, que estava mergulhado nas páginas do *Daily Mail*. Também recebia o *Independent* diariamente, mas nunca lia. Ela se preparou para uma daquelas conversas telefônicas meio esquisitas, que não deixam quem estiver perto entender do que se trata.

– Que gentileza a sua – ela disse.

– Quer que eu pegue você de carro?

– Se puder – foi a resposta afetada.

– Não pode falar agora?

– Não, na verdade.

– Espero às dez no alto da Sloane Street, ao lado da Coutts.

– Ótimo.

Edith colocou o fone no gancho com cuidado. Como explicou depois, continuava querendo muito se encontrar com Charles e, embora não tivesse comentado da visita a Sussex, ela não era muito eficiente em matéria de queimar pontes. Felizmente, Simon mal notou a conversa telefônica. Edith sorriu para ele.

– Não trabalha hoje?

Ele olhou.

– À tarde. Por quê?

– Caroline ligou convidando para almoçar.

– Você resolve, então.

Ela não respondeu, ele não se incomodou.

Mais uma vez, ela escolheu as roupas com certo cuidado. O mais fácil era usar um traje de campo dos tempos de Broughton, mas parecia meio inadequado, após a humilhação que lady Uckfield fez. O pior é que também era óbvio, agora que ela estava vendo as coisas com mais clareza. Não, se Charles ia aceitá-la de volta, era por ela e não para parecer com Diana Bohun, ou qualquer das outras frias vagabundas sem coração do mundo de Charles, que mantinham seus casamentos sem amor. Acabou escolhendo uma saia preta justa, mostrando as pernas, e um largo suéter azul entremeadado de lacinhos coloridos. Escovou os cabelos e maquiou-se bem (portanto, estava se pintando para Charles, não para Caroline). Conferiu o resultado e aprovou. Estava bonita e interessante, bem londrina, o suficiente para não parecer que estava forçando.

– Muito bonita. Aonde vai agora? – perguntou Simon.

– Fazer umas compras. Tenho de ver um presente de aniversário para papai.

– Eu não devo estar convidado para o almoço das moças.

– É no apartamento de Caroline... – Ela deu de ombros, triste. – Por que não vem comigo agora? Se eu achar algo para o papai, depois vou ao Harrods ver quais são os lançamentos do verão.

Pode parecer que essa abordagem sutil era arriscada, mas não. Nenhum homem em sã consciência aceitaria a missão de acompanhar uma mulher pelos inúmeros departamentos de uma loja imensa, quando ela sequer está procurando algo específico. Sobre tudo quando não tem almoço marcado depois. Ele balançou a cabeça, como ela esperava.

– Não, se não tiver problema. Vejo você à noite.

– A que horas você chega?

Ele deu de ombros.

– Sete, oito.

Despediram-se com um beijo, Edith vestiu um casaco e saiu. Um minuto após, estava indo para os antiquários do final da Pinlicko Road. Durante as duas horas de

estrada que tinham pela frente, sabia que Caroline ia perguntar o que ela ia fazer lá e Edith pensou no que diria e também em qual era a verdade, embora as duas coisas não precisassem estar necessariamente relacionadas.

Ela agora sabia, graças à oposição quase histérica de lady Uckfield, que havia a possibilidade de Charles voltar. Tinha fingido para si mesma que ainda estava avaliando essa possibilidade, mas, no fundo, sabia que estava um passo adiante. Ou não teria ficado tão preocupada em garantir um encontro. Mas a pergunta continuava a mesma: ela queria mesmo voltar? Queria Charles a qualquer custo? Não ia impor condições? Os dois voltariam a ter exatamente a mesma vida? E, de novo, poderia fazer exigências? Charles não estava com todas as cartas na mão? Pior de tudo: e se ela estivesse enganada e ele *não* quisesse voltar? Nessas rumações, teve certeza de que tinha deixado de lado a *verdadeira* razão para mudar de sentimento mas, se conseguisse voltar, o que interessava saber como ia ficar a situação e por que se preocupar com isso agora? Parecia um tema tão aborrecido que não havia motivo para discuti-lo antes que fosse preciso. Para todos os efeitos e propósitos, a partir do momento em que soube que podia finalmente encontrar Charles, o segredo dela tinha deixado de ser real.

Parou na vitrine da galeria de arte em frente à Poule Au Pot e ficou olhando algumas gravuras. Nisso, uma reluzente limusine parou, o motorista ajudou a sair do carro uma mulher de algum região indeterminada do Oriente Médio e entrar na galeria. Ao ver aquela mulher muito maquiada, envolta em zibelina, com pulseiras de diamantes brilhando ao sol, Edith lembrou-se, de repente, da sogra. Tinha certeza de que aquele não era o estilo de lady Uckfield, que chegaria de táxi, bem discreta, de roupas elegantes e excelentes pérolas, sabendo que o dono da galeria saberia quem era ela. O fato era que, se aquelas duas mulheres se encontrassem, a árabe ficaria nervosa com a presença de lady Uckfield, que por sua vez ficaria educadamente indiferente à presença da outra.

A discussão de Edith com lady Uckfield na pequena biblioteca de Broughton, em vez de rebaixar a sogra aos olhos da nora causou, paradoxalmente, um certo respeito pelos princípios dela. Edith sempre teve um certo desprezo pelos amigos de lady Uckfield e de Charles que bajulavam a sogra, porém, recentemente, reconsiderou isso. Logo que se casou, ela talvez pretendesse ser como aquela mulher árabe, com seus casacos de peles, luxos, glamour e convívio com celebridades. Todas aquelas coisas (pelo menos, na versão inglesa) que a jovem Edith Lavery achava que faziam parte do mundo de uma “lady Broughton” e depois ficou pasma ao ver que sua nova vida era

tão simples. Sabia que lady Uckfield achava que ela, Edith, tirou essas ideias de romances e de biografias de personagens do século XIX e às vezes até tentou defender a mãe da acusação de encher a cabeça da filha com fantasias burguesas. Mas concluiu que a acusação era justa. A vida com Charles parecia tão sem graça e monótona comparada com aqueles enredos cheios de ação, os salões de baile iluminados e cheios de gente importante, aquela vertiginosa carreira parecida com a de lady Palmerston que ela havia imaginado.

No dia do desfile, quando as pessoas se afastaram para lady Uckfield e Sua Alteza passarem como se fossem o Mar Vermelho se abrindo para Moisés, Edith viu o que tinha jogado fora, a chave para abrir todas as portas na Inglaterra e quase todas do mundo (ao menos, entre os fúteis). Um título de nobreza não garantia convites para frequentar Camp David, mas, mesmo no século XXI, ela não ficaria sozinha em Palm Beach. E agora Edith sabia que as pessoas que *eram* fúteis, os esnobes cuja vida consistia em reunir pessoas que dessem status, existiam na proporção de dez para um. Esse tipo de poder talvez não tivesse muito valor dentro de um contexto maior, mas era alguma coisa e o que ela ganhou na troca? A vida em Broughton podia ser monótona, mas e a vida em Ebury Street? O que ela preferia: falta de barulho ou falta de poder? Tinha largado o mundo dos mundanos num petulante ataque de tédio e, do dia para a noite, passou de carta alta no jogo da sociedade a não pessoa, com quem eles tinham vergonha de ser vistos.

Retomou a caminhada sentindo algo parecido com um calafrio. Pensou então nos dois homens. Sabia que tinha se casado com Charles por causa do nome e do dinheiro, senão jamais teria olhado para ele. Nos dois anos que ficaram juntos, passou a ter raiva dele, por mais que agora parecesse absurdo, por atraí-la com seus bens materiais e depois da conquista não conseguir mais interessá-la. A verdade era que ela foi atrás dele, porém, na sua mente desonesta e pronta a se justificar, quando Simon apareceu, Charles ficou na posição moral de uma arapuca.

Agora, andando pela Pinlicko Road, admirando as vitrines dos antiquários, voltou às ruminções que fez no Green Park e concluiu que a separação tinha mudado as coisas. Sem querer, nos últimos dias ela tinha passado a entender melhor o marido. Será que ele era mesmo uma companhia tão desagradável? Era mesmo tão menos atraente que Simon? Afinal, homens bem piores do que Charles estão sempre achando esposas. Pensar em Charles como marido pareceu tão ruim, nos velhos tempos antes do casamento? Se ela tivesse sido apresentada ao sr. Charles Broughton como noivo de

uma colega de escola, Edith ia querer sair gritando pela noite, arrastando a maldita garota? Claro que não. Sem dúvida, Simon era muito mais bonito, mas, com o passar dos meses, ela foi se acostumando e começava a se irritar com a eterna piscadela que acompanhava qualquer contato social dele. Estava ficando irritada com todos aqueles meios sorrisos e olhares semicerrados para garçonetes, comissárias de bordo e caixas do Partridges; começava a se aborrecer com aquele jeito de atirar os cachos dourados para trás.

Mais complicado do que comparar aparências (afinal, Charles não era lindo, mas bastante apreciável), era a questão sexual. Tinha de admitir que Simon era um amante muito melhor, um excelente amante, ainda mais se comparado ao pobre Charles. Não podia negar. Ela gostava de ir para a cama com Simon. Muito. Na verdade, pensar nisso ainda causava uma certa comichão interna, ela ainda ficava meio agitada e desconfortável, cruzando e descruzando as pernas. O querido Charles jamais poderia ser comparado nesse quesito, com suas desajeitadas performances de cinco minutos e seus “*obrigado, querida*” que a deixavam enlouquecida.

Porém, pela primeira vez, ela reconhecia que, após um ano, fazer sexo com Simon tinha perdido a novidade, o que talvez fosse de se esperar. O sexo continuava excelente, sem dúvida, embora menos frequente do que no começo, mas não a impedia de ver o que tinha perdido ao escapar da gaiola dourada. Afinal de contas, quanto tempo na vida uma pessoa passa fazendo sexo? Compensava o resto? Será que meia hora prazerosa, duas ou três vezes por semana, compensa aquelas festas horríveis, que pareciam não acabar nunca, aquelas pessoas com seus sotaques cafonas, fumando pelo apartamento todo, ou aqueles medonhos colegas da escola de arte dramática falando em “penteados”, dicas de jardinagem e férias a preços mais em conta? Será que Charles não era encantador do jeito dele? Não era mais correto que Simon? Não era mais sincero como pessoa?

Assim, Edith continuou pela Sloane Street, criticando seus falsos valores, tentando se convencer numa litania das qualidades de Charles até que, num raro momento de honestidade, como o sol passando entre nuvens, percebeu a ironia daquela conversa consigo mesma. Ela, Edith, estava argumentando como se o oposto fosse dominá-la, caso aceitasse. Estava se obrigando a dar o próximo passo, quando qualquer observador imparcial concordaria logo que, claro, Charles era mais correto do que Simon. (De repente, ela teve certeza absoluta disso.) Na verdade, sob todos os aspectos, era totalmente óbvio que Simon não era nada correto. Ao contrário de Charles, ele era só

pragmatismo. Não podia ser sincero, pois não tinha sinceridade. Seus princípios eram uma confusão de teses ouvidas e na moda, que ele achava que agradariam aos diretores de elenco. Edith estava quase convencida de que, de certo modo, preferia Charles a Simon, embora quem conhecesse os dois soubesse que não havia comparação. Charles, por mais que fosse bobo, era um homem infinitamente melhor. Já Simon era um monte de nada.

Achou então que as pessoas não fariam mau juízo dela por chegar a essa conclusão (tinha muito medo de que fizessem); pelo contrário, elas se surpreenderam foi por trocar o marido por aquele paspalho. Apesar disso, achou que tinha a obrigação de ser honesta uma vez na vida e admitir que não queria voltar por causa das qualidades de Charles, nem por causa do segredo dela. Era pela sensação de proteção que agora, em sua crise não assumida, fazia mais falta do que nunca. A verdade era que os meses passados longe serviram apenas para, finalmente, confirmar os preconceitos da mãe. Edith tinha saído para dar uma caminhada e descobriu que estava frio.

★ ★ ★

– Acho que vou largar Eric – anunciou Caroline, quando finalmente entraram na rodovia M-11. Edith concordou com a cabeça, franziu de leve o cenho e ficou calada.

– Você não diz nada? – perguntou Caroline. Ela era uma péssima motorista, jamais dominou a arte de conversar com alguém sem olhar para a pessoa.

Edith viu, nervosa, um caminhão passar a centímetros de distância e balançou a cabeça.

– Não. Acho que não tenho o direito de comentar isso. Mas nunca entendi por que você se casou com ele. É mais fácil entender por que quer largar dele – disse, olhando pela janela.

Caroline riu.

– O problema é que esqueci por que casei com ele.

– Sorte que não há filhos.

– Será? – Caroline fez a expressão dura das estátuas do monte Rushmore, parecia um cacique num filme de faroeste dos anos 1950, quando ainda se podia torcer pelo mocinho. – Acho ruim não ter tido filhos. Significa que, se quiser um, terei de começar tudo de novo. – Tinha um pouco de razão. – Às vezes acho que, de certo modo, não faz muita diferença com quem a gente se casa. Acabamos cansando do marido.

– Então por que quer se separar de Eric?

– Eu disse “de certo modo” – respondeu Caroline, meio irritada, tirando os olhos da estrada e mal conseguindo desviar de um ônibus enorme. – A esta altura da vida, tenho que admitir que lady Uckefield podia estar certa.

Um dos detalhes mais impressionantes da vida pessoal dos Broughton era que Caroline e Charles só se referiam à mãe como “lady Uckfield”. Era uma espécie de brincadeira e de crítica. Em qualquer das hipóteses, era meio esquisito. Caroline continuou:

– Lady Uckfield me disse que não valia a pena casar com um homem vulgar e sem dinheiro mas eu, naturalmente, insisti. E que, se eu ia desrespeitar essas regras básicas, devia exigir que ele fosse educado e gentil, pois a rudeza e a crueldade são os dois defeitos que estragam a vida.

Edith concordou com a cabeça.

– Tem razão – disse. Ela decerto se surpreendeu com a sábia recomendação da sogra. Não devia. Lady Uckfield era inteligente o bastante para saber que a verdadeira infelicidade acaba com qualquer encantamento. Só que lady Uckfield sabia melhor que Edith o que era a verdadeira infelicidade.

– Eric era muito agressivo. Não só comigo, com todo mundo. Um jantar na nossa casa era uma espécie de curso de sobrevivência na selva. Os convidados tinham de vir armados e tentar se esquivar dos tijolos até a hora de ir embora. Hoje, não sei como as pessoas ainda voltavam lá.

– Então, por que você casou com ele?

– Primeiro, para incomodar a minha mãe – respondeu Caroline, como se aquilo fosse muito compreensível. – Segundo, porque ele era bem bonito. E, por último, porque ele queria demais casar comigo.

– Você agora acha que isso era mentira.

– Não, era verdade. Ele estava louco para casar comigo, mas por eu ser filha de marquesa. Não percebi, ou não percebi que era só por isso.

Edith ficou calada. A conversa estava enveredando por um terreno perigoso. Ouviu o gelo rachando sob seus pés.

– Sei – concordou, baixo.

Mas Caroline não tinha terminado de falar.

– Como você queria casar com Charles – ela completou. Edith não disse nada e ela continuou. – Não estou criticando você, seu caso é mais compreensível. Pelo menos, quando você se casou com Charles, virou condessa. Mas eu até agora não sei o que Eric

queria conseguir.

Ficaram um tempo em silêncio. Edith então retomou a conversa.

– Se você acha isso, por que está me levando lá?

Caroline avaliou um instante, franzindo o cenho como se não tivesse pensado antes no assunto. Falou sem muita segurança.

– Porque Charles está tão infeliz.

– É? – perguntou Edith, interessada.

– É.

Caroline acendeu um cigarro e, por um instante, Edith achou que iam entrar no âmago da questão.

– Lady Uckfield acha que isso passa. Fantasia que ele vai esquecer você, casar-se com a filha de algum fidalgo e ter quatro filhos, dois dos quais herdarão propriedades de parentes da mãe. – Caroline deu uma risada irônica. Aquilo era, naturalmente, uma perfeita síntese dos sonhos de lady Uckfield.

– Será que ela não está certa?

– Você não conhece meu irmão direito – disse Caroline e voltou ao silêncio. Claro que Edith gostaria de ouvir mais sobre aquele homem infeliz e triste, que ficou tão triste sem ela e com quem, por algum estranho milagre, ela já era casada. Olhou intrigada para Caroline, que abrandou.

– Primeiro, não sei se quem minha mãe imagina como sua perfeita sucessora seja a mesma mulher de que Charles precisa. Para ser sincera, se ele quisesse uma mulher assim, teria encontrado facilmente. O problema não é esse. Charles é um homem simples. Tem sentimentos, que também são simples, sinceros e profundos. Não sabe se comunicar direito e não seduz ninguém.

Edith pensou, encantada, em seu outro homem, que só sabia se relacionar e seduzir. Simon tinha o problema inverso de Charles. Não tinha sentimento. Caroline continuou falando.

– Charles decidiu. Quer você. É a esposa dele, aquela que o coração deseja. Ponto. Não estou dizendo que, se você se divorciar dele, ele não acaba encontrando uma fêmea reprodutora, porém, no fundo, se sentiria frustrado, pois a verdadeira esposa dele estaria por aí, circulando com outro homem. E essa, minha cara, seria você.

O resto da estrada foi em silêncio. Era quase como se estivessem à espera do próximo acontecimento da trama para continuarem a conversa. E assim atravessaram a paisagem plana de Norfolk até finalmente virarem num caminho bem cuidado, mas

meio sombrio, que as levou, após passarem por altos muros cobertos de rododendros, ao pátio largo, de cascalho, da casa sede.

A mansão Feltham passou para a família Broughton em 1811, quando o então lorde Broughton casou-se com Anne Wykham, única filha de Sir Marmaduke Wykham, sexto e último baronete da linhagem. A casa era em estilo jacobino, uma residência mais senhorial do que nobre, mais pitoresca do que marcante, de telhados com chaminés ornamentadas, daí talvez a família nunca ter se interessado muito por ela. Como tantas casas da época, ficava numa encosta (antes que as inovações hidráulicas do final do século XVII possibilitassem aquelas maravilhosas vistas), embora o campo plano ficasse um pouco mais amplo no final do vale. A casa podia ter sido uma alternativa para os Broughton, ou residência do herdeiro, mas eles tinham outras casas mais próximas de Uckfield usadas com essas finalidades até pelo menos a Segunda Guerra; há pouco, como sabemos, o herdeiro tinha preferido morar com os pais.

No passado, Feltham foi alugada, mas foi retomada para a realização de caçadas na década de 1890; desde então, foi bem cuidada, apesar da família interromper a prática do esporte após a guerra. Nos últimos anos, Charles tinha voltado a caçar e se orgulhava de garantir de duzentos a trezentos dias de caça por ano. Ele e seu capataz trabalharam muito. Os gramados e cercas vivas foram replantados, os redes de alimentação foram refeitos – ou seja, o campo todo ficou mais ou menos como era um século antes. Apesar disso, ele não convidava os amigos para caçar em Feltham. Colocava à disposição deles os esplendores de Broughton, deixando Feltham para ser alugada por dia para homens de negócio, gente com telefone celular e roupas esportivas tinindo de novas. Se pagassem (bem) mais, podiam até pernoitar lá, daí talvez as acomodações serem boas.

A Wykham que construiu a casa tinha sido uma favorita do rei James I, época em que a mansão era bem maior, mas a namorada do rei não se preveniu e o filho dele (sobrinho, já que os dois jamais se casaram) demoliu dois terços. Por isso a alvenaria, os entalhes da fachada e de toda a casa eram de melhor qualidade do que o esperado numa construção como essa. Por dentro, há muito os Broughton tinham tirado toda a mobília e os quadros melhores; quase tudo o que sobrou era da época em que passou a ser pavilhão de caça, no final do século XIX. Os assentos eram sofás Chesterfield de couro muito gasto e as paredes eram cobertas de enormes retratos de qualidade inferior e cenas mal pintadas de caçadas, competições de tiro e todos os demais métodos de matança campestre. Mas os aposentos eram agradáveis e a escadaria, quase única

sobrevivente dos tempos da favorita jacobina, era magnífica.

Edith não conhecia direito o lugar que Charles considerava como uma espécie de “escritório”, em sua visita semanal. Ele administrava como se fosse um negócio e, mesmo indo ao condado de vez quando, não tinha qualquer vida social lá. Ia a algum evento na aldeia e ao coquetel anual para os vizinhos que, graças a esses agrados, aguentavam os tiros das caçadas. Ele se hospedava muito com os Cumnor, cuja casa, a uns seis quilômetros, era infinitamente maior e mais luxuosa; assim não dava trabalho para os velhos caseiros de Feltham, obrigando-os a preparar um quarto.

Caroline parou na frente da casa e as duas entraram no amplo e sombrio saguão que ocupava dois terços da fachada. O lugar era decorado com uma frisa de brasões meio falsos homenageando os Wykham e os Broughthon e assim a única cor do ambiente era o marrom das molduras e o marrom mais esmaecido dos móveis de couro.

– Charles! – chamou Caroline. Fazia frio e o interior da casa estava bem pior do que fora. Edith apertou o casaco no corpo.

– Charles! – Caroline chamou de novo e entrou por uma porta que levava primeiro à escadaria e depois à antiga sala matinal, que funcionava como escritório de Charles. Edith foi atrás. Escrivadinhas e arquivos estavam espalhados pelo aposento e o frio era amenizado um pouco pela lareira elétrica de três traves, que parecia desrespeitar todos os códigos de segurança. As duas ainda estavam lá paradas, quando uma porta em frente se abriu e elas viram um aturdido Charles. Para surpresa e até deleite de Edith, ela ficou chocada com a aparência dele. Não era mais aquele esguio cavalheiro rural que parecia sempre prestes a fazer um comercial da Burberry's. Ficou assustada de ver que seu elegante marido estava desarrumado e desleixado. Quase sujo. Ao vê-la, ele passou os dedos pelos cabelos.

– Olá, que estranho encontrar você aqui – ele disse, com um sorriso aguado.

A essa altura, Caroline se retirou.

– Vou a Norwich – avisou. – Volto daqui a duas horas, mais ou menos. – Foi um verdadeiro alívio ela não querer consertar a situação, nem dar uma desculpa do tipo nós-estávamos-passando-por-aqui-e-então-resolvemos-entrar.

Charles concordou com a cabeça.

– Sei – disse.

Sozinha, Edith não sabia o que dizer. Sentou-se à beira de uma poltrona perto da lareira como uma criada numa entrevista de emprego e se inclinou para aquecer as mãos na lareira.

– Espero que não se zangue. Eu queria muito falar com você. De uma maneira adequada, mas já estava achando que nunca iam deixar. Acabei tendo de encontrar um jeito.

Ele balançou a cabeça.

– Não estou zangado. Nem um pouco. – Ficou indeciso. – Eu... desculpe os telefonemas que você recebeu e tudo o mais. Não foi só porque minha mãe mandou. Bom, não foi só por isso. Você deve ter achado que foi. É que eu não sabia o que dizer direito. Achei melhor deixar por conta dos advogados. Claro que agora você está aqui... – A voz dele foi sumindo, desolada.

Edith concordou com a cabeça.

– Eu queria saber o que você acha de tudo isso. Compreendo que seus pais queiram que você fique livre logo.

– Ah, é. – Ele parecia humilde. – Não me importo, sinceramente. Aceito o que você quiser. – Olhou bem para ela sob a luz que vinha do alto, que não o favorecia em nada. – Como vai Simon?

– Ótimo. Muito bem. Gostando dos seriados.

– Que bom. – Não parecia, mas Charles estava tentando ser cortês. Edith ficou de novo pasma com a sinceridade e gentileza daquele homem que ela havia rejeitado. O que pensou, quando fez isso? Ela às vezes não conseguia entender bem os próprios atos. Como se fosse um filme estrangeiro. E, mesmo assim, foi o que ela quis. A conversa ficou canhestra.

– Acho que nunca estive em Feltham nessa época do ano. Devo ter vindo, mas não lembro. É lindo, não?

Charles sorriu.

– A velha e querida Feltham – ele disse.

– Você devia morar aqui. Arrumar tudo, trazer de volta umas coisas.

Ele meio que concordou com a cabeça.

– Ficaria meio solitário, enfiado aqui sem ninguém. Não acha? Mas é uma boa ideia.

– Oh, Charles. – Apesar do cinismo daquela missão, Edith tinha virado vítima das próprias justificativas. Como Débora Kerr em *O rei e eu*, assoviando uma música alegre para tomar coragem, Edith tinha se convencido de que ela era uma figura romântica que perdeu seu amor, e não uma garota egoísta que se arrependia amargamente do que fez. Seus olhos lacrimejaram.

Pode parecer estranho, mas só aí Charles entendeu que ela foi lá tentar uma

reconciliação. Até então, achava que aquela viagem devia ter algum motivo financeiro, ou relacionado a prazos. Apesar de suas suspeitas, a falta de amor-próprio fez com que ele custasse a chegar à conclusão óbvia; achou que ela queria convencê-lo de alguma coisa, antes que os advogados se manifestassem. Não ficou magoado, porém, se era assim, ele não queria mostrar o péssimo estado em que se encontrava. Não só em consideração a ela, mas também (o que era perfeitamente compreensível) por orgulho. Viu que não era esse o caso e seu estômago se contorceu. Ela queria voltar. Olhou-a.

Apesar de ser um homem tão simples, não era idiota. Continuava pensando do mesmo jeito que naquela noite no escritório em Broughton e sabia que não tinha ficado mais interessante do que quando ela o largou. Desconfiava também de que ela não gostou muito do mundo artístico, pelo menos não para “todo dia”. Da mesma maneira que um ano de pecado serviu para Edith ter uma ideia mais precisa de Simon, dois anos de casamento e um ano separados fizeram Charles entender Edith. Sabia que ela era uma arrivista, filha de arrivista. Conhecia sua vulgaridade de espírito tão bem quanto suas qualidades, as quais, apesar dos comentários de lady Uckfield, ainda achava que eram muitas. Sabia também que, se fizesse um movimento em direção a ela, a coisa estava resolvida.

Olhou para aquela figura debruçada, tentando se aquecer nas traves elétricas da lareira. O casaco que ela usava era meio cor de camelo e parecia barato. Será que aquela triste figurinha, aquela “lourinha” como dizia a mãe dele, seria a próxima marquesa de Uckfield? A ser retratada por algum pintor que fazia retratos em caixas de chocolate e ficar dependurada ao lado dos retratos das gerações anteriores, feitos por Sargeants, Laszlos e Birleys? Será que ela ia conseguir isso?

Ao olhá-la, teve de repente a impressão de que ela era tão vulnerável, com sua maquiagem exagerada e seu casaco comprado em loja de varejo, querendo agradá-lo e, em vez disso, parecendo meio patética. Ele teve muita pena e, com isso, muito amor. Quer ela fosse conveniente ou não, quer tivesse sentimentos limitados ou não, quaisquer que fossem os motivos dela, sabia que ele, Charles Broughton, não podia ser a causa daquela infelicidade. Em resumo, ele era incapaz de magoá-la.

– Você está bem? – ele perguntou, devagar, sabendo que as palavras permitiriam que voltasse para ele e para a vida dele.

Ao ouvi-las, Edith viu que estava perdoada. Apesar das dificuldades com Simon, com a sogra, com os jornais, com o sol, com a lua, ela podia voltar a ser esposa de Charles, se quisesse. E, em vista das circunstâncias, não era surpresa que ela quisesse.

Por um segundo, ficou quase tonta de alívio, mas, como não queria parecer desesperada demais, aguardou um minuto para falar, pontuando o momento com uma pausa prenhe. Sabendo que os dois já sabiam a resposta, levantou os olhos lacrimejantes para ele.

– Não – ela confessou.

EPÍLOGO



PELO QUE ME LEMBRO, não se comentou muito quando Edith deu à luz uma menina, uns sete meses após a reconciliação. Claro, falaram bastante, principalmente a mãe dela, que declarou estarem surpresos por Edith “ter uma gravidez tão prematura”. Na verdade, a sra. Lavery exagerou ao insistir em ficar a noite toda na maternidade devido “aos riscos de um parto prematuro” o que, naturalmente, deu origem a muitas histórias engraçadas nos jantares, mas ninguém se importou. A alta sociedade ainda usa versões comoventes para esse tipo de bobagem. Essas coisas fazem parte de um ritual, não chegam a ser inverdades e não prejudicam ninguém. O bebê era uma menina, o que excluía qualquer futura sucessão. Significava que tudo podia voltar ao normal sem deixar ressentimento.

Quando telefonei para saber da novidade, até lady Uckfield, não resistiu e baixou a guarda um instante, ela, que sempre foi tão prevenida.

– Menino ou menina? – perguntei, quando ela atendeu.

– Menina. Não é um *alívio*? – perguntou. E acrescentou, rápido, mas nem tanto: – Um alívio que as duas estejam passando muito bem.

– Um grande alívio – concordei, mantendo essa hipocrisia. Ela não tinha culpa de ter os preconceitos de sua classe. Agora, que o bebê não podia herdar as glórias de Broughton graças às leis antiquadas que regiam a nobreza e que nem o sr. Blair conseguiu mudar, apesar de ele tanto trompetear os direitos da mulher. Portanto, a menina não oferecia perigo e podia viver em paz. Como os três “pais” eram louros, não houve perigo do bebê ter a cor errada e, pelo menos, até o momento, não é muito parecida com Simon supondo-se, naturalmente, que seja filha dele – o que, afinal, nunca se pode ter certeza absoluta. Nenhum integrante do Guia de Nobreza de Debrett jamais se arriscaria a fazer o teste de DNA, com medo do resultado. Um estrangeiro em visita a Broughton, que não conhecia a excelente máxima eduardiana “nunca se comenta com quem parece uma criança”, perguntou se eu não achava a menina parecida com Charles.

Imaginei que um súbito calafrio tivesse tomado conta da sala, mas concordei.

– Sim, ela não parece nada com Edith. – E com isso recebi um olhar especialmente caloroso do meu anfitrião. Engraçado, quando olhei melhor o bebê, realmente parecia um pouco com ele. Mas podia ter sido mais na expressão do que nos traços. Talvez seja

estranho, mas, com o tempo, ele passou a gostar tanto da filha que os outros filhos reclamavam do favoritismo. Mais ilógico ainda é o fato de ela se tornar a neta preferida de lady Uckfield, o que apenas confirma o velho ditado “nada é mais esquisito do que gente”. De todo modo, lady Broughton deu à luz novamente apenas catorze meses depois – desta vez, um menino. O novo visconde Nutley foi saudado com fogueiras e festejos em Sussex e Norfolk e, para ser franco e pouco moderno quanto a isso, ninguém mais queria saber quem era o pai da pequena lady Anne.

Caroline divorciou-se mesmo de Eric. Tudo foi acertado sem brigas e, confesso, com mais estilo que pensei que Eric tivesse. Mas ele não ficou solteiro por muito tempo. Dezoito meses após, casou-se com a filha de um industrial milionário de Cheshire, Christine Alguma Coisa. Ela e Eric tinham muito mais afinidade do que Eric com Caroline. No mínimo, porque ela possuía as mesmas ambições de Eric, que perseguia como se fossem dela e, claro, acabaram sendo mesmo. Por acaso, encontrei-os em Ascot alguns meses após o casamento e devo dizer que gostei dela. Era bem animada e mais fácil de lidar do que Caroline, apesar de já ter sido contaminada pela idiotice de Eric. Lembro dela usar a frase “gente do nosso tipo” querendo dizer, imagino, que eles pertenciam a algum grupo social exclusivo. Eric certamente adorou, pois tinha passado o ex-casamento inteiro sendo lembrado diariamente da existência de um grupo fechado do qual ele jamais poderia fazer parte.

Ele grunhiu alguma coisa para mim à guisa de reconhecimento, mas não me ofendi. A essa altura, eu tinha esquecido as grosserias de Eric e uma das vantagens de envelhecer é que não nos sentimos na obrigação de detestar alguém só porque essa pessoa nos detesta. Afinal, ele tinha o direito. Lady Uckfield não escondia o desprazer na companhia dele e acho que às vezes me usou para mostrar isso, com certa maldade.

– Você ainda encontra com todos eles, imagino? – Eric perguntou, quando a esposa parou de falar na sua nova cozinha Poggenpohl.

Concordei com a cabeça.

– Agora temos um bebê, então nos vemos menos. Mas, sim, encontro com eles.

– E a querida Edith está contente? – Era compreensível que ele se irritasse com quem sobreviveu ao problema que o derrubou.

– Creio que sim.

– Imagino. E como vai a querida “Gugu”? – Ele cuspiu o nome exatamente como Edith fez uma vez, antes de ser reabilitada. Agora, ela tinha voltado a pronunciar o apelido direito. – Não sei o que minha cara ex-sogra acha dos últimos acontecimentos.

– Ah, ela está muito contente, de certo modo – afirmei, como se achasse que ele realmente se incomodava. Nos despedimos e pronto.

Quando fui encontrar Adela, que tomava chá com Louisa na Household Stand, pensei nas minhas respostas e concluí que falei apenas a verdade. Claro, como todo mundo previa, as crianças mudaram tudo. Duas crianças de menos de 4 anos de idade deixam qualquer um exausto, mas não sobra tempo para o tédio. Sobre tudo pelo fato de que Edith não contratou uma babá normanda, como seria de praxe, o que deixou a sogra preocupada. Preferiu babás portuguesas e australianas, moças simpáticas (quase todas), mas não daquelas que consideram o quarto das crianças como domínio delas. Achei bastante prudente e tive o prazer de ver que Charles também.

Quanto ao que lady Uckfield achava de tudo aquilo... era preciso acordar bem cedo para saber exatamente o que ela achava de qualquer coisa, pelo menos mais cedo do que eu acordo, sem dúvida. Como eu tinha previsto, não ficamos tão próximos após a volta de Edith. Mas ainda não perdi a esperança de recuperar meu antigo posto de favorito da corte. Pobre senhora, ousou sonhar um pouco no intervalo e tramou grandes coisas em relação à querida Clarissa ou alguma outra do gênero como jovem castelã. Por ironia, suas fantasias eram parecidas com as da desprezada sra. Lavery. Lady Uckfield também tinha se imaginado grande amiga dos sogros do filho. As duas avós podiam talvez almoçar juntas, depois iriam ver uma exposição... Portanto, foi difícil se adaptar à volta de Edith, quando menos porque lady Uckfield se deu ao luxo de confessar o que realmente achava, enquanto Edith estava longe. Pior, confessou tais segredos não só a si mesma e ao marido, o que já era ruim, mas para mim, que não era da família. Sabia que, com isso, forneceu munição. Desde então, sempre que ela falava na “nossa querida Edith”, corria o risco de eu olhar para ela e lembrar tudo. Eu não faria isso, mas a mera possibilidade causou uma frieza entre nós. Lastimei e ainda lastimo, mas não há o que fazer. Porém Adela e eu continuamos a nos hospedar em Broughton de vez em quando.

Lembro que uma vez lady Uckfield se soltou um pouco mais. Era um jantar e os convidados estavam espalhados em pequenos grupos pela sala e pelo salão vermelho, ao lado. Edith era o centro de um grupo de admiradores, pois você há de compreender que muitos precisavam recuperar o terreno perdido durante o exílio dela. Supõe-se que os amigos fiéis (como Annette Watson, por exemplo) seriam recompensados com uma chuva de convites, mas acho que não foram. Era previsível, talvez. Mas nessa determinada noite, rodeada de pessoas, Edith fez alguma observação, não lembro o

quê, que causou frouxos de riso nos bajuladores. Eu estava me servindo um pouco mais de café, portanto ninguém mais ouviu quando lady Uckfield resumiu:

– Edith *vencedora* – ela disse. Concordei, mas ela não deixou por menos. – Ao vencedor, o espólio.

– Edith venceu? – perguntei.

– Não venceu?

– Não sei. – Dei de ombros. Acho que eu estava querendo filosofar e, sem querer, fui desleal.

– Claro que venceu, você ganhou – disse lady Uckfield, bem sincera.

Fiquei irritado. Ela estava com a razão sobre Edith, concordo, mas não a meu respeito. Sempre defendi os Uckfield na luta pela alma de Charles e ela sabia disso.

– Não me culpe – eu disse, firme. – Você me pediu para não incentivá-la e não fiz isso. Quem arrumou tudo foi sua filha, não eu. O fato é que Charles queria que ela voltasse. *Voilà tout*. Imagino que ele saiba o que é melhor para ele.

Lady Uckfield riu.

– É exatamente o que ele não sabe.

O tom foi meio amargo, mais para triste. E também, eu sabia, resignado.

– Eu disse que não acreditava que seriam felizes e espero ter me enganado. Mas – ela mexeu as mãoszinhas e os anéis reluziram à luz da lareira – está feito. Temos de aproveitar o que existe. É hora de passar para a próxima casa do jogo. Esperemos, ao menos, que não sejam menos felizes que todo mundo. – E ela se retirou.

Seriam eles menos felizes do que todo mundo? Era, sem dúvida, a questão. Edith voltou para Charles sem fazer exigências, apesar de algumas concessões. Primeiro, concluiu que era bobagem preferir se entediar no campo a se divertir em Londres e convenceu Charles a comprar uma casa em Fulham, que custou mais ou menos o mesmo que a venda do pequeno apartamento em Eaton Place. Ela agora se dava ao direito de passar dois ou três dias por semana em Londres. Passou também a participar de alguns comitês em Sussex, além da administração de um hospital perto de Lewes. No final das contas, começou a ter a vida que levaria aos 60, quando ela (e todos os demais) já teria esquecido que houve um tropeço no início de sua vida conjugal. Assim, concluí que estava tudo bem.

Em geral, íamos a Broughton duas ou três vezes ao ano. Adela e Edith mantiveram sempre uma cordialidade recíproca, mas Charles passou a gostar muito da minha esposa e então acho que éramos hóspedes simpáticos. Gostávamos de ir lá, até porque

levávamos um bebê a tiracolo e eram poucas as casas onde podíamos ficar sem parecer que trouxemos um minianarquista. Nosso filho, Hugo, era uns cinco meses mais velho do que Anne e isso propiciava atividades conjuntas, além de muita alegria às respectivas mães. Trata-se de um truísmo, mesmo assim verdadeiro que, quanto mais se conhecem as pessoas, menos importa se no começo gostava-se delas ou não. Eu sabia, pela amizade com Isabel Easton, que nada substitui uma história em comum e, depois de dez anos, minha esposa e lady Broughton se considerariam muito amigas, embora não se gostassem muito mais do que no começo.

Não é preciso dizer que, logo após a grande confusão, Edith mostrasse que não queria falar muito sobre suas decisões passadas ou presentes. Eu concordava plenamente, ela não precisava se preocupar. Sei muito bem como é chato ser depositário de intimidades passadas quando elas se tornam constrangimentos irrelevantes. Mas ela percebeu que eu era sensato e não tinha a menor vontade de desrespeitar a decisão.

Edith me testou algumas vezes para ver se, quando ficávamos a sós, eu ia comentar de Simon, Charles, o casamento ou, pior, o bebê. Porém jamais comentei nada e tenho o prazer de dizer que voltamos à nossa velha intimidade.

Na verdade, mesmo se ela tivesse perguntado alguma coisa, eu teria pouco a dizer sobre Simon. Não sei se a esposa ficou muito ansiosa para voltar quando teve a surpresa de saber que o grande amor dele tinha acabado, mas, quaisquer que fossem seus sentimentos, ela voltou. Vi-o uma vez, alguns meses depois, numa audição e ele contou que ia para Los Angeles “tentar a sorte”. Não foi surpresa, acontece muito com atores malsucedidos. O modelo Hollywood para atores ingleses é simples. Eles adoram ir para lá, todo mundo diz que tem muito trabalho, se eles aguentarem; depois eles contam que lá é ótimo, gastam todo o dinheiro que ganharam – e voltam para a Inglaterra. Isso costuma durar de dois a seis anos. Mas há sempre exceções e eu não estranharia se Simon fosse uma. Ele parecia ter todas as qualidades que os nativos de Hollywood gostam e nenhuma das que eles não gostam.

Talvez por saber que íamos ficar afastados por um tempo, ele perguntou de Edith. Resmunguei que estava bem, ele concordou com a cabeça.

– Que bom.

– Ótimo.

Ele balançou a cabeça e franziu o cenho.

– Sei lá. Ah, as mulheres!

Concordei, dei uma risada solidária e nos despedimos como amigos. Acho que essa reação dá uma ideia do sofrimento dele. Não creio que Charles fosse balançar a cabeça para um conhecido e dizer “ah, as mulheres!” como um personagem de comédia de costumes cuja esposa o largou. Imagino que se enroscaria em algum lugar escuro e nunca mais diria o nome dela, portanto podemos concluir que Edith terminou com o homem que mais a amou. Mesmo assim, o olhar de Simon não tinha maldade e deve-se lembrar ao menos que, depois de tudo acabado, ele não guardou mágoa. Já é alguma coisa.

Eu também nunca revelei a ansiedade de Isabel e David Easton, ou melhor, de David, de se relacionar com a família, de preferência com a ajuda dela. Aos poucos, essa ligação meio desconfortável também foi diminuindo. E tudo voltou ao normal bem rápido, o que é incrível. Os jornais deram apenas algumas notinhas – acho que o *Standard* e um dos tabloides, mais nada.

Ela só falou no assunto uma vez, talvez por eu nunca ter comentado. Três ou quatro anos após ela voltar ao seio familiar, nós dois andávamos pelos jardins de Broughton num domingo de verão, e nos aproximamos do roseiral onde, anos antes, eles tinham colocado nossas cadeiras para a filmagem. Os outros convidados do fim de semana estavam jogando croqué e fomos andando, ouvindo ao longe o barulho dos tacos nas bolas e da torcida. De repente, lembrei daquele distante dia em que Simon Russell, em sua camisa bufante, se deitou no gramado em toda a sua formosura, conversando com uma Edith mais jovem e mais ingênua. Claro que eu não disse nada e levei um susto quando, de repente, ela comentou o que eu estava pensando.

– Você ainda o vê? – perguntou.

Balancei a cabeça.

– Não, acho que ninguém o vê, ele foi para a Califórnia.

– Para fazer cinema?

– Bom, a ideia era essa. Ou, pelo menos, fazer um seriado de tevê.

– Já está fazendo algum?

– Ainda não, mas nunca se sabe.

– E a esposa?

– Foi com ele.

Edith concordou com a cabeça. Andamos pelo roseiral. O ar cáldo tinha o aroma penetrante de algumas rosas vermelho-escuras, deviam ser da espécie Papa Meilland, com seu cheiro adocicado.

– Você nunca vai perguntar se estou feliz? – perguntou Edith, com um gesto provocativo da cabeça.

– Não.

– Bom, pois vou dizer. – Ela pegou uma rosa entreaberta e colocou na botoeira da minha camisa. – Pois estou muito feliz.

Não questioneei. Fiquei contente por ela estar e continuar feliz. Isso é muito mais do que grande parte dos nomes que estão na minha agenda de telefones.

Título Original

SNOBS

Copyright © Julian Fellowes, 2004

O direito de Julian Fellowes de ser identificado como autor desta obra foi assegurado por ele, em conformidade com o Copyright, Designs and Patents Act 1988.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Todos os personagens nesta obra são fictícios, qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

FÁBRICA 231

O selo de entretenimento da Editora Rocco Ltda.

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

BALÃO EDITORIAL

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

GUILHERME PERES

Revisão de arquivo ePub
BRUNO LORENZATTO

Edição digital: Julho, 2016.

F37e

Fellowes, Julian

Esnores [recurso eletrônico] / Julian Fellowes; tradução Beatriz Horta. – 1.
ed. – Rio de Janeiro: Fábrica231, 2016.

recurso digital

Tradução de: Snobs

ISBN 978-85-68432-81-5 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Horta, Beatriz. II. Título.

16-34117

CDD: 823

CDU:

821.111-3

O AUTOR



Julian Fellowes é ator, escritor, diretor e produtor premiado. Como criador, escritor e produtor executivo para *Downton Abbey*, Fellowes foi vencedor de três Emmy Awards. O autor também recebeu o prêmio de melhor roteiro por *Gosford Park* da Academy Awards e foi premiado pelas instituições Writer's Guild of America, The New York Film Critics' Circle e o National Society of Film Critics pelos seus roteiros. Autor de dois romances, Fellowes vive em Somerset e Londres com sua esposa, Emma.